

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Bárbara Neves Salviano de Paula

**DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUÊS/LIBRAS/PORTUGUÊS: UMA
PROPOSTA LEXICOGRÁFICA**

Belo Horizonte

2020

Bárbara Neves Salviano de Paula

**DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUÊS/LIBRAS/PORTUGUÊS: UMA
PROPOSTA LEXICOGRÁFICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Língua Aplicada

Linha 3D- Ensino de Português

Orientador: Aderlande Pereira Ferraz

Belo Horizonte

Faculdade de Letras

2020

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S267d Salviano, Bárbara Neves.
Dicionário de Língua Português/Libras/Português [manuscrito] : uma proposta lexicográfica / Bárbara Neves Salviano de Paula. – 2020.
284 f., enc. : il., color.

Orientadora: Aderlande Pereira Ferraz.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Ensino de português.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 221-228.

Anexos: f. 230-284.

1. Língua Brasileira de Sinais – Dicionários – Teses. 2. Língua Portuguesa – Dicionários – Teses. 3. Lexicologia – Teses. 4. Surdos – Teses. 5. Língua de Sinais – Teses. I. Ferraz, Aderlande Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 419



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUÊS/LIBRAS/PORTUGUÊS: UMA PROPOSTA LEXICOGRÁFICA

BÁRBARA NEVES SALVIANO DE PAULA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa Ensino de Português.

Aprovada em 19 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Adeliande Pereira Ferraz - Orientador
UFMG


Prof(a). Maria Cândida Trindade Costa de Seabra
UFMG


Prof(a). Daniela Maria Lima Oliveira Brito
UFMG


Prof(a). Vera Lúcia de Souza
CEFET-MG


Prof(a). Maria de Fátima Menezes Coelho
UNIMONTES

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2020.


Prof. Ana Lúcia Adeno Barreto (Diretor
Bolsista), Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos
FALE/UFMG

DEDICATÓRIA

Ao meu Deus e Pai, Jeová. Por ser a minha luz e a minha salvação. Por ser a fortaleza da
minha vida.

(Salmo 27)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Amélia, por, com muitas palavras, ser meu ouro de mina. Obrigada!

Ao meu pai, Ivanir, por, com poucas palavras, provar o seu amor. Obrigada!

À minha irmã, Fernanda, pela suavidade e leveza. Obrigada!

À minha irmã, Bruna, pelo cuidado e emoção. Obrigada!

Ao Brener, pela dedicação e amor. Por colocar meus interesses acima dos seus com alegria e por me fazer sentir segura. Obrigada!

Aos meus amigos, pelos momentos de felicidade, leveza e refrigério durante essa dura caminhada. Obrigada!

Ao meu orientador, professor Aderlande Ferraz. Não há palavras que consigam expressar minha gratidão pelo apoio, compreensão, acolhida e sabedoria vindos do senhor. É um privilégio ter o seu nome na capa do meu trabalho. Obrigada!

À professora e amiga Vera Lúcia Souza e Lima. Estar ao seu lado me fortalece pessoal e intelectualmente. Sua postura singela e forte aguça o desejo por tocar em frente projetos pelo crescimento da educação de surdos no nosso país. Obrigada!

Ao Projeto Bic-Jr, por me dar o privilégio de fazer parte e por ser pioneiro. Obrigada!

À professora Maria Cândida Seabra pelas aulas esclarecedoras, pelo olhar cauteloso, pelos conselhos pontuais e por ser sempre disponível. Obrigada!

À professora Sandra Patrícia Nascimento pela brilhante atuação como pesquisadora. Fonte de inspiração nos estudos lexicográficos. Obrigada!

À Faculdade de Letras por ser minha morada. Obrigada!

À Capes pelo pontual apoio financeiro. Obrigada!

Aos colegas Aline Luiza, Antônio Jorge, Bernadete, Cristiane, Maria Aparecida, Matheus, Miriam e Sebastião por compartilharem junto comigo da dor e delícia de sermos pesquisadores. Obrigada!

Ao Núcleo de Libras por me ensinar a cada minuto que ali passei. Obrigada!

Às professoras Daniela Guimarães, Maria do Socorro Coelho, Geraldo Liska e Eliana Dias pela disponibilidade de darem de si em benefício desta pesquisa. Saibam que isso é muito valioso para mim. Obrigada!

EPIGRAFE

“Jamais considere seus estudos como uma obrigação, mas como uma oportunidade invejável para aprender a conhecer a influência libertadora da beleza do reino do espírito, para seu próprio prazer pessoal e para proveito da comunidade à qual seu futuro trabalho pertencer”.

Albert Einstein

RESUMO

Esta pesquisa apresenta considerações teóricas a respeito das ciências do léxico de modo a corroborar os procedimentos metodológicos determinados para elaboração de uma proposta de dicionário geral de língua bilíngue Português/Libras/Português denominado e-Dic Libras/Português. A motivação para a proposta do dicionário em questão se dá pela análise do cenário linguístico em que se encontram os surdos brasileiros. Cabe aqui ressaltar que a Língua Brasileira de Sinais (Libras) já é reconhecida como a Língua Oficial da Pessoa Surda pela lei nº 10.436, de 24/04/2002. Reconhecemos que a oficialização da Libras é, portanto, recente na história da comunidade surda brasileira. Talvez esse seja um motivo de a produção de obras lexicográficas no campo dessa língua de sinais ser ainda pouco madura. Assim, esta pesquisa visa contribuir para a maturidade das obras lexicográficas das línguas de sinais pela discussão sobre as aplicações das teorias lexicográficas nas línguas de modalidade espaço-visual. Ainda, mais do que uma quantidade de dicionários, vocabulários ou glossários insuficientes no que diz respeito às teorias lexicográficas, constatamos a inexistência de um dicionário de língua bilíngue Português/Libras/Português. A ausência de um produto lexicográfico que registra a língua natural do surdo o impede de perceber, adquirir e/ou aperfeiçoar alguns importantes aspectos linguísticos ali inscritos. Apresentamos, portanto, uma proposta lexicográfica de um dicionário capaz de atuar como ferramenta didática, a partir das bases da Lexicografia Pedagógica, possibilitando aos alunos surdos o desenvolvimento da sua competência lexical e gramatical na sua L1 bem como na língua oral do seu país, o Português. A proposta está fundamentada em um *corpus* determinado a partir de obras didáticas referentes às disciplinas ministradas nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. O marco teórico desta pesquisa passa por diversos autores e pesquisas relevantes tanto no âmbito das disciplinas do léxico, bem como das línguas de sinais.

ABSTRACT

This research presents theoretical considerations about the lexical sciences in order to corroborate the methodological procedures determined for the elaboration of a proposal of a general bilingual Portuguese/Libras/Portuguese dictionary called e-Dic Libras/Portuguese. The motivation for the proposed dictionary is given by the analysis of the linguistic scenario in which the deaf Brazilians are. It is noteworthy that the Brazilian Sign Language (Libras) is already recognized as the Official Language of the Deaf Person by Law 10.436, 24/04/2002. We recognize that the officialization of Libras is, therefore, recent in the history of the Brazilian deaf community. Perhaps this is one reason why the production of lexicographic works in the field of this sign language is still not very mature. Thus, this research aims to contribute to the maturity of lexicographic works of sign languages by discussing the applications of lexicographic theories in languages of space-visual mode. Moreover, more than a number insufficient of dictionaries, vocabularies or glossaries with regard to lexicographic theories, we find that there is no Portuguese/Libras/Portuguese bilingual dictionary. The absence of a lexicographic product that records the natural language of the deaf prevents him from perceiving, acquiring and/or perfecting some important linguistic aspects inscribed there. We wish, therefore, to offer a lexicographic proposal of a dictionary capable of acting as a didactic tool, based on the Pedagogical Lexicography, enabling deaf students to develop their lexical and grammatical competence in their L1, as well as in the oral language of their country, the Portuguese. The proposal is based on a *corpus* determined from didactic works referring to the subjects taught in the initial and final years of elementary school. The theoretical framework of this research goes through several authors and relevant research both in the lexical disciplines, as well as sign languages.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIC – JR: Bolsa de Iniciação Científica Júnior

CECOM: Centro de Computação

Cefet – MG: Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

FaLe: Faculdade de Letras

Ines: Instituto Nacional de Educação de Surdos

L1: Língua 1

L2: Língua 2

LCC: Laboratório de Ciência da Computação

Libras: Língua Brasileira de Sinais

LP: Língua Portuguesa

LS: Língua de sinais

LSB: Língua de Sinais Brasileira

LSF: Língua de Sinais Francesa

MEC: Ministério da Educação

NELis: Núcleo de Estudos sobre Libras, Surdez e Bilinguismo

PNLD: Programa Nacional do Livro Didático

PosLin: Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

SAEB: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFV: Universidade Federal de Viçosa

TILS: Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais

WFD: World Federation of the Deaf

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Léxico do Português	107
FIGURA 2 – Sinal Letras-Libras	116
FIGURA 3 – Sinal arcaico e atual para a lexia café	117
FIGURA 4 – Ordem para o parâmetro Movimento	124
FIGURA 5 – Ordem para os pontos de articulação	125
FIGURA 6 – Orientações de mão (Marentette, 1995, p.204)	126
FIGURA 7 – Representação das orientações da palma da mão	127
FIGURA 8 – Ordem para as Expressões Faciais	128
FIGURA 9 – Ordem para as Expressões Corporais	129
FIGURA 10 – Sinal de MANGA	134
FIGURA 11 – Sinal de SILÊNCIO	134
FIGURA 12 – Sinal de VIVER	136
FIGURA 13 – Sinal de CONTINUAR	136
FIGURA 14 – Verbetes de PALAVRA	139
FIGURA 15 – Verbetes de INCLUSÃO	141
FIGURA 16 – A capa do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais	142
FIGURA 17 – Matrículas de surdos e deficientes auditivos no Brasil	152
FIGURA 18 – Tipos de dicionários	156
FIGURA 19 – Esquema do percurso semasiológico	163
FIGURA 20 – A sequencialidade das línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais .	171
FIGURA 21 – Configurações básicas de mão	175

FIGURA 22 – Grupos de mãos	175
FIGURA 23 – Ordenação por configuração de mãos	176
FIGURA 24 – Utilização dos dedos	177
FIGURA 25 – Esquema de entradas por configuração de mão e utilização dos dedos	178
FIGURA 26 – Lexia <i>substituir</i> em escrita de sinais	178
FIGURA 27 – Lexia <i>Minas Gerais</i> em escrita de sinais	178
FIGURA 28 – Lexia <i>mata</i> em escrita de sinais	179
FIGURA 29 – Escrevendo a palma da mão	180
FIGURA 30 – Ordenação pela orientação da palma da mão	181
FIGURA 31 – Lexia <i>substituir</i> em escrita de sinais	181
FIGURA 32 – Lexia <i>Minas Gerais</i> em escrita de sinais	182
FIGURA 33 – Lexia <i>mata</i> em escrita de sinais	182
FIGURA 34 – Lexia <i>português</i> em escrita de sinais	182
FIGURA 35 – Lexia <i>ilha</i> em escrita de sinais	182
FIGURA 36 – Ordenação das direções	183
FIGURA 37 – Lexia <i>Brasil</i> em escrita de sinais	183
FIGURA 38 – Lexia <i>saber</i> em escrita de sinais	184
FIGURA 39 – Tipos de movimento para dedos e mão	185
FIGURA 40 – Ordenação dos movimentos	187
FIGURA 41 – Lexia <i>ilha</i> em escrita de sinais	187
FIGURA 42 – Lexia <i>Minas Gerais</i> em escrita de sinais	188
FIGURA 43 – Lexia <i>substituir</i> em escrita de sinais	188
FIGURA 44 – Lexia <i>mata</i> em escrita de sinais	188
FIGURA 45 – Símbolos para contato	189

FIGURA 46 – Ordenação dos Contatos	190
FIGURA 47 – Lexia <i>Índia</i> em escrita de sinais	190
FIGURA 48 – Lexia <i>pessoa</i> em escrita de sinais	190
FIGURA 49 – Lexia <i>sonhar</i> em escrita de sinais	191
FIGURA 50 – Lexia <i>aprender</i> em escrita de sinais	191
FIGURA 51 – Lexia <i>sábado</i> em escrita de sinais	191
FIGURA 52 – Ordenação dos Pontos de Articulação	192
QUADRO 1 – Validação Curso de Desenho Arquitetônico para estudantes surdos do ensino médio	105
QUADRO 2 - Termo Destilação	113
QUADRO 3 – Termo Elétron	114
QUADRO 4 – Grupo 1 de Configurações das Mãos	119
QUADRO 5 – Grupo 2 de Configurações das Mãos	119
QUADRO 6 – Grupo 3 de Configurações das Mãos	120
QUADRO 7 - Grupo 4 de Configurações das Mãos	120
QUADRO 8 – Grupo 5 de Configurações das Mãos	120
QUADRO 9 – Grupo 6 de Configurações das Mãos	121
QUADRO 10 – Grupo 7 de Configurações das Mãos	121
QUADRO 11 – Grupo 8 de Configurações das Mãos	122
QUADRO 12 – Grupo 9 de Configurações das Mãos	122
QUADRO 13 – Grupo 10 de Configurações das Mãos	122
QUADRO 14 – Exemplos das descrições dos sinais do livro <i>Comunicação Total</i> , Peterson, 1981	135
QUADRO 15 – Modelo de ficha	213

QUADRO 16 – A forma do verbete em Língua Portuguesa	217
QUADRO 17 – A forma do verbete em Língua Brasileira de Sinais	218
TABELA 1 – Mais tipos de movimentos para dedos e mãos	186

Sumário

INTRODUÇÃO	18
JUSTIFICATIVA DA PESQUISA	19
OBJETIVOS	28
REFERENCIAL TEÓRICO.....	29
METODOLOGIA	30
ESTRUTURA DA TESE	34
1. LÉXICO E LEXICOGRAFIA	36
1.1 Léxico	36
1.2 Lexicografia	38
1.2.1 O valor dos dicionários.....	43
1.2.2 O fazer dicionarístico	48
1.2.2.1 Macroestrutura	49
1.2.2.2 Microestrutura	51
1.3 As perdas pela falta de um dicionário acessível aos surdos brasileiros.....	54
1.4 O cenário atual de dicionários para surdos no Brasil	60
1.5 Análise de dicionários Libras/Português	63
1.6 O trabalho de Fernando Capovilla.....	97
1.7 Os estudos surdos em Minas Gerais: UFMG e CEFET	98
2. O LÉXICO DA LIBRAS	107
2.1 O processo de formação de palavras na Língua Brasileira de Sinais	117
2.1.1 Configuração da mão.....	118
2.1.2 Movimento	123
2.1.3 Ponto de Articulação	125
2.1.4 Orientação da palma	126
2.1.5 Expressões não manuais	127
2.1.6 A lexicografia na Libras	129
3. PROPOSTA LEXICOGRÁFICA DO DICIONÁRIO e-DIC LIBRAS/PORTUGUÊS.....	144
3.1 Constituição do <i>corpus</i>	144
3.1.1 O <i>corpus</i> em Língua Portuguesa.....	145
3.1.2 O <i>corpus</i> em Língua Brasileira de Sinais	153
3.2 A Tipologia do e-Dic Libras/Português.....	153
3.2.1 Formato e extensão.....	154
3.2.2 Caráter linguístico ou enciclopédico.....	156
3.2.3 Sistema linguístico em que se baseia a obra lexicográfica	158
3.2.4 Número de línguas.....	158

3.2.5 Classificação das obras lexicográficas segundo a seleção do léxico que registram	159
3.2.6 Ordenação de materiais	160
3.2.7 Finalidades específicas	161
3.3 A Semasiologia	161
3.4 Entradas em Língua Portuguesa	164
3.5 Entradas em Língua Brasileira de Sinais	169
3.6 Sistema <i>SignWriting</i>	173
3.7 Proposta para ordenação das lexias introduzidas em <i>SignWriting</i>	174
3.7.1 A posição da mão	175
3.7.1.1 A orientação da palma da mão.....	180
3.7.1.2 Direções.....	183
3.7.1.3 Movimento	184
3.7.1.4 Contato	188
3.7.1.5 Ponto de Articulação	191
3.8 A macroestrutura do e-Dic Libras/Português.....	192
3.8.1 Parte introdutória.....	194
3.8.2 Corpo do dicionário.....	196
3.8.3 Anexos	199
3.9 A microestrutura do e-Dic Libras/Português	199
3.9.1 O verbete do e-Dic Libras/Português.....	202
3.9.1.1 Variantes ortográficas.....	203
3.9.1.2 Classe gramatical e informações gramaticais	203
3.9.1.3 Marcas de uso.....	205
3.9.1.4 Definição	206
3.9.1.5 Exemplos e/ou abonações.....	208
3.9.1.6 Sistema de Remissivas	209
3.9.2. As lexias não dicionarizadas em Língua Brasileira de Sinais	211
3.9.3 A forma do verbete.....	217
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21921
ANEXO 1	230
ANEXO 2	267

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais já é reconhecida como a Língua Oficial da Pessoa Surda pela lei nº 10.436, de 24/04/2002, e regulamentada pelo Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A Libras é, portanto, a língua natural ou materna do sujeito surdo que a recebeu como primeira língua. Stokoe (1960) percebeu e comprovou que a Língua de Sinais atende a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína em todos os seus âmbitos: no léxico, na sintaxe, bem como na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. Sendo efetivado seu caráter natural e genuíno, a Libras passa a fazer parte do sujeito surdo. A identidade desse indivíduo passa pela manifestação linguística, que é, então, efetivada pela sua língua própria, a saber, a Libras.

No âmbito da educação do surdo, levar em consideração a importância da sua L1 é, não só tratá-lo com dignidade, como também é fazer cumprir um direito que possuem_ de serem educados a partir de sua língua natural. É muito importante salientar que um processo educacional de qualidade será alcançado, por meio de outros tantos ajustes, através daquilo que o texto da Lei 10.436 determina no artigo 22: fazer uso da "Libras e [da] modalidade escrita da Língua Portuguesa [como] línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.”.

Porém, reconhecer a utilidade de um contexto educacional adequado às necessidades do aluno surdo é uma iniciativa nova, já que a lei e o decreto acima mencionados datam do início do ano 2000. Por isso, embora a educação dos surdos venha sendo objeto de discussão nos círculos acadêmicos, sociais, educacionais e políticos, muito ainda se tem a fazer para proporcionar a esses alunos diferenciados uma educação de qualidade. Citemos, como exemplo, o cenário pobre, tanto quantitativamente como qualitativamente, no que diz respeito à produção de obras

lexicográficas em geral, como dicionários, glossários, vocabulários, enciclopédias, etc., em Língua Brasileira de Sinais.

JUSTIFICATIVA DA PESQUISA

A situação de uma comunidade linguística desprovida de obras lexicográficas em sua própria língua é mais grave do que, inicialmente, se pode imaginar; já que, como nos lembra Biderman (2002, p. 85) “o tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto cujas dimensões não é possível precisar.”.

Mais do que simplesmente uma quantidade de dicionários, vocabulários ou glossários insuficientes no que diz respeito às teorias lexicográficas, constatamos a inexistência de um dicionário de língua bilíngue Português/Libras/Português. A ausência de um produto lexicográfico que registra a língua natural e/ou materna do sujeito surdo o impede de perceber, adquirir e/ou aperfeiçoar alguns importantes aspectos linguísticos que ali estão inscritos. Um dos aspectos que deixam a comunidade surda em desvantagem pela falta de um dicionário totalmente acessível em sua língua nos é lembrado por Ferraz (2014): “Todo dicionário geral de língua tem, potencialmente, vocação didática.”. Pontes e Santiago também indicam:

Há de esgotar o potencial de informações que o dicionário possa oferecer ao aluno, não o resumindo na simples função de tira-dúvidas, o que limita extremamente seus usos em sala de aula. Deve-se, sim, reconhecer o dicionário como texto, que obviamente pressupõe outras leituras. (PONTES; SANTIAGO, 2009)

Como ferramenta didática, os dicionários podem atuar a partir das bases da Lexicografia Pedagógica e possibilitar aos alunos o desenvolvimento de sua competência lexical e ainda podem conduzi-los aos importantes conceitos da gramática da sua língua. Quanto aos surdos, isso deveria ser mais relevante, pois, desenvolver-se lexical e gramaticalmente na sua língua também lhes possibilitará progresso como leitores e escritores competentes da língua oral oficial do seu país, o Português. Isso se justifica pela característica do surdo como sujeito de identidade multicultural e bilíngue.

A motivação para esta pesquisa surgiu a partir da leitura de diversos estudos na área das disciplinas do léxico, em especial, da Lexicografia, que revela a importância dos dicionários de língua para uma comunidade linguística e, ainda, da constatação da carência de dicionários bilíngues da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais no cenário brasileiro. O léxico engloba o conjunto dos signos linguísticos pelos quais o homem não apenas se expressa e se comunica, como também cria novos conhecimentos. O dicionário é o veículo básico de armazenamento do léxico de uma língua, por isso é tão importante para a comunidade que representa, já que carrega o atributo excelência, ou seja, é autoridade de registro, pois armazena os conceitos, sentidos e usos que podem ser expressos em uma dada língua.

[o dicionário] constitui-se em paradigma linguístico modelar dos usos e sentidos das palavras e expressões de uma coletividade linguística, desempenhando o papel de código normativo da língua. É nessa mesma esteira que o dicionário adquire o estatuto de instância de legitimação do léxico, passando então a funcionar como uma espécie de cartório de registros, é ele que concede à palavra sua certidão de nascimento e, dessa forma, institucionaliza o conjunto léxico das línguas. Por tudo isto, o dicionário goza de uma autoridade que não é menor nas sociedades de cultura que, inclusive, o entendem como instrumento da “verdade linguística”, logo, inquestionável. (KRIEGER, 2006, p. 142)

As afirmações de Krieger, também, reforçam a relevância de obras lexicográficas para uma coletividade linguística. Sendo tais obras os objetos que registram e institucionalizam a língua, conclui-se que uma língua sem tais registros está à margem desse tipo de oficialização.

Lara (1992, p. 20) aborda outro fator de importância dos dicionários: “O dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas”. Conclui-se, portanto, que um grupo carente de obras lexicográficas embasadas e produzidas a partir dos conceitos das disciplinas do léxico terá sua memória coletiva diretamente atingida. Isso afeta os estudos linguísticos desse grupo bem como especialmente os indivíduos pertencentes a tal comunidade, já que, para eles, os registros da história da sua língua e cultura não estão mais do que na memória dos conhecidos mais idosos_ um limite tão pessoal que é afetado por grande subjetividade.

Os registros culturais são mencionados além dos linguísticos, pois, concordamos com Biderman (1984) ao indicar:

O dicionário é um instrumento cultural que remete tanto à língua como à cultura. O lexicógrafo descreve ambas – língua e cultura – como um todo pancrônico, embora se situe numa perspectiva sincrônica. Um dicionário é constituído de entradas léxicas que ora se reportam a um termo da língua, ora a um elemento da cultura. (BIDERMAN, 1984, p. 28)

As palavras dispostas como verbetes em um dicionário são mais do que unidades linguísticas. Estão relacionadas a contextos culturais e próprios de cada povo com sua visão de mundo particular. Por isso, o dicionário acaba por tornar-se uma norma da cultura da comunidade da qual registra o léxico. A falta dele, portanto, submete essa coletividade à condição de memórias pessoais subjetivas em detrimento da coletiva objetiva:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como colectiva, na medida em que ela é também um factor extremamente importante do sentimento de continuidade de coerência de uma pessoa de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Considerando as palavras de Pollak, Brito (2013) pondera:

As memórias históricas constituem um factor de identificação da população que é a marca ou sinal da sua cultura, distingui-nos e aproxima-nos uns dos outros. Identificamos a história bem como os seus acontecimentos mais marcantes, onde a identidade cultural é que define o que somos e o que nos distingue dos outros. (BRITO, 2013, p. 1)

Sem dúvida, os aspectos marcantes da cultura estão registrados no “lugar formal e unitário de registro do componente léxico de um idioma”; a saber, o dicionário. (KRIEGER, 2006, p. 142).

Essa realidade é de extrema conveniência:

Se entendermos a cultura como “o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (EAGLETON, 2005, p. 55) e se compreendermos que, ao longo da vida, o indivíduo passa por constantes processos de identificação e desidentificação com aquilo que o interpela, então, perceberemos que língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação. (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 25)

Em perspectiva psicológica, o processo de identificação de um sujeito lhe apropria um senso de ordem; em perspectiva sociológica, o processo de identificação dá ao indivíduo o sentimento de pertencimento a uma determinada sociedade e cultura. Tais benefícios são provenientes da língua, pois, conforme Rajagopalan (1998), a identidade de um sujeito é construída na e pela língua. O que significa que o sujeito não tem uma mesma e única identidade anterior e fora da

língua. Ainda, Ferreira (2002), afirma que toda identidade é híbrida e que não há identidade *a priori* e fora da língua. Se os dicionários oferecem o léxico de uma comunidade linguística, e, tal léxico é formador da cultura dessa mesma comunidade, podemos afirmar que os dicionários também refletem aspectos sociais e culturais da língua que registra.

Podemos, além disso, mencionar os aspectos gramaticais que estão presentes no dicionário de língua:

A preocupação linguística do dicionário se manifesta, também, nas indicações sobre a pronúncia das vozes, suas peculiaridades morfológicas, suas restrições de uso, seu pertencimento a um certo dialeto, etc. (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 59. Tradução nossa)¹

Relembrar todas as acima descritas funcionalidades dos dicionários de língua reforça sua importância para a sociedade. Neles encontramos informações fundamentais para o desenvolvimento da competência linguística dos usuários. Antunes (2012, p. 139) especifica algumas: a origem etimológica da palavra; sua pronúncia, classe e gênero gramatical; possível variação de número; definições; possíveis sinônimos, antônimos e homônimos; exemplos e abonações; etc. Não é por menos que Rey-Debove (1984, p.45) descreve: “[..] o objeto de um dicionário é descrever a competência natural do utilizador ideal duma língua.” De fato, os dicionários não são obras supérfluas. Pensar em uma língua desprovida de um dicionário que a registra é privar os usuários dessa língua de, primeiramente, identificar e reconhecer o “texto” dicionário com seus usos e aplicações, bem como de reconhecer-se naquelas páginas, de ter um

¹ La preocupación lingüística del diccionario se manifiesta, así mismo, en las indicaciones sobre la pronunciación de las voces, sus peculiaridades morfológicas, sus restricciones de uso, su pertenencia a un dialecto determinado, etc. (SOUTO; PASCUAL, 2003, p. 59)

instrumento de aquisição e ampliação do seu léxico e de desenvolver-se como produtores e receptores ainda mais eficazes de sua própria língua.

É exatamente isso que acontece com os surdos brasileiros. Não temos em circulação no país um dicionário geral de língua bilíngue que registra tanto o Português como a Libras na palavra entrada. Todos os dicionários que registram a Libras são dicionários bilíngues que partem da Língua Portuguesa para a Língua de Sinais. Isso é um problema para a comunidade surda, pois, a língua dos verbetes é uma língua estrangeira. Além disso, tanto a macroestrutura como a microestrutura dessas obras estão descritas em Português. Surgem, portanto, questões: Por que preparar um dicionário voltado para a comunidade surda a partir de uma língua estrangeira? Como esperar que os surdos tenham autonomia na consulta às obras lexicográficas se essas não estão totalmente acessíveis na sua L1? Como propiciar o desenvolvimento da competência lexical desse grupo se não possuem a principal obra lexicográfica de descrição da sua língua em sua própria língua? De acordo com Krieger (2007):

Além do papel de arquivo de memória do componente lexical, muitas são as funções que, historicamente, os dicionários de língua desempenham na e para as sociedades. Ao registrarem, de modo sistematizado, os itens lexicais de uma língua dão coesão às sociedades e projeção às suas culturas, porquanto definem a identidade linguística dos povos. (KRIEGER, 2007, p. 297)

Como anteriormente citado, até mesmo o senso de pertencimento dos indivíduos que compõem uma comunidade sem produtos lexicográficos ficará comprometido, pois, os dicionários também registram aspectos sociais e culturais importantes que, de certa forma, atestam e legitimam as características e peculiaridades do grupo. Prova disso está na história das obras lexicográficas_ fortemente relacionada a projetos de política linguística. Por exemplo, monarcas europeus do século XVII já reconheciam a necessidade política e social de registro

da língua e, por isso, solicitavam sua produção. A língua sempre foi grande responsável na construção de um estado unificado. Ainda hoje, a construção de uma comunidade autônoma passa pelos critérios linguísticos.

Um seguinte aspecto pertinente que reitera a necessidade de um dicionário de língua é seu potencial didático. Mais que uma obra de consulta, portanto, os dicionários gozam da reputação de ser “o testemunho e a herança não apenas de um indivíduo, mas de uma comunidade linguística, de um grupo étnico ou social.”² (SOUTO Y PASCUAL, 2003, p.58. Tradução nossa). Pensar em um grupo carente de tal obra de referência significa impedi-lo de aproveitar todos os mencionados benefícios dos dicionários; significa impedi-lo, até mesmo, de superar a memória linguística dos indivíduos através das páginas de registro do histórico social e linguístico da comunidade a que pertencem. No caso dos sujeitos surdos isso é ainda mais grave:

Citado por Goldfeld (1997), Vigotsky trabalhou e pesquisou sobre todas as deficiências, inclusive a surdez, onde ele afirmou ser a surdez a deficiência que causa maiores danos aos indivíduos. A surdez atinge precisamente a função que nos diferencia dos animais: a linguagem e suas possibilidades infinitas de utilização dando um salto do sensorial para o racional. (JESUS, 2005, p. 133)

A realidade de comunicação linguística dos surdos no país não confere com a desejada para alcançar inserção plena na sociedade. Ainda segundo Jesus (2005) “talvez somente quem convive direta ou indiretamente [com o surdo] saiba o que realmente significa a surdez e quais são as peculiaridades linguísticas do sujeito surdo.”. Uma proposta lexicográfica bilíngue que reitera a Libras e o Português, quando levada para as salas de aula inclusivas e distribuída

² “el testimonio y la herencia no ya de un individuo, sino de una comunidad lingüística, de un grupo étnico o social” (SOUTO Y PASCUAL, 2003, p.58)

amplamente, pode mudar esse cenário segmentado. Tal segmentação não se dá somente entre surdos e ouvintes ou entre a Libras e o Português. Mesmo entre a comunidade surda podemos perceber o que a ausência de uma obra lexicográfica causa. Por exemplo:

Apesar de muitas lacunas terminológicas já estarem preenchidas nas línguas de sinais, não estão sistematizadas. Modestamente, a expansão terminológica nas diferentes áreas do conhecimento científico desponta, na LSB, com alguns termos bem construídos ao lado de outros provisórios e inconsistentes e, outros, ainda, sem nenhuma perspectiva de “terminologização”.

Fato é que os termos emergentes estão, ainda, restritos a pequenos grupos e carecem de sistematização e socialização entre os surdos brasileiros a fim de se estabelecerem, consolidando seu *status* linguístico ou de desaparecerem, perdendo seu *status* linguístico, uma vez rejeitados pelos falantes da língua. Trata-se de uma terminologia ainda inacessível a muitos surdos e a muitos intérpretes de línguas de sinais. Estes, responsáveis imediatos pela translação da língua fonte do conhecimento científico para a LSB, língua dominada pelo alunado. (NASCIMENTO, 2009, p. 3)

Conforme já identificado e esclarecido, há grande necessidade de sistematização dos termos em Libras. A nulidade de uma obra que faça isso com autoridade permite um cenário escolar segmentado mesmo entre a comunidade surda, pois, nem os surdos nem os intérpretes que atuam na translação do conhecimento escolar científico têm acesso a termos padronizados. O que percebemos são os próprios surdos atuando, juntamente com seu intérprete, a fim de sugerirem sinais para os termos que surgem em sala de aula durante a ministração do conteúdo das diversas disciplinas. Essa situação resulta em incontáveis variantes, sendo, a maioria delas, criadas com o único objetivo de cumprir uma função imediata de tradução e evitar o uso recorrente de datilologia. Um dicionário bilíngue Português/Libras/Português poderia amenizar o desconforto causado pela falta de lexias e termos apropriados à tradução, bem como padronizar os termos escolares, solucionando uma segmentação atual evidente.

Além disso, a proposta lexicográfica em questão servirá, também, para a linha de ensino em Língua Portuguesa: o dicionário resultante da proposta oferecida seguirá para as salas de aula onde o professor terá papel fundamental de auxílio aos alunos surdos no reconhecimento e uso das obras lexicográficas. Isso é fundamental para a comunidade surda, pois a identidade do sujeito surdo brasileiro passa pela sua manifestação linguística, que é efetivada pela língua própria. Porém, determinar essa identidade e Cultura Surda não é tão simples assim, e Wrigley (1996) determina o motivo. Para ele, a surdez é um 'país' sem um 'lugar próprio'; é uma cidadania sem uma origem geográfica. Isso se deve ao fato de que surdos e ouvintes estão imersos no mesmo espaço físico, ou seja, aspectos próprios da Cultura Surda mesclados a aspectos próprios da Cultura Ouvinte_ fato que torna os surdos indivíduos multiculturais. Por esse motivo, Skliar (1998) defende que:

É possível aceitar o conceito de Cultura Surda por meio de uma leitura multicultural, em sua própria historicidade, em seus próprios processos e produções, pois a Cultura Surda não é uma imagem velada de uma hipotética Cultura Ouvinte, não é seu revés, nem uma cultura patológica. (SKLIAR, 1998, p.28)

Esse multiculturalismo não envolve apenas questões socioculturais. Estar em um ambiente de maioria ouvinte usuária de uma língua oral faz também com que os surdos estejam em um contexto bilíngue. Assim, no que diz respeito à educação da pessoa surda, não basta simplesmente decidir se uma ou outra língua passará a fazer ou não parte do currículo escolar, mas sim tornar possível a coexistência de ambas. Pensando no ambiente multicultural e bilíngue no qual estão inseridos os surdos, e nas necessidades de; primeiro, lhes oferecer conhecimento

através da sua língua materna³ e, segundo, de lhes conferir competência na Língua Portuguesa⁴; propõe-se a educação do sujeito surdo com o auxílio de dicionários para mediar o ensino da Língua Portuguesa a esses alunos falantes nativos da língua de sinais.

Espera-se, portanto, que esta pesquisa contribua para a maturidade das obras lexicográficas das línguas de sinais pela discussão que levanta sobre as aplicações das teorias lexicográficas nas línguas de modalidade espaço-visual. Espera-se também que a pesquisa ofereça, ao final do estudo científico, uma proposta lexicográfica de um dicionário geral de língua bilíngue Português/Libras/Português absolutamente claro e razoável à comunidade surda brasileira.

OBJETIVOS

O objetivo geral desta pesquisa é elaborar uma proposta lexicográfica para um dicionário geral de língua Português/Libras/Português através da promoção de uma investigação das teorias lexicográficas, a fim de determinar se tais teorias criadas a partir de e para as línguas orais-auditivas funcionam ou não para as línguas de modalidade espaço-visual. Relacionado a este objetivo geral, ainda tencionamos discutir a importância de obras lexicográficas para uma

³ A língua de sinais, uma vez entendida como a língua materna do surdo, será, dentro da escola, o meio de instrução por excelência. A UNESCO propõe a educação básica na LM da criança, o que, para o surdo, corresponde à educação básica em língua de sinais.

⁴ Nesse processo, cabe ainda considerar que os surdos se inserem na cultura nacional, o que implica que o ensino da Língua Portuguesa deve contemplar temas que contribuem para a afirmação e ampliação das referências culturais que os identificam como cidadãos brasileiros. (Quadros, 2006).

comunidade linguística, destacando as teorias da Lexicografia; discutir aspectos linguísticos das línguas de sinais que as reafirmam como língua natural genuína, e, portanto, merecedora de registro em obras lexicográficas; indicar as lacunas sociais e linguísticas para um grupo não possuidor de dicionários; discutir as teorias lexicográficas a fim de aproximá-las a uma língua espaço-visual e estabelecer vínculo entre as obras lexicográficas e o ensino de Português no contexto de um público de característica bilíngue-multicultural.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa passa por diversos autores e pesquisas relevantes no âmbito das disciplinas do léxico, bem como das Línguas de Sinais. Trabalhos de autores importantes como BIDERMAN (2003); ETTINGER; HAENSCH; WERNER; WOLF (1982); SOUTO y PASCUAL (2003) trazem conceitos e teorias importantes para a realização desta proposta. Mencionamos, inicialmente, Biderman (2003): sua obra destaca a produção lexicográfica em Língua Portuguesa e examina a lexicografia a partir de dicionários gerais, sob aspectos de análise e crítica de obras de destaque no âmbito da lexicografia brasileira. A menção histórica da tradição do fazer dicionarístico também é informação importante para atuais implicações da lexicografia. A obra *La Lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica* (HAENSCH, WOLF, ETTINGER, WERNER; (1982)) aporta especificidades complexas da ciência do léxico em questão. Colocações teóricas que chegam a postulações práticas da

lexicografia norteiam importantes comportamentos e noções das funções do lexicógrafo. Aspectos que descrevem cada item que compõe o dicionário contribuem, em muito, para um estudo profundo das obras lexicográficas e para um conhecimento de grande alcance das funcionalidades que abrangem a sugestão de propostas lexicográficas.

A tese de doutoramento de Sandra Patrícia de Faria do Nascimento intitulada *Representações lexicais na Língua de Sinais Brasileira. Uma proposta lexicográfica.*, traz descrições detalhadas de processos de repertórios lexicográficos e ainda propostas lexicográficas a partir de organização semasiológica e onomasiológica, além de modelos práticos de repertórios adequados para contextos bilíngues. Seu objetivo de oferecer caminhos para elaboração de multimeios e para confecção de dicionários é de bastante relevância para esta pesquisa.

O trabalho de Ferraz (2014) traz importantes aportes teóricos para a elaboração das bases de um dicionário com objetivos pedagógicos.

Documentos oficiais como o denominado *Diretrizes Para Elaboração de Tesouros Monolíngues*, produzido pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (1984), servem de aparato teórico para discussões sobre particularidades técnicas do tema. Ainda, dicionários gerais de língua do Português, como os recomendados pelo Ministério da Educação (MEC) por meio do PNLD-Dicionários de 2012, ajudarão na composição do *corpus* desta pesquisa. Além dos autores e obras sucintamente mencionados, outros levantamentos bibliográficos serão de essencial pertinência.

METODOLOGIA

No que diz respeito à metodologia, a tese a ser defendida nesta pesquisa consiste na elaboração de uma proposta lexicográfica de um dicionário bilíngue Português/Libras/Português segundo os princípios da lexicografia pedagógica. Optamos por uma obra de tipo semasiológica por um motivo em especial: não faz parte da função de um dicionário semasiológico oferecer suas informações a partir de redes de significação. Como nos é sabido, os surdos possuem, quantitativamente, um léxico mental diminuído em comparação com os ouvintes de mesma idade ou nível de escolaridade.⁵ Essa situação de desvantagem lexical somada à falta de familiaridade com obras de consulta faz com que a tarefa de encontrar lexias a partir de conceitualizações seja mais difícil do que examinar a análise dessas lexias a partir da forma da unidade para a determinação do seu significado.

Em um segundo momento, determinamos a forma de estabelecimento de entrada dos verbetes da língua de sinais, pois, não é possível uma organização pela ordem alfabética, já que se trata de uma língua espaço visual. Um dos objetivos de um dicionário da Língua Brasileira de Sinais é proporcionar ao surdo uma obra completa na sua língua, isto é, de pleno alcance a esse consulente. Assim, as possibilidades de registro de verbetes pareciam ser duas: por imagem e/ou vídeo ou pelo sistema de escrita de sinais, o *Signwriting*. Não optamos pela primeira, pois concordamos com importantes colocações de Sofiato (2005) quando descreve desafios da representação pictórica das línguas de sinais brasileira. A autora aborda dificuldades de estabelecer representações imagéticas por motivos tais como a forma pouco elucidativa de constituição das ilustrações que acarreta uma dificuldade de compreender o sentido das imagens e em reproduzir os sinais autonomamente; a ausência de esboço da expressão facial ou corporal;

⁵ Um dos motivos que justificam essa afirmação é o fato de que mais de 90% dos surdos no Brasil nascem em famílias predominantemente ouvintes. O resultado disso tem sido um histórico de afastamento do surdo da sua L1 na tentativa de oralizá-lo. O contato tardio com a L1 o deixa em desvantagem lexical em comparação com os indivíduos ouvintes.

dificuldade e ineficiência na tentativa de representar uma sequência temporal; etc. Logo, parece-nos mais acessível à comunidade surda e, ainda, mais universal, a aplicação do sistema internacional do *Signwriting*:

A sugestão pelo *signwriting* deve-se ao fato de não somente ser, esse, um sistema amplamente divulgado no mundo, mas também, porque é um sistema que vem atendendo satisfatoriamente como registro gráfico das LS no mundo todo. (Nascimento, 2009, p.227)

Quanto à organização da entrada desses verbetes, buscaremos alguma semelhante à ordenação alfabética. Do ponto de vista ideológico, privilegiaremos o aspecto pedagógico visando o aperfeiçoamento quantitativo e qualitativo do repertório lexical dos usuários das duas línguas em questão. Ao fim deste trabalho, teremos determinados também outros aspectos de relevância para uma proposta lexicográfica válida e eficiente de um dicionário geral de língua bilíngue Português/Libras/Português.

Abordaremos os princípios metodológicos adotados para discutir o assunto proposto. Por exemplo, será necessário decidir-se, a partir das teorias das ciências do léxico, por fatores que determinarão a proposta lexicográfica desse dicionário. É importante estabelecer o aparato teórico de fundamentação do mesmo. Basearemos tal aparato teórico na Lexicologia e Lexicografia das línguas orais; já que os estudos teóricos da Língua Brasileira de Sinais são, de certa forma, recentes e aspectos da Lexicologia e Lexicografia específicos para a Libras ainda não foram descritos. Além disso, a teoria lexical é de âmbito geral, i.e, funcional para qualquer língua.

Quanto ao *corpus* também será coletado a partir da Língua Portuguesa. Trabalharemos com análise de obras lexicográficas e também de materiais didáticos. Quanto às primeiras, optamos por trabalhar com a seleção de dicionários aprovada pelo Ministério da Educação (MEC), por

meio do PNLD-Dicionários, de 2012, cuja proposta lexicográfica é orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental. Tais obras lexicográficas são: *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*; *Caldas Aulete Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*; *Dicionário didático da língua portuguesa*; *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras – língua portuguesa*; *Saraiva jovem – Dicionário da língua portuguesa ilustrado*.

A partir da investigação dessas obras será definido o número de verbetes para a proposta lexicográfica do dicionário geral Português/Libras/Português. Não embasaremos o conteúdo e metodologia da sugerida proposta no Dicionário Enciclopédico Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W., 2001), embora seja esse o único dicionário Português/Libras aos moldes de um dicionário geral de língua em circulação no Brasil. Isso se explica por alguns motivos. Um deles é que tais autores não possuem formação na área lexicografia teórica. Uma breve análise desse dicionário, fundamentada em fichas e roteiros para avaliação de dicionários e glossários criados pelas pesquisadoras e doutoras professoras Enilde Faulstich (2011) e Maria Candida Trindade Costa de Seabra (2012)⁶, revela falta de técnicas basilares da Lexicografia na sua produção. É grave saber que esse importante dicionário impresso da Libras, em circulação no Brasil, possui frágil metodologia e aspectos que não estão de acordo com as normas mundiais da lexicografia. Esse fato reforça a necessidade de um estudo pioneiro em propor um dicionário bilíngue Português/Libras/Português para possibilitar aos surdos o desenvolvimento da sua competência lexical na própria língua e também na língua oral do país em que vivem.

Lembramos que os surdos adquirem a Língua Portuguesa como língua estrangeira com um agravante: é língua de distinta modalidade. Enquanto o Português é uma língua oral-auditiva, a

⁶ SEABRA, M.C.C. Avaliação de dicionários. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2012. Notas de aula. Não publicado.

Libras é uma língua espaço-visual. Por não ter o facilitador acústico perceptível pela audição, a aquisição de uma língua oral se dá de maneira mais complexa para os sujeitos surdos. Portanto, não é benéfico para a comunidade surda um dicionário que introduz o léxico exclusivamente por uma língua estrangeira. Propomos uma metodologia em que as entradas aconteçam em ambas as línguas. Entradas em Português auxiliarão o surdo na busca por palavras desconhecidas encontradas em textos escritos em LP. Entradas em Libras auxiliarão o surdo na busca por palavras desconhecidas quando estiverem produzindo textos em LP. Propomos que todas as informações da macro e microestrutura do dicionário, bem como a proposta lexicográfica do mesmo, sejam apresentadas tanto em Português como na Libras, permitindo a surdos e ouvintes pleno acesso às informações ali descritas.

As etapas para a realização da pesquisa serão basicamente: o estudo das metodologias de pesquisa e referencial teórico; maior levantamento bibliográfico; análise de obras comparativas; registro e crítica das análises; coleta de *corpus* e formulação da proposta lexicográfica de um dicionário geral de língua Português/Libras/Português.

ESTRUTURA DA TESE

O capítulo 1 traz reflexões acerca do aparato teórico utilizado para construção deste trabalho. Ali, tem-se definições e conceitos de léxico, Lexicografia e do fazer dicionarístico a fim de estabelecer fundamento para as decisões tomadas na elaboração da proposta vigente. No

primeiro capítulo, também há indicações sobre questões aqui inicialmente levantadas, como, por exemplo, as perdas para uma comunidade linguística desprovida de obras lexicográficas pertinentes, além da indicação do atual panorama das obras lexicográficas em Língua Brasileira de Sinais, juntamente com uma análise das em circulação no país.

O capítulo 2 trata do léxico da Língua Brasileira de Sinais e desponha os parâmetros de formação de palavras. Em comparativo com os conceitos composicionais do léxico em Português, reiteramos o caráter de língua genuína da Libras e sua funcionalidade a partir de conceitos e teorias gerais de formação lexical, seja nas línguas orais ou de sinais. O capítulo trata, também, da lexicografia na Libras, ao lembrar o histórico das principais obras lexicográficas no Brasil.

O capítulo 3 define e justifica as características da proposta lexicográfica para o dicionário geral Português/Libras/Português. Nele estão estabelecidos todos os critérios da proposta, como a definição e seleção do *corpus*; os critérios de classificação e tipo do dicionário e-Dic Libras/Português; condição das entradas em Libras e em Português; justificativa para o formato eletrônico; a macroestrutura do dicionário; a microestrutura do dicionário e o verbete da obra.

Ao final do trabalho, há anexos com informações que se tornaram pertinentes de serem especificadas no decorrer da escrita e análise.

1. LÉXICO E LEXICOGRAFIA

1.1 Léxico

A definição de léxico é retratada por diversos autores, cada um indicando aspectos que lhes parecem mais pertinentes:

O léxico duma língua seria o conjunto das unidades submetidas às regras da gramática dessa língua, sendo a conjugação da gramática e do léxico necessária e suficiente à produção (codificação) ou à compreensão (descodificação) das frases duma língua. (REY-DEBOVE, 1984, p. 46)

Rey-Debove (1984) especifica o léxico como a completude das unidades da língua que estão construídas de acordo com a norma culta daquele idioma. São essas unidades que constituirão as estruturas linguísticas e comunicativas da sociedade falante de tal língua. Basílio (2011) concorda que é através do léxico que a construção de enunciados se dá. Ela acrescenta, ainda, a função do léxico; a saber, designar e categorizar os elementos do mundo apontando-os ao âmbito da linguagem:

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção de enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados. (BASÍLIO, 2011, p. 9)

Analizamos as palavras de Correia (2011) no que diz respeito à definição de léxico. Encontramos a indicação coincidente de léxico como conjunto das palavras de uma língua. A autora nos indica que nesse conjunto estão tanto as novas unidades como as lexias arcaicas. Por último, temos a indicação que os elementos gramaticais formadores de palavras também são considerados parte do léxico.

O léxico de uma língua é o conjunto virtual de todas as palavras de uma língua, isto é, o conjunto de todas as palavras da língua, as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta as regras e os processos de construção de palavras. O léxico inclui, ainda, os elementos que usamos para construir novas palavras: prefixos, sufixos, radicais simples ou complexos. (CORREIA, 2011, p.227)

Percebemos, portanto, na definição de léxico, o prevalecimento de conceitos comuns como, por exemplo, ser o conjunto de unidades da língua e o responsável pela construção de enunciados que possibilitam uma comunicação eficiente. Haensch *et al.* (1982) já indicava unidade nas definições e também descreveu seu conceito de léxico como o conjunto das unidades formadoras do discurso, seja no âmbito individual ou no coletivo.

Entre as diversas definições de 'léxico' existem pontos comuns, já que sempre se define 'léxico' como um conjunto de significantes verbais ou de signos [...] que estão acima do nível de distinção e que podem servir de partes componentes de proposições e textos. Para maior clareza da definição, decidiremos aqui pela solução que consiste em eliminar elementos linguísticos do conjunto de todos os elementos que pertençam à linguagem: se excluirmos os grupos de fatores 'conteúdo' e 'situação de comunicação' (fatores relevantes para o ato de comunicação), nós temos o conjunto de significantes. Se, além disso, dispensarmos todos os significantes não verbais, teremos o conjunto de significantes verbais. Além disso, excluiremos a distinção e as regras relativas à combinação de significantes. Após essa múltipla eliminação de elementos, temos como definição do léxico 'o conjunto de monemas e sinmonemas' do discurso individual, do discurso coletivo, do sistema linguístico individual ou do sistema linguístico coletivo. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 91. Tradução nossa)⁷

⁷ Entre las diversas definiciones de 'léxico' existen puntos comunes, ya que se define siempre como 'léxico' un conjunto de significantes verbales o de signos [...] que están por encima del nivel de los distinguemas y que pueden

As definições de léxico deixam claro sua importância para as comunidades linguísticas. São as ciências do léxico que retratam e conduzem as estruturas linguísticas e comunicativas de uma sociedade. A análise e constituição dos enunciados de uma língua se dão através do léxico. Portanto, não existe comunicação sem léxico. Não existe comunidade linguística que não esteja embasada sobre as ciências do léxico. Voltar os estudos lexicais para o âmbito das línguas de sinais reforça-as como línguas legítimas e confirma que as ciências do léxico são válidas para qualquer modalidade de língua: sejam as orais auditivas ou as visuais espaciais.

1.2 Lexicografia

A Lexicografia é a disciplina responsável pelo desenvolvimento de métodos e técnicas de produção das obras dicionarísticas na sua variedade de formas (monolíngues, bilíngues, semibilíngues, escolares, gerais, infantis, etc). Para reproduzir as enunciações da comunidade linguística a ser descrita nas obras lexicográficas, a Lexicografia atenta-se para as atividades discursivas individuais e coletivas:

servir de partes componentes de proposiciones y textos. Para mayor claridad de la definición, nos decidiremos aquí por la solución siguiente, que consiste en eliminar repetidas veces elementos lingüísticos de entre el conjunto de todos los elementos que pertenecen al lenguaje: si excluimos los grupos de factores ‘contenido’ y ‘situación de comunicación’ (factores pertinentes para el acto de la comunicación), nos queda el conjunto de significantes. Si, además, prescindimos de todos los significantes no verbales, nos quedará el conjunto de significantes verbales. Además, excluirémos los distinguemas y las reglas referentes a la combinación de significantes. Después de esta eliminación múltiple de elementos, nos queda como definición del léxico ‘el conjunto de monemas y simonemas’ del discurso individual, del discurso colectivo, del sistema lingüístico individual o del sistema lingüístico colectivo. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 91)

Para todo o domínio da descrição lexical que enfoca o estudo e a descrição dos monemas [...] dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos, reservamos o termo ‘lexicografia’. [...] Muitas disciplinas científicas desenvolveram uma metodologia científica própria; o mesmo ocorreu também com a lexicografia. Aquele que se dedica a tarefas lexicográficas de certa envergadura (sobretudo à elaboração de dicionários) necessita amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e pressupostos metodológicos desta atividade. Essas premissas metodológicas repercutem, por um lado, os conhecimentos de todos os ramos da linguística, e por outro lado, as condições e exigências de trabalho práticas, tecnológicas e socioeconômicas. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 93. Tradução nossa.)⁸

A descrição da Lexicografia feita por Haensch *et al.* indica o caráter científico da mesma. De fato, a produção de obras lexicográficas e, nesta pesquisa, especialmente tratamos da produção dos dicionários, deve ser tratada como processo exclusivamente próprio àqueles que compartilham do extenso conhecimento técnico de tal ciência tradicional e antiga. Em tempo, Hernández (1989, p.6) considera a Lexicografia “a disciplina linguística que goza de maior tradição”. Embora não no amplo sentido e desenvolvimento hoje alcançado, a Lexicografia data da Antiguidade. Biderman (1984) nos lembra que filólogos e gramáticos da escola grega de Alexandria já produziam glossários com o objetivo de facilitar a compreensão de textos homéricos. Entre os latinos, a autora remete-se ao *Appendix Probe*; que consiste em

“[...] um elenco de formas incorretas acompanhadas da respectiva correção (tipo *ansa non asa*), de autor anônimo e pertencente, ao que tudo indica, ao séc. III d.C. O complemento nominal *Probi* decorre do fato de estar a

⁸ Para todo dominio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término de ‘lexicografía’. [...] Muchas disciplinas científicas han desarrollado una metodología científica propia; lo mismo ocurrió también con la lexicografía. El que se dedica a tareas lexicográficas de cierta envergadura (sobre todo a la elaboración de diccionarios) necesita amplios conocimientos teóricos sobre las posibilidades y los supuestos metódicos de esta actividad. En estos supuestos metódicos repercuten, por un lado, los conocimientos de todas las ramas de la lingüística, y por otro, las condiciones y exigencias de trabajo prácticas, tecnológicas y socioeconómicas. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 93)

Appendix anexada a um texto gramatical de Valério Probo, que viveu no séc. I d.C. e daí terem alguns preferido a expressão *Appendix ad Probum*. [...]. Embora a designação *Appendix Probi* se aplique a vários opúsculos anônimos apensos aos *Instituta Artium* de Probo, o uso restringiu-se à citada lista de formas corretas e incorretas, ao todo 227 correções.”. (AMBRÓSIO; LOPES, 2003, on-line)

Assim, a estrutura de organização de listas de palavras seguidas de informações sobre as mesmas designa uma representação do léxico da língua corrente naquele momento, ou seja, remete-se a conteúdo lexicográfico nos seus primórdios. Biderman (1984) continua:

O gramático romano Varrão (I séc. A.C.) em *De língua latina* tentou fornecer dados de natureza semântica e etimológica sobre algumas palavras latinas. Na Idade Média valeria a pena lembrar apenas as *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (570-636) e alguns glossários. [...] Entre os glossários podemos citar o *Glossário de Reichenau* (séc. VIII D.C.) e o *Glossário de Cassei* (séc. IX D.C.) em terras do império carolíngio. Os dois *Glossários de Reichenau* contêm pouco mais de 2.000 vocábulos. São listas de palavras tiradas da *Vulgata* (versão latina da bíblia) de difícil compreensão para a época do autor, traduzidas no vernáculo românico da região. O *Glossário de Cassei* (265 palavras) é similar; trata-se de tradução do latim para o vernáculo germânico da região. Também em terras hispânicas foram elaborados alguns glossários: as *Glosas Emilianenses e Silenses* (séc. X ou XI). (BIDERMAN, 1984, p. 1,2)

A necessidade de catalogar o léxico não é recente justamente pelo fato de compreendermos que essa é uma atividade que está diretamente associada ao desenvolvimento da competência lexical dos usuários da língua. Obras assim possibilitam aos leitores ampliar a compreensão da sua própria língua, tornando-se falantes e receptores/decodificadores mais capazes. Ainda, tornam-se melhores conhecedores dos aspectos sociais e culturais da comunidade a que pertencem. Essas características vantajosas para os consulentes de obras lexicográficas significam trabalho árduo para os lexicógrafos. Sem dúvida, a Lexicografia prática exige dos seus especialistas a aplicação de absolutamente todas as áreas de conhecimento:

As dificuldades que surgem na elaboração de um dicionário podem ser resumidas em uma única frase: "O lexicógrafo teria que saber tudo". Embora seu trabalho consista essencialmente em registrar unidades lexicais, geralmente palavras e seu significado, deverá levar-se em conta, como pano de fundo, o sistema político, econômico e sociocultural da respectiva comunidade linguística, em todos os seus aspectos. Na maioria dos casos, o lexicógrafo deverá ocupar-se, além da linguagem, com uma série de especialidades extralinguísticas, que vão desde a eletrônica ao direito, passando pelos esportes, culinária, automobilismo, cabeleireiro, medicina etc.

Quando os dicionários são compilados, é necessário consultar, frequentemente, não apenas bibliografia especializada de botânica, zoologia, etc., mas também especialistas nos mais diversos assuntos, por exemplo, médicos, costureiros, engenheiros, a fim de saber o significado de um termo técnico ou seu equivalente consagrado pelo uso em outro idioma. Assim, pois, o trabalho lexicográfico é - apesar das dificuldades supracitadas - extremamente interessante e até excitante, pelo constante contato com todas as facetas da vida. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 12,13. Tradução nossa.)⁹

Essa grande relevância deveria pressupor a Lexicografia, minimamente, como disciplina obrigatória da área de Linguística Aplicada nas Faculdades de Letras. No entanto, considerando tamanha amplitude, mais acertado seria determinar a Lexicografia como uma possibilidade dentre as habilitações específicas do curso, ao invés de apenas um viés da Linguística. Todavia, não é esta a realidade nas academias do Brasil. Na maioria das Faculdades de Letras, a Lexicografia aparece como disciplina optativa nas grades curriculares e não temos nenhuma universidade que propicie uma especialização aprofundada na Lexicografia teórica e prática através de uma formação própria de lexicógrafos. Esse cenário faz com que grande parte das obras lexicográficas em circulação no país tenham sido, de certo modo, produzidas por

⁹ Las dificultades que ofrece la elaboración de un diccionario se pueden resumir en una sola frase: "El lexicógrafo tendría que saberlo todo". Aunque su labor consiste esencialmente en registrar unidades léxicas, generalmente palabras y su significado, habrá que tener en cuenta, como telón de fondo, el sistema político, económico y sociocultural de la comunidad lingüística respectiva, en todos sus aspectos. En la mayoría de los casos, el lexicógrafo deberá ocuparse, además de la lengua, de una serie de especialidades extralingüísticas, desde la electrónica hasta el derecho, pasando por los deportes, la cocina, el automovilismo, la peluquería, la medicina, etc.

Quando se compilam dicionarios, hay que consultar, con frecuencia, no sólo bibliografia especializada de botánica, zoología, etc., sino también a expertos en las más diversas materias, por ejemplo, médicos, modistas, ingenieros, para saber o bien el significado de un término técnico o su equivalente consagrado por el uso en otra lengua. Así, pues, la labor lexicográfica resulta - a pesar de las mencionadas dificultades - sumamente interesante y hasta apasionante, por su constante contacto con todas las facetas de la vida. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 12,13)

autodidatas. Não raro, dicionários, vocabulários, glossários e outros compêndios lexicográficos são compilados por especialistas de outras áreas amantes da Língua Portuguesa. É o caso do criador de um dos mais reconhecidos dicionários do Brasil, o Dicionário Aurélio. Seu escritor, Aurélio Buarque de Holanda, era formado em Direito mas dava aulas de Língua Portuguesa. Embora já atuasse como colaborador na produção de dicionários, como, por exemplo, o *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* (1941) e o *Dicionário Enciclopédico* do Instituto Nacional do Livro (1943), sua preocupação com a língua e o amor por ela levaram-no a pesquisar o idioma durante muitos anos com o objetivo de lançar seu próprio dicionário. Em 1975, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* foi lançado, após anos de pesquisa autônoma. Uma condição assim faz, necessariamente, com que haja lacunas importantes tanto na macroestrutura como na microestrutura da obra, pois, preceitos básicos da Lexicografia prática são desconhecidos e, portanto, insuscetíveis de serem considerados. Reconhecendo essa realidade, autores como Haensch *et al.* (1982) sugerem auxílio:

Também, a todos esses lexicógrafos não profissionais, queremos oferecer uma introdução que lhes seja útil em seu trabalho, de modo que possam oferecer uma valiosa contribuição para compilações lexicográficas maiores, as quais necessitam da colaboração de todos, para que resultem no mais completas e precisas possível. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 16. Tradução nossa)¹⁰

Os chamados lexicógrafos não profissionais também contribuem para a disseminação dos benefícios linguísticos e sociais resultantes da produção de obras lexicográficas. No que diz

¹⁰ También a todos estos lexicógrafos non profesionales queremos ofrecer una introducción que les resulte útil en su labor, de modo que puedan aportar una contribución valiosa a las compilaciones lexicográficas de mayor envergadura, las cuales necesitan de la colaboración de todos, para que resulten, en lo posible, lo más completas y exactas. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 16. Tradução nossa)

respeito aos dicionários, podemos alistar alguns desses benefícios que nos convencem da relevância da Lexicografia.

1.2.1 O valor dos dicionários

Identificar como qualquer obra lexicográfica beneficia uma comunidade linguística, na verdade, é indicativo de como a Lexicografia é relevante para a sociedade como um todo. Por estarmos trazendo uma pesquisa que propõe a produção de um dicionário bilíngue Português/Libras/Português, focaremos nas vantagens dos dicionários como ferramenta de registro linguístico. A começar, lembramos das palavras de Krieger (2004) que indica o caráter de autoridade dessas obras:

O denominado dicionário de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas, é [um] lugar de catalogação sistemática do léxico, equivalendo a um paradigma linguístico por excelência, instância de legitimação das palavras de um idioma. Nessa medida, o dicionário cumpre o papel de código normativo de um sistema linguístico. (KRIEGER, 2004, p. 102)

Essa especificação da inquestionável autoridade; denominada como ‘paradigma linguístico por excelência’ ou ‘instância de legitimação’, que os dicionários recebem por parte da sociedade é, sem dúvida, uma descrição importante, pois gozar da função de estatuto de obra de referência do léxico é determinante no valor dos dicionários. Como lugar de lições sobre a língua, os dicionários carregam o reconhecimento unânime de autoridade da comunidade linguística que representam e assumem, assim, um caráter instrumental didático, rico e importante. Mais do

que trazer conhecimento lexical, os dicionários acabam também por desenvolver competências linguísticas em todos os âmbitos como, por exemplo, a produção, leitura, gramática da língua, etc. Krieger continua:

O dicionário, em sua função didática mais evidente, serve para ampliar e aperfeiçoar o conhecimento do léxico de uma língua, em decorrência, sua utilização é muito produtiva para o desenvolvimento de atividades fundamentais como a leitura e a produção textual nos diferentes níveis e patamares que essas atividades comportam. Esse apoio é basilar, pois, como sabemos, o aluno chega à escola com um desempenho lexical limitado. (KRIEGER, 2004, p.107)

Dicionários são indiscutivelmente fundamentais para incentivar a produtividade lexical e o domínio de uma língua. São obras que incentivam e promovem a riqueza vocabular dos consulescentes e refinam seu desempenho linguístico. Cada dicionário tratará de assumir essas funções a partir de seus distintos objetivos. Todas essas obras podem aprimorar as necessidades linguísticas dos indivíduos aprendizes. Consideramos sujeitos aprendizes todos os falantes de uma comunidade linguística, já que não aprendemos e reformulamos nosso léxico apenas nos anos de vida escolar. Portanto, os dicionários como materiais de uso e consulta durante toda a vida alcançam um valor de aprendizado individual, refletido em uma comunidade linguisticamente competente. Apontar informações de características gramaticais possibilita ao consulescente conhecer a posição linguística que aquela lexia ocupa na língua, significa mostrar-lhe uma classificação de palavras a moldes somente perceptíveis nesse tipo de obra. Isso lhe trará aperfeiçoamento da estrutura linguística já adquirida enquanto falante nativo. Como consequência disso, teremos usuários habilitados da língua que ampliam seu repertório comunicativo, um outro papel fundamental dos dicionários, talvez o mais mencionado nos estudos lexicográficos.

Krieger nos lembra:

A adoção de um dicionário como um dos instrumentos básicos para o ensino do idioma revela a consciência do valor didático desse tipo de obra que oferece informações sobre o léxico, seus usos e sentidos, apresentando ainda os padrões gráficos e silábicos dos vocábulos e expressões de um idioma entre outros elementos. Em consequência, sua utilização está, corretamente, associada ao desenvolvimento de determinadas competências do aluno, destacando-se os exercícios com o léxico que incidem diretamente sobre os processos de leitura e produção textual, embora favoreça também outros exercícios voltados a descrições linguísticas. Em realidade, o conjunto das informações que encerra, torna o dicionário um lugar privilegiado de lições sobre a língua, um instrumental didático de grande valia para o professor. (KRIEGER, 2004, p.102)

Mais do que um simples instrumento de consulta, os dicionários atuam como estimuladores diretos de distintas competências nos alunos, pois nos servem como “lugar privilegiado de lições sobre a língua”, isto é, são instrutores da língua em todos os seus aspectos: semânticos, sintáticos, morfológicos, gramaticais, etc. Portanto, é fato determinar os dicionários como instrumentos de apoio ao ensino do Português. Isso também se justifica pela função metalinguística do mesmo. Pontes & Santiago (2009) descrevem:

Há de esgotar o potencial de informações que o dicionário possa oferecer ao aluno, não o resumindo na simples função de tira-dúvidas, o que limita extremamente seus usos em sala de aula. Deve-se, sim, reconhecer o dicionário como texto, que obviamente pressupõe outras leituras. (PONTES; SANTIAGO, 2009, p.105)

Como ferramenta didática, Pontes e Santiago concordam com Krieger no sentido de que os dicionários podem possibilitar aos alunos muito mais do que definições e conceitos quando tratado como texto. Por exemplo, pensando no contexto educacional dos alunos surdos, os

dicionários podem conduzi-los aos importantes conceitos da gramática da língua oral oficial do seu país, o Português, bem como dá margem para discussões sobre aspectos linguísticos destoantes entre a Libras e o Português, como, por exemplo, a formação dos sufixos e prefixos.

Um outro importante valor dos dicionários tem a ver com o saber cultural que agrega aos seus consulentes.

O tesouro vocabular enquadra-se em um momento histórico da evolução da língua e dentro de uma determinada norma cultural, não definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas nos enunciados constituídos pelo modelo sócio-cultural. Desse modo, os termos não se remetem apenas às palavras da língua, mas aos enunciados culturais, visão de mundo. (LAFACE, 1997, p. 169)

Os “enunciados culturais” presentes nos dicionários trazem características ali representadas pelas expressões idiomáticas, colocações, provérbios, além de as descrições das palavras registradas como lexias familiares, de uso coloquial, informal, etc. Mesmo os falantes nativos de uma comunidade linguística poderão refinar seus conhecimentos socioculturais por meio dos dicionários. É esse também o ponto de vista de Giovannini *et al* (1996):

Um ensino da língua que tenha como objetivo capacitar o aluno para ser competente comunicativamente, deverá conceder um papel essencial ao componente cultural, como algo indispensável e indissociável da competência comunicativa. (GIOVANNINI *et al*, 1996, p. 34)

Pensando no contexto sociocultural de ensino, podemos afirmar que os dicionários também são responsáveis pelo desenvolvimento social, humano, político, cultural, além de linguístico. O uso deles forma indivíduos cultos na língua e também forma sujeitos que são, de fato, membros

inseridos de uma sociedade, por serem aptos conhecedores da própria cultura. Um dos motivos disso é o que menciona Ribey, citado por Giovannini: “a cultura é um saber que se desenvolve em três âmbitos: saber o quê, saber sobre e saber como age e fala essa sociedade” (Giovannini, 1996, p.35). Ao determinar informações como essas, os dicionários alcançam a eficácia em produzir cidadãos habilitados na língua e incorporados na comunidade linguística representada pela obra lexicográfica.

Os aspectos culturais presentes nos dicionários são tão relevantes para sua produção, que, inclusive, servem de base para sua reedição e reformulação:

[...] o dicionário não pode ser considerado um texto estático, como o concebiam lexicógrafos tradicionais, professores, pais e membros da sociedade. Ao contrário, reflete uma cultura que se move dinamicamente no tempo. Não há como conceber o dicionário como um produto acabado, fechado, insensível às transformações, pois, se sabe que as influências culturais e linguísticas entre os povos existem e novas experiências humanas surgem. (PONTES; SANTIAGO; 2009, p. 109)

De fato, as vantagens de um grupo social ter um dicionário próprio como obra lexicográfica que o representa vão além de benefícios linguísticos para os consulentes. Ganham representatividade social à medida que sua cultura e tradições estão ali inseridas e registradas legítima e definitivamente. O que nos leva a concluir que o contrário também é verdade: uma comunidade sem tal obra lexicográfica tão importante está em desvantagem linguística e também social e humana, tendo em vista os distintos e importantes privilégios, nesta seção detalhados, que os dicionários podem oferecer a quem lhe desfruta.

1.2.2 O fazer dicionarístico

Para Dapena, os dicionários são construídos por dois eixos fundamentais:

uma **macroestrutura**, constituída por todas as suas entradas dispostas de acordo com um determinado critério ordenados, junto a uma **microestrutura** ou conjunto de informações _também dispostas de acordo com um determinado padrão ou padrões- oferecidas dentro do artigo lexicográfico. (DAPENA, 2002, p. 135. Tradução nossa. Grifo nosso.)¹¹

Concordamos que a macroestrutura e a microestrutura compõem o dicionário em sua completude. Por isso, a avaliação de um dicionário dependerá muito em como esses dois eixos foram realizados e em quanto eles foram embasados nas ciências do léxico. Pode parecer óbvio que a produção de um dicionário se dê por meio das teorias das ciências do léxico, no entanto, não é raro encontrarmos, nas prateleiras comerciais, obras produzidas por amantes da língua de diversas formações e habilidades, porém, sem especialização nas áreas do léxico, especialmente na Lexicografia. Daí a necessidade de pesquisas, como essa, mostrarem a relevância do embasamento científico para elaboração de obras tão importantes e que servem de alicerce na construção lexical de toda uma comunidade linguística. Lançar um dicionário construído sem tais critérios pode colocar em risco o desenvolvimento da competência lexical de todo um grupo por, pelo menos, uma geração.

¹¹ una **macroestrutura**, constituida por todas sus entradas dispuestas de acuerdo con un determinado criterio ordenador, junto a una **microestrutura** o conjunto de informaciones – también dispuestas de acuerdo con un determinado patrón o patrones – que se ofrecen dentro del artículo lexicográfico. (DAPENA, 2002, p.135)

Cientes dessa responsabilidade, tratamos das definições de macro e microestrutura em importantes estudos anteriores e corroboramos a sua relevância em definir obras de excelência.

1.2.2.1 Macroestrutura

Recorrendo à pesquisa de Haensch *et al.* encontramos o conceito de macroestrutura apontado pelos autores:

O elemento mais importante da macroestrutura de um dicionário é o arranjo de materiais lexicais como um todo, que pode ser por ordenação alfabética, por ordenação alfabética inversa, por famílias de palavras, ou segundo um sistema conceitual. Devemos considerar também a parte introdutória dos dicionários, os possíveis anexos e suplementos. (HAENSCH *et al.*, 1982, p.452. Tradução nossa.)¹²

Santos também define macroestrutura:

A macroestrutura de um dicionário ou glossário exprime o conjunto de informações gerais de identificação da obra, assim como suas respectivas orientações de uso e consulta. A macroestrutura abrange todas as partes que compõem uma obra terminográfica, a saber, o prefácio, a introdução e as especificações tanto para a forma de uso quanto para a ordem de registro. Para Barros (2004, p. 151) a macroestrutura corresponde “a organização interna da obra, composta de todas as informações pertinentes aos verbetes e sua organização”. Faulstich (2010), por sua vez, destaca que a macroestrutura –

¹² El elemento más importante de la macroestructura de un diccionario es la ordenación de los materiales léxicos en conjunto, que puede ser por orden alfabético, por orden alfabético inverso, por familias de palabras, o según un sistema conceptual. Habrá que considerar también [...] la parte introductoria de los diccionarios, los posibles anexos y suplementos. (HAENSCH *et al.*, 1982, p.452.)

também conhecida como paralexigrafia– envolve toda a obra desde a introdução, os anexos, a bibliografia e, caso existam as ilustrações, fotos ou mapas. (SANTOS, 2017, p.106)

Referente ao detalhamento das informações que a macroestrutura pode conter, Nascimento determina:

[...] refere-se à macroestrutura [como] o conjunto de componentes que constituem o dicionário em si, desde os aspectos físicos até a configuração de rede de informação que compõem as informações lexicográficas. Segundo Gomes (2007), grosso modo, a macroestrutura apresenta o conjunto dos verbetes. Ela diz respeito a itens tais como: caderno etimológico, capas internas, prefácio, como usar o dicionário/ organização do dicionário, advertências para uso, abreviaturas, índice de pranchas temáticas, créditos fotográficos, apêndices (apêndice ortográfico, apêndice gramatical - regras de concordância, lista de prefixos, lista de sufixos, números, regras de concordância em cores, conjugação verbal, observações morfológicas -, atlas do mundo, atlas francofonia, adjetivos pátrios), provérbios e expressões, verbetes, alfabeto fônico, sumário. (NASCIMENTO, 2009, p. 212)

Concordamos com as descrições dos pesquisadores apontados e determinamos, para essa pesquisa, a macroestrutura como tal conjunto de informações que identificam a obra e suas formas de registro, bem como orientam seu uso. Sendo um dicionário bilíngue, Português/Libras/Português, a macroestrutura se estende para informações e orientações em ambas as línguas. A *parte introdutória*, contendo informações e indicações de uso; o *corpo do dicionário*, composto do conjunto dos verbetes e os *anexos*, com suas listas e apêndices, serão estruturados de modo a atender aos consulentes ouvintes detentores do Português como L1 e, portanto, registrados em Língua Portuguesa, mas também terá inscrição em Língua Brasileira de Sinais, de modo a concretizar a obra na L1 dos surdos e torná-los consulentes autônomos. Cabe aqui ressaltar, mais uma vez, que não concordamos com a estrutura seletista dos principais dicionários de Libras ou Libras/Português publicados no Brasil. Embora se proponham a

produzir uma obra que atenda ao público surdo, o fazem por meio de uma língua estrangeira à sua. Quando um dicionário promete trazer a compilação de palavras da língua de uma comunidade linguística deve, de fato, fazê-lo através da língua dessa comunidade. O que acontece, no entanto, é que os surdos brasileiros possuem dicionários que se dizem de Libras ou bilíngues (Libras/Português), mas todos com a macroestrutura majoritariamente dada em Língua Portuguesa. Até mesmo a entrada das palavras nos dicionários de Libras ou na seção de Libras, no caso dos dicionários bilíngues, são ordenadas em Português. A questão óbvia que nos toma é: como um consulente surdo pode ter autonomia no uso de obras lexicográficas se os dicionários que tem à sua disposição, embora tenham por intenção representar sua L1 (Libras) estão publicados em uma língua estrangeira (Português)?

Cientes de uma realidade que segrega linguisticamente o sujeito surdo, trazemos a proposta lexicográfica de um dicionário bilíngue Português/Libras/Português que verdadeiramente concretize, na primeira língua do surdo, uma compilação das unidades léxicas da sua própria língua, a Libras, e da língua oral do país em que vive, a saber, o Português. Tratando-se de um dicionário em plataforma on-line, é possível a inscrição hipertextual da macroestrutura com o material em Português redigido nessa língua e o material em Libras registrado através de mídia digital/vídeos.

1.2.2.2 Microestrutura

Os autores já citados para definições sobre macroestrutura também elucidam o significado da microestrutura.

Por Haensch *et al.* lemos ser a microestrutura a estruturação dos artigos:

Um dicionário ou glossário é um trecho padronizado do conjunto de léxico existente ou de um subconjunto lexical. Geralmente é apresentado na forma de uma lista de acordo com um dos diferentes critérios de ordenação possíveis. Ao realizar uma seleção do léxico total de um conjunto (ou subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro inventário fechado, que é aquele contido no dicionário elaborado. Esse inventário, que constitui o corpo de qualquer dicionário, glossário etc., é dividido em 'artigos', também chamados de 'entradas' [...]. O artigo é a menor unidade autônoma de um dicionário e pode ser muito variado: desde poucas palavras sem subdivisões - por exemplo, em um dicionário multilíngue especializado, a várias colunas com uma série de divisões e subdivisões - por exemplo, no caso de uma palavra com muitos significados e com muitas relações sintagmáticas. Cada artigo é composto do 'lema', também chamado de 'palavra-chave', 'voz guia ou 'cabecalho'. [...] O restante do artigo, ao separar o lema, corresponde à parte definitória, denominada também 'corpo' do artigo. Neste, se oferecem, em uma ordem rigorosamente uniforme, de acordo com o tipo de dicionário, várias informações sobre o lema (etimologia, pronúncia, ortografia, indicações gramaticais, todos os tipos de avaliações e caracterizações). A definição é geralmente dada no dicionário monolíngue; no dicionário multilíngue, no entanto, é (são) dado(s) um ou vários equivalentes em outra(s) língua (s), também levando em conta os diferentes significados que uma voz pode ter. Além disso, indicam-se, em certos dicionários, o valor sintagmático e (ou) paradigmático da voz cujo uso é descrito no artigo. Como já apontamos, o tamanho e o conteúdo de um artigo podem variar bastante, dependendo da finalidade e do grupo de destino ou da natureza do léxico que é o objeto da descrição. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 462. Tradução nossa.)¹³

¹³ Un diccionario o un glosario es un extrato estandarizado del conjunto del léxico existente o de un subconjunto léxico. Se presenta, por lo general, en forma de lista según uno de los diferentes criterios de ordenación posibles. Al realizar una selección del léxico total de un conjunto (o de un subconjunto), el lexicógrafo transforma un inventario abierto en otro inventario cerrado, que es el que figura en el diccionario que se elabora. Este inventario que constituye el cuerpo de todo diccionario, glossário, etc., se divide en 'artículos', llamados también 'entradas' [...]. El artículo es la más pequeña unidad autónoma de un diccionario y puede tener una fisonomía muy variada, desde pocas palabras sin subdivisiones- por ejemplo, en un diccionario especializado multilingüe, hasta varias columnas con una serie de divisiones y subdivisiones - por ejemplo, en el caso de una palabra con muchas acepciones y que tiene muchas relaciones sintagmáticas habitualizadas. Cada artículo se compone del 'lema', llamado también 'palabra-clave', 'voz guía' o 'cabecera'.[...] El resto del artículo, al separar el lema de él, corresponde a la parte definitoria, llamada también 'cuerpo' del artículo. En éste se ofrecen, en una ordenación que tiene que ser rigurosamente uniforme, según el tipo de diccionario, varias informaciones sobre el lema (etimología, pronunciación, grafía, indicaciones gramaticales, toda clase de evaluaciones y caracterizaciones); luego suele darse en el diccionario monolingüe la definición; en el diccionario plurilingüe, en cambio, uno o varios equivalentes en otra(s) lengua(s), teniendo en cuenta también las distintas acepciones que puede tener una voz; además, se indican, en ciertos diccionarios, el valor sintagmático y (o) paradigmático de la voz cuyo uso describe en el artículo. Como ya hemos señalado la extensión y el contenido de un artículo pueden variar mucho, según la finalidad y el grupo de destino o la naturaleza del léxico que es objeto de descripción. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 462)

Como bem detalhado, a microestrutura de um dicionário é a divisão organizada do inventário completo. O artigo, considerado a menor unidade autônoma da obra lexicográfica, será elaborado a partir da intenção e tipo do dicionário. A microestrutura inclui o lema e o corpo do artigo, conforme também percebido por Nascimento. No corpo do artigo podem conter informações das mais diversas:

[a] microestrutura pode ser tomada como sinônimo de verbete. Fazem parte dela todas as informações lexicais, lingüísticas, gramaticais e pragmáticas, a partir da entrada, como: transcrição fonética, pronúncia, divisão silábica, indicação de pronúncia, etimologia ou origem, formação, categoria gramatical, gênero (regular/irregular), grau (regular/irregular) / (absoluto sintético/analítico); número (regular/irregular), transitividade, nota gramatical, conjugação (regular/irregular), modelo de conjugação, definição, acepção, remissão, exemplo, abonação, sinônimo, antônimo, homônimo, marca de uso, variante, palavra cognata, coletivo, voz, indicação de estrangeirismo, palavra derivada, locução, fraseologismo, ilustração, remissão à ilustração. (NASCIMENTO, 2009, p. 213)

Santos completa:

A microestrutura, por seu turno, simboliza o verbete, isto é, a parte terminográfica do glossário que contém as informações gramaticais e lexicais dos termos, em cuja composição estão a entrada, a categoria gramatical, a definição, o contexto e a nota, entre outras informações que se fizerem necessárias. Logo, a microestrutura é o verbete pronto (FAULSTICH, 1995). Ademais, é na microestrutura que se desenrola a organização dos dados. (SANTOS, 2017, p.107)

Para a proposta sugerida nesta pesquisa, a microestrutura em Língua Portuguesa e em Língua Brasileira de Sinais terão o formato descrito e detalhado no capítulo 3.

1.3 As perdas pela falta de um dicionário acessível aos surdos brasileiros

A seção 1.2.1 desta pesquisa tratou de algumas importantes vantagens de se ter um dicionário que registra, a partir das ciências do léxico, a língua da comunidade linguística que representa. Vamos retomá-las a fim de indicar como os surdos brasileiros, por não terem um dicionário plenamente acessível em sua L1, deixam de ter necessidades básicas de linguagem refinadas e/ou adquiridas, bem como sua competência lexical desenvolvida.

A começar pela legitimidade da obra e o seu caráter de autoridade, conforme postulado por Krieger (2004), temos os dicionários como “instância de legitimação das palavras de um idioma, [cumprindo, também] um papel normativo de um sistema linguístico”.

Os dicionários de Libras ou Libras/Português em circulação no país acabam por impedir a apropriação linguística das palavras da Língua Brasileira de Sinais no sentido que optam por construir as macro e microestrutura em Língua Portuguesa, tendo, normalmente, uma simples ilustração da palavra entrada em Libras. Os autores dessas obras lexicográficas, portanto, rebaixam a língua de sinais em detrimento da língua oral quando priorizam uma organização baseada nessa última, mesmo que em uma obra voltada para os falantes da primeira. Sem uma representação absoluta e embasada na língua dos surdos, essa comunidade deixa de ter as palavras do seu idioma legitimadas, isto é, tais lexias acabam por serem simplesmente uma reprodução traduzida da Língua Portuguesa_ que, esta, sim, fica prioritariamente representada nas páginas dessas obras designadas como próprias da Língua Brasileira de Sinais, porém, preparadas a partir da Língua Portuguesa: com ordenação alfabética e macroestrutura detalhada na língua oral do Brasil.

Em segunda instância, retomamos o posicionamento de Krieger (2004) que estabelece os dicionários de língua como instrumento “para ampliar a aperfeiçoar o conhecimento do léxico de uma língua, em decorrência, sua utilização é muito produtiva para o desenvolvimento de atividades fundamentais como a leitura e a produção textual.”

É de consenso geral que os dicionários nos servem como uma das principais ferramentas de aperfeiçoamento lexical e, conseqüentemente, de desenvolvimento na leitura e produção de todo tipo textual de comunicação. Não possuir um dicionário plenamente acessível, portanto, faz com que uma comunidade linguística esteja estagnada no quesito mencionado por Krieger. Mais grave é esse cenário para os surdos, haja vista que a maior parte das crianças que nascem surdas não terão facilidade comunicativa e de desenvolvimento de conceito, pois, estão, normalmente, privadas de informações básicas que são naturalmente repassadas através da livre comunicação nos relacionamentos interpessoais.

Quando a surdez é diagnosticada, cada família reage de um modo. No entanto, em geral, os pais têm uma reação de choque, posto que aproximadamente 94% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes. A maioria dos pais de crianças surdas sabe muito pouco sobre surdez, desconhecendo, portanto, o que esperar e o que fazer com seu filho. Já a criança, sem poder satisfazer suas necessidades por meio da fala, não compreende as reações dos pais, sente-se frustrada, confusa, brava, agressiva, medrosa, e, muitas vezes, desenvolve uma auto-imagem negativa. Segundo Bouvet (1990), a descoberta da surdez para os pais ouvintes pode causar uma quebra na interação adulto/criança que geralmente existe entre pais e filhos. Essa ruptura às vezes traz profundas marcas para as relações afetivas entre a criança e seus pais, e compreender adequadamente a surdez pode significar a formação ou a quebra de vínculos que será fundamental para o desenvolvimento da criança (Conti, 1998). Muitas mães, ao descobrir a surdez, deixam de falar com seus filhos e os tratam de maneira diferente por não se sentirem à vontade diante de algo que não conseguem compreender. A ruptura na comunicação ou a quebra de vínculos, se persistir por muito tempo, pode afetar seriamente o desenvolvimento emocional e as habilidades lingüísticas e comunicativas da criança surda. (GUARINELLO & LACERDA, 2007, p.105,106)

Como posto, uma média de 94% dos surdos nasce em famílias de ouvintes e não conhecedores da cultura surda e da língua de sinais, por isso os familiares e a comunidade não servem de base linguística para essas crianças. Esse é um motivo de, pelo menos inicialmente, a comunicação entre surdo e família ficar limitada e prejudicada. Muitas vezes, o surdo só adquire sua L1 tardiamente, quando todas as tentativas de fazê-lo ouvir e/ou falar por tratamentos médicos foram fracassadas. Isso retarda não apenas a aquisição linguística da criança, mas também o processo cognitivo de desenvolver conceitos.

Morgan & Rinvolucrí (2004) comentam sobre o processo de se chegar ao conceito de palavras em L2. É esse semelhante caso dos surdos quanto a se apropriar de palavras e conceitos da LP:

No caso de adolescentes e adultos a língua materna é o ponto de partida para a segunda língua. Esses aprendizes fazem, naturalmente, referência a novas palavras na L2 através da língua materna. Para dar um exemplo: um turco de 12 anos de idade em contato com uma nova palavra *house* (em Inglês) não evocará direto seus sentimentos, imagens e sons sobre sua própria casa. Ele irá, a partir do conceito e sentimento da palavra *ev* (em Turco), fazer uma equivalência com a palavra *house*. Isso é natural, inevitável e linguisticamente eficiente; pois, *ev* é para ele uma brilhante síntese de todos os seus pensamentos e sentimentos em torno do conceito de casa. (MORGAN & RINVOLUCRÍ, 2004, p. 8. Tradução nossa.)¹⁴

Concordamos com os autores quando afirmam que a língua materna serve de ponto de partida para a aprendizagem da L2. Conforme exemplificado, é natural e inevitável fazer, inicialmente, equivalências em torno de uma palavra a fim de produzir efetivamente o seu conceito. Entre línguas orais e línguas espaço-visuais, como é o caso da Libras, não será diferente. Depreender

¹⁴ In the case of adolescents and adults the mother tongue is the launch pad for the second language. These learners naturally reference new words in L2 via the mother tongue. To take an example: a 12-year-old Turk meeting the english word *house* will not go direct from his feelings about his home, from the sights and sounds of his home to *house*; he will go from the concept and feeling to the Turkish word *ev* and from there make an equivalence with *house*. This is natural, inevitable, and linguistically efficient, since *ev* is for him a brilliant, zipped-up synthesis of all his thoughts and feelings surrounding the concept of *house*. (MORGAN & RINVOLUCRÍ, 2004, p. 8)

os conceitos das palavras de modo a utilizá-las em distintos contextos de maneira correta é um processo complexo que acontecerá naturalmente a partir da referência à língua materna. Por isso mesmo, os dicionários podem ser utilizados como plataforma de referência entre línguas. A autonomia dos alunos em manusear os dicionários de sua língua materna proporcionará não apenas a mesma facilidade em consultar os dicionários de LP, como também em associar os conceitos encontrados em ambas as obras examinadas. No entanto, por possuírem apenas obras que representam solidamente a Língua Portuguesa e superficialmente a Libras, os surdos acabam por não contar com os dicionários como materiais de apoio ao aperfeiçoamento lexical. Isso se refletirá diretamente na sua aquisição e aprendizado: conforme já postulado por Krieger (2005, p.101): “a utilização [do dicionário] está associada ao desenvolvimento de determinadas competências do aluno, destacando-se os exercícios com o léxico que incidem diretamente sobre os processos de leitura e produção textual, embora favoreça também outros exercícios voltados a descrições linguísticas.”. Um desenvolvimento que seria essencial para uma comunidade que, por não ter de imediato referência linguística na família e na escola, já está em desvantagem nesse sentido em comparado com ouvintes de mesma idade e nível escolar.

Ainda, lembramo-nos da riqueza social e cultural postas nas obras lexicográficas que são desconsideradas quando não se tem um dicionário acessível em sua língua. É fato que “[o componente cultural] tem um papel essencial, como algo indispensável e indissociável da competência comunicativa.”. (GIOVANNINI *et al*, 1996, p. 34). Concordamos com essa afirmação, pois, à medida que um consulente se vê representado nas páginas do dicionário, sua identidade é reforçada e ele se sente parte daquela comunidade.

A formação e o desenvolvimento dos conceitos não estão ligados diretamente ao desenvolvimento biológico, mas aos aspectos socioculturais; ao relacionamento que as crianças mantêm com as pessoas que as rodeiam. As crianças são formadas e constituídas a partir dos processos biológicos,

presentes em todo ser humano, mas são condicionadas e potencializadas pelo ambiente social/cultural no qual vivem. Ele tem suas raízes no campo histórico e social de cada sujeito, a partir das interações que se estabelecem. Estas são premissas vigotskianas básicas. Embora a aprendizagem tenha seu início muito antes da criança ingressar na escola, pode-se afirmar que são as aprendizagens oriundas do ambiente escolar que potencializam de modo significativo o desenvolvimento intelectual infantil, pois criam novos modos de pensar e conceituar os conhecimentos que passam a ser apresentados de forma sistemática. Assim, o papel da escola não pode ser compreendido como sendo apenas uma questão de sistematização de conhecimentos ou o acesso ao conhecimento sistematizado; “a aprendizagem escolar dá algo de completamente novo ao curso do desenvolvimento da criança” (Vygotsky, 2010, p.110). (SOUZA & MALDANER, 2012, p. 5)

Como indivíduos nos desenvolvemos por meio do ambiente social ao qual pertencemos. Novamente, retomamos a estatística de que quase a totalidade dos surdos nascem em famílias de pais ouvintes. Essa já se torna uma primeira barreira para ambos se sentirem pertencentes àquela primeira comunidade: a família. Normalmente, o acolhimento e conexão naturais entre pais e filhos são substituídos por uma rotina de recursos médicos como consultas, sessões de fonoaudiologia e até mesmo intervenções cirúrgicas como o implante coclear. Não estamos aqui dizendo que pais ouvintes não desenvolvem aproximação e amor fraterno pelos filhos surdos, o que compreendemos é que, especialmente no período de descoberta da surdez, há um distanciamento comunicativo natural entre pais/filho, pois a preocupação inicial não é, normalmente, a busca pela identidade cultural e linguística daquela criança, mas sim, o apaziguamento da falta de audição.

Os obstáculos psíquicos colocados aos sujeitos surdos pela lesão fantasmática parental é outro foco de preocupação da psicanálise (Solé, 2004). A criança surda não consegue ocupar o lugar que seus pais (se os pais forem ouvintes) imaginavam que ela ocuparia. O primeiro momento crítico da vida de uma criança surda será, então, o do estabelecimento das relações afetivas precoces, quando a depressão comum ao recebimento do diagnóstico da surdez, manifesta ou mascarada, altera as trocas conscientes e inconscientes entre a mãe e a criança. Sob o plano psicopatológico, fala-se de uma situação de risco diante de dificuldades psicoafetivas importantes, geradas por hospitalizações, depressão parental pelo diagnóstico e atitudes excessivamente reabilitadoras.

Situação grave seria aquela em que a criança e sua mãe não conseguiram avançar juntas em uma sinergia de trocas inconscientes, devido à “perda do sentimento natural de uma mãe que se vê aprisionada pelas representações reeducativas da surdez, ou por um excesso reparador, ou ainda por uma agressividade inconsciente contra a criança representante de seu mal-estar” (Virole, 2001, p. 7). Em suma, a partir da psicanálise afirma-se que “a surdez não impede a constituição do aparelho psíquico, mas convoca outros meios para que isso se dê” (Nunes, 2004, p. 65). Cada sujeito se constituirá psicologicamente de forma única e é a partir da escuta de sua singularidade que poderá ser aberto um espaço para o desejo que o anima. (BISOL; SPERB, 2010, p.10)

Tal distanciamento é provocado, não apenas pela condição da surdez, como também por pais ouvintes e filhos surdos terem idioma e cultura distintos. As escolhas, valores e prioridades entre surdos e ouvintes serão diferentes. Algo perceptível desde a primeira infância e, que quando não compreendido e conciliado pode afetar psicológica e emocionalmente o indivíduo.

A surdez não consiste somente em uma deficiência sensorial, mas, sim, em algo mais complexo, pois consequências sociais da condição da surdez podem fazer com que o sujeito não consiga se comunicar com a sociedade de um modo geral, o que causa isolamento e discriminação para com essas pessoas. A linguagem permeia essa questão, uma vez que é através dela que nos diferenciamos dos outros animais e também assumimos a condição de Seres Humanos, já que é a forma principal de expressão de pensamentos e o instrumento psicológico essencial à constituição das funções psicológicas superiores. (Vygotski, 1998). [...] A identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação [...] como tal, a representação é um sistema lingüístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder. [...] Questionar a identidade e a diferença significa, neste contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação. (Silva, 2000, p. 89). (CROMACK, 2004, p. 69, 75)

Considerando que a língua revela a identidade da comunidade que a usa e que, ao falar afirmamos quem somos, de onde viemos, qual cultura partilhamos e qual o nosso conhecimento em termos de mundo e de língua, é muito apropriado discutir o papel de palavras e expressões que ganham forma a partir da cultura da comunidade da qual estudamos a língua. Os dicionários

acabam por fazer isso quando nos apresentam as lexias, expressões, metáforas, linguagem concreta e figurada, etc. da comunidade representada. Não ter uma obra que faça isso em Libras inviabiliza ao consulente surdo perceber-se nas suas páginas e, por conseguinte, construir o sentimento de pertencimento tão necessário para convivência saudável em sociedade. Também, afasta o indivíduo dos seus pares no sentido de que não terá respaldo de legitimação linguística e de visão de mundo e mantém sua língua e cultura no campo da informalidade, o que, inclusive, afeta diretamente a sociedade como um todo: não é incomum vermos cidadãos comuns, meios de comunicação e mídia e até educadores se referirem à Libras como uma linguagem ou uma língua embasada simplesmente nas configurações de mão do alfabeto manual.

Esses são apenas alguns argumentos que nos indicam a necessidade de um dicionário geral de língua completamente, e não apenas em partes, acessível em Libras. Estamos convencidos que a comunidade surda brasileira será linguística, social, emocional, cultural e psicologicamente beneficiada com uma obra lexicográfica que, de fato, representa sua língua e cultura.

1.4 O cenário atual de dicionários para surdos no Brasil

A produção e circulação de dicionários de língua para a comunidade surda são fundamentais para desenvolvimento da sua competência lexical. É fato que há dicionários classificados como bilíngues Libras/Português e também trilíngues Libras/Português/Inglês em circulação no país. Vamos considerar as características de alguns desses ainda neste capítulo.

O número de dicionários que registram línguas de sinais é reduzido quando em comparado com aqueles que registram línguas orais. No Brasil, em meio digital, é possível encontrarmos alguns projetos, especialmente de faculdades e universidades, que resultaram especialmente em dicionários bilíngues Português/Libras. No entanto, a maioria deles mantém-se em forma de projeto ou, na verdade, se tratam de glossários ou vocabulários. É o caso, por exemplo do *Dicionário On-line de Libras-Português* desenvolvido pelo Projeto Inovar + da Universidade Federal de Viçosa disponível no endereço eletrônico <<https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/>>. Conforme especificado no site de apresentação, a obra constitui-se de sinais regionais básicos. Essa limitação justifica-se por ser um dicionário voltado para fins de um ambiente específico. Em sua apresentação lemos: “O Dicionário é uma inovação didática tecnológica voltada para pessoas Surdas que estudam ou trabalham da Universidade Federal de Viçosa (UFV), como ferramenta de mediação dos processos comunicacionais entre Surdos e ouvintes. Esta ferramenta, ainda, tem objetivo pedagógico no ensino e aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda língua aos estudantes em formação nas licenciaturas e aos professores que ministram aulas aos alunos Surdos.”.

Ainda é importante mencionar o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3*, de autoria de Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza e organizado pelo Projeto Acessibilidade Brasil e disponibilizado no endereço eletrônico: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Esse dicionário, de 2011, também é amplamente utilizado na busca por lexias em Libras e seus significados. No entanto, não há texto informativo sobre seus objetivos de publicação, número de lexias que o compõe, etc.

Por último, mencionamos o denominado *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, publicado em 2001 de autoria de Fernando César Capovilla e

Walkiria Duarte Raphael. Essa obra se tornou referência no âmbito da Lexicografia da língua de sinais por ser pioneira na produção de um dicionário impresso. O próprio dicionário nos informa de seus objetivos de publicação:

Esperamos que [esta] publicação seja de ajuda à situação do Surdo brasileiro, chamando atenção à sua língua singular e, por implicação, à importância de formar professores peritos no seu emprego, de modo que as crianças Surdas possam receber o acesso mais precoce possível à língua – o mesmo acesso que é dado a todas as pessoas ouvintes – para permitir que se tornem fluentes na leitura e escrita, que obtenham uma boa educação e que se tornem membros criativos da comunidade como um todo. Isto é do interesse de todos, não apenas do Surdo. Se isto puder ser alcançado, os Surdos se tornarão fluentes em leitura e escrita, e nós poderemos assistir ao emergir de escritores e artistas Surdos, de intelectuais e cientistas Surdos, de um vigoroso Teatro do Surdo, e de outras realizações – uma perspectiva e uma cultura inteira, que só podem vir a enriquecer a nossa própria. Isto já aconteceu em alguns países, mas ainda tem de acontecer no Brasil. São nossa fé e esperança de que a publicação deste Dicionário belíssimo e de nobre estirpe ajude a trazer este dia para muito mais perto. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p.17)

Os autores esperam, com a publicação da obra, contribuir para que o surdo brasileiro desenvolva, desde o mais cedo possível, a leitura e escrita, a fim de fazer parte do círculo intelectual da sociedade, bem como contribuir para a formação de professores.

Há, ainda, outros dicionários em mídia impressa em circulação no país. Como, por exemplo, o *Dicionário Ilustrado de Libras*, de autoria de Flávia Brandão, publicado em 2011. Conforme lemos na obra, esse dicionário composto de 3.212 sinais foi desenvolvido a fim de contribuir para o conhecimento dos significados dos sinais que compõem a Libras e também orientar a execução dos movimentos que são a base dessa língua.

É importante mencionar o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil*, de 2017. Esta obra composta por três volumes também produzida pelos autores Fernando César Capovilla e

Walkiria Duarte Raphael juntamente com Janice Gonçalves Temoteo e Antonielle Cantarelli Martins. Documenta mais de 13 mil sinais em entradas lexicais individuais.

Todavia, passamos a nos ater a dois dos dicionários mencionados; a saber, o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3* e o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da língua de sinais brasileira*. A seleção para análise de ambos se deve a dois fatores. O primeiro, diz respeito a se tratarem de dois dicionários de meios de publicação distintos: aquele em mídia digital e esse em meio impresso. O segundo aspecto tem a ver com sua ampla aceitação nos ambientes de uso da Libras. São dois dos mais, senão os mais, utilizados pelos consulentes interessados em lexias da Libras/Português: sejam os próprios surdos ou os aprendizes de Libras como L2, bem como são referências em muitos cursos de Libras e de formação voltados para orientação e estudos de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS).

1.5 Análise de dicionários Libras/Português

A partir dos dois dicionários selecionados, vamos considerar suas características e identificar sua colaboração para a comunidade surda à medida que tratam (ou não) das especificidades já corroboradas como essenciais para a comunidade linguística representada na obra; a saber, aspectos linguísticos e socioculturais.

Utilizaremos duas referências para avaliação das obras selecionadas. A primeira é o *Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos*, elaborado como resultado de um projeto desenvolvido pelo Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos da Universidade

de Brasília sob coordenação da professora Enilde Faulstich. O roteiro e descrição de como utilizá-lo, bem como sua validação no âmbito dos estudos lexicográficos estão detalhados no artigo intitulado *Avaliação de Dicionários: Uma proposta metodológica* (Faulstich, 2011), o qual faz parte das referências desta pesquisa. A segunda são notas de aula ministrada em 2012 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais pela professora Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. As fichas produzidas por Seabra e denominadas *Avaliação de Dicionários* serviram de instrumento qualitativo dos dicionários, a partir de sugestão de categorizações embasadas nas ciências do léxico.

Reproduzimos abaixo o *Roteiro para avaliação de dicionários e glossários científicos e técnicos* e as fichas *Avaliação de Dicionários*.

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título:

Autor:

Editora:

Edição:

Data:

Local de publicação:

Volume(s):

Epígrafe:

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

3. Sobre a apresentação material da obra

- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?
- 3.8. A obra está editada em suporte informatizado?
- 3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?
- 3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?
- 3.11. A obra possui ampla divulgação?

4. Sobre o conteúdo

- 4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?
- 4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?
- 4.3. Os verbetes apresentam:
 - a) categoria gramatical?
 - b) gênero?
 - c) sinonímia?
 - d) variante(s) da entrada?
 - e) variante(s) da definição?
 - f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?
 - g) marcas de uso? Como se classificam?
 - h) indicação de área ou subárea de especialidade?

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

j) equivalente(s)?

k) formação da palavra?

l) indicação de pronúncia?

m) origem e etimologia?

n) divisão silábica?

o) nomenclatura científica?

p) remissivas úteis entre conceitos?

q) fontes?

r) notas?

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Título:

Autor:

Editora:

Edição:

Data:

Local de publicação:

Volume(s):

1. Sobre a proposta lexicográfica da obra

SIM **NÃO** **EM PARTES**

1.1 É explicada de forma consistente?

1.2 Explicita o nível de escolaridade a que se destina?

1.3 Explicita o critério de seleção vocabular empregado?

1.4 Indica o número total de entradas?

1.5 Indica o número total de ilustrações?

1.6 Explicita o tamanho e tipo da fonte empregada?

2. Sobre o guia do usuário

SIM **NÃO** **EM PARTES**

2.1 A obra traz um guia do usuário?

2.2 A linguagem utilizada é adequada ao público a que se destina? As informações são claras?

2.3 São graficamente bem apresentadas?

2.4 O guia traz informações suficientes para a orientação do usuário?

3. Sobre a nomenclatura: a sequência de entradas

SIM **NÃO** **EM PARTES**

3.1 A obra tem seções para todas as letras, inclusive k, w, y?

3.2 A obra está isenta de saltos arbitrários, na sequência dos vocábulos?

4. Sobre a nomenclatura: o conjunto de entradas

SIM **NÃO** **EM PARTES**

4.1 Inclui campos temáticos do cotidiano infantil (jogos, brincadeiras, alimentos, vestuário, higiene, instrumentos musicais, saúde, habitação, escola, esporte, plantas, animais, lazer, eletrodomésticos, meios de comunicação, transporte, artes e espetáculos, etc.)? (Importante sobretudo para o tipo 2)

4.2 Inclui domínios discursivos especializados (direito, jornalismo, informática, filosofia, folclore, religião, linguística, ecologia, educação, mitologia, ciências, artes, literatura, política, etc.)?

4.3 Inclui empréstimos lexicais recentes e também não tão recentes?

4.4 Inclui regionalismos? Contempla a diversidade do território nacional?

4.5 Inclui locuções e expressões idiomáticas (como entrada ou subentrada)?

4.6 Inclui vocábulos pouco usados e/ou em desuso?

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título: *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*

Autor: Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael

Editora: EDUSP

Edição: Segunda

Data: 2001

Local de publicação: São Paulo

Volume(s): Dois (Volume 1- sinais de A a L; Volume 2- sinais de M a Z)

Epígrafe:

O propósito do *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* é servir de instrumento para a concretização da Educação Bilíngue no Brasil e o resgate da cidadania do Surdo brasileiro, e inspirar o advento de outros dicionários provenientes dos demais estados, de modo a assegurar uma documentação científica representativa da Libras, tal como usada por Surdos de todo o território nacional. Trata-se de um dicionário enciclopédico trilíngue porque contém informações acerca de todos os ramos do saber humano e permite tradução entre três línguas escritas: o Português e o Inglês escritos alfabeticamente, e a Libras escrita de maneira visual direta por meio do *SignWriting*. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p.30)

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia? Sim.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia? Sim.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Fernando César Capovilla: Psicólogo e Mestre em Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento (Universidade de Brasília), Ph. D em Psicologia Instrumental (Temple University of Philadelphia).

Walkiria Duarte Raphael: Psicóloga. Mestranda do Departamento de Psicologia Experimental (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Fernando César Capovilla: Professor no departamento de Psicologia na Universidade de São Paulo.

Walkiria Duarte Raphael: Psicóloga e Supervisora de equipe do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim.

Seu propósito é servir de instrumento para a concretização da Educação Bilíngue no Brasil e o resgate da cidadania do Surdo Brasileiro, e inspirar o advento de outros dicionários provenientes dos demais estados, de modo a assegurar uma documentação científica compreensiva e representativa da Libras, tal como usada por Surdos de todo o território nacional. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p.30)

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Não especificamente. Podemos identificar que a obra se dirige a consulentes surdos em geral, crianças e adultos, através de trechos que tratam sobre a elaboração do dicionário.

O oferecimento da escrita visual direta do sinal da Libras em *SignWriting* objetiva mostrar à criança Surda que é possível escrever diretamente o sinal que ela usa, tal como ela o emite, e permitir ao texto escrito sinalizar (i.e., evocar a imagem visível do sinal) diretamente à mente dessa criança Surda, assim como a escrita alfabética fala (i.e., evoca a imagem fonológica da palavra) à mente da ouvinte. Como essa escrita mapeia diretamente as características de articulação das mãos, com o treino, ela torna fácil ao Surdo registrar diretamente os seus pensamentos e a sua sinalização interna, e a sua leitura resgata diretamente os sinais com que ele pensa e se comunica. Assim, uma vez adquirida fluência de leitura em *SignWriting* essa escrita visual direta de sinais é capaz de evocar diretamente a sinalização interna com que o Surdo pensa, assim como a escrita alfabética evoca diretamente a fala interna com que o ouvinte pensa. (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 32, *grifo nosso*)

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim. As orientações para o consulente estão apresentadas no capítulo intitulado *Como usar este Dicionário enciclopédico trilingue*. Ali estão identificadas a concepção geral da obra e os aspectos macro e microestrutural. Lemos as características da elaboração do dicionário, a estrutura de organização do verbete, informações sobre a ilustração do significado e da forma dos sinais e sobre a escrita visual direta do sinal em *SignWriting*. O capítulo também trata dos elementos que constituirão a descrição da forma dos sinais (articulação da mão e do braço e orientação da palma, movimento e expressão facial). Orienta, ainda, sobre o recurso da soletração no caso de uma palavra não ter um sinal correspondente específico. As informações são claras e permitem ao consulente leitor proficiente da Língua Portuguesa independência no manuseio da obra.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*?

Não. Os autores apenas citam que o dicionário compõe-se de um “*thesaurus* Inglês-Português [que] lista alfabeticamente 9.500 verbetes do Inglês e os seus respectivos verbetes do Português, aos quais correspondem os sinais da Libras.” (p. 39)

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não. Como os verbetes são exemplificados, e não abonados, não há um *corpus* específico indicado.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

O prefácio foi redigido pelos próprios autores.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Em partes. O dicionário se propõe a atender o público em geral, desde crianças em diante, assim há maior adequabilidade aos consulentes adultos, haja vista que a tipografia para crianças demanda especificidades como fonte maior, letras sem serifa, espaço maior entre as palavras, etc. (FREDERICO, 2008). Na obra não há apresentação especificando o nome da fonte e/ou o tamanho utilizado para registro dos verbetes.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Em partes. As ilustrações principais são duas: i) aquelas que ilustram o significado do sinal e ii) aquelas que indicam a forma de sinalizar a palavra. De modo que não são imagens meramente ilustrativas, tratam-se de recursos para explicitar sentido. Esse é um forte motivo para que tais ilustrações sejam adequadas e facilmente reconhecidas. No entanto, algumas ilustrações podem

sugerir outras significações e outras não parecem compreensíveis nem com a leitura do verbete.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

A proposta visual não é absolutamente equilibrada. Após a entrada em negrito, as informações em inglês, as definições, o paradigma informacional e os exemplos e abonações estão todos em itálico. Apenas a descrição de como realizar o sinal está sem formatação de estilo. Essa estruturação não deixa visivelmente clara qualquer mudança de paradigmas (informacional, definicional e pragmático).

Quanto aos recursos gráficos, temos a presença de parênteses para indicar variação de masculino/feminino (por exemplo, *gelado(a)*, p.947) e para introduzir as informações em inglês logo após a apresentação da palavra entrada (por exemplo, **madrugada** (*inglês: dawn, dawning, daybreak*), p.855).

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Em ordem alfabética.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Contempla três línguas: Português, Libras e Inglês.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim. Embora seja de tamanho relativamente grande, o dicionário fica plano quando aberto, o que facilita a consulta.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Não. A obra indica estar em fase de elaboração uma versão computadorizada, em que os sinais encontram-se anexados quiremicamente, o que permitiria ao Surdo localizar qualquer sinal a partir de sua forma. O nome do proposto sistema é *BuscaSigno* e também está descrito no último capítulo do dicionário.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim. Embora não seja indicada a gramatura das folhas utilizadas, a encadernação é bem feita e as páginas têm espessura suficiente para indicar resistência ao manuseio.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim. Os registros de uso, domínios discursivos são informados, assim como as classes e/ou subclasses.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Sim. Está presente em livrarias conceituadas e também divulgada na internet.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Não. O dicionário documenta 9.500 verbetes. Esse número corresponde às obras dicionarísticas de tipo 2 que atendem do 2º ao 5º ano do ensino fundamental, ou seja, um público entre 7 e 11 anos de idade. Quanto aos neologismos, não foram encontrados verbetes assim classificados. As palavras derivadas estão organizadas de duas maneiras: em entradas específicas, como podemos exemplificar pelos verbetes independentes **município** e **municipal** (p. 929) e em

menções logo após a palavra entrada, como percebemos no verbete **nascer, nascimento, nascido (a)** (p.940).

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Não há classificação de áreas de especialidade para os verbetes.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical? Sim. A categoria gramatical da palavra entrada aparece abreviada e “em itálico na linha abaixo do verbete, precedendo a definição” (p. 46).

b) gênero? Sim. Por meio de abreviatura em itálico.

c) sinonímia? Em alguns verbetes, como por exemplo, na entrada **nojo** (p. 950) determinada como *asco, repugnância, repulsa*.

d) variante(s) da entrada? Em alguns verbetes. Temos como exemplo a entrada **maquiagem/maquilagem** (p.866)

e) variante(s) da definição? Sim. Temos definições de caráter *analítico*, como lemos no verbete **manhã**: período do dia que vai desde o nascer do sol até o meio dia. (p.865). Ainda há definições *enciclopédicas*, por exemplo, **maçã**: fruto da macieira, pertencente à família das rosáceas, com mais de 600 variedades. Tem grande utilidade, ajudando nos casos de diarreia, disenteria, inflamações renais e outras. Já era apreciada entre os povos da antiguidade, há milhares de anos atrás, estando ligada à mitologia e às crenças de muitos povos. No Brasil, existe grande produção na região central do Rio Grande do Sul. (p.849). Encontramos também definições *sinonímicas*, como em **nu**: despido(a), pelado(a), desnudo(a). E, por fim, há definições *descritivas* como é o caso da percebida na palavra entrada **meia-calça**: tipo de meia feminina, feita de vários materiais sintéticos, que vai até a cintura, cobrindo o pé, a perna e a parte superior das coxas. (p.883)

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais? Os autores não determinam os critérios de distinção entre homonímia e polissemia. Apenas indicam que um mesmo verbete com significados diferentes terão diferentes entradas. É o caso dos verbetes **orgulho** (polissêmico) que têm duas entradas (p.985). No entanto, o verbete **olhar** (homonímico) tem apenas uma entrada (p. 975) identificando o verbo e o substantivo.

g) marcas de uso? Como se classificam? Sim. A descrição de como ler o dicionário indica que aparecerão as marcas de uso classificadas como *popular, expressão, gíria e sigla*.

h) indicação de área ou subárea de especialidade? Não apresenta.

i) contexto? (exemplo ou abonação?) Sim. Exemplos.

j) equivalente(s)? Sim. As entradas em Português trazem os equivalentes em Inglês e em Libras.

k) formação da palavra? Não apresenta.

l) indicação de pronúncia? Para as línguas portuguesa e inglesa, não. Para a Libras, há a indicação de como realizar o sinal.

m) origem e etimologia? Não apresenta.

n) divisão silábica? Não apresenta.

o) nomenclatura científica? Em alguns casos.

p) remissivas úteis entre conceitos? Não aponta sistema de remissivas.

q) fontes? Não mencionado.

r) notas? Não apresenta.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Em parte. A maioria é constituída de um enunciado de uma só frase; porém, há definições sinonímicas e outras de carácter enciclopédico.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Em partes. O dicionário indica, indiretamente em seu prefácio, que atenderá os Surdos brasileiros em geral: de crianças a adultos. Assim, as definições dificilmente atendem a todo esse público, já que a competência lexical de um é diferente da competência lexical do outro.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim. Desde que, pelo menos, as informações de instrução de uso da obra sejam apresentadas de modo mais acessível ao surdo, a partir de sua L1. Também, faz-se importante reforçar a quantidade reduzida de verbetes para considerar um dicionário geral de língua, o caráter enciclopédico da obra e a sua formulação a partir de um ambiente regional principal (São Paulo). A proposta é eficaz como instrumento de consulta, especialmente para aprendizes ouvintes da língua de sinais.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

Escolas, Cursos, Universidades, Livrarias físicas e on-line.

ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS DE LÍNGUA COMUM E DE DICIONÁRIOS OU GLOSSÁRIOS CIENTÍFICOS E TÉCNICOS

Título: *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3.*

Autor: Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza

Editora: Material não impresso.

Edição: Única

Data: 2011

Local de publicação: Rio de Janeiro (versão em cd)

Volume(s): Único

Epígrafe: Não apresenta

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia? Sim.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia? Não é informado.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Guilherme de Azambuja Lira: Analista de Sistemas, graduado em Administração de Empresas pela Sociedade Universitária de Economia e Ciências Sociais (1987) e mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (2003). Fundou e preside a OSCIP Acessibilidade Brasil

Tanya Amara Felipe de Souza: Possui graduação em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco (1977), Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Católica de Pernambuco (1979), Especialização em Literatura pela Universidade Católica de Pernambuco (1981), Mestrado em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (1987), estágio - doutorado sanduíche - pela University of Rochester (1993 -1994) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1996).

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Não é mencionado.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra? Não apresenta.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige? Não apresenta.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário? Não apresenta.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o *corpus*? Não apresenta.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor? Não apresenta.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não há prefácio.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Embora não haja especificidade quanto à faixa etária do usuário, a tipografia é clara e de bom tamanho de fonte.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

As ilustrações são de dois tipos: a) referente à configuração de mão a ser utilizada na sinalização e b) referente à palavra registrada como verbete. No primeiro caso, as imagens não são imagens meramente ilustrativas, pois tratam-se de recurso para identificar um parâmetro fonológico da formação de palavra em Libras. No segundo caso, embora sejam imagens ilustrativas, auxiliam na construção de sentido. Esses são fortes motivos para que tais ilustrações sejam adequadas e facilmente reconhecidas. As ilustrações das configurações de mão são claras, porém, tem-se um problema com as ilustrações sobre a palavra entrada, já que algumas não carregam e, por isso, não são apresentadas.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

Sim. O negrito aparece nas letras do alfabeto na parte superior da tela. Não há utilização de itálico. Cada informação referente ao verbete aparece em um box distribuído pela página virtual.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Há três tipos de ordenação: em ordem alfabética, por assuntos identificados em ordem alfabética e por configuração de mão.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Contempla a Língua Portuguesa e a Libras.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

O dicionário está em versão eletrônica. Sua visualização e busca é prática e fácil.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim. Não há versão impressa.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Não há versão impressa.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Em partes. As informações gramaticais de classe de palavras, por exemplo, não são abreviadas.

No box referente ao exemplo da palavra registrada, a estrutura da sentença descrita segue a sintaxe da Libras. Por isso alguns símbolos são utilizados, como, por exemplo @ e separação das letras em maiúscula. Podemos depreender que o símbolo @ identifica os dois possíveis gêneros e a separação das letras indicam o recurso da datilologia. Porém, essas informações não estão identificadas e precisam ser deduzidas. Veja exemplos:

Bailarino: Bailarin@ aquel@ eu conhecer el@ famos@.

Macaco: Z-O-O macaco fugir.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Sim. É o dicionário eletrônico de Libras mais divulgado e um dos mais, se não o mais consultado.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Não. O dicionário não apresenta somatório das lexias registradas. Mesmo assim, podemos perceber que o número de palavras é reduzido. Por exemplo, a letra **H** apresenta apenas 55 palavras registradas e a letra **O** inclui pouco mais de cem. As letras **K**, **W** e **Y** não apresentam nenhuma palavra entrada.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Não há paradigma informacional referente a áreas de especialidade.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical? Sim. A classe gramatical é identificada sem abreviatura em um box na parte inferior da tela.

b) gênero? Não.

c) sinonímia? Em alguns casos apenas a sinonímia é utilizada na acepção, como é perceptível no verbete **satisfeito**: feliz, contente, realizado. Em outros casos há sinonímia como recurso adicional de complementação do sentido, como acontece no verbete **rebelde**: aquele que se revolta; o que reage contra um fato ou situação; indisciplinado; teimoso.

d) variante(s) da entrada? Não apresenta.

e) variante(s) da definição? Sim. Temos definições de caráter *analítico*, como lemos no verbete **açúcar**: Substância doce, solúvel na água, extraída da cana-de-açúcar e da beterraba.

É muito utilizada na alimentação.; Ainda há definições *enciclopédicas*, por exemplo,

Manaus: Capital do Estado do Amazonas, que se localiza na região Nordeste do Brasil.

Encontramos também definições *sinonímicas*, como em **acomodado**: quieto, parado,

tranquilo. E, por fim, há definições *descritivas* como é o caso da percebida na palavra entrada

lapiseira: Instrumento para escrever, composto por um tubo de metal ou matéria plástica, que contém um fino cilindro de grafite.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais? Os autores não determinam os critérios de distinção entre homonímia e polissemia. Podemos notar, portanto, que verbetes *homonímicos*, como **acordar**, tem distintas entradas; bem como verbetes *polissêmicos*, como **ponto**, também são colocados em entradas independentes.

g) marcas de uso? Como se classificam? Não apresenta.

h) indicação de área ou subárea de especialidade? Não apresenta.

i) contexto? (exemplo ou abonação?) Sim. Exemplos. Os exemplos são indicados em dois boxes: um para a sentença em Língua Portuguesa e outro para a sentença em Libras.

j) equivalente(s)? Sim. As entradas em Português trazem os equivalentes em Libras.

k) formação da palavra? Não apresenta.

l) indicação de pronúncia? Não há indicação de pronúncia da palavra em Português. Há um vídeo identificando a sinalização da palavra em Libras.

m) origem e etimologia? Não apresenta etimologia. Apresenta origem em um box no canto inferior direito da tela. Foi encontrada apenas a origem classificada como *nacional* para as palavras entrada.

n) divisão silábica? Não apresenta.

o) nomenclatura científica? Não apresenta.

p) remissivas úteis entre conceitos? Não aponta sistema de remissivas.

q) fontes? Não mencionado.

r) notas? Não apresenta.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Em parte. A maioria é constituída de um enunciado de uma só frase; porém, há definições sinonímicas e outras de caráter enciclopédico.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

O dicionário não indica o público a que a obra está direcionada. Assim, as definições não podem ser analisadas quanto ao nível de discurso do usuário. Porém, as definições são claras e de fácil compreensão;

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra? Sim. Para consulentes que procuram por léxico geral da língua em nível básico. Seria preciso, também, acrescentar um campo de indicações sobre como usar o dicionário e informações gerais sobre a produção e objetivos da obra.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra? Escolas, Cursos e suporte on-line.

AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Título: *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*

Autor: Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael

Editora: EDUSP

Edição: Segunda

Data: 2001

Local de publicação: São Paulo

Volume(s): Dois (Volume 1- sinais de A a L; Volume 2- sinais de M a Z)

1. Sobre a proposta lexicográfica da obra

SIM NÃO EM PARTES

1.1 É explicada de forma consistente? Em partes.

1.2 Explicita o nível de escolaridade a que se destina? Não.

1.3 Explicita o critério de seleção vocabular empregado? Não.

1.4 Indica o número total de entradas? Sim.

1.5 Indica o número total de ilustrações? Não.

1.6 Explicita o tamanho e tipo da fonte empregada? Não.

2. Sobre o guia do usuário

SIM NÃO EM PARTES

2.1 A obra traz um guia do usuário? Sim.

2.2 A linguagem utilizada é adequada ao público a que se destina? As informações são claras? Em partes.

2.3 São graficamente bem apresentadas? Em partes.

2.4 O guia traz informações suficientes para a orientação do usuário? Em partes.

3. Sobre a nomenclatura: a sequência de entradas

SIM NÃO EM PARTES

3.1 A obra tem seções para todas as letras, inclusive k, w, y? Sim.

3.2 A obra está isenta de saltos arbitrários, na sequência dos vocábulos? Sim.

4. Sobre a nomenclatura: o conjunto de entradas

SIM NÃO EM PARTES

4.1 Inclui campos temáticos do cotidiano infantil (jogos, brincadeiras, alimentos, vestuário, higiene, instrumentos musicais, saúde, habitação, escola, esporte, plantas, animais, lazer, eletrodomésticos, meios de comunicação, transporte, artes e espetáculos, etc.)? (Importante sobretudo para o tipo 2). Em partes.

4.2 Inclui domínios discursivos especializados (direito, jornalismo, informática, filosofia, folclore, religião, linguística, ecologia, educação, mitologia, ciências, artes, literatura, política, etc.)? Em partes.

4.3 Inclui empréstimos lexicais recentes e também não tão recentes? Em partes.

4.4 Inclui regionalismos? Contempla a diversidade do território nacional? Sim. Em partes.

4.5 Inclui locuções e expressões idiomáticas (como entrada ou subentrada)? Sim, algumas locuções.

4.6 Inclui vocábulos pouco usados e/ou em desuso? Sim.

AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS

Título: *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3.*

Autor: Guilherme de Azambuja Lira e Tanya Amara Felipe de Souza

Editora: Material não impresso.

Edição: Única

Data: 2011

Local de publicação: Rio de Janeiro (versão em cd)

Volume(s): Único

1. Sobre a proposta lexicográfica da obra

() SIM () NÃO () EM PARTES

1.1 É explicada de forma consistente? Não.

1.2 Explicita o nível de escolaridade a que se destina? Não.

1.3 Explicita o critério de seleção vocabular empregado? Não.

1.4 Indica o número total de entradas? Não.

1.5 Indica o número total de ilustrações? Não.

1.6 Explicita o tamanho e tipo da fonte empregada? Não.

2. Sobre o guia do usuário

() SIM () NÃO () EM PARTES

2.1 A obra traz um guia do usuário? Não.

2.2 A linguagem utilizada é adequada ao público a que se destina? As informações são claras? Em partes.

2.3 São graficamente bem apresentadas? Sim.

2.4 O guia traz informações suficientes para a orientação do usuário? Não.

3. Sobre a nomenclatura: a sequência de entradas

SIM **NÃO** **EM PARTES**

3.1 A obra tem seções para todas as letras, inclusive k, w, y? Em partes.

3.2 A obra está isenta de saltos arbitrários, na sequência dos vocábulos? Não.

4. Sobre a nomenclatura: o conjunto de entradas

SIM **NÃO** **EM PARTES**

4.1 Inclui campos temáticos do cotidiano infantil (jogos, brincadeiras, alimentos, vestuário, higiene, instrumentos musicais, saúde, habitação, escola, esporte, plantas, animais, lazer, eletrodomésticos, meios de comunicação, transporte, artes e espetáculos, etc.)? (Importante sobretudo para o tipo 2). Sim.

4.2 Inclui domínios discursivos especializados (direito, jornalismo, informática, filosofia, folclore, religião, linguística, ecologia, educação, mitologia, ciências, artes, literatura, política, etc.)? Em partes.

4.3 Inclui empréstimos lexicais recentes e também não tão recentes? Não.

4.4 Inclui regionalismos? Contempla a diversidade do território nacional? Sim. Em partes.

4.5 Inclui locuções e expressões idiomáticas (como entrada ou subentrada)? Sim, algumas locuções.

4.6 Inclui vocábulos pouco usados e/ou em desuso? Sim.

Como percebemos pelas indicações trazidas nas fichas, percebemos pontos positivos em ambos os dicionários analisados. Temos uma linguagem clara e de fácil compreensão, além de página impressa e eletrônica com acesso prático. No que diz respeito à seleção vocabular, embora nas duas obras o número de entradas não cubra exaustivamente a língua falada e escrita, temos unidades básicas do léxico geral da língua.

Nas obras em questão, as estratégias para a apropriação do sistema de escrita são observadas, pois as entradas estão organizadas de modo alfabético e exibem recursos gráficos que facilitam a organização, tais como palavra entrada em negrito, no caso do dicionário impresso e boxes específicos, no caso do dicionário on-line.

As obras contribuem para a prática de análise e reflexão sobre a língua e a linguagem, pois trazem relações entre as palavras através de processos como a sinonímia, antonímia e famílias de palavras. Além disso, aborda corretamente as informações linguístico-gramaticais das entradas.

Quanto à contribuição ao desenvolvimento da linguagem oral, apresenta informação fonética das palavras em Libras quando indica, seja através de ilustrações ou vídeo, a pronúncia dos sinais.

Nos dicionários analisados há elementos que colaboram para o processo de construção da cidadania. A maioria dos verbetes não apresenta preconceito. Assim, seus consulentes poderão encontrar definições livres de conceitos pejorativos ou desfavoráveis à cultura e à sociedade.

Vimos ainda que, embora tenham pontos positivos como os anteriormente elencados, as duas obras apresentam pontos falhos tanto na sua macroestrutura quanto na microestrutura, demonstrando que não estão totalmente em conformidade com as técnicas e critérios lexicográficos que são essenciais para a elaboração de um dicionário.

Na macroestrutura, o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3* não apresenta proposta lexicográfica e o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*, em sua proposta lexicográfica, não explicita o critério de seleção vocabular. Também não menciona o tamanho e tipo da fonte empregada. Quanto ao *layout*, verificamos que os critérios de formatação também não são identificados e recursos gráficos como o itálico estão em toda a descrição do verbete.

Apesar de contar com uma breve explicitação de “Como usar este dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue”, tal guia não traz informações suficientes para orientar satisfatoriamente o usuário. Também no guia do dicionário há uma informação linguística equivocada: ‘abrir os olhos’ é dado como gíria (p.47).

Outro ponto negativo a ser observado é que, embora a obra apresente unidades maiores que a palavra, não há nenhuma indicação de como o consulente irá proceder para encontrar as locuções ou as expressões idiomáticas.

O dicionário ainda utiliza como definição a acepção menos frequente, demonstrando pouca atenção às mudanças da língua, uma vez que os dicionaristas contemporâneos tendem a ordenar os significados com base na frequência de uso. A exemplo, observamos a definição menos usual de ‘**merenda**’ colocada na primeira acepção: “Refeição leve, geralmente entre o almoço e o jantar.”



merenda (inglês: *snack, afternoon lunch*):

s. f. Refeição leve, geralmente entre o almoço e o jantar. Lanche que as crianças levam para comer na escola. O que se leva em lancheira para comer no campo ou em viagem. Ex.: A mamãe preparou uma gostosa merenda e a colocou na lancheira para a criança levar à escola e comer durante o intervalo entre as aulas.

Fazer o sinal de **lanche**.

Fonte: Capovilla, Raphael (2001, p.892)

Além disso, a obra, por ter finalidade pedagógica, deveria recorrer a estratégias diversas de explicitação de sentido, contudo, não se nota a marcação de registro das palavras, como os critérios de formalidade e informalidade que são informações valiosas ao consulente.

A obra apresenta *círculos viciosos*, ou seja, define-se uma voz com outra que, por sua vez, é definida com a primeira (A=B; B=A). Assim, o consulente ao pesquisar o significado da palavra ‘**noivar**’, por exemplo, não obterá nenhum êxito em sua consulta devido à circularidade: a definição de noivar é determinada como “Contrair *noivado*”. No entanto, a lexia ‘**noivado**’ está indicada na mesma entrada de ‘noivar’. De modo que não é possível identificar um sentido através do outro.



noivar (inglês: *to become engaged*), **noivado** (inglês: *period of engagement that precedes matrimony*):

Noivar: v. int. Contrair noivado. Ex.: Eles estão noivando. v. int., v. t. i. Ficar noivo(a). Ex.: Minha mulher e eu noivamos por três anos antes de nos casarmos. Ex.: Minha irmã noivará com seu namorado antes de se casar. Noivado: s. m. Período entre o namoro e o matrimônio, em que são oficializadas as intenções e o compromisso de casamento entre futuros esposos. Ex.: O casal irá contrair matrimônio no fim do mês, depois de três anos de namoro e dois anos de noivado.

Fazer o sinal de **anel**, na mão direita.

Fonte: Capovilla, Raphael (2001, p.949)

Sabemos que todas as palavras que fazem do dicionário devem configurar nesse mesmo dicionário, a fim de evitar as *pistas perdidas*. Nesse sentido, outro ponto a ser observado nessa obra, bem como no dicionário on-line refere-se às *pistas perdidas*. Por exemplo, no dicionário impresso ao pesquisar a palavra **‘obeso’** encontrará a definição: “que possui obesidade, que tem excesso de tecido adiposo”. Entretanto, nem a palavra **‘obesidade’** nem a locução **‘tecido adiposo’** estão disponíveis no dicionário.



Fonte: Capovilla, Raphael (2001, p.967)

No dicionário on-line, ao procurar pelo verbete **‘revoltado’** temos uma definição sinonímica: “indignado, contrariado, inconformado”. Mas nenhuma dessas três lexias está registrada na obra.

LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011

Busca
 Palavra Exemplo Acepção Assunto
 Palavra: N°:

Ordem
 Alfabética Por assunto Mão
 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

Assuntos NENHUM	Palavras -- SELECIONE -- REVOLTADO	Mão 	Vídeo 
Acepção Indignado; contrariado; inconformado.	Exemplo Ele está muito revoltado com o pai dele.	Exemplo Libras EL@ REVOLTADOmuito P-A-I DEL@	Imagem 
	Classe Gramatical ADJETIVO	Origem nacional	

Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Observamos nessas obras alguns traços que indicam uma tendência ao ‘politicamente correto’. Contudo, não está isenta de preconceito. No dicionário impresso o verbete ‘manicure’ traz indicação de que é uma profissão exclusivamente feminina.



manicure (inglês: manicurist, manicure):
s. f. Profissional do sexo feminino que cuida das mãos e das unhas dos seus clientes, retirando a cutícula e aparando, lixando e esmaltando as unhas. Ex.: Pedi à manicure para pintar minhas unhas de vermelho.
 Mão esquerda horizontal aberta, palma para baixo; mão direita horizontal fechada, palma para baixo, dedos

Fonte: Capovilla, Raphael (2001, p.865)


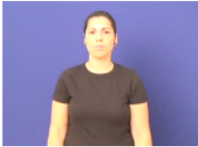

No dicionário on-line, a palavra ‘casamento’ ainda traz uma visão tradicionalista em seu significado, marcada pela expressão “união legal, religiosa ou apenas consensual entre homem e mulher; matrimônio”:

LIBRAS Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3 - 2011

Busca
 Palavra Exemplo Acepção Assunto
 Palavra: N°:

Ordem

 A - B - C - D - E - F - G - H - I - J - K - L - M - N - O - P - Q - R - S - T - U - V - W - X - Y - Z

Assuntos	Palavras	Mão	Vídeo
FAMÍLIA	CASAL1 CASAL2 CASAMENTO CASAR CASTIGAR CASTIGO		
Acepção União legal, religiosa ou apenas consensual entre homem e mulher; matrimônio.	Exemplo Sábado eu vou ao casamento de meu primo.	Exemplo Libras SÁBADO EU IR CASAMENTO PRIM@.	Imagem 
	Classe Gramatical SUBSTANTIVO	Origem nacional	

Fonte: http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/

Assim, findada a análise dos dicionários *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (2001) e *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais V3* (2011), notamos a presença de pontos positivos como uma seleção vocabular basilar, linguagem simples na maioria dos verbetes, boa fonte e bom espaçamento na impressão e na tela.

Contudo, em nossa avaliação geral, tais qualidades não fazem tal obra ser recomendada à base dos indicativos das ciências do léxico, uma vez que, por não ser elaborada por especialistas em dicionário, peca em pontos importantes para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita dos falantes.

Notamos que não houve grande preocupação com a macroestrutura da obra, pois no caso do dicionário on-line não há elaboração de uma proposta lexicográfica e, quanto ao dicionário

impresso, não se primou em elaborar uma proposta contendo todas as informações sobre a tessitura da obra, nem um guia completo com orientações adequadas aos consulentes.

Quanto à microestrutura, não houve cuidado com o paradigma informacional dos lemas que não receberam marcas de uso de modo exaustivo, separação de sílabas e etimologia das palavras. Os exemplos e ilustrações que serviriam para contribuir com a explicitação de sentido também trazem problemas. Além disso, apresentou quantidade significativa de definição sinonímica que deveria ser evitada, dada a pouca precisão.

Para concluir, ao final da análise dos dicionários, reforçamos que é preciso ter técnica ao confeccionar um dicionário, ou seja, conhecimento lexicográfico e, além disso, ter uma boa percepção da língua que é a manifestação da cultura de um povo.

Contudo, depois de todas as considerações a respeito das questões estruturais e de produção dessas obras, fica um levantamento mais importante: como será possível ao consulente surdo alcançar plenas habilidades linguísticas através de uma obra redigida e publicada em Língua Portuguesa, ou seja, uma língua estrangeira a esse público principal? Mais grave que todas as indicações críticas feitas na análise dessas duas obras referência é nenhuma delas trazer macroestrutura e/ou microestrutura em Libras. Sua produção está baseada na Língua Portuguesa restringindo a Libras a simples ilustrações ou vídeos somente referentes à palavra entrada. As informações gramaticais e linguísticas do lema, a aceção ou definição, os exemplos e outras informações sobre a lexia registrada aparecem exclusivamente em Português. De modo que podemos afirmar que o consulente surdo não se apropriará da totalidade das informações ali apresentadas.

1.6 O trabalho de Fernando Capovilla

No subtítulo anterior, trabalhamos com a análise de dois reconhecidos dicionários em circulação no Brasil. Um deles, o *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* (2001) de Fernando César Capovilla e Walkiria Duarte Raphael. Apesar das críticas pontuais a aspectos da obra, reiteramos a significância dos trabalhos desse autor. Para tanto, tomamos parte desta pesquisa para aportar informações sobre Capovilla e reiterar a importância nos estudos voltados à comunidade surda e sua língua.

Algumas informações coletadas em seu currículo Lattes nos indicam o envolvimento do profissional com a educação de surdos e reconhecimento da língua de sinais.

Sua longa formação culmina no título de Ph.D. em Psicologia Experimental pela Temple University of Philadelphia (1989), com medalha de Outstanding Achievement Award pela Pennsylvania Psychological Association. Dentre suas atuações, é livre Docente em Neuropsicologia Clínica pela USP (2000), com tese em Lexicografia e Lexicologia de Libras.

Ainda, é chefe do Centro de Atendimento Clínico em Distúrbios de Comunicação e Linguagem do IPUSP e Coordenador nacional de inclusão e alfabetização da Capes. Também é Coordenador do Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento do Escolar Surdo Brasileiro (Pandesb) financiado por CNPq, Capes, e Inep, que mapeou parâmetros normativos de desenvolvimento linguístico de 9.200 surdos de 15 estados brasileiros em compreensão de sinais de Libras, leitura alfabética, compreensão de textos, qualidade ortográfica da escrita, competência de leitura orofacial, e vocabulário em Português por leitura orofacial, e revelou que surdos se desenvolvem mais e melhor em escolas bilíngues. É Coordenador do Sistema de

Avaliação de Escolas de Surdos na Prova Brasil em Libras, no Observatório da Educação (consórcio Capes-Inep). Capovilla é autor de mais de 60 livros e de 400 trabalhos científicos e coautor de 200 sistemas especialistas de multimídia para diagnóstico, comunicação e reabilitação cognitiva em distúrbios neuromotores, neurolinguístico e neurosensoriais (surdez congênita profunda). Dentre suas publicações, citamos: o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Libras*, aqui analisado e ganhador do 2º lugar do Prêmio Jabuti, o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas mãos*, ganhador do 1º lugar em Ciências Humanas do Prêmio ABEU 2018; a *Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: O mundo do surdo em Libras*; o *Novo Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Libras*.

Todas essas referências recolhidas do currículo Lattes revelam-nos Fernando Capovilla como autoridade nos estudos Lexicográficos e Lexicológicos da Libras. É fato que suas realizações foram pioneiras e são determinantes para uma vasta e competente formação de profissionais da educação especial. Mais do que isso, suas pesquisas e obras motivam outras pesquisas, como esta, que ampliam, cada vez mais, o reconhecimento da Libras como língua legítima e insere os surdos em ambientes nunca antes alcançados, como os lugares de fala e acadêmicos.

Além de reconhecer as contribuições precursoras de Capovilla, esta pesquisa o identifica como um dos maiores representantes da Lexicografia da Libras no Brasil tanto pelo quantitativo de pesquisas relacionadas à área como pelo qualitativo dos resultados apresentados.

1.7 Os estudos surdos em Minas Gerais: UFMG e CEFET

A Universidade Federal de Minas Gerais é uma instituição de ensino de referência no nosso país e no mundo. A qualidade da instituição é reconhecida, de forma recorrente, por avaliações bem sucedidas de diferentes órgãos e setores educacionais. O alto índice de corpo docente qualificado com titulação de doutorado e dedicação exclusiva, bem como o rendimento dos alunos no Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) são alguns fatores que mantêm a UFMG entre as melhores no ranking de classificação das universidades públicas e privadas. Essa reputação também é realidade no curso de Letras. Segundo resultados do Enade 2017, divulgados em 2018, os cursos de Letras Licenciatura avaliados tiveram nota 4. Quanto à avaliação do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin), no ano de 2017, o parecer emitido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) destinou a ele conceito 7_ nota máxima da avaliação. Esse resultado expressa a excelência do programa constatada em nível internacional.

Os resultados otimizados revelam ser a UFMG uma instituição que acompanha as demandas educacionais do país. Uma delas tem a ver com os estudos surdos quando, a partir da Lei 10.436, de 2002; regulamentada pelo Decreto 5.626 de 2005, a Libras é reconhecida como língua oficial da comunidade surda brasileira e, então, novas demandas educacionais surgem com, por exemplo, a determinação da obrigatoriedade de disciplinas de Libras nos cursos de formação de professores, pedagogos e fonoaudiólogos. Em cumprimento da legislação, em março de 2008, surge a disciplina Fundamentos de Libras na Faculdade de Letras em modalidade presencial ministrada pela professora Rosana Passos. Nessa mesma época, a professora Elidéa Bernardino também complementa a equipe de Libras na FaLe oferecendo Libras A para aqueles alunos que tinham cursado Fundamentos. Porém, no tempo em que os cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia aderiram completamente às exigências curriculares estabelecidas para a nova matriz, deixou de haver possibilidade de manter um curso presencial com uma equipe

formada por duas professoras que os atendessem a todos. Assim, organizada por Bernardino, inicia-se, em 2010, a constituição da equipe e do conteúdo para a disciplina Fundamentos de Libras on-line. Em suporte on-line, a plataforma Moodle seria o ambiente virtual de aprendizado de Libras de grande parte dos alunos a quem a disciplina passou a ser exigida.

Segundo Bernardino *et al* (2014):

O planejamento e a implantação da disciplina trouxeram também uma nova experiência para a Faculdade de Letras, já que, pela primeira vez, era necessário ensinar uma língua espaço-visual a distância, o que demandou adaptação e incorporação de recursos diversos na composição dos materiais didáticos da disciplina. (BERNARDINO *et al.*, 214, p.3)

Embora o ensino de língua pelo ambiente virtual já fosse uma realidade em algumas disciplinas como Inglês Instrumental, o ensino de Libras a distância exige especificidades distintas por se tratar de uma língua de modalidade espaço visual. Assim, o uso da plataforma e ferramentas didáticas precisaram ser operacionalizadas de acordo com essa nova demanda pela equipe do Núcleo de Libras com apoio da Pró Reitoria de Graduação, do Laboratório de Ciência da Computação da UFMG (LCC/UFMG) e do Centro de Computação (CECOM).

Além de atender aos cursos solicitados pela Lei e Decreto, a disciplina Fundamentos de Libras também recebe alunos que se matriculam na oferta optativa da mesma, o que resulta em muitos alunos matriculados, por semestre, nas modalidades on-line e presencial. A disciplina tem as seguintes características e objetivos:

A disciplina LET.223 – Fundamentos de Libras on-line, com carga horária de 60 horas/aula (4 créditos) e com 15 módulos semanais, foi organizada da

seguinte maneira: 1) uma oficina presencial com um professor surdo para prática em Libras; 2) dois encontros presenciais referentes a uma aula introdutória e a prova final para avaliação dos conteúdos trabalhados ao longo do semestre; 3) doze aulas na sala de aula virtual com textos e atividades, a serem realizadas a distância, com um prazo de uma semana para a realização das atividades da semana, após a abertura de cada módulo.

Quanto à diversidade de seu alunado, para a proposição da ementa da disciplina levaram-se em consideração dois aspectos, o ensino de Libras, bem como a formação dos alunos dos cursos de licenciatura para atuarem na educação de alunos surdos e a formação de outros profissionais que atuarão junto à comunidade surda (BERNARDINO et al., 2014). Assim, as autoras descrevem que a disciplina foi organizada com foco em dois eixos que são (1) a formação teórica voltada para os aspectos linguísticos e educacionais da comunidade surda, com o objetivo de compreender a função da Libras na educação de alunos surdos e (2) a prática em Libras com o objetivo de desenvolver, no nível básico inicial, a competência comunicativa nessa língua de sinais. (PACHECO, 2019, p.78)

Além de Fundamentos de Libras, ainda passa-se, a partir das demandas de alunos, a ofertar a continuidade do conteúdo por meio das disciplinas Libras A, B, C e D. Sobre essas ofertas, Pacheco comenta:

Apesar de a ementa dessas disciplinas ser elaborada para os alunos do curso de graduação em Letras, que poderão atuar no ensino de surdos nas séries finais do ensino fundamental, os conteúdos também são importantes para o ensino da Libras nas séries iniciais do ensino fundamental e para a aprendizagem pelo ouvinte. (PACHECO, 2019, p.97)

Logo, o quadro de disciplinas de Libras ganha forma de modo a possibilitar a formação de alunos interessados nos estudos surdos nos aspectos linguísticos, educacionais e culturais. Introduzir todas essas disciplinas da Libras no quadro de ofertas da Faculdade de Letras trouxe resultados crescentes e surpreendentes. Para atender a essa demanda aumentada, inicialmente,

foi necessária a seleção de sete bolsistas de graduação, seis que atuariam como monitores e um como revisor dos materiais produzidos para a disciplina e auxiliar do designer instrucional. [...] Foram selecionados e formados bolsistas de graduação que cursavam na época as disciplinas presenciais em diferentes níveis. (BERNARDINO *et al.*, 2014, p.7)

A partir de 2012, a disciplina passa a atender a média de mil alunos por semestre. Em 2015, a faculdade recebeu mais de quatro mil pedidos para cursar Fundamentos de Libras on-line. A equipe inicial, portanto, precisa ser aumentada e passa a contar com três professoras, três bolsistas de pós-graduação, sendo duas professoras auxiliares e um designer instrucional e vinte e dois bolsistas de graduação.

Em novembro de 2018, foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFMG a criação do curso Letras-Libras, sem dúvida um marco para a comunidade acadêmica que passa a atender a uma minoria linguística que não tem o Português como língua primária. A professora Giselli Mara da Silva, coordenadora do Colegiado do curso é uma das responsáveis pela iniciativa dessa modalidade como graduação. Juntamente com ela constitui-se a equipe do núcleo de Libras a professora Elidéa Almeida Bernardino (coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Libras, Surdez e Bilinguismo - NELis), Guilherme Lourenço (doutor em Linguística Teórica e Descritiva), Michelle Murta (doutoranda em Linguística Teórica e Descritiva) e Rosana Passos (doutora em Linguística Teórica e Descritiva).

Em agosto de 2019, os 30 calouros do Letras-Libras foram recepcionados em uma aula inaugural do curso ministrada por Ana Regina Campello, professora do Instituto Nacional de Educação dos Surdos e do Programa de pós-graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão da Universidade Federal Fluminense e membro da World Federation of the Deaf (WFD). A apresentação do curso o define a partir de três eixos que incluem a linguística da língua de sinais, literaturas e formação pedagógica.

Além da formação cumpridora da Lei 10.436/2002 e Decreto 5.626/2005 referentes à Libras, o histórico dos últimos onze anos na Faculdade de Letras resultou em pesquisas significativas para a área. De acordo com o catálogo de teses e dissertações da Capes, totalizaram-se, a partir de 2008, ano que a primeira disciplina de Libras foi implementada na FaLe, vinte e oito teses e dissertações relacionadas ao tema Libras/surdos_ o que significa uma média de mais de dois trabalhos por ano. Sem dúvida, o cenário em que a principal Universidade do estado de Minas Gerais se propõe a estabelecer, demonstra competência, crescimento e excelência. Os resultados da formação de um número tão amplo de licenciandos e outros será definitivamente um impacto nos espaços sociais e educacionais nos quais os surdos estão. Especialmente a partir deste primeiro ano em que a modalidade Letras-Libras é ofertada, maior a expectativa quanto à formação de profissionais competentes, surdos e ouvintes, para atuar em ambas as comunidades linguísticas.

Outra menção importante no cenário de Minas Gerais é o Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais- CEFET/MG. Essa instituição centenária é o maior órgão de ensino tecnológico do estado. Seu objetivo é oferecer ensino qualificado e suprir a necessidade de mão de obra capacitada. De acordo com informações do site da instituição:

O CEFET-MG oferece ao seu aluno uma formação acadêmica completa, desde o técnico de nível médio até o doutoramento. Dentro da Instituição, estudantes de todos os níveis integram grupos de pesquisas, compartilham conhecimento e são orientados por um corpo docente apto e atuante em todas as camadas de ensino. O reconhecimento desse empenho do CEFET-MG é visto tamanho o investimento do Governo Federal e do Governo Estadual em bolsas para nossos pesquisadores. [...] Os técnicos certificados pelo CEFET-MG apresentam uma sólida formação científica e tecnológica, além de vivenciarem um ambiente que lhes propicia contato com as novas fronteiras do desenvolvimento e uma visão crítica da sociedade em que estão inseridos e na qual irão atuar. Mesclando tradição e inovação, os cursos técnicos do CEFET-MG auxiliam nossos alunos na sua formação para o mundo do

trabalho e as múltiplas possibilidades e demandas que a sociedade contemporânea nos coloca. (CEFETMG.BR>HOME>HISTÓRIA, 2019, s/p)

Podemos perceber a relevância sócio-educacional do CEFET-MG. Não por menos é considerado instituição referência e objeto de anseio de jovens aspirantes a uma carreira sólida embasada em um currículo de peso. Preocupando-se com soluções de acessibilidade e adoção de tecnologia assistiva, o CEFET-MG atende as demandas da Lei 10.436, de 2002; regulamentada pelo Decreto 5.626 de 2005 ao estabelecer projetos Bolsa de Iniciação Científica Júnior (BIC-JR) voltados para despertar nos surdos a vocação científica.

Os objetivos inicialmente estabelecidos foram: i) levantar os termos técnicos utilizados no desenho arquitetônico e a existência de uma tradução dos mesmos em Libras; ii) criar os sinais para os termos técnicos que não possuíam uma correspondência em Libras; iii) elaborar uma versão impressa e digital da obra terminográfica contendo os termos definidos. [...] A ideia é que professores e alunos tenham acesso a uma obra terminográfica técnica e a um manual em Libras voltado para a construção civil, possibilitando a viabilização de oficinas, de laboratórios, e de produção de novos materiais didáticos por parte dos professores relacionando teoria e prática. O projeto constituiu-se em um passo inicial para a melhoria do acesso dos alunos Surdos em cursos profissionalizantes. (LIMA, 2014, p.95)

A aplicação do projeto, iniciado em 2008, resultou na oferta de um curso de Desenho Arquitetônico para estudantes surdos do Ensino Médio de modo a contextualizar os sujeitos participantes bem como validar a utilização dos termos determinados no projeto. Os dados sobre as disciplinas desse curso, bem como a carga horária (C.H) destinada a cada disciplina, o número de profissionais envolvidos, locais de realização e voluntários (Vol.), número de alunos e observadores estão discriminados no quadro produzido por Lima (2014):

QUADRO 1

Validação Curso de Desenho Arquitetônico para estudantes surdos do ensino médio.
Mai/Nov. 2010

DISCIPLINAS 240 h/aulas	C. H	Prof	Locais de realização	Vol.	Total
Fundamentos Informática	20	02	E. E Maurício Murgel	01	02
Libras Instrumental	20	02	E. E. Maurício Murgel		02
Língua Portuguesa	20	02	E. E Maurício Murgel	01	02
Matemática	20	02	E. E. Maurício Murgel	02	02
Relações Interpessoais	20	04	E. E. Maurício Murgel	04	04
Tecnologia Construções	20	02	CEFET-MG Campus I		02
Desenho Arquitetônico	80	02	CEFET-MG Campus II	01	02
AUTOCAD : Desenho Auxiliado	40	02	CEFET-MG Campus II	01	02
Numero alunos	22			11	22
Numero de observadores	04				04
Alunos no mercado trabalho	02				44

Fonte: Lima, 2014, p.97

No que diz respeito ao *corpus* da pesquisa, ao constatar a falta de termos técnicos da área de Arquitetura na Libras, inicia-se a criação de tais sinais a partir de todas as especificações determinadas pelas ciências do léxico. O trabalho realizado ao longo do projeto vai além da formação de um compêndio de termos. Os resultados passam pela formação de estudantes surdos até então não conhecedores de conteúdos de disciplinas próprias de cursos técnicos, bem como de aspectos próprios da atividade de pesquisa acadêmico-científica_ um quadro inovador e relevante para a comunidade surda:

Faz-se importante salientar que o projeto BIC JR em questão consolida-se de maneira precursora na inserção de pessoas surdas no universo da pesquisa científica acadêmica. O projeto BIC JR propiciou um frutífero intercâmbio interinstitucional em prol da afirmação do processo de inclusão educacional, em específico, na criação de projetos de pesquisa. Um exemplo é o protocolo de intenções que será firmado entre CEFET-MG e UEMG – Universidade do

Estado de Minas Gerais, com o objetivo de proceder, através de docentes e discentes da área de Design Gráfico uma pesquisa que resulte na editoração, do glossário e do manual, voltadas para o público alvo. O projeto em questão também reforçou a afirmação da LIBRAS como língua pertencente a uma minoria lingüística.

O projeto possibilitou a veiculação de entrevista com os alunos surdos bolsistas, participantes do projeto, no telejornal “Jornal Visual” na Rede Minas, importante emissora de televisão de cunho educativo-cultural. O projeto despertou no corpo discente do Curso Técnico de Edificações do CEFET-MG discussões acerca da temática “pessoas com deficiência”. Nessa medida, atividades desenvolvidas na disciplina de língua portuguesa trataram da pessoa surda e com deficiência auditiva. Isto ‘posto, acredita-se que a inclusão de alunos surdos no CEFETMG possibilitou que os alunos ouvintes interagissem com naturalidade à presença até então inédita de alunos surdos. A contratação de um professor intérprete de língua de sinais para compor o quadro docente do CEFET-MG mostra-se como um forte reflexo social do projeto.

O CEFET-MG recebeu três prêmios no 1º Encontro de Jovens Pesquisadores, realizado pela Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec) durante a 5ª Feira de Inovação Tecnológica - Inovatec 2009. Na categoria ensino médio, o trabalho “Construção de um glossário técnico para adequação da linguagem instrumental em Libras para o ensino de desenho arquitetônico” ficou com o terceiro lugar. A premiação será entregue no dia 22 de outubro, na Cetec. Participaram 120 projetos das mais diversas áreas de 25 instituições mineiras. (LIMA; LEITE, 2009, p. 6,7)

Além de projetos que colocam o surdo e a Libras em evidência, pelo CEFET-MG, ainda tivemos, nos últimos anos, a produção de teses e dissertações centradas em pesquisar sobre a Libras, o sujeito surdo e sua cultura, além de metodologias para ensino a partir da Libras.

Considerar os feitos de instituições referências como as analisadas coloca o estado de Minas Gerais com pertinência no cenário nacional, no que diz respeito aos estudos voltados à Libras e ao sujeito surdo.

2. O LÉXICO DA LIBRAS

Toda língua possui características determinadas a partir das origens de sua constituição. Quanto ao histórico lexical do Português, Villalva (2007) traz uma figura como resumo identificatório das particularidades históricas de formação da Língua Portuguesa. A partir dessas características, analisaremos os processos de formação lexical da Língua Brasileira de Sinais.

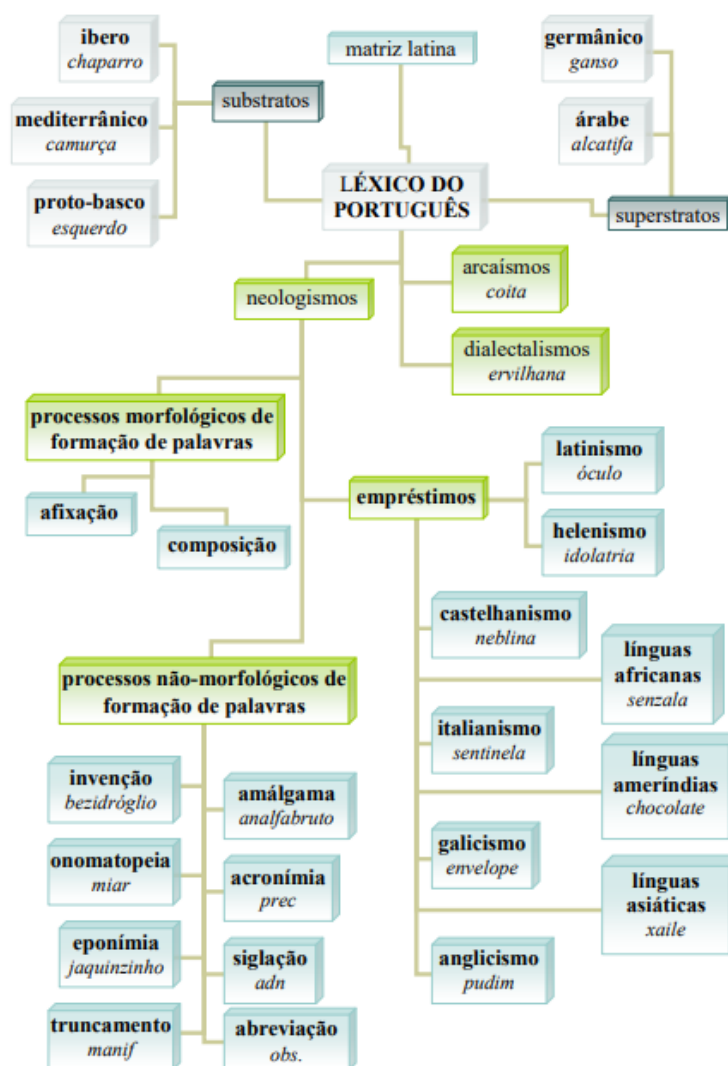


FIGURA 1 - Léxico do Português
Fonte: VILLALVA, 2007, p.65.

A autora define conceitos dos composicionais do léxico do Português e os exemplifica. Toda língua estará sujeita a especificidades conceituais semelhantes. Assim, podemos identificar o léxico da Libras a partir da consideração do léxico do Português ali descrito.

Inicialmente, temos as três principais características históricas do léxico da Língua Portuguesa, a saber, a base latina, os superstratos e os substratos.

Tal como a própria língua, o léxico do Português está ancorado no léxico latino e, em particular, no léxico do Latim falado no noroeste da Península Ibérica durante a vigência do Império Romano que, segundo Piel (1976), começa a se diferenciar do Latim falado noutras regiões por volta do século V d.C. Nem as línguas faladas nesta região antes da ocupação romana conseguiram subsistir à colonização linguística latina, nem as línguas dos posteriores ocupantes foram capazes de suplantá-la. (VILLALVA, 2007, p.40)

Embora a Língua Brasileira de Sinais ocorra estabelecida em concomitância no mesmo ambiente que a língua oral do país, não há dependência na formação lexical de ambas as línguas. Especialmente por estarmos tratando de distintas modalidades de percepção e execução, podemos afirmar não haver histórico latino na Libras. Nascimento (2009) concorda com tal afirmação:

Não são identificados radicais, nem desinências entre os itens emprestados da LP para a LSB. Tal ausência justifica-se pelo fato de as palavras emprestadas já estarem cristalizadas na LP e, portanto, quando emprestadas, não se fragmentam a não ser por letras. Portanto, sufixos e prefixos latinos não se destacam na LSB. (NASCIMENTO, 2009, p. 110)

Apesar de não termos evidência de influência da língua oral latina na Libras, pois línguas de sinais e línguas orais possuem estruturas de formação independentes, podemos evidenciar, na

Libras, um léxico de origem proveniente de outras línguas de sinais, especialmente da Língua de Sinais Francesa e da Língua de Sinais Americana.

A LSF tem um status particular entre as LS por razões históricas. Desde o início do século XIX, o método francês de educação de surdos, que implicava um ensino baseado no emprego dos sinais, foi difundido (por professores surdos e ouvintes) amplamente na Europa e na América. A LSF, por si, colocou-se em contato com as LS locais e criou-se, segundo diversos pesquisadores, a “família da LS francesa”, um grupo de línguas com ligação histórica. É notadamente o caso da ASL (LS americana), como também de outras línguas. (BLONDEL; TULLER, 2000, p. 30. Tradução nossa)¹⁵

O cenário de introdução de estudos para surdos no Brasil acontece em 1857 com a vinda de Eduard Huet, um surdo francês que, convidado por D. Pedro II, aqui desembarca com o objetivo de fundar a primeira escola para surdos no país. Isso não quer dizer que a Língua Brasileira de Sinais passou a existir a partir desse momento, pois, a existência de surdos e o fato de a língua de sinais ser uma língua natural nos permite afirmar que onde há surdos sempre houve língua de sinais. No entanto, é sabido que o estudo e ensino através de uma metodologia sistematiza a língua e a legitima pela sua descrição e registro. Como o principal instrutor de surdos brasileiros era de origem francesa, o contato entre ele e a comunidade no Brasil como que reformula e aprimora a Língua Brasileira de Sinais. São muitas as evidências de que tais influências existiram. Estudos de análise de metalexigrafia contrastiva apresentam regularidades no alfabeto manual da Língua Francesa e Língua Brasileira de Sinais, bem como em constituintes lexicais. Mais à frente no tempo, especialmente a partir dos estudos de Stokoe, na década de 60, temos uma ampliação significativa dos estudos das línguas de sinais. Esse estudioso relata

¹⁵ La LSF a un statut particulier parmi les LS pour des raisons historiques. Dès le début du XIXe siècle, la méthode française d'éducation des sourds, qui impliquait un enseignement reposant sur l'emploi des signes, a été diffusée (par des professeurs sourds et entendants) très largement en Europe et en Amérique. La LSF, elle-même, a donc été mise en contact avec des LS locales et il s'est ainsi créé, selon divers chercheurs, la «famille des LS française», un regroupement de langues ayant des liens historiques. C'est le cas notamment de l'ASL (LS américaine), mais aussi de nombreuses autres langues [...]. (BLONDEL; TULLER, 2000, p. 30).

evidências, em comparativo às línguas orais, de que a língua de sinais americana ganha estatuto de língua natural. Essa situação divulga amplamente a ASL e a faz instrumento de influência lexical em outras línguas de sinais.

Villalva (2007) descreve os substratos da Língua Portuguesa como sendo “vestígios das línguas pré-romanas existentes na Península Ibérica até o século II a. C.” (p. 40). De modo que podemos identificar, portanto, os substratos como sendo as características linguísticas e lexicais que se mantiveram no processo de transição interlínguas; a saber, as línguas pré-romanas e o conseqüente Latim, língua utilizada na Península Ibérica no período em que o Império Romano vigora. É fato que o caráter vivo da língua utiliza, descarta e recicla o léxico das outras línguas de contato. Assim são com as línguas orais e também com as línguas de sinais. Podemos concluir, logo, que a Libras, como qualquer outra língua natural, na forma como conhecemos atualmente, experimentou processos de mudança e permanência das características lexicais da(s) língua(s) que influenciaram no período anterior àquele da constituição da LSF, ou seja, aquela que podemos designar como sua matriz linguística e lexical; a saber, essencialmente, a Língua de Sinais Francesa.

Com base nas pesquisas já realizadas, não se sabe ao certo onde e como surgiram as línguas de sinais das comunidades surdas, mas consideramos que elas são criadas por homens que tentam resgatar o funcionamento comunicativo através dos demais canais, por terem um impedimento sensorial auditivo. Contudo a sua origem remonta possivelmente à mesma época ou a épocas anteriores àquelas em que foram sendo desenvolvidas as línguas orais. (ALMEIDA, 2013, p.26)

Especialmente por serem línguas cuja escrita data de períodos recentes, não encontramos registros de textos produzidos em períodos anteriores àqueles do início da sistematização da língua para fins educativos. Todavia, por se tratar de línguas naturais, podemos concluir sua existência em, minimamente, concomitância com as línguas orais do mundo todo. Quanto à

sistematização das LS, já podemos especificar datação do século XVI, quando, em um mosteiro, Pedro Ponce de Leon ocupa-se da educação de surdos. A percepção de outros pesquisadores atuantes na área nos oferece base que certifica a legitimidade dessa língua apesar da falta de precisão na data de sua gênese.

Mesmo todos os primeiros autores parecem estar de acordo sobre o caráter natural da linguagem utilizada pelos surdos. Bébian (1817:43) adverte que falará da “linguagem familiar dos surdos, que não lhes foi ensinada”. De l’Épée (1784:47) fala da “linguagem natural dos sinais, a qual os surdos e mudos são acostumados desde a infância”. Lambert (1865) precisa que “a linguagem de sinais” permite exprimir o abstrato. (BLONDEL; TULLER, 2000, p.31. Tradução nossa).¹⁶

Os superstratos da Língua Portuguesa são “as línguas faladas pelos ocupantes da Península Ibérica findo o domínio romano [que] também deixaram vestígios no Português” (VILLALVA, 2007, p. 40). Estabelecendo a relação para a identificar os superstratos da Língua Brasileira de Sinais e, considerando ser sua matriz linguística a Língua de Sinais Francesa, não denominamos os superstratos da Libras as línguas orais que eram faladas na França no período de gênese da LSF, já que por serem de distintas modalidades, a LSF não terá dependência do francês oral na sua formação lexical ou gramatical. No entanto, podemos especificar como superstratos outras línguas de sinais europeias como a Língua de Sinais Espanhola, por dois motivos: o primeiro é a questão geográfica. A proximidade dos países europeus permite contato e, por sua vez, uma efetiva apropriação linguística interlínguas. O segundo motivo deve-se ao empenho de pesquisadores que atuavam como professores de surdos e, ao desenvolverem metodologias para esse público, lançam para circulação materiais e teorias na língua de sinais do seu país. Esses

¹⁶ Même les tout premiers auteurs semblent être d'accord sur le caractère naturel du langage utilisé par les sourds. Bébian (1817: 43) avertit qu'il parlera «du langage familier des sourds, que personne ne leur apprend [...]». De l'Épée (1784: 47) parle du «langage naturel des signes, auquel les Sourds et Muets sont accoutumés dès leur enfance [...]». Lambert (1865) précise que le «langage des signes» permet d'exprimer l'abstrait. (BLONDEL; TULLER, 2000, p.31)

métodos chegam a tantos outros educadores e, naturalmente, surge uma relação entre a língua do locutor e do seu interlocutor.

Como ainda podemos perceber na figura que abre este capítulo, a neologia é outro recurso produtivo de influência no léxico de uma língua. Ferraz (2013) traz uma seleção de autores que a definem:

Por neologismo considero aqui o elemento resultante do processo de criação lexical (GUILBERT, 1975), a unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística (REY, 1976), o resultado tangível da operação de produção linguística inédita, isto é, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico, introduzindo-se no uso corrente ou socioprofissional (BOULANGER 1989: 202), ou, finalmente, como salienta Cabré (1993, p. 444): “unidades lexemáticas [nuevas] con capacidad referencial que pueden constituir una entrada de diccionario, ya sean unidades simples o formadas sintagmáticamente.” (FERRAZ, 2013, p.1)

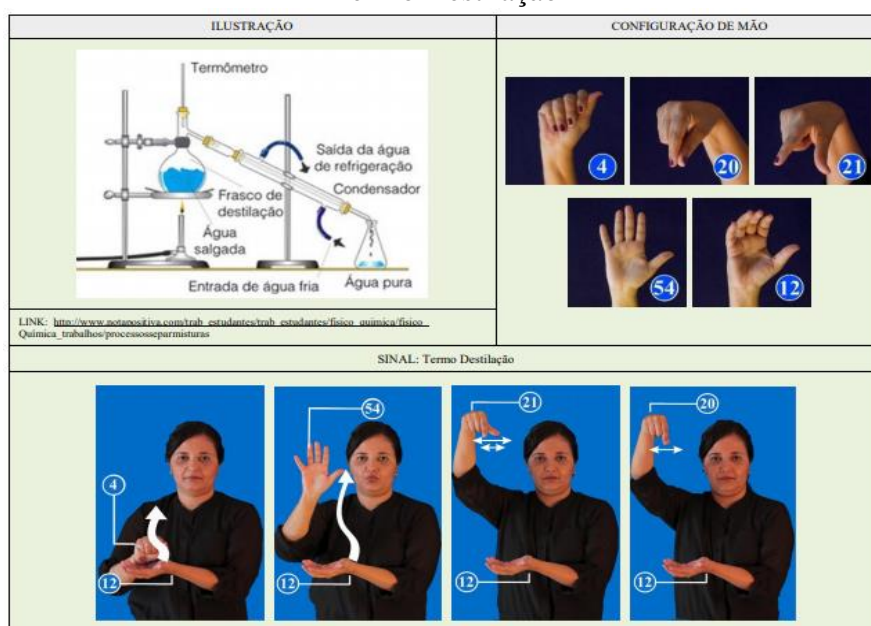
O conceito de nova unidade lexical inserida na língua funciona igualmente para as línguas orais e línguas de sinais. Ainda de acordo com Ferraz, é possível considerar basicamente três processos para incorporação de neologismos; a saber:

- a) neologia formal – a construção de palavras através de regras do próprio sistema linguístico, com a utilização de procedimentos formais internos no nível morfológico, sintático e fonológico;
- b) neologia semântica – a expansão de sentido, quando da reutilização, com novos significados, de unidades léxicas já existentes.
- c) neologia de empréstimos – a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos, as quais se podem apresentar adaptadas ou não à nova língua. (FERRAZ, 2007, p.54)

A título de exemplo, podemos considerar o processo neológico na Libras a partir de dois daqueles sugeridos por Villalva (2007) na sua imagem-esquema: a composição e o empréstimo.

A composição consiste em um processo de formação que ocorre pela “justaposição ou aglutinação de bases autônomas ou não-autônomas” (Ferraz, 2007, p. 59). Embora os processos de formação de palavras sejam semelhantes nas línguas orais e línguas de sinais, podemos perceber a independência dessas línguas de modalidades diferentes inclusive na produção de um mesmo item lexical. Exemplificamos com um item determinado e explicado por Marinho (2016):

QUADRO 2
Termo Destilação



Fonte: MARINHO, 2016, p. 70

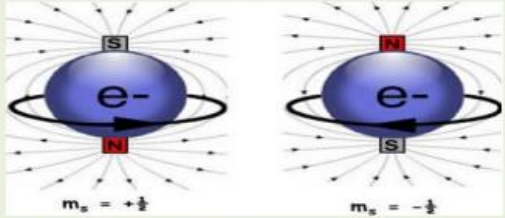


Consideramos o termo *destilação* um neologismo na Libras, já que não está descrito nos dois dicionários que nos servem de análise excludente; a saber, o Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira, de Capovilla e Raphael, e o Dicionário da Língua Brasileira de Sinais, de Lira e Souza, disponível em <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/>. Identifica-se a formação do termo a partir do processo de composição:

O processo em relação a esse sinal ocorreu por composição da UL GASOSO, contemplando a ideia de evaporação seguido da UL de GOTAS, remetendo ao processo seguinte, que se refere à condensação do gás, voltando ao estado líquido. [...] observou-se que [as] ilustrações apresentavam os instrumentos utilizados e como ocorre o procedimento do método de destilação conforme apresentado no quadro. (MARINHO, 2016, p. 69)

O termo em questão reforça a independência da Libras e do Português. A formação da palavra em Português, por exemplo, se dá por meio do processo de sufixação, enquanto que, em Libras, conforme indicado, pela composição. O conceito dos métodos de formação neológica são os mesmos para todas as línguas naturais. Cada língua, no entanto, utilizará desses processos de maneira independente e regular às normas linguísticas e lexicais do seu grupo.

O segundo mecanismo de formação lexical que ocorre em Português e também na Libras é o empréstimo. Ainda considerando o trabalho de Marinho (2016) encontramos o termo *elétron*, do campo semântico da química.

QUADRO 3
Termo Elétron

ILUSTRAÇÃO	CONFIGURAÇÃO DE MÃO
 <p data-bbox="363 1637 890 1653">LINK: http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/quimica/05-quatro-numeros-quanticos.htm</p>	
SINAL: Termo Elétron	
	

Fonte: MARINHO, 2016, p. 75

Segundo a autora:

A constituição desse termo teve como denominador para a sua composição a Simbologia determinada pela União Internacional de Química Pura e Aplicada (IUPAC), que denomina o uso da representação de um e. Essa formação apresenta em seu processo a transliteração do empréstimo de letra inicial e pelo empréstimo estereotipado, posto que em uma das CMs, especificamente a CMD, apresenta o símbolo matemático de carga negativa. (MARINHO, 2016, p. 74)

Alves (1984, p. 120), citando Humbley, define a neologia por empréstimo como “quando um elemento estrangeiro (expressão, conteúdo ou ambos) é utilizado numa determinada língua e passa a ser codificado por ela (15, p. 52).”. É esse o processo que percebemos na formação do termo *elétron*, já que a configuração de mão considera a letra inicial da palavra oriunda de uma língua oral.

Por último, ilustramos os processos linguísticos de construção de neologismo através da amálgama. Segundo Ferraz:

Amálgama diz respeito à mescla de duas bases, quando estas perdem parte de seus elementos para formarem uma nova unidade lexical. Pode-se dizer que dois elementos lexicais, com espaços definidos, fundem-se para servir de *input* na projeção de um terceiro espaço, onde ocorrerá a mescla. (FERRAZ, 2013, p. 1)

Um exemplo de neologismo na Libras formado através desse processo é o sinal do curso *Letras-Libras*, conforme aqui representado.



FIGURA 2: Sinal Letras-Libras

Fonte: Disponível em: <https://cs.ufgd.edu.br/vestibular/libras2019>.

Para criação dessa lexia, tem-se a redução dos sinais *letras* e *Libras* formando um terceiro sinal com conceito diferente dos dois sinais motivadores quando independentes.

Por fim, mencionamos o fenômeno do arcaísmo que, conforme determinado por Villalva (2007), é também um processo que determina características para o léxico do Português. Assim como se dá com a língua oral, o arcaísmo também se faz presente nas línguas de sinais e acaba por as reciclar, conforme a necessidade da comunidade linguística que representam. No caso da Libras, podemos identificar palavras arcaicas, isto é, aquelas que já não fazem mais parte do discurso recorrente e natural dos usuários dessa língua. Encontramos, em Diniz (2010), um exemplo. A autora identifica a lexia *café* datada de 1875 e também a atualmente utilizada. Para o primeiro caso, a ação motivadora para a formação do sinal é a da moenda do grão. Como essa ação começa a ser substituída pelo costume de adquirir o café já moído, a lexia começa a se distanciar do seu conceito, conduzindo a uma mudança linguística e lexical natural até que a primeira lexia se torne arcaica e uma nova surja em seu lugar.

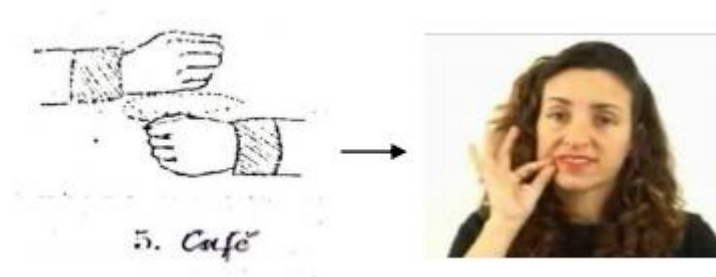


FIGURA 3: Sinal arcaico e atual para a lexia café.
Fonte: DINIZ, 2010, p. 43

As considerações a respeito da constituição lexical das línguas orais, representadas pelo Português, e das línguas de sinais, representada pela Libras, reforçam a identidade legítima das línguas de sinais e as desmistificam perante os aspectos fonológicos e lexicais. A partir da consciência definitiva que a Libras está fundamentada perante as ciências linguísticas e do léxico, podemos afirmar que o processo de formação de palavras é autêntico e parte das unidades mínimas da palavra a seguir descritas.

2.1 O processo de formação de palavras na Língua Brasileira de Sinais

Conforme definições de léxico trazidas no capítulo anterior, podemos afirmar que há, nas línguas de sinais, legitimidade nas suas lexias e nos processos de formação de palavras. Na compreensão mais comum de léxico como sendo, não apenas as palavras que compõe o rol de uma língua, mas também as regras gerais dessa língua que permitem a formação de novos itens, embasamos o léxico da Libras nesta categoria. Os recursos para que o léxico de uma língua

continue a se renovar a partir do momento que seja necessária a criação de novas lexias são campo de estudo da Lexicologia. Igualmente ao que acontece nas línguas orais, nas línguas de sinais as unidades do léxico compõem-se de morfemas que se unem na formação das palavras. Anteriormente a esse processo, no entanto, é preciso considerar a existência do fonema. Lemos a definição de fonema em Quadros e Karnopp (2007, p.18): “[fonemas] são segmentos usados para distinguir palavras quanto ao seu significado, através de traços distintivos.” Assim, a Fonologia, a partir dos fonemas, é explicativa e interpretativa no sentido de que “a análise fonológica busca o *valor* dos sons em uma língua, ou seja, sua função linguística (Massini-Cagliari e Cagliari, 2001, p.106)” (QUADROS e KARNOPP, 2007, p.18).

Nesse sentido, baseando-nos nos estudos de Willian Stokoe, na década de 60, passamos a especificar as unidades mínimas, os fonemas, na formação de palavras das línguas de sinais.¹⁷

A fonologia e a fonética são áreas da linguística cujo objeto de estudo são as unidades mínimas da língua de sinais (que correspondem aos fonemas nas línguas orais) que formam os sinais, as quais não têm significado isoladamente. A fonética descreve as propriedades físicas, articatórias e perceptivas das unidades mínimas, ou seja, os aspectos físicos dos sinais. A fonologia descreve a estrutura e a organização das unidades mínimas e as possíveis combinações entre elas. (PEDROSO, s/a, p. 1)

2.1.1 Configuração da mão

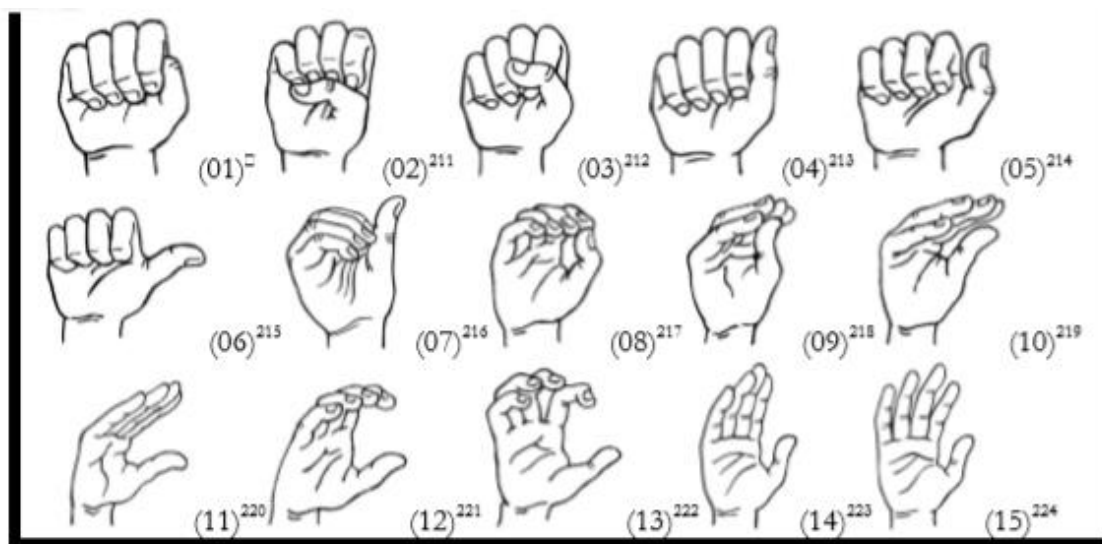
A configuração da mão é a forma que esta toma no ponto de partida da realização do sinal. Não é sinônimo do alfabeto manual, já que as configurações da mão extrapolam aquelas

¹⁷ [...] nos estudos atuais sobre as LS, os pesquisadores têm usado o termo Fonema para se referir, não somente aos sons de uma língua, mas também às unidades menores que compõem os sinais. (SILVA, s/a, p. 2)

representadas pelas vinte e seis letras. Neste trabalho, nos valem das 75 configurações da mão identificadas por Nascimento (2009) e divididas em dez grupos:

QUADRO 4

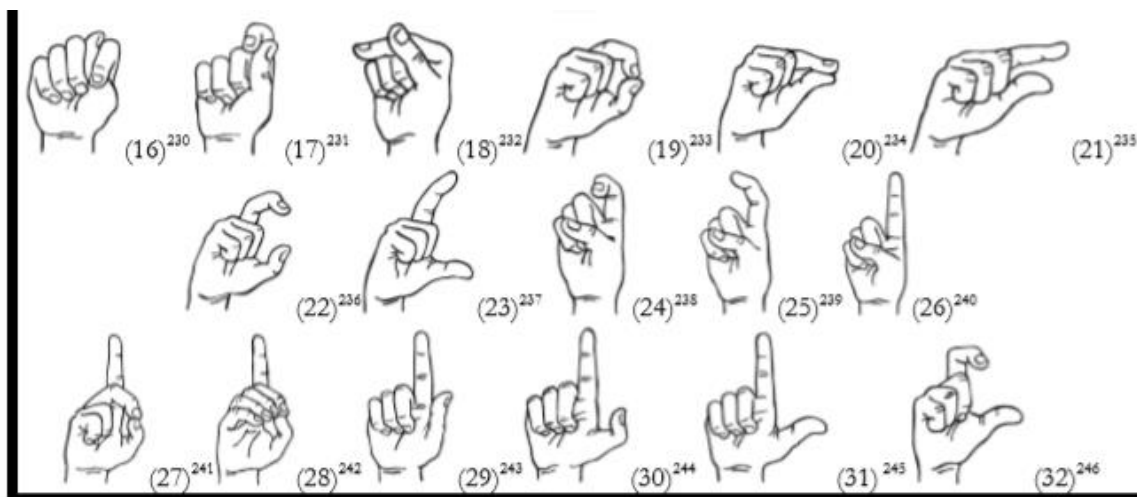
Grupo 1 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 177.

QUADRO 5

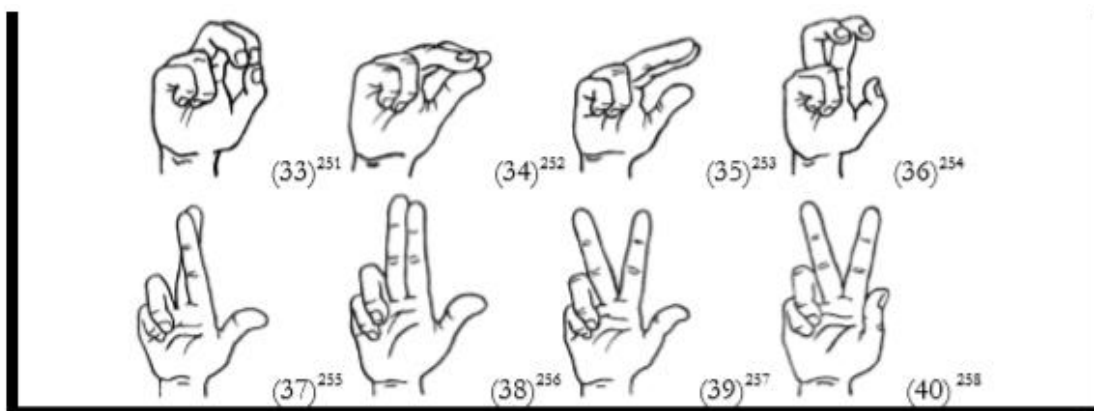
Grupo 2 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 178.

QUADRO 6

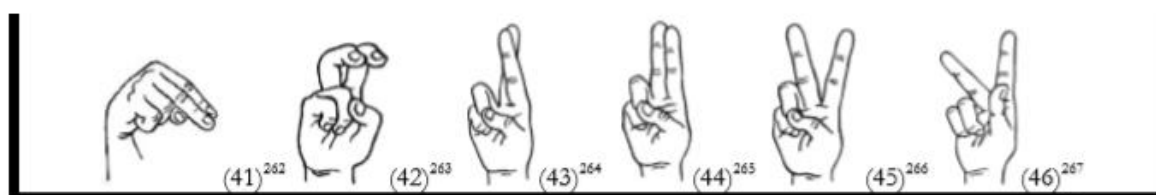
Grupo 3 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 179.

QUADRO 7

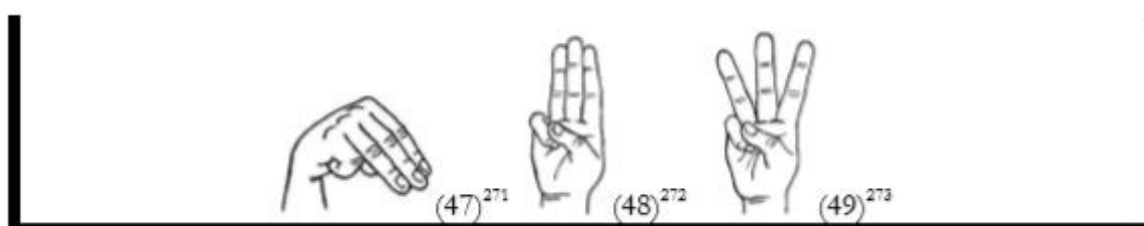
Grupo 4 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 180.

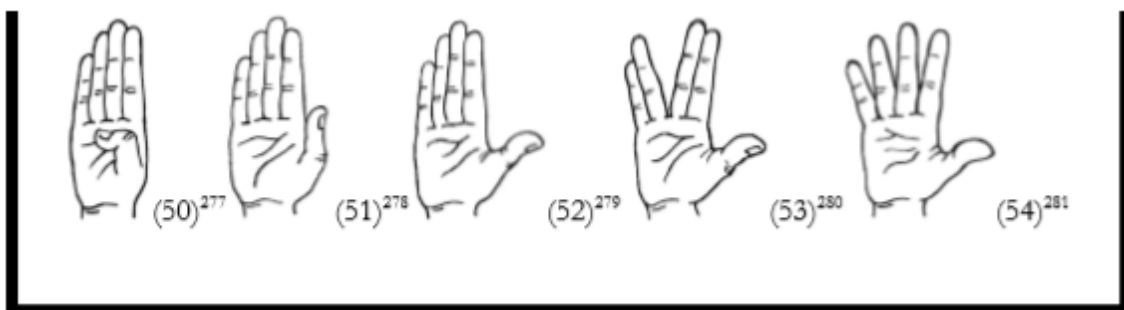
QUADRO 8

Grupo 5 de Configurações das Mãos



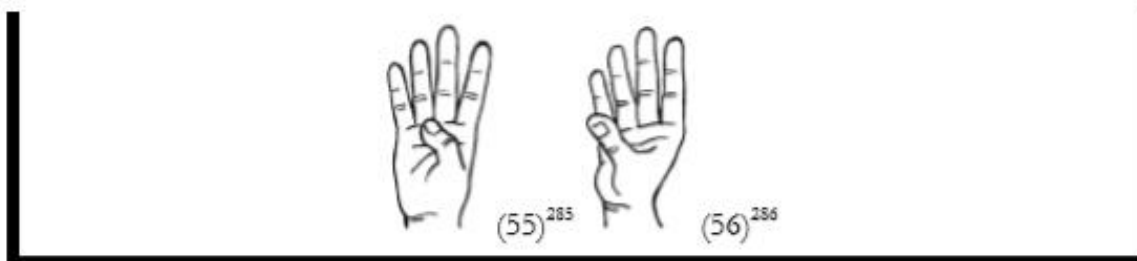
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 180.

QUADRO 9
Grupo 6 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 181.

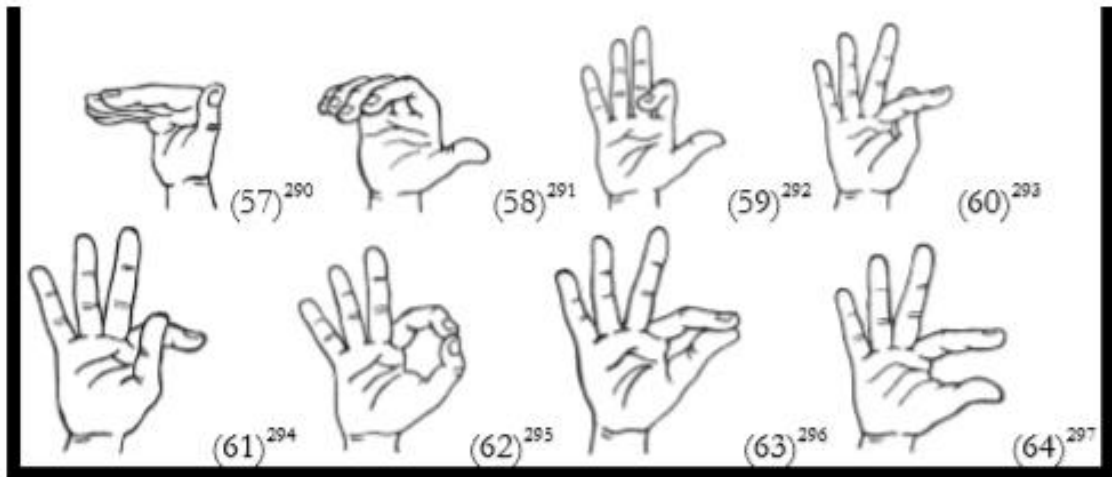
QUADRO 10
Grupo 7 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 181.

QUADRO 11

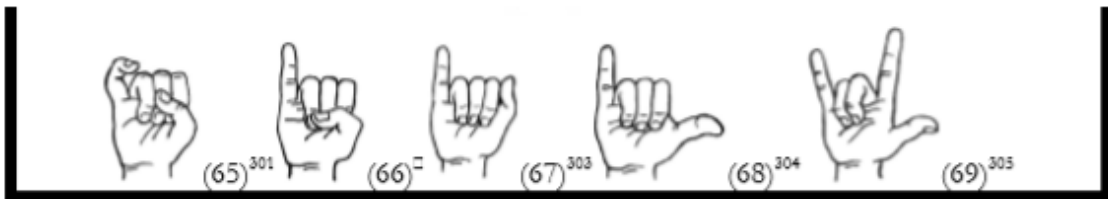
Grupo 8 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 182.

QUADRO 12

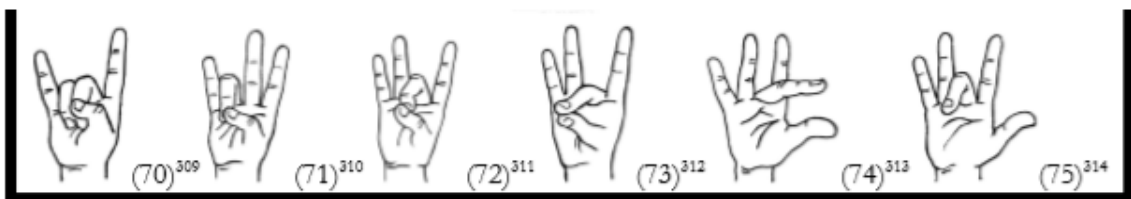
Grupo 9 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 183.

QUADRO 13

Grupo 10 de Configurações das Mãos



Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 183

O léxico da Libras combinará esse parâmetro fonológico a outros quatro na composição dos sinais. As unidades mínimas ocorrerão simultaneamente e modificar apenas uma delas pode alterar o significado do sinal, já que cada parâmetro tem característica distintiva.

2.1.2 Movimento

Esse parâmetro é exatamente aquilo que seu nome determina; isto é, relaciona-se ao modo como a mão do enunciador movimenta-se ou desloca-se para formar o sinal. Considerando Klima e Bellugi (1979), Karnopp (1999) define o movimento como “um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso e os movimentos direcionais no espaço” (p.41)

É, realmente, uma vasta rede de formas e direções que podem ser tomadas na elaboração de uma lexia. Por exemplo, Capovilla *et al.* (2001) descrevem os movimentos para realização dos sinais dentre cinco grandes grupos; a saber, o tipo de movimento, o movimento de dedo(s), a frequência ou intensidade, o movimento de corpo e o movimento de mão. No somatório dos movimentos que compõem cada um desses grupos temos, pelo menos, sessenta e oito movimentos descritos.

Utilizaremos, no entanto, para fins de utilidade desta pesquisa, os movimentos descritos por Nascimento (2009) determinados em quatro grupos: direção, modo, frequência, tipo e intensidade.

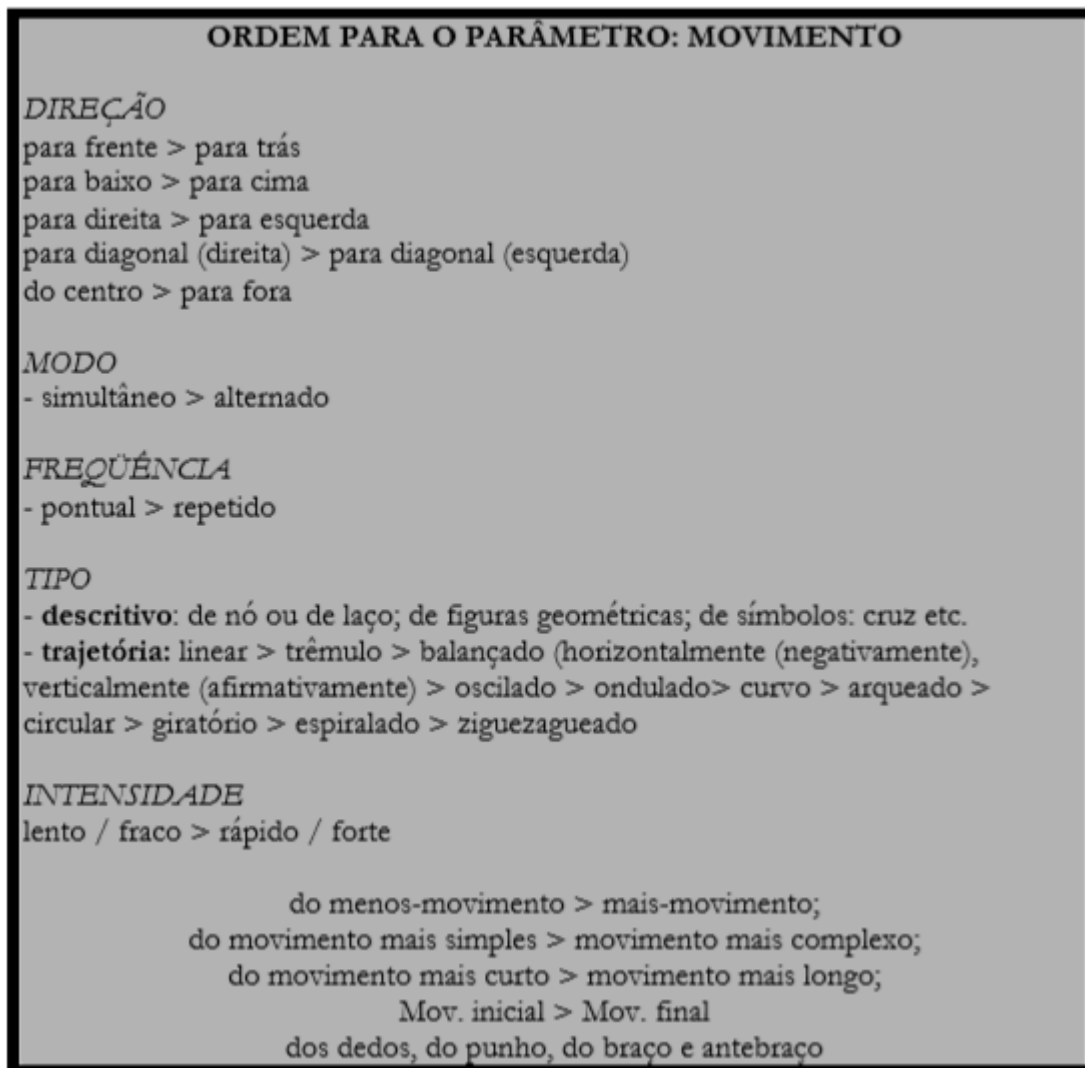


FIGURA 4: Ordem para o parâmetro Movimento.
 Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 203.

Embora o objetivo de Nascimento nessa apresentação fosse determinar a ordenação lexicográfica para o parâmetro, vale-nos os principais movimentos descritos pela autora. Assim como se dá com a configuração da mão, o movimento também é uma unidade mínima de traço distintivo. Por isso, caso na realização de duas lexias, o único parâmetro divergente entre elas seja o movimento, o significado de cada uma será, via de regra, diferente. É o caso de comparar os sinais que indicam verbos e nomes, os verbos direcionais, etc.

2.1.3 Ponto de Articulação

O ponto de articulação (PA) é a área no espaço ou no corpo do enunciador em que ou na proximidade dos quais os sinais são realizados. Esse parâmetro aparece em toda e qualquer produção lexical nas línguas de sinais. As pesquisas atuais indicam, pelo menos, trinta e seis pontos de articulação identificados e classificados na Libras. Normalmente, os sinais realizados em ponto de articulação semelhante ou nas suas proximidades são de mesmo campo semântico.

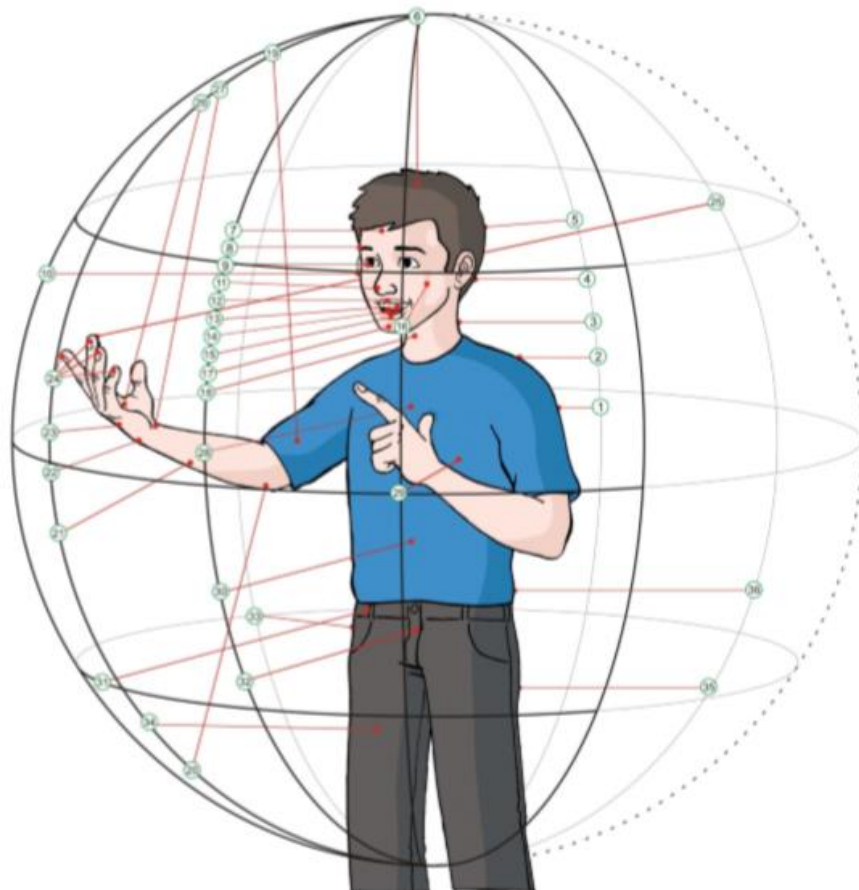


FIGURA 5: Ordem para os pontos de articulação.
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 196.

Da mesma maneira que os outros parâmetros fonológicos já especificados, o ponto de articulação também é definatório, já que, sinais elaborados com coincidência dos quatro parâmetros de formação em exceção do ponto de articulação, diferenciam-se nos significados.

2.1.4 Orientação da palma

“Por definição, a orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção dos sinais” (KARNOPP, 1999, p.49). O trabalho da referida autora reconhece como sendo seis as possibilidades de orientação da palma da mão a partir da definição de Marentette, 1995. Sendo tais:



FIGURA 6: Orientações de mão (Marentette, 1995, p. 204).
Fonte: KARNOPP, 1999, p. 270.

Ampliando o estudo, no entanto, temos, a partir de Nascimento (2009), sete direções básicas e, ainda, a possibilidade de não haver orientação da palma, nos casos em que os sinais não são realizados através de configuração de mão:

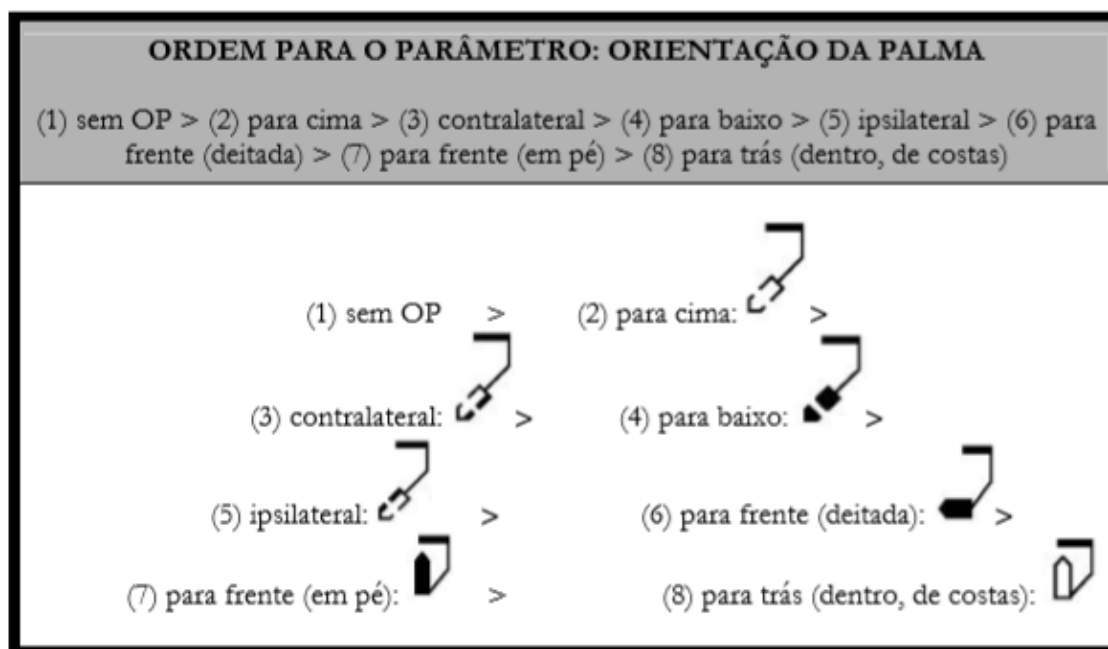


FIGURA 7: Representação das orientações da palma da mão.
 Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 198.

A partir das inscrições de Nascimento (2009), determinamos as orientações válidas para esta pesquisa. Mais uma vez, afirmamos que, como parâmetro fonológico da Língua Brasileira de Sinais, a orientação da palma também serve como unidade mínima de formação de palavras, já que a variação da mesma pode acarretar a existência de pares mínimos, isto é, lexias de sentidos diferentes e distintas apenas por tal parâmetro.

2.1.5 Expressões não manuais

Conforme a nomenclatura específica, as expressões não manuais fazem referência às unidades mínimas de formação de palavras que não são realizadas com as mãos. São os movimentos de olhos, face, tronco, cabeça, etc, que servirão para marcar as estruturas sintáticas como as interrogativas de resposta sim/não; as interrogativas compostas com QU-; e as topicalizações, isto é, “o recurso caracterizado pela marcação não-manual de elevação das sobrancelhas, além de uma pequena pausa entre o elemento topicalizado e o restante da sentença. Essa marcação tem como escopo somente o elemento topicalizado, sendo possível a ocorrência de outra marca não-manual na sequência, de acordo com o tipo de construção que segue. A marcação de tópico em toda a sentença é agramatical.” (QUADROS, PIZZIO, REZENDE, 2008, p.28).

Considerando o trabalho de Nascimento (2009), temos que as expressões não manuais são especialmente determinadas pelas sobrancelhas, olhos, boca, dentes, língua, lábios e bochechas. Acrescentamos o tronco e cabeça a essa lista proposta pela autora:

ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO FACIAL

ULs sem expressão facial > ULs com expressão facial (mais fechada > mais aberta)

- a) sobrancelhas franzidas > arqueadas;
- b) olhos fechados > olhos semi-abertos > olhos abertos > olhos arregalados;
- c) arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente;
- d) batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora;
- e) lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/ bico) > lábios semi-abertos (soprando / expirando / inspirando / abrindo e fechando) > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo;
- f) bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas.

Obs.:

- As EFs mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos.
- As EFs mais abertas estão associadas a sentimentos positivos.

FIGURA 8: Ordem para as Expressões Faciais.
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 207.

Às expressões corporais, a proposta da autora é determinar a ordenação das mesmas a partir do movimento e também da proposta dos Pontos de Articulação.

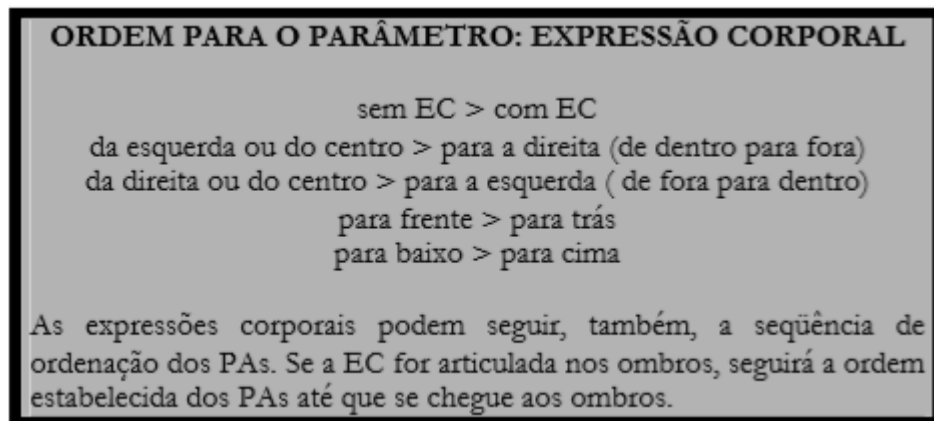


FIGURA 9: Ordem para as Expressões Corporais.
Fonte: NASCIMENTO, 2009, p. 209.

2.1.6 A lexicografia na Libras

A importância dos estudos lexicais não se reduz aos procedimentos de delimitação e seleção de palavras; a sua relevância também está no processamento lexicográfico que engendra importantes obras para a comunidade linguística. Para a comunidade surda tal relevância também deve ser considerada.

Cada língua se mostra de maneira diferente no que se refere à apropriação do léxico e à manifestação da linguagem. Para Zavaglia (2002, p. 233), “é o léxico que transmite os elementos de um conjunto de indivíduos; [...] é o léxico que permite a manifestação dos sentidos humanos, de suas afeições ou desagradados.” À vista disso, não é possível estudar o léxico de uma língua sem estudar a história de seus falantes. Por isto, é fundamental para os estudos lexicológicos a análise do léxico, pois possibilita a aquisição de conhecimentos históricos, comportamentais e habituais de determinado povo.

E, como mencionado anteriormente, a ciência que estuda as unidades lexicais é denominada como Lexicologia. (ORSI; SILVA, 2016, p.106)

Mesmo no período anterior ao reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais como língua legítima, já era possível identificar indícios que levariam a divulgar tal genuinidade. A produção, embora tímida, de obras lexicográficas, por exemplo, é evidência de aceitação linguística. O processo de análise e registro do léxico produz manuais sobre a manifestação linguística da comunidade além de, também, evidenciar a sua cultura e comportamento. Essa afirmativa pode ser justificada com a análise histórica das obras lexicográficas na Libras.

Estudos históricos dos compêndios lexicográficos da Libras identificam o manual de Flausino José da Costa Gama, *Iconographia dos signaes dos surdos-mudos* (1875), como sendo o primeiro de registro da língua.

No Brasil, o primeiro registro da Língua de Sinais Brasileira é datado de 1875. Foi intitulado *A Iconographia dos signaes dos surdos-mudos*. Trata-se de um manual ilustrado de autoria do surdo Flausino José da Costa Gama. Porém, Sofiato (2011) argumenta que o pioneirismo de Flausino é um mito, já que a obra não pode ser considerada original, enquanto que Flausino reproduziu fielmente as pranchas da obra de Pélissier. Para sustentar seu argumento, essa autora observa que a quantidade de sinais é a mesma (382) e que a indexação semântica também é muito similar à da obra de Pélissier. (MARTINS, 2012, p.33)

Ter sido o início dos registros da língua de sinais em território brasileiro embasado em uma produção de origem francesa corrobora a resultante proximidade lexical entre essas línguas, bem como introduz à comunidade surda receptora, em certa medida, um conteúdo estrangeiro com as características originais. Tal afirmação é justificada pelo caráter cultural que as obras lexicográficas possuem, já que, segundo Laface (1997), quanto à função cultural dos dicionários, os mesmos acabam por ser “a norma explícita da cultura da comunidade.”

O tesouro vocabular enquadra-se em um momento histórico da evolução da língua e dentro de uma determinada norma cultural, não definida apenas pela aceitabilidade de todos os termos e de todas as frases contidas no dicionário, mas nos enunciados constituídos pelo modelo sócio-cultural. Desse modo, os termos não se remetem apenas às palavras da língua, mas aos enunciados culturais, visão de mundo. (LAFACE, 1997, p. 169)

As obras de Pélissier e a de Costa Gama funcionam como manual lexicográfico e, portanto, as características de acervo cultural são coincidentes. Mesmo falantes nativos de uma comunidade linguística, representada por qualquer obra lexicográfica, poderão refinar seus conhecimentos socioculturais por meio daquilo que ali trazem como instrumento cultural. É esse também o ponto de vista de Giovannini *et al* (1996):

Um ensino da língua que tenha como objetivo capacitar o aluno para ser competente comunicativamente, deverá conceder um papel essencial ao componente cultural, como algo indispensável e indissociável da competência comunicativa. (GIOVANNINI *et al*, 1996, p. 34)

Tratando-se de produto de registro de comunicação, é importante reconhecer que a obra produzida por Pélissier traz, em si, componentes culturais da sociedade que representa. Quando Costa Gama copia as estampas *ipsis literis* para proporcionar a obra em Português, ele acaba por desconsiderar o critério cultural levado em conta pelo autor francês que seleciona e registra lexias a partir da compreensão, análise e escolha daquela comunidade linguística específica. Conseqüentemente, o resultado é a introdução e/ou reafirmação de termos e construções socioculturais, originalmente franceses, em circulação na comunidade linguística dos surdos brasileiros.

A percepção de uma postura lexicográfica relacionada ao trabalho francês também é mencionada por Sofiato e Reily (2012):

Flausino tinha consciência da possibilidade de ampliação dos sentidos de cada sinal a partir de acréscimos de outros sinais, formando sinais compostos. Entretanto, faltou uma revisão especializada para que ele pudesse se ‘descolar’ do original francês de modo a contemplar as necessidades da língua em uso. As palavras de Tobias Leite na apresentação revelam a intenção didática do material, porém, falhas como essa prejudicaram atingir os objetivos. (SOFIATO; REILY, 2012, p. 577)

Os mesmos autores mencionam um exemplo da desconsideração sociocultural por Costa Gama:

Vimos que Flausino (1875) insere nesse item o sinal de fogo. Na França, em virtude do inverno rigoroso, era aceitável e necessário ter em sala de aula uma lareira para aquecer o ambiente, e que, portanto, os alunos conhecessem o sinal de fogo, elemento indispensável para acendê-la. Entretanto, no Rio de Janeiro, próximo ao trópico de Capricórnio, com clima tropical (quente e úmido), com temperatura variando entre 20 °C a 27 °C, segundo Câmara (2009), o uso desses elementos em sala de aula é totalmente impraticável. Ao longo da obra ainda encontramos outros verbetes que se enquadram nessa mesma situação. (FLAUSINO; REILY, 2012, p. 578)

Assim, a lexicografia da Libras tem sua gênese a partir da referência de conteúdos estrutural, linguístico, gramatical, social e cultural da Língua de Sinais Francesa. A iniciativa de Costa Gama determina a legitimidade da língua de sinais e a divulga para a sociedade brasileira do século XIX.

Mais de noventa anos depois da obra de Costa Gama ser publicada, o padre Eugênio Oates lança o manual de Libras *A linguagem das mãos* (1969). Segundo Temoteo (2012, p.32), essa obra é “dividid[a] em 15 capítulos e possui 1.258 sinais, mais um capítulo dos *números* que contém explicações sobre os números cardinais, ordinais e como as combinações destes devem ser feitas para formar novos números.”

Faz-se necessário considerar que os estudos de Oates são contemporâneos aos do principal investigador da Língua de Sinais Americana e sua lexicografia; a saber, William C. Stokoe Jr. Por exemplo, em 1960, Stokoe publicara um artigo descritivo sobre a estrutura da Língua de Sinais Americana, já a classificando como sistema linguístico. Em 1965, ele e outros autores publicam o designado primeiro dicionário da Língua de Sinais Americana intitulado *A dictionary of american sign language on linguistic principles*. Tamanha deferência nos permite dizer que Oates conhecia e ponderava os trabalhos de Stokoe. Sendo também estadunidense, possivelmente Oates ainda conhecia a Língua de Sinais Americana, o que significa dizer que seu trabalho refletia as conclusões das recentes pesquisas de Stokoe e sua língua de estudo, a ASL. Por exemplo, Stokoe passa a descrever a composição das palavras em línguas de sinais em correspondência às línguas orais, no sentido de reconhecer que se constituem a partir de unidades mínimas. Para as línguas de sinais, denomina cada um desses constituintes como *quiremas*. Inicialmente, Stokoe destaca três: configuração das mãos, localização e movimento.

Para Stokoe, o alfabeto manual representava os símbolos alfabéticos e compartilhava semelhanças com as configurações das mãos, um dos elementos mínimos que formavam as unidades léxicas da língua de sinais. No sistema de notação recebeu o nome de *designator* com a abreviação *Dez*. As letras do alfabeto manual serviram como forma de representação gráfica dos *quiremas*. (MOREIRA, 2015, p. 86)

Essa organização de padrão proposta por Stokoe é percebida na obra de Oates ao descrever os sinais que compõem o seu *corpus*:

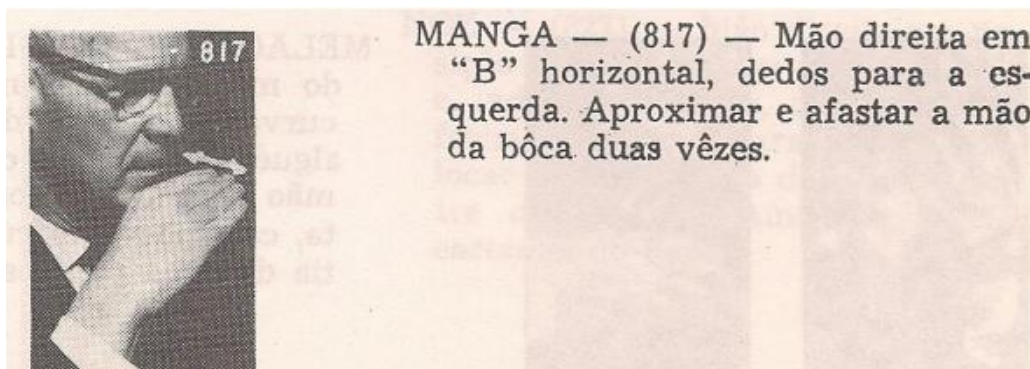


FIGURA 10: Sinal de MANGA.
Fonte: OATES, 1969, p. 189.

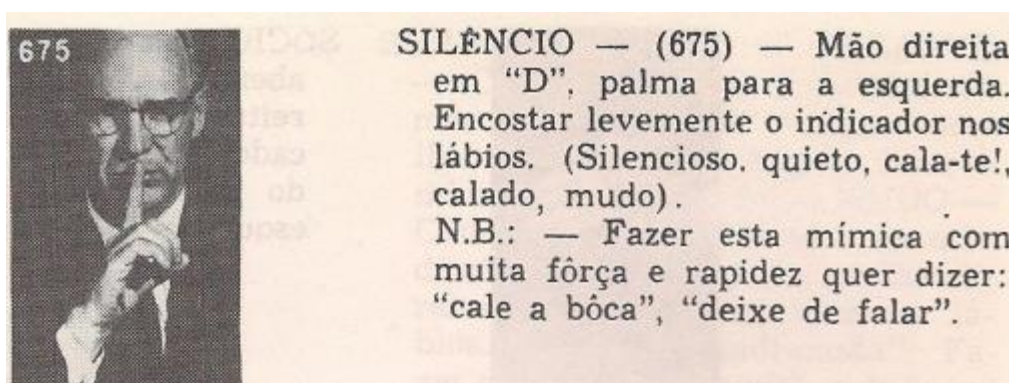


FIGURA 11: Sinal de SILÊNCIO.
Fonte: OATES, 1969, p. 153.

Como podemos perceber nas figuras acima, Oates já determina os sinais a partir a) da Configuração da Mão (proposta pela correspondência ao alfabeto manual): “mão direita em B horizontal”; “mão direita em D”; b) do Movimento (pela descrição do mesmo): “aproximar e afastar a mão [...] duas vêzes”; “encostar levemente o indicador [...]. Fazer esta mímica com muita força e rapidez”; e c) da Localização (pela indicação de onde o sinal será realizado): “[...] boca”; “[...] lábios”.

Percebemos, portanto, na lexicografia da Libras, referências estabelecidas com os pioneiros estudos americanos sobre as línguas de sinais. Essa suspeita baseada na análise do conteúdo das teorias se confirma quando encontramos, mais tarde, publicações de Oates e outros pesquisadores estadunidenses como autores de novas obras lexicográficas:

O segundo (Hoemann, Oates & Hoemann, 1981) é intitulado: *The sign language of Brazil*, e foi publicado nos Estados Unidos em 1981, em colaboração com pesquisadores de ASL e professores da comunidade luterana de Concórdia, no Rio Grande do Sul. Esse livro foi publicado originalmente no Brasil como *A linguagem dos sinais no Brasil*, mas a equipe teve acesso apenas à edição norte-americana. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 1998, p. 11)

Em 1981, surge um novo manual referente aos estudos da Língua Brasileira de Sinais. Desenvolvido por John Everett Peterson, um missionário americano Philosophy Doctor que, juntamente com sua esposa, Iva Jean Peterson, Doutora em Educação, se instalam em Fortaleza e, ali, iniciam a pesquisa sobre a Libras. Resultado das pesquisas e da prática de ensino dos surdos cearenses, Peterson produz o *Comunicação Total*, cujo objetivo era descrever sinais recorrentes no léxico geral da comunidade surda. Essa primeira edição compilou 490 sinais, sem ilustrações.

QUADRO 14

Exemplos das descrições dos sinais do livro *Comunicação Total*, Peterson, 1981.

4ª lição, Sinal 31: DIFERENTE (Peterson, 1981, p. 12).

31. diferente - as duas mãos em "R". De repente muda para "V".

6ª lição, Sinal 52: PADRE (Peterson, 1981, p. 19).

52. padre - faça o sinal da cruz com a mão direita em "U".

6ª lição, Sinal 56: TRISTE (Peterson, 1981, p. 19).

56. triste - abaixar as duas mãos curvadas, do queixo até a cintura palmas para cima.

6ª lição, Sinal 28: FERIADO (Peterson, 1981, p. 18).

28. feriado - os polegares das mãos abertas estão colocados em baixo dos braços, abanando os dedos.

6ª lição, Sinal 34: CHEFE, DIRETOR, PATRÃO (Peterson, 1981, p. 18).

34. chefe, diretor, patrão - a mão direita em "R" está colocada no lado direito da testa. Mover a mão para a frente um pouco.

Fonte: TEMOTEO, 2012, p. 41.

A partir da segunda edição (1987), a obra passa a se chamar *Comunicando com as mãos* e expande-se para 574 sinais. Além disso, as lexias começam a também ser ilustradas, além de descritas. Assim, a obra de 1987 conta com dois autores: John Peterson e Judy Ensminger, a ilustradora. Esse livro terá ainda, outras seis edições subsequentes à publicação.

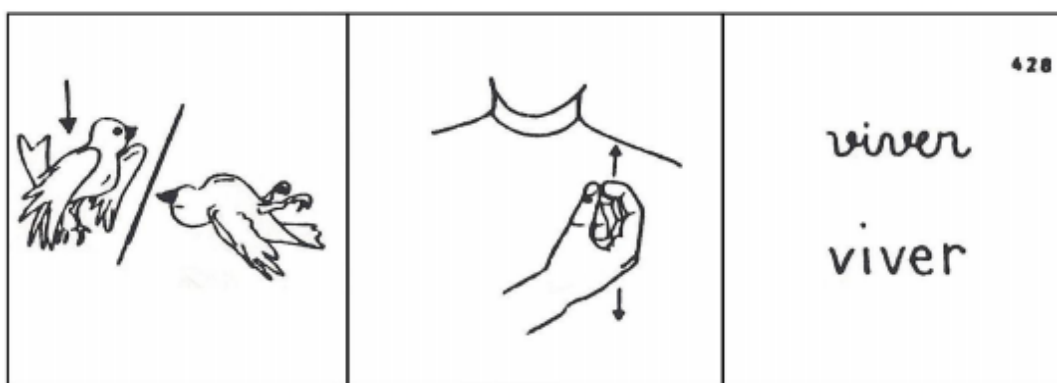


FIGURA 12: Sinal de VIVER.
Fonte: PETERSON; ENSMINGER, 1987, p. 113.

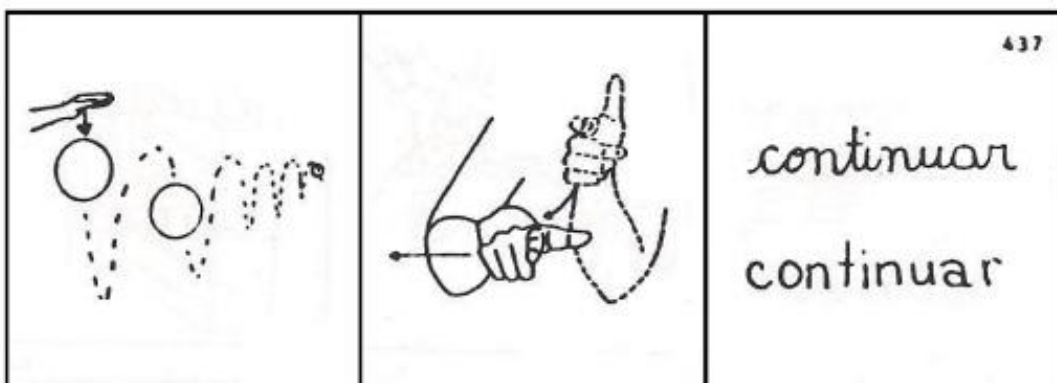


FIGURA 13: Sinal de CONTINUAR.
Fonte: PETERSON; ENSMINGER, 1987, p. 115.

Temoteo (2012) considera a disposição da obra:

A primeira coluna contém um desenho que ilustra o significado do sinal [...]. As ilustrações presentes no livro auxiliam principalmente aqueles surdos que não têm acesso à leitura e escrita. Na segunda coluna [está] o sinal propriamente dito. [...] As setas indicam o movimento das mãos [...]. Além das setas, o uso do pontilhado também foi usado para dar uma noção da ordem e (ou) do modo como os movimentos devem ser feitos. (TEMOTEO, 2012, p. 42)

Os autores Capovilla; Raphael e Macedo também descrevem as percepções sobre o mesmo compêndio:

Tal manual distingue-se dos demais em vários aspectos. Primeiramente, é o único a conter uma representação pictorial (i.e, ilustração) do referente (i.e, objeto) que cada sinal representa. É também o único a conter o nome escrita em letras cursiva e de forma. E, finalmente, é o único a não conter qualquer descrição da morfologia dos sinais (em termos de configuração das mãos, de local e de movimento envolvido. Assim, aparenta ser um manual de sinais básicos de sobrevivência para ser usado pelos próprios surdos com o propósito pragmático de comunicação imediata, bem como por professores de surdos para ensino de um vocabulário visual de palavras escritas e de sinais a crianças surdas. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 1998, p. 11,12)

A literatura americana continua a motivar estudiosos das línguas de sinais e, mais adiante, não foi diferente. Em 1998, Fernando C. Capovilla, Walkiria D. Raphael e Elizeu C. Macedo, juntamente com sua equipe, publicam o *Manual ilustrado de sinais e o sistema de comunicação em rede para surdos*, a fim de registrar a Libras do século XX. Os autores buscaram todos os manuais quanto pudessem encontrar para que, à base dessa pesquisa, inserissem na obra própria os sinais coincidentes nos compêndios já publicados. O grupo identifica três manuais; a saber, as obras de Oates (1969), Hoemann, Oates e Oemann (1981) e Ensminger (1987).

Além dos manuais de Libras, foram também selecionados manuais da ASL, para que as duas línguas tivessem seus sinais comparados, já que “o objetivo dos autores era elaborar um sistema de comunicação em redes que cifrasse os sinais de Libras para ASL e vice-versa, de modo a permitir a comunicação entre surdos norte-americanos ou canadenses e surdos brasileiros.”.

(TEMOTEO, 2012, p. 57). A autora ainda destaca a organização do material com um excerto dos próprios autores da obra:

O presente manual contém 1.515 sinais acompanhados de respectivas descrições morfológicas e arranjados em categorias semântico-gramaticais. A seleção dos 1515 sinais de LBS foi feita tendo em mente a disponibilidade dos 1.515 sinais correspondentes na ASL. Assim, a presente compilação representa a interseção de todos os sinais em comum encontrados em todos os manuais que a equipe do Laboratório de Neuropsicolinguística Experimental da USP foi capaz de encontrar na bibliografia. (CAPOVILLA; RAPHAEL; MACEDO, 1998, p. 12)

A descrição dos autores em relação à seleção das lexias já demonstra a escassez de materiais lexicográficos referentes à Língua Brasileira de Sinais. Em todo seu período de existência, até o século XX, não havia muito mais do que três principais obras de compilação do léxico. Além disso, mesmo dentre as existentes, não havia tratamento dos sinais em todas as categorias linguísticas como semântica, morfológica, sintática, pragmática, etc. O primeiro dicionário foi publicado em 2001 de autoria de Fernando Capovilla e Walkiria Duarte Raphael. *O Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira* foi publicado em dois volumes. É a primeira obra a ir além da grafia, em Português, da palavra a ser indicada e da simples descrição do sinal acompanhada de uma ilustração. Sua organização com verbetes em organização alfabética está da seguinte maneira:

Para cada sinal [... há] uma ilustração do significado do sinal, uma ilustração precisa da forma do sinal em estágios, a escrita visual direta dos sinais – *SignWriting*, os verbetes em Português e em Inglês que correspondem ao sinal, a classificação gramatical dos verbetes em Português, a definição do significado representado pelo sinal e pelos verbetes em Português e Inglês, exemplos de frases que ilustram o uso linguístico apropriado do sinal [e] a descrição detalhada e sistemática da forma como o sinal é feito. (TEMOTEO, 2012, p. 62).

Abaixo temos um exemplo de verbete:

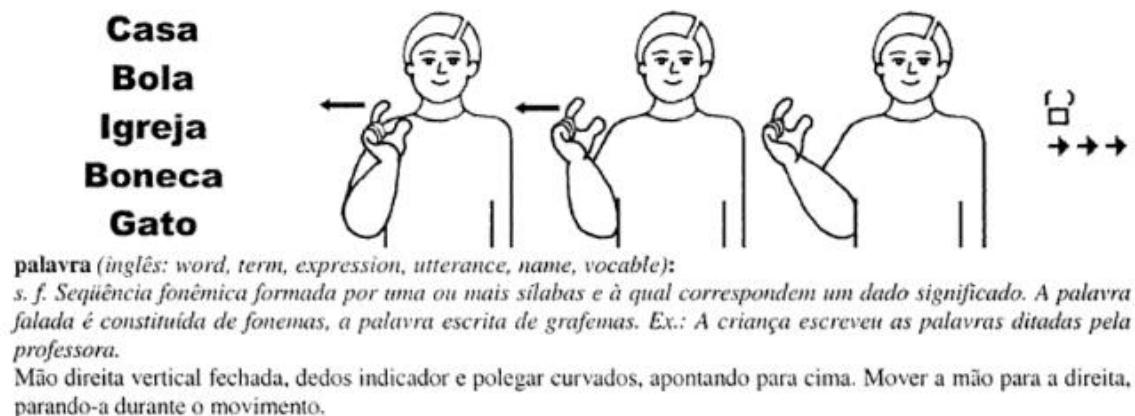


FIGURA 14: Verbetes de PALAVRA.
Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 996.

O dicionário conta também com capítulos que tratam de diversos assuntos relacionados ao tema da surdez e das línguas de sinais, como, por exemplo, abordagem à educação da criança surda; o Oralismo, Comunicação Total e Bilinguismo; *SignWriting*; o Implante Coclear; etc.

Em 2009, o *Deit-Libras* é continuado com o lançamento do *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Além de manter os autores da primeira edição, Fernando Capovilla e Walkiria Raphael, acrescenta-se a autora Aline Cristina Mauricio. O *Novo Deit-Libras* tem um *corpus* composto de 9.828 lexias catalogadas em forma de verbetes, incluindo, agora, variações linguísticas e sinais típicos de distintas regiões do país. Outras novidades são mencionadas por Temoteo (2012, p. 64): “[...] traz de novidade a soletração digital, o número de ilustrações (que pode ser de uma a cinco ilustrações por verbete) e a etimologia, que se subdivide em iconicidade e morfologia. [...] também ganhou uma nova capa.”.

O verbete está modificado, com algumas inclusões:

Os elementos que compõem o verbete do *Novo Deit-Libras* são: soletração digital, ilustrações: ilustração da forma do sinal e ilustração do significado do sinal, *SignWriting*, glosas em Português e em Inglês, validação geográfica dos sinais, classificação gramatical, definição, exemplos de frases que ilustram o uso apropriado de cada sinal, descrição do modo preciso como o sinal é realizado, descrição da etimologia (morfologia e iconicidade). (TEMOTEO, 2012, p. 65)

Abaixo, temos um exemplo do verbete do *Novo Deit-Libras*:



i n c l u s a o

inclusão (1) (sinal usado em: **SP, MG, MS, RS**) (inglês: *school and social inclusion and integration of people with special needs*); s. f. Estado de quem está incluso, inserido, metido, compreendido dentro de algo, ou envolvido, implicado em. Introdução de alguém em um grupo. Integração. Ex.: O processo de inclusão vem sendo aplicado em cada sistema social. Assim, existe a inclusão na educação, no lazer e no transporte, entre outros. (Mãos abertas, dedos separados, palmas para baixo, mão direita acima e atrás da esquerda. Mover a mão direita para frente e encaixar os dedos direitos nos dedos esquerdos.)



i n c l u s a o

inclusão (2) (sinal usado em: **RJ**) (inglês: *mainstreaming, school and social inclusion and integration of people with special needs*); Idem **inclusão (1)**. Ex.: Apesar de muitos países contarem com legislações que asseguram os direitos de todos os cidadãos igualmente, poucas sociedades estão preparadas para exercer plenamente a inclusão social. (Fazer este sinal **DENTRO**: Mão esquerda em **C** horizontal, palma para a direita; mão direita, palma para baixo, pontas dos dedos unidas, acima da mão esquerda. Mover a mão direita para baixo, colocando as pontas dos dedos dentro do **C** esquerdo.)

i n c l u s a o

inclusão (3) (sinal usado em: **CE**) (inglês: *mainstreaming, school and social inclusion and integration of people with special needs*); Idem **inclusão (1)**. Ex.: A inclusão social deve ser feita à luz dos direitos humanos. (Mãos abertas, palmas para cima, lado a lado. Girar as palmas para baixo e mover as mãos levemente para frente, aproximando-as.)



i n c l u s a o

inclusão (4) (uma pessoa) (sinal usado em: **SP, RS**) (inglês: *mainstreaming, school and social inclusion and integration of people with special needs*); Idem **inclusão (1)**, para uma pessoa. Ex.: A inclusão da menina surda na escola regular trouxe pontos positivos e negativos para o seu aprendizado. (Mão esquerda aberta palma para baixo, dedos separados; mão direita em 1, palma para baixo acima e atrás da esquerda. Mover a mão direita para frente e encaixar o dedo indicador nos dedos esquerdos.)

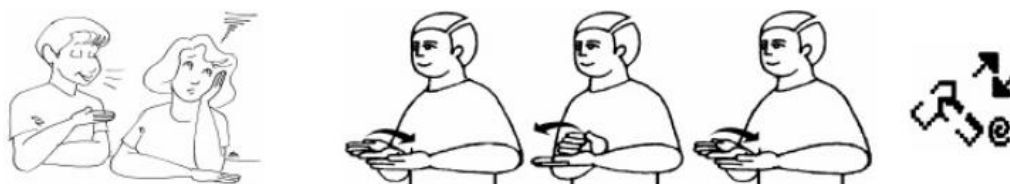


FIGURA 15: Verbetes de INCLUSÃO.

Fonte: CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001, p. 1262, 1263.

Os verbetes acima confirmam a preocupação dos autores em registrar distintas lexias referentes ao mesmo conceito. Esses registros corroboram o trabalho de levantamento realizado em vários estados do país, de modo a expressar, na obra, a realidade da comunidade surda o mais verdadeiramente possível.

Anteriormente à publicação do *Novo-Deit Libras*, é lançado, em 2006, o *Dicionário da Língua Brasileira de Sinais*, de autoria de Tanya Felipe; Guilherme Lira e equipe.

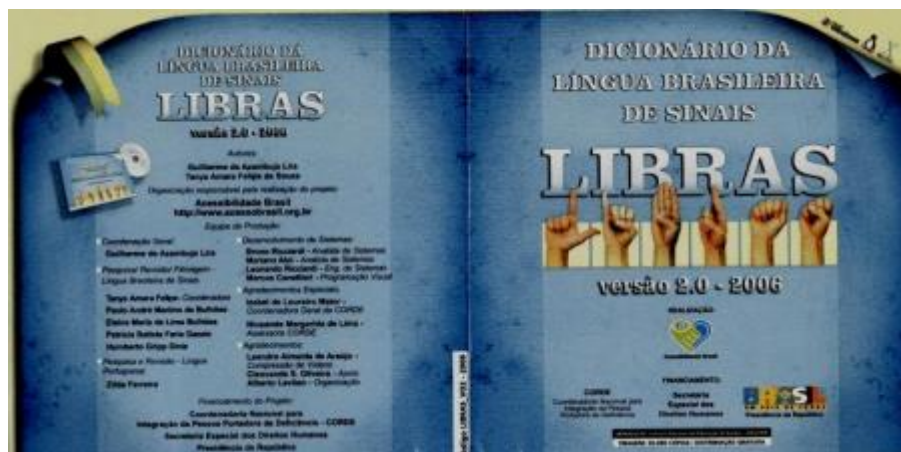


FIGURA 16: A capa do Dicionário da Língua Brasileira de Sinais.
 Fonte: DINIZ, 2010, p. 63.

Esta é uma obra virtual promovida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos e disponibilizada em CD-rom na versão 2.0. Nela, os consulentes podem fazer a busca pela lexia desejada através da ordenação alfabética, do campo semântico ou da configuração de mãos. A partir da primeira escolha, abre-se uma tela referente à palavra e, ali, são apresentados também a sua *acepção*; o campo semântico a que pertence, denominado *assunto*; a *classe gramatical*; a *origem geográfica*; um *exemplo* em Português, através de uma frase aparentemente produzida pela equipe, já que não há referência de um *corpus* de retirada e um *exemplo* em Libras, sendo esse último a transcrição da frase exemplo do Português. Há, neste dicionário um diferencial entre os até então publicados. Enquanto nos dicionários impressos os sinais são ilustrados ou desenhados, no dicionário digital do Ines a lexia em Libras é demonstrada por meio de um vídeo com a produção da mesma. Diniz faz referência ao dicionário:

Este dicionário foi produzido num período bastante diferente dos demais, em que a Libras progressivamente passa a gozar de estatuto linguístico e passa a ser abordada como uma língua na academia e na sociedade. Isso torna este dicionário mais completo e melhor elaborado, contendo mais de três mil sinais. O dicionário foi produzido por uma equipe mista de profissionais surdos e bilíngues, técnicos em desenvolvimento de sistemas, uma linguista e uma revisora de Língua Portuguesa. (DINIZ, 2010, p. 63)

A equipe de elaboração do dicionário, por conter efetivamente profissionais surdos, nos dá um cenário inédito na construção de materiais lexicográficos, pois, os principais manuais, até aqui analisados, foram produzidos por ouvintes conhecedores da Libras e/ou bilíngues. No entanto, não há menção de um lexicógrafo na equipe, o que justifica alguns problemas no conteúdo e estrutura.

O histórico das obras lexicográficas da Língua Brasileira de Sinais nos indica uma língua com repertório léxico pouco registrado. Pesquisas a respeito da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da Libras começam a despontar desde o período do primeiro manual publicado, no entanto, no que diz respeito a compêndios de vocabulários, glossários, dicionários, enciclopédias, etc, propriamente ditos, temos, basicamente, os volumes descritos nas páginas deste capítulo. Esse cenário reforça a necessidade de utilização das pesquisas teóricas da área a fim de elaborar compilações de registro efetivo da língua, não apenas para atribuição linguística, mas também como reflexo da identidade social e cultural da comunidade surda do Brasil.

3. PROPOSTA LEXICOGRÁFICA DO DICIONÁRIO e-DIC LIBRAS/PORTUGUÊS

3.1 Constituição do *corpus*

A pesquisa em questão tem por objetivo constituir uma proposta lexicográfica de um dicionário geral bilíngue Português/Libras/Português. Para tanto, a constituição do *corpus* da proposta será um tanto diferente da constituição do *corpus* da obra finalizada, já que, obviamente, a proposta lexicográfica trará apenas uma amostra do que constituirá o dicionário concluído.

Para estabelecer o *corpus* da proposta lexicográfica levamos em consideração os critérios elencados por Berber Sardinha (2004:18-19) que determinam princípios norteadores para compilação e exploração desse conjunto de dados. Primeiramente, concordamos ser o *corpus*

um [...] artefato produzido para a pesquisa. Assim, se por um lado os textos devam ser naturais (autênticos e independentes do *corpus*), o *corpus* em si é artificial, um objeto criado com fins específicos de pesquisa. Estes dois posicionamentos estão presentes: '*Corpus* é uma coletânea de porções de linguagem que são selecionadas e organizadas de acordo com critérios linguísticos explícitos, a fim de serem usadas como uma amostra da linguagem.' (184, p. 4) (BERBER SARDINHA, 2004, p. 17)

Assim, delimitamos um *corpus* de amostragem a partir de textos *propositais*, já que o coletado servirá ao propósito estabelecido pela autora desta pesquisa na construção de uma obra lexicográfica.

3.1.1 O *corpus* em Língua Portuguesa

O primeiro *corpus* definido foi o de Língua Portuguesa. Iniciamos por selecionar as coleções de livros didáticos das quais extraímos o *corpus*; a saber, todas as palavras de comando ali encontradas e termos tidos como essenciais no âmbito do conteúdo ministrado. Os critérios para escolha dos livros didáticos foram três: o primeiro, escolher obras selecionadas, analisadas e aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)¹⁸; o segundo, selecionar um livro didático referente a cada grande área de ensino, isto é, Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática¹⁹; e, terceiro, determinar quantos e quais livros de cada coleção seriam utilizados.

Para o primeiro critério, consultamos os Manuais dos Livros Didáticos, bem como os Guias do PNLD, disponibilizados pelo Ministério da Educação através da página na internet do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (<<http://www.fnde.gov.br/>>). Ali, encontramos os títulos analisados e aprovados e, dentre eles, selecionamos aqueles que foram utilizados nesta pesquisa. Para alcançar o segundo critério, escolhemos uma das disciplinas de cada grande área de ensino desta forma: Ciências Humanas: geografia, Ciências da Natureza: ciências, Linguagens: Português e Matemática: matemática. Para o último critério, delimitamos a

¹⁸ “O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública de ensino brasileira e iniciou-se, com outra denominação, em 1937. Ao longo desses 80 anos, o programa foi aperfeiçoado e teve diferentes nomes e formas de execução. Atualmente, o PNLD é voltado à educação básica brasileira, tendo como única exceção os alunos da educação infantil.” (Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/historico>> Acesso em: 04 abril 2018)

¹⁹ As quatro áreas de conhecimento são, inclusive, assim fragmentadas no vestibular unificado brasileiro denominado Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem. Cada área inclui as seguintes disciplinas: a) Ciências Humanas e suas Tecnologias - História, Geografia, Filosofia e Sociologia; b) Ciências da Natureza e suas Tecnologias - Química, Física e Biologia; c) Linguagens, Códigos e suas Tecnologias - Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação e d) Matemática e suas Tecnologias - Matemática.

observação dos livros didáticos referentes ao 6º e ao 9º ano do ensino fundamental, exatamente por se tratar do início e do fim dessa etapa letiva, sendo, então, possível uma análise progressiva do trabalho com o léxico nos quatro anos finais do ensino fundamental.

Os títulos são:

1) Projeto Teláris – Português 6º ano.

Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, Terezinha Costa H. Bertin e Ana Maria Trinconi Borgatto - Editora Ática, 1ª Edição. 2012.

2) Projeto Teláris – Português 9º ano.

Vera Lúcia de Carvalho Marchezi, Terezinha Costa H. Bertin e Ana Maria Trinconi Borgatto - Editora Ática, 1ª Edição. 2012.

3) Expedições Geográficas – Geografia 6º ano.

Melhem Adas, Sergio Adas – Editora Moderna, 2ª edição. 2015.

4) Jornadas.geo – Geografia 9º ano.

Marcelo Moraes Paula, Angela Rama – Editora Saraiva, 2ª edição. 2012.

5) Matemática Compreensão e Prática – Matemática 6º ano.

Ênio Silveira – Editora Moderna, 3ª edição. 2015.

6) Matemática Compreensão e Prática – Matemática 9º ano.

Ênio Silveira – Editora Moderna, 3ª edição. 2015.

7) Ciências da Natureza – Ciências 6º ano.

André Catani, João Batista Aguilar, Fernando Tapajós Roselino – Editora Moderna, 4ª edição. 2015.

8) Ciências da Natureza – Ciências 9º ano.

Ana Luiza Petillo Nery, Gustavo Isaac Killner – Editora Moderna, 4ª edição. 2015.

A seleção das palavras de comando e dos termos a compor o *corpus* não se deu pelo habitual critério de frequência, visto entendermos o livro didático como uma obra especial e diferenciada dos demais gêneros, pois atua como obra de orientação. Assim, pelo seu formato e metodologia de elaboração, não temos propriamente, por meios quantitativos, um reflexo da comunidade linguística que representa. Compreendemos tal condição pelas características intrínsecas às obras didáticas:

Uma pergunta interessante é se o livro didático constitui um gênero. Nossa resposta aproxima-se da tese defendida por Braga (2002) de que o texto didático é um gênero híbrido, que se constitui a partir de re-significações do discurso científico, didático e cotidiano. [...] O texto do livro didático é caracterizado por uma estabilidade léxica e gramatical, pela recorrência de certas estruturas de didatização de conteúdos (definições, exercícios, leituras suplementares, questões de compreensão etc.) e pela relação entre formatos

de apresentação e organização de atividades em sala de aula. O gênero didático corresponde, portanto, a tipos estáveis de enunciados elaborados na esfera social da escola. Para autores como François (1993 apud MELO, 1997), os gêneros podem misturar-se ou mimetizar-se. [...] O texto do livro didático é organizado a partir de uma diversidade de linguagens, a saber, verbal (texto escrito), matemática (equações, gráficos, notações), imagética (desenhos, fotografias, mapas, diagramas). Cada um destes diferentes modos semióticos pode ser considerado como mais ou menos apto para lidar com demandas comunicativas concretas (mostrar, descrever, explicar) e as relações entre eles podem ser de subordinação, complementação, oposição ou elaboração (KRESS et al, 2001; PICCININI; MARTINS, 2004). (MARTINS, 2006, p.125-127)

Conforme Martins (2006), um texto multimodal com estrutura de didatização é organizado de maneira a alcançar as necessidades da esfera escolar. Assim, as demandas às práticas dessa obra são elaboradas de modo a proporcionar os objetivos de cada série ou ano letivo. Portanto, embora sejam um artefato sócio-cultural, isto é, “suas condições sociais de produção, circulação e recepção estão definidas com referência a práticas sociais estabelecidas na sociedade” (MARTINS, 2006, p.124), os livros didáticos ainda refletem o conteúdo determinado para aquele período específico de formação do seu consulente _ limitando, assim, o que será ali abordado, mesmo que da maneira mais próxima possível que o autor encontre de refletir as práticas sociais daquela comunidade. De modo que optar pela escolha de um *corpus* a partir de considerações quantitativas limitaria o repertório às consideradas necessidades escolares do público ao qual o material se destina. Além disso, concordamos com Charaudeau:

A importância e o impacto de uma palavra (isto é, o efeito de sentido) não estão necessariamente ligados à sua recorrência. [...] O impacto das palavras não obedece necessariamente a um critério quantitativo. O importante é que elas se inscrevam numa certa rede discursiva e que façam eco a um sistema de expectativa mais ou menos consciente. (CHARAUDEAU, 2009, p. 60. Tradução nossa)²⁰

²⁰ L'importance et l'impact d'un mot (c'est-à-dire l'effet de sens) ne sont pas nécessairement liés à sa récurrence. [...] L'impact des mots n'obéit pas nécessairement à un critère quantitatif. L'important est qu'ils s'inscrivent dans un certain réseau discursif et qu'ils fassent écho à un système d'attente plus ou moins consciente. (CHARAUDEAU, 2009, p. 60)

Logo, nesta pesquisa, consideramos como *corpus* para elaboração da proposta lexicográfica todas as palavras de comando encontradas nas coleções analisadas e alguns dos principais termos das áreas de estudo determinadas, por julgá-las de primeira necessidade para os aprendizes do Ensino Fundamental em questão. No caso das palavras de comando, atuam como ponto de partida para detectar o conhecimento apreendido dos conteúdos trazidos pois, estão presentes na absoluta maioria das atividades referentes às unidades do material didático, bem como nas instruções avaliativas. Quanto aos termos selecionados, são concernentes aos conceitos abordados, portanto, de apropriação elementar.

Logo, determinamos ser de importância detectar se os alunos compreendem as palavras de comando e lexis específicas das disciplinas a fim de, caso sim, auxiliá-los no aprimoramento e desenvolvimento da competência lexical e, caso não, contribuir para a mudança de tal quadro. No que diz respeito aos alunos surdos, essa importância é ainda mais intensa por alguns motivos. O primeiro deles é o fato de a Língua Portuguesa não ser a L1 dos surdos. Como todo aprendiz de L2, portanto, a aquisição lexical se dá de modo um tanto quanto mais tardio e moroso. Essa morosidade é aumentada pela comum atitude familiar de priorizar tratamentos médicos à criança surda, em detrimento do desenvolvimento linguístico na sua L1, a saber, a língua de sinais.

Estudos estatísticos demonstram que cerca de 0,1% das crianças nascem com perda auditiva severa ou profunda, e 95% dessas crianças são filhas de pais ouvintes (Almeida, 2009). O diagnóstico de surdez leva a maioria das famílias, num primeiro momento, ao sentimento de luto pela morte simbólica de seu filho idealizado. (KELMAN; SILVA; AMORIM; MONTEIRO; AZEVEDO, 2011, p. 353)

A observação dos autores de que as famílias sentem luto por descobrir um filho surdo está de acordo com a realidade de que, pós a notícia, os pais ouvintes adotam a visão clínico-terapêutica da surdez, ou seja, os tratamentos com o sujeito surdo se dão a partir de processos de medicalização: reparação, reabilitação, normalização e correção se tornam os principais objetivos para aquele indivíduo. No entanto, a perspectiva exclusivamente relacionada à surdez como patologia enfatiza o déficit biológico sensorial e define o surdo como doentes reabilitáveis. Nesse caso, o processo educacional opõe-se à língua de sinais como elemento que identifica o surdo e possibilita seu desenvolvimento lexical, social, cultural e cognitivo. Alguns resultados disso são considerados por Negrelli e Marcon (2006):

Oliveira *et al.* (2004) constataram grande resistência familiar em aceitar e adotar a Libras dentro de casa. A resistência em usar uma língua diferente da sua nas conversas com o filho faz com que as mães praticamente realizem mímicas, não havendo desta forma nenhuma linguagem. Isto constitui um sinal de rejeição à condição da surdez, gerando conflitos emocionais no filho surdo. Segundo as autoras, a falta de comunicação também ocasiona dificuldades em compreender as necessidades do filho, bem como problemas na socialização da criança, levando, por vezes, ao surgimento de comportamentos agressivos. A ausência da linguagem própria para surdos dentro de casa gerará, deste modo, um pensamento apenas concreto, conceitos rudimentares, baixa sociabilidade, além de rigidez e imaturidade emocional. [...] Se não houver a sensibilidade [de reconhecer a língua de sinais como primeira língua do surdo], o conhecimento sobre o mundo e as operações cognitivas que se estabelecem serão limitados. Não haverá trocas simbólicas com o meio e nem identificação com seus pares, sendo isso indispensável para o fortalecimento da identidade da pessoa surda, originando problemas emocionais e influenciando sua personalidade. (NEGRELLI; MARCON, 2006, p.104,105)

Por conseguinte, fica claro que a situação cognitiva e educacional dos surdos é ainda mais delicada que a dos ouvintes. Consideramos: por meio de avaliações de larga escala, como a Prova Brasil, SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica), Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), etc, é possível diagnosticar dificuldades reais dos estudantes brasileiros submetidos a práticas educacionais por pelo menos uma década e provenientes de

núcleos familiares com vínculos comunicacionais suficientes para constituir internalização de significados e sentidos. Tanto mais haverá dificuldades para estudantes oriundos de famílias em que não existe um canal de linguagem comum e em que as relações interpessoais e linguísticas não foram desenvolvidas ou foram desenvolvidas tardiamente_ um panorama comum à maioria dos surdos em salas de aula atualmente.

Em comparando alunos surdos e ouvintes, contamos ainda com um léxico mental quantitativamente diminuído do primeiro grupo em consequência de, no mínimo, dois fatores; a saber, maior disparidade no que diz respeito ao acesso à escola e no que diz respeito à segmentação social. Lemos em Cukiercorn (2005):

[...] emerge o problema do atendimento do aluno surdo nos sistemas escolares brasileiros. Refletindo a segmentação social presente nos sistemas de ensino do país, os surdos oriundos de estratos superiores das camadas sociais tendem a frequentar classes comuns do ensino regular, apoiados pelo atendimento educacional especializado [e] possibilitado com o acesso facilitado aos sistemas privados de saúde e educação. [...] Já os surdos das camadas populares, [...] terminam não desenvolvendo uma escolaridade que possa ser considerada similar aos surdos com [melhor] poder aquisitivo. (CUKIERKORN, 2005, p.78-79)

A desigualdade se dá não apenas no confronto entre surdos e ouvintes, mas também entre os seus pares: considerações socioeconômicas se revelam elementares na análise constitutiva do panorama de escolarização do sujeito surdo. As autoras Resende e Lacerda (2013) trazem números que nos ajudam a considerar o cenário da educação dos surdos no Brasil.

Gráfico 1 - Matrículas de surdos e deficientes auditivos no Brasil.

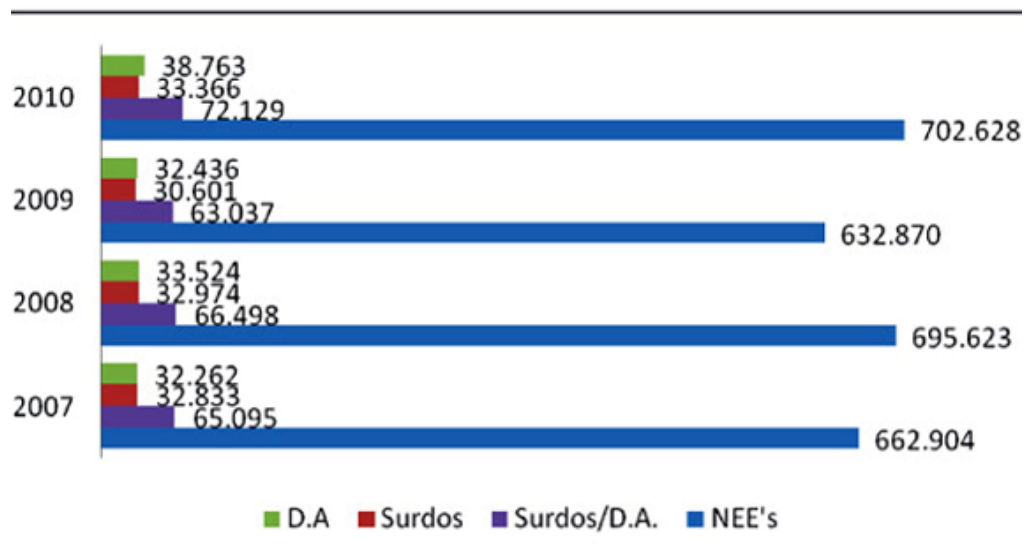


FIGURA 17 - Matrículas de surdos e deficientes auditivos no Brasil.
 Fonte: RESENDE; LACERDA, 2013, p.421.

De acordo com o postulado em gráfico, no ano de 2010, o número de surdos matriculados em todas as esferas educacionais (da pré-escola à educação profissional) soma pouco mais de 33 mil. Se incluirmos os deficientes auditivos essa quantidade chega na casa dos 72 mil. No que se refere à idade, o mesmo censo do ano de 2010 define que cerca de 1 milhão de deficientes auditivos são crianças e jovens até 19 anos. Assim, há, um número enorme de surdos em idade escolar que ainda não frequentam a escola. Um dos inúmeros resultados negativos dessa situação é a prevalência de uma comunidade com capacidade lexical menos desenvolvida.

Assim, possibilitar, através de obra lexicográfica, uma compreensão efetiva de lexias específicas daqueles conteúdos ministrados pelos professores de diferentes disciplinas, bem como de palavras de comando recorrentes, garante não apenas apropriação lexical, mas também a busca pela equivalência de uma realidade segregada, em especial nos ambientes denominados de educação inclusiva.

3.1.2 O *corpus* em Língua Brasileira de Sinais

A determinação e constituição do *corpus* em Libras se dá a partir daquelas já estabelecidas em Língua Portuguesa. As mesmas lexias e termos colhidos dos materiais didáticos em Português serão apresentados em Língua Brasileira de Sinais na obra lexicográfica proposta por esta pesquisa. Tal decisão justifica-se, primeiramente, por esses materiais didáticos que nos serviram de apoio para recolhimento do *corpus* ou outros semelhantes serem os que estão nas mãos dos surdos no cotidiano escolar. Ainda, os critérios já especificados na sessão anterior também são válidos aqui.

Uma ressalva a ser feita diz respeito à necessidade de criação de sinais em Libras para lexias que constituem o *corpus*. Percebemos que algumas unidades léxicas/sinais não estão presentes nos dicionários de língua geral que nos serviram de referência para análise; a saber, o *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira* (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001) e o *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais* (LIRA; SOUZA, 2005). As especificações sobre os critérios de formação de sinais serão abordadas em outra unidade desta pesquisa.

3.2 A Tipologia do e-Dic Libras/Português

Definimos a tipologia do dicionário a ser produzido a partir desta proposta lexicográfica por meio de critérios organizados por Haensch *et al.* (1982). Ao considerar cada um deles, é possível identificar a função deste novo dicionário e especificar características como seu público alvo e formas de utilização. São sete os critérios: formato e extensão; caráter linguístico ou enciclopédico; sistema linguístico em que se baseia a obra lexicográfica; número de línguas; classificação das obras lexicográficas segundo a seleção do léxico que registram; ordenação de materiais e finalidades específicas.

3.2.1 Formato e extensão

De todos os critérios organizados por Haensch *et al.* (1982) este é o único que não será aqui estabelecido haja vista estarmos trabalhando, inicialmente, com o número de verbetes que constituirá a *proposta lexicográfica* do dicionário e-Dic Libras/Português.

No entanto, objetivando uma obra que se aproxime, no que diz respeito à estrutura e organização, do denominado dicionário geral de língua, porém, que tenha como público os alunos dos anos finais do ensino fundamental (sexto ao nono ano), utilizamos como critério para estabelecer sua extensão, as normas do Programa Nacional do Livro Didático- Dicionários (2012).

O PNLD é um programa que visa subsidiar o trabalho pedagógico dos professores por meio de avaliação e ampla distribuição de coleções de livros didáticos e materiais complementares. O programa começa a tomar forma em 1929, quando o Instituto Nacional do Livro passa a legislar

diretrizes sobre o livro didático nacional. A partir daí, algumas mudanças na constituição dos órgãos responsáveis pelos tratos entre escola e material didático serão percebidas. Todavia, sempre com o intuito de aperfeiçoar a produção e distribuição de obras didáticas em circulação. Para tanto, em 1996 inicia-se o processo de avaliação pedagógica dos livros que farão parte do acervo do PNLD. A partir dessa data, todos os materiais inscritos devem estar livres de erros conceituais, de incoerência, desatualizações, preconceito, etc.

No ano 2000, o PNLD é ampliado ainda mais, pois, a partir de 2003, todos os estudantes do ensino fundamental de rede pública passariam a ter acesso ao dicionário como parte de seu material pedagógico. Assim, surge a necessidade de o programa promover especificidades sobre os dicionários, além daquelas determinadas para os livros didáticos.

Ao apresentar a proposta de distribuição dos dicionários, o Programa Nacional do Livro Didático publica, em 2012, a apostila *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*. Nela, estão inscritos conceitos e características dos dicionários, função dessas obras, critérios de classificação das mesmas e propostas de atividades utilizando o dicionário que, “inicialmente, procuram levar o aluno a (re)conhecer o que é um dicionário e para que serve; [e] num segundo momento, desenvolvem a sua proficiência em localizar a palavra procurada.” (BRASIL, 2012, p. 45)

Sendo o PNLD-Dicionários um programa avaliador dos dicionários escolares em circulação no país, seguiremos os critérios de classificação ali prescritos ao definir a extensão do dicionário e-Dic Libras/Português. Como dito, ao definirmos o e-Dic Libras/Português como um dicionário aos moldes de um dicionário padrão e, cujo objetivo seja auxiliar alunos a partir do sexto ano do ensino fundamental, definimos, para ele, uma extensão de mínimo de 19 mil e máximo de 35 mil verbetes, conforme estabelecido pelo Ministério da Educação.

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

FIGURA 18 - Tipos de dicionários.
Fonte: BRASIL, 2012, p. 19.

Segundo Haensch *et al.* (1982, p.127. Tradução nossa.): “Para formar uma ideia exata de uma obra lexicográfica, é necessário indicar seu formato (por exemplo, 20 X 15 cm.), o número de volumes, o número de páginas de toda a obra (ou de cada volume) e o número de entradas registradas.”²¹ Nesse caso, portanto, temos um dicionário de formato eletrônico, em volume único, cujo número de páginas, se aparentes na mídia digital, e de entradas registradas serão determinadas a partir da definição do *corpus* por completo.

3.2.2 Caráter linguístico ou enciclopédico

²¹ “Para formarse una idea exacta de una obra lexicográfica, hay que indicar su formato (por ejemplo, 20 X 15 cms.), el número de tomos, el número de páginas de toda la obra (o de cada tomo) y el número de entradas registradas.”

A partir das definições estabelecidas por Haensch *et al* (1982) determinamos que esta proposta lexicográfica resultará em um dicionário de caráter linguístico, pois corresponde a atribuições como:

O dicionário de língua dá indicações sobre todas as peculiaridades linguísticas da voz [...] Os dicionários linguísticos são repertórios de signos linguísticos, cuja natureza (pronúncia, ortografia e características gramaticais), significado, valores de uso e relações paradigmáticas ou sintagmáticas com outros elementos do léxico explicam-se mediante uma metalinguagem. (HAENSCH *et al*, 1982, p.129. Tradução nossa)²²

Levando em consideração o objetivo da obra finalizada e o público alvo a ser atingido, entendemos que o e-Dic Libras/Português trata de indicar aos consulentes informações linguísticas a respeito dos lemas ali apresentados. Reconhecemos, no entanto, que “as interferências entre os dois tipos são mais frequentes do que parecem à primeira vista.” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 130. Tradução nossa).²³ Características relacionadas às funções enciclopédicas como as designativas e menção de nomes próprios aparecerão em um dicionário linguístico, ainda que em menor recorrência. O lexicógrafo produtor de obras linguísticas também utiliza, em sua redação, menções informativas de referentes e descrição das “coisas” mais próprias daquelas de caráter enciclopédico. Contudo, a predominância continua sendo tratar do verbete em si mediante suas características enquanto palavra da língua. Sendo esse o norteador para produção da obra, reiteramos o caráter linguístico do e-Dic Libras/Português.

²² El diccionario de la lengua da indicaciones sobre todas las peculiaridades lingüísticas de la voz [...] Los diccionarios lingüísticos, son repertorios de signos lingüísticos, cuya naturaleza (pronunciación, grafía y características gramaticales), significado, valores de uso y relaciones paradigmáticas o sintagmáticas con otros elementos del léxico, explican mediante una metalengua. (HAENSCH *et al*, 1982, p.129)

²³ “las interferencias entre los dos tipos son más frecuentes do lo que parece a primera vista.as interferências entre os dois tipos são mais frequentes do que parecem à primeira vista. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 130)

3.2.3 Sistema linguístico em que se baseia a obra lexicográfica

Dicionários são produzidos a partir da descrição linguística do vocabulário. A classificação pelo critério do sistema linguístico depende do sistema em que foi baseada essa descrição semântica: no sistema linguístico individual do(s) autor(es) ou por meio do aproveitamento de um *corpus* pré-estabelecido. No que diz respeito à proposta lexicográfica da qual originará o e-Dic Libras/Português, a descrição semântica depende “da informação que foi reunida mediante o aproveitamento de um *corpus* [...] e que é, portanto, independente do sistema linguístico individual do autor.” (HAENSCH *et al*, 1982, p.133. Tradução nossa).²⁴

O *corpus* em questão já foi definido, descrito e justificado no início deste capítulo.

3.2.4 Número de línguas

Outro critério para classificação de obras lexicográficas leva em conta o número de línguas que as compõem. Nossa proposta lexicográfica identifica um dicionário plurilíngue. Conforme lemos em Haensch *et al* (1982, p. 134. Tradução nossa.): “Ao dicionário monolíngue (de uma só língua) se opõem os plurilíngues, subdivididos [...] em bilíngues (de duas línguas) e multilíngues (mais de duas línguas).”²⁵

²⁴ de la información que se há reunido mediante el aprovechamiento de un corpus [...] y que es, por tanto, independiente del sistema lingüístico individual del autor” (HAENSCH *et al*, 1982, p.133)

²⁵ Al diccionario monolingüe (de una sola lengua) se oponen los plurilingües, subdivididos [...] en bilingües (de dos lenguas) y multilingües (más de dos lenguas). (p.134)

Assim, o e-Dic Libras/Português trata-se de um dicionário plurilíngue de categoria bilíngue, pois apresentamos uma descrição metalinguística equivalente entre as unidades léxicas de duas línguas; a saber, Língua Portuguesa e Língua Brasileira de Sinais.

3.2.5 Classificação das obras lexicográficas segundo a seleção do léxico que registram

Segundo definições descritas por Haensch *et al* (1982), a seleção lexical pode ser dividida em quatro subitens. Dessas classificações, consideramos ser o nosso trabalho:

a) obra de vocabulário geral: a proposta lexicográfica visa um dicionário que retrata o sistema linguístico de uma comunidade de maneira representativa, em detrimento de uma obra com critérios parciais que limitam o vocabulário a ser representado por um recorte específico e intencional. Contudo, uma obra que tenciona ser a representação de um vocabulário geral não coincide com uma representação absoluta e total de uma língua, considerando ser a língua objeto de mudança constante. Por isso, reafirmamos a obra de vocabulário geral como descritora do léxico *representativo* das duas línguas aqui trabalhadas.

b) de codificação seletiva: tratando-se da intenção de produzir um dicionário geral de língua, torna-se o critério seletivo a escolha mais acertada para codificação do repertório. Tal fato justifica-se, pois, são feitas seleções pré-estabelecidas como, por exemplo, o *corpus* definido para construção da composição da obra é extraído de documentos e textos exclusivamente escritos, desconsiderando manifestações orais. Ainda, opta-se por estabelecer termos técnico-científicos ou especializados como entradas apenas quando fazem parte do léxico geral da

comunidade linguística ali representada. Por considerações assim definitórias, classificamos a codificação do repertório do e-Dic Libras/Português como seletiva.

c) de critério cronológico sincrônico: aborda o repertório lexical em um dado momento cronológico específico; a saber, a atualidade. Ressaltamos, todavia, que uma obra sincrônica não necessariamente significa uma obra contemporânea, haja vista a cronologia ser fator determinante para essa classificação. Assim, “esta sincronia é relativa, devido à constante mudança de formas e significados, e, quando um espaço de tempo é muito grande, já não se pode dizer que o estudo do vocabulário que o corresponde seja sincrônico”. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 162. Tradução nossa)²⁶

d) de caráter descritivo: o caráter descritivo fornece uma seleção representativa do léxico em uso e o descreve. Embora, pelo mero fato de codificar um determinado conjunto de lexias e torná-lo repertório difundido, os dicionários descritivos também tenham certo caráter normativo; sua principal função não é normatizar ou apresentar as normas. A finalidade dos dicionários descritivos é “recolher uma seleção representativa do léxico realmente usado, sem critérios puristas”. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 164. Tradução nossa)²⁷

3.2.6 Ordenação de materiais

²⁶ “esta sincronía es relativa, debido al constante cambio de formas y significados; y, cuando un espacio de tiempo es muy largo, ya no se puede decir que el estudio del vocabulario que le corresponde sea sincrónico.” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 162)

²⁷ “recoger una selección representativa del léxico usado realmente, sin criterio purista.” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 164)

A ordenação de materiais é o que irá determinar a macroestrutura de uma obra lexicográfica. A proposta lexicográfica do e-Dic Libras/Português se baseia no critério semasiológico. Considerações a respeito da definição desse critério, justificativas para sua escolha e outras especificações nesse assunto serão feitas a seguir.

3.2.7 Finalidades específicas

Dicionários são mais recorrentemente usados para busca de significados e de sinonímia. Porém, muitas outras finalidades podem ser atribuídas a eles. O e-Dic Libras/Português terá por finalidade atuar como dicionário de uso geral.

O dicionário geral é aquele que pretende abarcar o vocabulário geral da língua, dando conta do maior número possível de acepções e usos para cada unidade (usos formais e correntes, registros regionais e especializados ou terminológicos). Destina-se ao público em geral. (CORREIA, 2009, p. 39)

3.3 A Semasiologia

O conceito de semasiologia é pontualmente definido por vários autores basicamente como um repertório que parte do significante de uma lexia para o seu significado:

A Semasiologia toma seu ponto de partida na palavra individual e examina a informação semântica que pode estar associada a essa palavra - basicamente, quais são os significados da palavra? A Semasiologia, em outras palavras, está preocupada com a polissemia e a definição das leituras polissêmicas das palavras. (STERKENBURG, 2003, p.84. Tradução nossa)²⁸

Lemos em Hernández (1989, p. 29. Tradução nossa.): “Os [dicionários semasiológicos] fornecem o significado de cada palavra, mostrando suas diversas acepções, e respondem à necessidade de descobrir o significado de uma palavra desconhecida; eles geralmente apresentam seus materiais em ordem alfabética.”²⁹

Baldinger (1966) descreve: “A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação.”(p.8) “A semasiologia parte de um monema para atingir diferentes conceitos ou estruturas conceptuais. [...] A estrutura semasiológica (ou campo semasiológico) define-se como um grupo de sememas (= significações) ligado a um só significado que, por sua vez, se liga por consubstancialidade quantitativa a um só monema (mas ligado frequentemente a diferentes sistemas conceptuais)”. (p. 33)

As definições acima exemplificadas conceituam Semasiologia. Pottier, no entanto, explica o critério semasiológico através da descrição do percurso da enunciação. Determina-se o ponto de vista do *enunciador* (emissor) e do *interpretante* (receptor) para que o percurso seja classificado. O percurso semasiológico é aquele que vai do enunciado à sua interpretação; i.e, do texto realizado em si (oral ou escrito) à sua compreensão. O esquema proposto pelo autor é

²⁸ Semasiology takes its starting-point in the individual word and looks at the semantic information that may be associated with that word – basically what are the meanings of the word? Semasiology, in other words, is concerned with polysemy and the definition of the polysemous readings of words. (STERKENBURG, 2003, p.84)

²⁹ Los [diccionarios semasiológicos] proporcionan la significación de cada palabra mostrando sus diversas acepciones, y responden a la necesidad de averiguar el significado de una palabra que se desconoce; suelen presentar sus materiales por orden alfabético. (p.29)

o seguinte, considerando *R* (mundo referencial) e *Co* (mundo conceitual/intenção do enunciador):

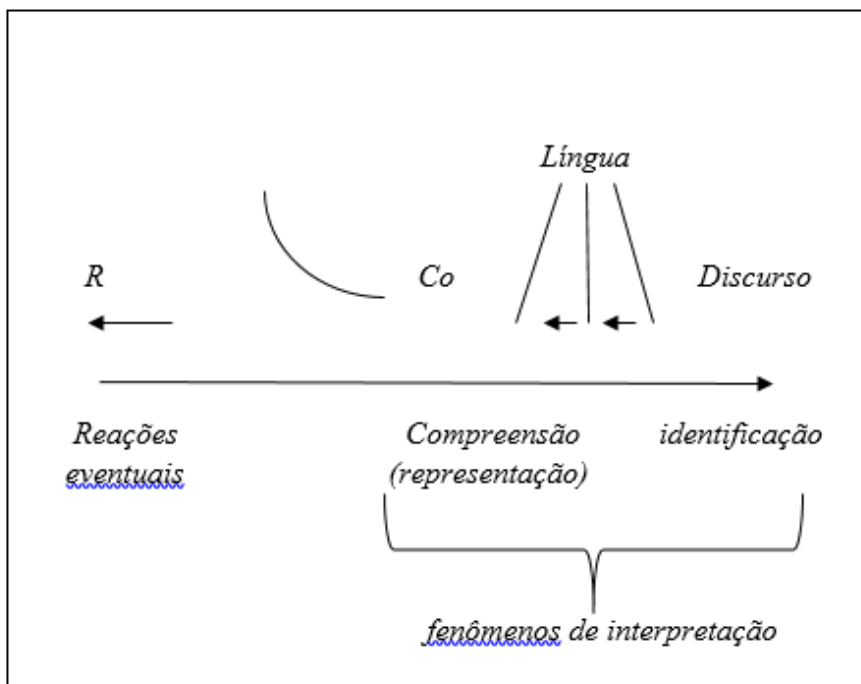


FIGURA 19 - Esquema do percurso semasiológico.
Fonte: POTTIER, 1992, p. 17.

Babini (2006) pontua sobre o esquema de Pottier:

O interpretante consegue compreender um discurso pela identificação e interpretação dos diferentes elementos discursivos que o compõem. Compreender um discurso significa, para o interpretante, poder representá-lo mentalmente, “conceitualizá-lo desprendendo-se rapidamente dos signos da língua natural que ele identificou e que lhe serviram de trampolim para a compreensão”. Segundo Pottier, o mundo referencial (*R*), mesmo sendo o verdadeiro ponto de partida e de chegada dos dois percursos, não deve obrigatoriamente ser objeto de estudo do linguista, “já que o conceitual (*Co*) pode, por si só, ser o ponto de partida para o enunciador e o ponto de chegada para o interpretante”. O conceitual é, para esse autor, o “lugar da representação mental que se tornou independente das línguas naturais e dos outros sistemas semiológicos.” (p.18) Pottier considera a língua como um saber por meio do qual se realizam: 1) a transformação das representações mentais em signos e em esquemas (no caso do percurso do enunciador – onomasiológico); 2) a interpretação (no caso do percurso do interpretante – semasiológico). (BABINI, 2006, p.39)

O percurso de interpretação que parte do signo linguístico para sua compreensão/interpretação será o considerado para a proposta lexicográfica sugerida neste trabalho.

Alguns são os motivos para a escolha do critério semasiológico como ordenação de entradas desta proposta. O primeiro deles é por se tratar do critério mais comum para elaboração do tipo de dicionário pretendido, qual seja, um dicionário geral de língua. Além disso, contamos com o fator inovação; pois, no âmbito da Língua Brasileira de Sinais não temos uma obra lexicográfica nesses moldes. Ainda, consideramos que a ordenação semasiologicamente construída possibilitará aos consulentes do dicionário e-Dic Libras/Português familiarizar-se com a ordenação alfabética do Português bem como da Libras. No caso dos consulentes surdos, esse será um benefício especialmente importante, pois, com as obras lexicográficas da sua língua registradas exclusivamente em Português, ter autonomia na consulta delas é um desafio particularmente custoso. Por último, lembramos que, de qualquer modo, a ordenação semasiológica seria necessária; já que, mesmo se optássemos pelo critério onomasiológico de registro, os grupos semânticos desse critério são ordenados alfabeticamente. Trabalharemos, portanto, com o critério semasiológico de ordenação, tanto para as entradas Libras-Português como para as Português-Libras.

3.4 Entradas em Língua Portuguesa

Como especificado no item anterior, adotamos o critério semasiológico para disposição dos verbetes do e-Dic Libras/Português. Assim, as entradas em Língua Portuguesa serão estabelecidas pela ordenação alfabética, conforme principais modelos de dicionários gerais de

língua. Atentamo-nos, no entanto, a determinar a forma de entrada de lexias de acordo com as formas lexicais registradas no *corpus*. Lexias complexas como as unidades polilexicais: fraseologismos, expressões idiomáticas e provérbios, bem como acrônimos e siglas, numerais, homônimos, etc seguirão o mesmo princípio. Nascimento (1998) já indicava a problemática de introduzir lexias compostas em obras lexicográficas: “Convém assinalar que o problema das combinatórias a incluir num dicionário, seja ele um dicionário de língua monolíngue ou plurilíngue, é dos mais difíceis problemas da lexicografia tradicional [...]” (p. 185). Um dos motivos disso é lembrado por Biderman (2005), citando Gross. O autor “nota que os linguistas geralmente atribuíram às expressões cristalizadas (*expressions figées*) um caráter de exceção, de anomalia linguística e não tentavam propor maneiras de tratamento científico para elas”. (p.747). Essa percepção não condiz, no entanto, com a realidade das comunidades linguísticas, pois, “as formas cristalizadas que são tradicionalmente consideradas como exceção, ocupam no léxico um volume comparável àquele das formas livres correspondentes.” (GROSS, 1982, p.181). Ainda, concordamos com Biderman (2005) ao indicar que esse cenário se dá pela necessidade de uma teoria lexical bem fundamentada:

A identificação da unidade léxica num texto discursivo exige uma fundamentação teórica consistente. Um dos maiores defeitos dos dicionários tradicionais é o fato de não se fundamentarem em uma teoria lexical, sobretudo em um conceito bem estabelecido de unidade lexical, fato esse que pode explicar o porquê de unidades complexas do léxico, especialmente as EIs, estarem assistemática e inadequadamente registradas nos dicionários da Língua Portuguesa. (BIDERMAN, 2005, p.747)

Assim, reconhecemos a necessidade de fundamentação para que essas lexias compostas sejam incluídas no e-Dic Libras/Português de maneira mais coerente e adequada possível. No que diz respeito às, conforme classificadas por Hernández (1989), expressões lexicalmente complexas,

seguiremos postulação desse autor. Divide-se as lexias complexas em dois grupos: o primeiro inclui as ‘locuções’ e ‘refrãos’ classificados como:

*A locução é uma combinação estável de dois ou mais termos cujo significado é unitário e próprio, e não a soma dos valores parciais dos elementos componentes e, [...] o refrão, segundo Casares é "uma sentença completa e independente, que em um sentido direto ou alegórico, e geralmente em forma sentenciosa e elíptica, expressa um pensamento - feito de experiência, ensino, admoestação, etc. - por meio de julgamento, em que pelo menos duas ideias estão relacionadas." [...] As locuções são portadoras de um significado unitário, independente e denotativo, o refrão é a expressão de um pensamento com fins que vão além do estritamente linguístico, comunicativo e com uma grande carga conotativa. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 106. Tradução nossa. Grifo nosso)*³⁰

Segundo as classificações acima, consideramos estar nesse grupo os fraseologismos, como os provérbios, expressões idiomáticas, etc. Optamos por não inseri-los na proposta lexicográfica que definirá o e-Dic Libras/Português, pois, concordamos que ambos têm, via de regra, origem na tradição literária culta ou popular e na oralidade da comunidade linguística representada. Ainda, conforme especificado, são grupos cujas finalidades expressivas vão além do estritamente linguístico. Deste modo, reforçamos a sugestão de Hernández (1989): “Para se encarregar de inventarizar e definir as locuções será responsável, obviamente, o lexicógrafo e, dos refrãos, o paremiólogo. [...] Em todo caso, poderia incluí-los na enciclopédia, e não no dicionário.” (p.106. Tradução nossa)³¹

³⁰ La *locución* es combinación estable de dos o más términos cuyo significado es unitario y propio, y no la suma de los valores parciales de los elementos componentes y, [...] el *refrán* según Casares es “una frase completa e independiente, que en sentido directo o alegórico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento - hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. – a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas”. d[...] Las locuciones son portadoras de un significado unitario, independiente y denotativo, el refrán es la expresión de un pensamiento con unos fines que van más allá de lo estrictamente lingüístico, comunicativo, y con una gran carga conotativa. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 106)

³¹ De inventariar y definir [la locución] se encargará, por supuesto el lexicógrafo; [de lo refrán], el paremiólogo, o, en cualquier caso, podrán incluirse en la enciclopedia, pero no en el diccionario” (p.106).

De modo algum a não inserção na proposta lexicográfica se dá por minimizar a importância e relevância dessas unidades complexas. Conforme dito, reconhecemos que tais formas cristalizadas ocupam no léxico um volume considerável. No entanto, levamos em conta a realidade educacional para qual o e-Dic Libras/Português será direcionado, bem como seu *corpus* de seleção lexical. No primeiro caso, trata-se de uma realidade linguística de um grupo até recentemente excluído das salas de aula, e, portanto, do acesso ao desenvolvimento da competência lexical por meio da educação básica regular. Sendo o léxico mental dos surdos quantitativamente diminuído em comparado com o de ouvintes, em razão dessa realidade, torna-se mais improvável que produzam lexias complexas como as do tipo aqui consideradas. Seu léxico defasado, seja por estar fora da escola, por estar em uma escola sem estrutura ou metodologia específica e funcional ou pela aquisição tardia da língua de sinais, reflete construções básicas constituídas por lexias simples.³² No segundo caso, utilizamos como *corpus* de seleção os verbos de comando e alguns termos encontrados nos materiais didáticos já detalhados. Assim, os provérbios, expressões idiomáticas, i.e, os fraseologismos não estão presentes para copilação.

Contudo, o segundo grupo de lexias complexas descrito por Hernández será aqui retratado. Há unidades polilexicais que fazem parte do *corpus* coletado e serão introduzidas no e-Dic Libras/Português conforme consideração do autor:

A maioria dos dicionários as incluem no final de um verbete, não se sabe qual, pois normalmente não é dada informação ao usuário sobre o lugar preciso ocupado por essas unidades lexicais pluriverbais no repertório; na melhor das hipóteses, diz-se, por exemplo, que "eles serão encontrados geralmente, sob a entrada da palavra mais específica daqueles que os compõem ou daquilo que constitui o seu núcleo". O difícil é descobrir qual é o núcleo ou a palavra mais específica em um grupo de palavras que tem um significado unitário. Muitos dos usuários [...] chegam a localizar essas unidades apenas depois de consultas sucessivas. [...] Uma solução seria ordená-las estritamente em ordem

³² Considerações nesse sentido foram feitas no capítulo 1 desta pesquisa.

alfabética, sempre considerando a primeira palavra plena da frase. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 107. Tradução nossa)³³

Consentimos com Hernández quando descreve a dificuldade dos consulentes em determinar qual é o núcleo da lexia composta de modo a procurar no verbete dessa palavra a expressão desejada. A busca, por si mesma, em um dicionário, não é tão simples como parece para alunos do ensino fundamental. Desconhecemos materiais didáticos dessa etapa letiva que se aprofundam em ensinar sobre o uso dos dicionários e, menos ainda, em detalhar especificidades sobre lexias complexas e sua formação. Seria irreal exigir conhecimentos específicos das ciências do léxico de consulentes ainda em formação. A sugestão de organizar as unidades complexas a partir da primeira palavra plena da expressão facilita e pontua a busca, solucionando esta problemática. Esse será o método proposto nesta proposta lexicográfica.

Quanto aos acrônimos e siglas, aparecerão nesta forma reduzida em ordem alfabética e, na microestrutura deles, a descrição completa do termo.

Os numerais serão inseridos em ordem alfabética a partir de sua descrição por extenso.

As entradas dos homônimos estarão dispostas de acordo com postulações de Haensch *et al*:

A solução prática mais viável em dicionários semasiológicos [...] é não fazer diferença entre casos de homonímia e casos de polissemia, pois os critérios alegados para distingui-las são insuficientes e insatisfatórios: nem a etimologia (quem conhece todas as etimologias?) nem a consciência linguística (critério não objetivo) são convenientes. [...] No entanto, duas entradas podem ser feitas nos seguintes casos: quando duas palavras homógrafas têm pronúncia diferente. Quando a um significante léxico

³³ La mayor parte de los diccionarios las incluyen al final de un artículo, no se sabe cuál, pues no se suele dar información al usuario sobre el lugar preciso que ocupan estas unidades léxicas pluriverbales en el repertorio; en el mejor de los casos se disse, p. ej., que “se encontrarán generalmente,, bajo la entrada del vocablo más específico de los que las componen o de aquel que constituye su núcleo”. Lo difícil es averiguar cuál es el núcleo o el vocablo más específico en un grupo de palabras que poseen un significado unitario. Muchos de los usuarios [...] llegan a localizar estas unidades a base de realizar sucesivas consultas. [...] Una solución sería que se ordenasen por escrito orden alfabético considerando siempre la primera palabra plena de la locución. (HERNÁNDEZ, 1989, p. 107)

correspondem vários paradigmas de flexão, como no caso de cantar (verbo) e cantar (substantivo). Aqui permanece o problema da ordem de enumeração. Os critérios aplicáveis podem ser: a primeira documentação para as diferentes acepções que correspondem a um significante léxico, a frequência das diferentes acepções e sua importância dentro do léxico. Este último critério parece preferível a outros nos dicionários descritivos (HAENSCH *et al*, 1982, p. 467,468. Tradução nossa)³⁴

Determinamos, portanto, que as distintas acepções de palavras homônimas ou polissêmicas estarão enumeradas na microestrutura do verbete. Haverá duas ou mais entradas no caso de palavras homógrafas que tenham pronúncias diferentes ou quando um mesmo significante faz parte de classes de palavras diferentes.

3.5 Entradas em Língua Brasileira de Sinais

As entradas dos verbetes em Língua Brasileira de Sinais se darão por meio do sistema *SignWriting* de escrita de sinais. Concordamos com Nascimento (2009) “A sugestão pelo *SignWriting* deve-se ao fato de não somente ser, esse, um sistema amplamente divulgado no

³⁴ La solución práctica más viable en los diccionarios semasiológicos [...] es la de no hacer ninguna diferencia entre casos de homonimia y casos de polisemia, ya que los criterios alegados para distinguirlas son insuficientes e insatisfactorios: ni la etimología (?quién conoce todas las etimologías?) ni la conciencia lingüística (criterio no objetivable) son convenientes. [...] Sin embargo, se podrán dos entradas en los siguientes casos: cuando dos palabras homógrafas tienen diferente pronunciación. Cuando a un significante léxico corresponden varios paradigmas de flexión, como en el caso de *cantar* (verbo) y *cantar* (sustantivo). Aquí queda por resolver el problema del orden de enumeración. Los criterios aplicables pueden ser: la primera documentación para las diferentes acepciones que corresponden a un significante léxico, y la frecuencia de las diferentes acepciones y su importancia dentro del léxico. Este último criterio nos parece preferible a los demás en los diccionarios descriptivos. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 467,468)

mundo, mas também, porque é um sistema que vem atendendo satisfatoriamente como registro gráfico das LS no mundo todo.”. (p.218)

Portanto, adotaremos o *SignWriting*, criado em 1974 por Valerie Sutton, especialmente pelo seu caráter de aceitabilidade na comunidade surda mundial. Embora ainda não conhecido por todos os surdos, é um sistema reconhecidamente admitido bem como tem se mostrado um suporte capaz de “[contemplar] as características [das línguas de sinais] e, ao mesmo tempo, [dá] conta de transmitir graficamente o significado daquilo que está sendo representado.”. (SOFIATO, 2005, p.63)

Não optamos por representação iconográfica como desenhos naturalistas, desenhos esquemáticos, fotografias, diagramas ou hibridização dessas formas. Através do estudo de Sofiato, percebemos serem tais imagens, muitas das vezes, incapazes de atingir o objetivo de ilustração instrucional, isto é, ser capaz de demonstrar a qualquer leitor e/ou consulente como representar manualmente os sinais de maneira autônoma. Em casos não raros, a iconografia utilizada por autores torna-se, até mesmo, um complicador da ação decodificadora no processo compreensão/produção do sinal. A autora discorre alguns motivos disso. O primeiro tem a ver com a conscientização de que o ilustrador de uma obra que retrata a língua de sinais é tão importante quanto o seu autor, já que é o trabalho do ilustrador que representa o discurso da comunidade surda ali estabelecido. No entanto, em muitos casos, o ilustrador é superficialmente mencionado ou nem mesmo é citado. Ser desconsiderado dessa maneira revela-nos que, para muitos autores, o seu próprio discurso é maior alvo de estima do que o discurso em língua de sinais. Outro motivo que reitera essa afirmação é a própria escolha do ilustrador: a título de regra, não se leva em consideração se esse profissional tem ou já teve contato com a comunidade surda, de modo que seu trabalho seja adequado e tenha propriedade. Muitas vezes, a escolha é motivada especialmente pela questão financeira, em detrimento da experiência. As

consequências são, entre outras, a representação incorreta de configurações de mão, do ponto de articulação e do movimento, além da ausência de representação de expressões não manuais. Assim, a forma de representação distancia-se do sinal real, fazendo com que o sentido da imagem só seja compreendido com a mediação de um surdo ou de um ouvinte proficiente na Língua Brasileira de Sinais.

O segundo motivo envolve a dificuldade e a ineficácia de representar uma sequência temporal. Isso está relacionado com o aspecto morfológico das palavras em língua de sinais. Seus constituintes (fonemas) constituem morfemas em língua de sinais assim como os fonemas constituem morfemas em línguas orais. No entanto, conforme nos lembra Lima (2014, p.42):

[...] a principal diferença entre as duas modalidades de língua [é] a presença da ordem linear (sequência horizontal no tempo) entre os fonemas das línguas orais, enquanto que nas línguas de sinais os fonemas são articulados simultaneamente. Hulst *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 49) ilustra essas diferenças no seguinte esquema:



FIGURA 20 – A sequencialidade das línguas orais e a simultaneidade nas línguas de sinais.
Fonte: QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 49.

Assim, como a representação iconográfica está mais próxima da sequencialidade do que da simultaneidade, torna-se dificultoso imprimir uma ilustração cujas unidades mínimas de constituição estejam simultaneamente representadas de modo claro e completo.

Em terceiro, mencionamos a falta de convenção no que diz respeito a representações iconográficas, deixando, então, a desejar em aspectos importantes para tal processo, como a valorização de aspectos estéticos.

Logo, considera-se mais apropriado para esta proposta lexicográfica a entrada dos verbetes a partir do sistema *SignWriting* de escrita de sinais. No entanto, acatamos a sugestão de Nascimento:

Para a organização de repertórios lexicográficos e terminográficos digitais, sugere-se um repertório interativo com vídeos ou animação que possam representar a língua de sinais contextualizada e “em ação”. Elaborar um repertório lexicográfico digital com imagens inanimadas significa desperdiçar a ferramenta tridimensional que esse recurso oferece à representação das línguas de sinais. Significa impedir o consulente de ter acesso amplo e irrestrito da representação da LSB. Para repertórios digitais, esta tese defende como melhor representação iconográfica aquela feita por “avatars”. (NASCIMENTO, 2009, p. 220)

A entrada em *SignWriting* aparecerá destacada de modo que, ao clicar sobre ela, será possível ao consulente visualizar um avatar realizando o sinal ali descrito. Desta forma, conseguimos estabelecer um critério mais apropriado do que as representações iconográficas; que não apresenta as dificuldades já consideradas; que esteja dentro das convenções das ciências do léxico e seja plenamente capaz de indicar a língua de sinais contextualizada e em ação.

Finalmente, disponibilizaremos as entradas tanto em Língua Portuguesa como em Língua Brasileira de Sinais em formato eletrônico. Esta proposta lexicográfica considera o formato eletrônico mais vantajoso do que o formato impresso por alguns motivos partilhados por Haensch *et al*:

O computador utilizado como dicionário tem a grande vantagem de permitir excluir, adicionar ou modificar uma entrada sem afetar, mesmo que ao

mínimo, o conjunto do instrumento lexicográfico, ao contrário do que acontece com os dicionários impressos, nos quais mudanças em poucas linhas podem bagunçar toda a configuração de página. Pouco a pouco, importantes centros lexicográficos serão equipados com computadores eletrônicos, e isso beneficiará a todos, já que é possível consultar esse tipo de dicionário a qualquer momento e mantê-lo atualizado. Além disso, se as entradas do computador forem corretamente codificadas, certos tipos de palavras (ou unidades lexicais) podem ser rapidamente extraídas, por exemplo: regionalismos, nomes de peixe, gíria de gângster etc. (HAENSCH *et al*, 1982, p.432. Tradução nossa)³⁵

No que diz respeito a repertórios lexicográficos eletrônicos ou digitais, além dos benefícios mencionados pelos autores, a proposta lexicográfica do e-Dic Libras/Português trata de um dicionário bilíngue no qual uma das línguas de entrada, a saber, a Libras, é uma língua de modalidade espaço-visual. Concordamos que, conforme sugestão de NASCIMENTO (2009), é fundamental incluí-la de maneira contextualizada e “em ação”. Assim, o modo mais prático e eficaz de estabelecer o discurso da comunidade surda nas páginas de um dicionário, é fazê-lo por meios digitais, pois assim é possível introduzir toda a macroestrutura e microestrutura através de vídeos/avatars plenamente compreensíveis.

3.6 Sistema *SignWriting*

³⁵ La computadora utilizada como diccionario tiene la gran ventaja de que permite suprimir, añadir o modificar una entrada sin que ello afecte en lo más mínimo al conjunto del instrumento lexicográfico, contrariamente a lo que ocurre con los diccionarios impresos, en los que un cambio de pocas líneas puede desbaratar toda la compaginación. Poco a poco, los centros lexicográficos importantes irán equipándose de ordenadores electrónicos, y esto redundará en beneficio de todos, puesto que es posible consultar este tipo de diccionarios en cualquier momento y tenerlo al día. Además, [...] si las entradas de la computadora están codificadas correctamente, se podrán extraer de ellas con rapidez determinados tipos de palabras (o unidades léxicas), por ejemplo: regionalismos, nombres de peces, jerga del hampa, etc. (HAENSCH *et al*, 1982, p.432).

Desenvolver um sistema capaz de grafar fonemas das línguas de sinais sempre foi uma preocupação importante, embora inicialmente obscura e penosa. No entanto, é através de estudos nesse sentido que o linguista William Stokoe contribui para legitimar, nos anos 60, o status linguístico das línguas de sinais, ao criar o denominado Sistema Stokoe. Essa notação propunha desmembrar um sinal em seus constituintes; a saber, o formato de mão, a locação e o movimento e classificá-los a partir dos tipos dos mesmos, também delineados por Stokoe. Esse foi um passo importante, pois consegue descrever a, até então, conhecida gramática das línguas de sinais e determiná-las como línguas naturais.

Em 1974, Valerie Sutton cria um sistema também com o objetivo de grafar as línguas de sinais. É um processo de representação gráfica mais amplo do que o elaborado por Stokoe, pois os símbolos visuais representarão, além dos três parâmetros segmentados por Stokoe (configuração de mão, ponto de articulação e movimento), a direcionalidade e expressões não manuais. É esse sistema, denominado *Signwriting*, o utilizado nesta proposta lexicográfica para a entrada dos verbetes em Língua Brasileira de Sinais. O anexo 2 desta pesquisa apresenta lições básicas do *SignWriting* elaborado por Valerie Sutton. O objetivo de inserir esse material é proporcionar a compreensão do sistema *SignWriting* a partir do contato com a instrução direta do sistema.

3.7 Proposta para ordenação das lexias introduzidas em *SignWriting*

Definimos a entrada das lexias em Língua Brasileira de Sinais a partir do sistema *SignWriting* acima apresentado e pormenorizado no material registrado no anexo 2. Falta-nos especificar

como será a ordenação desses verbetes. Definimos essa ordenação a partir de parâmetros para escrita de sinais: a posição da mão, o movimento e o contato.

3.7.1 A posição da mão

Segundo os critérios de Sutton (2003) para o *SignWriting*, temos as configurações de mãos que funcionam como uma das unidades mínimas de formação das lexias em línguas de sinais. São, basicamente, seis, sendo que, qualquer outra configuração que não seja uma dessas seis, serão variantes das mesmas.

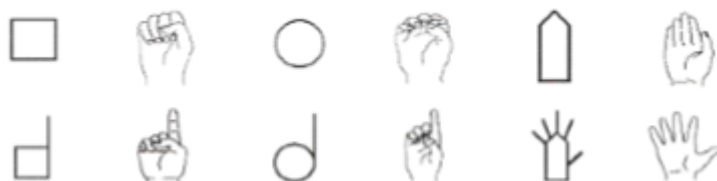


FIGURA 21 – Configurações básicas de mão.
Fonte: SOUZA, 2005, p. 29.

A partir dessas configurações temos ainda a organização a partir dos dedos utilizados:



FIGURA 22 – Grupos de mãos.
Fonte: SOUZA, 2005, p. 30.

Esses serão os primeiros grupos a serem considerados na ordenação das entradas de lexias em Libras nesta proposta lexicográfica. O critério estabelecido será semelhante ao alfabético, ou seja, o repertório se divide em variantes que são estabelecidas ordenadamente até que cada uma se esgote e passe à subsequente. A primeira variante será a divisão das seis configurações principais (FIG. 21), que se subdividem na utilização dos dedos (FIG. 22). Nestes termos teremos a seguinte disposição, do primeiro ao último, na sequência das entradas, acrescida de mais duas configurações além das seis principais:

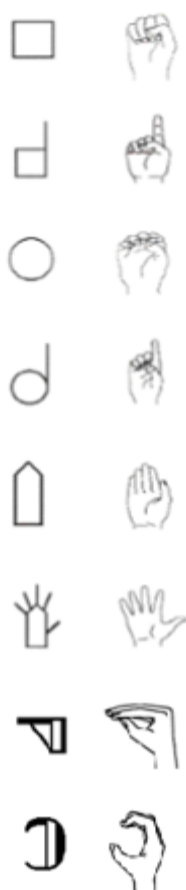


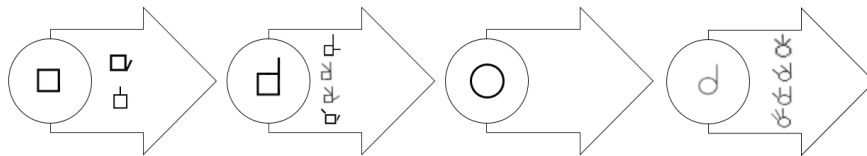
FIGURA 23- Ordenação por configuração de mãos.

Para subdivisão dessas configurações principais utilizaremos da mesma disposição trazida na FIG. 22 e, abaixo, reorganizada verticalmente, bem como acrescida de utilizações dos dedos.



FIGURA 24 – Utilização dos dedos.

Em forma de esquema, temos:



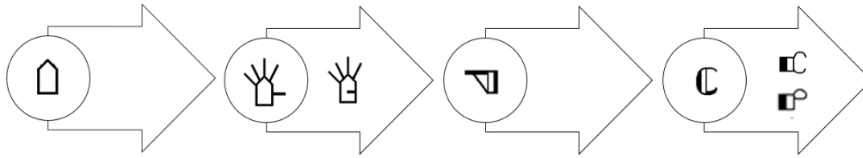


FIGURA 25 – Esquema de entradas por configuração de mão e utilização dos dedos.

Assim, ao entrar com, por exemplo, os verbetes *mata*, *Minas Gerais* e *substitua (substituir)*, selecionados do *corpus* dessa proposta lexicográfica, considerando apenas esses dois critérios até aqui estabelecidos, teremos as entradas na seguinte ordenação: *substituir* > *Minas Gerais* > *mata*.

Substituir:

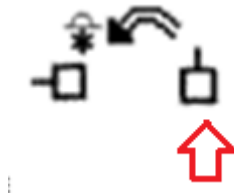


FIGURA 26 – Lexia *substituir* em escrita de sinais.

Minas Gerais:



FIGURA 27 – Lexia *Minas Gerais* em escrita de sinais.

Mata:



FIGURA 28 – Lexia *mata* em escrita de sinais.

Quanto à enumeração das configurações de mão, há lexias formadas por uma única configuração_ característica facilitadora do ingresso dos verbetes. Todavia, muitas lexias somam mais de uma configuração de mão. Nesses casos, utilizamo-nos das postulações de Nascimento:

Para essa proposta, o repertório deve ser dividido [...]. A partir de termos articulados com uma mão – inevitavelmente, aquela de formação morfológica mais primitiva, com uma mão (esgotar todas as variáveis). Em segundo lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos com mesma CM (esgotar todas as variáveis). Em terceiro lugar, termos cuja articulação ocorra com as duas mãos simétricas iniciadas por uma CM e finalizadas por outra CM. E, por fim, termos articulados com as duas mãos com CMs distintas (esgotar todas as variáveis). Leva-se em consideração, para a ordenação das CMs, a CM inicial da mão direita (estabelecida, por *default*, como sendo a da mão-ativa) para a determinação da sequência das entradas estabelecida, nessa etapa de análise paramétrica, pela ordem numérica do *continuum* das CMs. (NASCIMENTO, 2009, p. 228)

Perceba que na FIG. 28, representando a lexia *mata*, temos duas configurações de mão para a construção da palavra, uma para a mão esquerda e outra para a mão direita. Pelos critérios de Nascimento, aqui utilizados, consideramos a configuração da mão direita como a responsável pela introdução do verbete, já que é a denominada mão-ativa do sinal.

3.7.1.1 A orientação da palma da mão

A orientação da palma da mão também faz parte dos parâmetros básicos de constituição do léxico das línguas de sinais. De acordo com os critérios estabelecidos por Sutton para o *SignWriting*, temos seis tipos de orientações, sendo três para a mão em sentido vertical e três para a mão em sentido horizontal.



FIGURA 29 – Escrevendo a palma da mão.
Fonte: SOUZA, 2005, p. 18.

Para este trabalho propomos que a ordem de entrada dos verbetes, em considerando a orientação da palma da mão, seja:

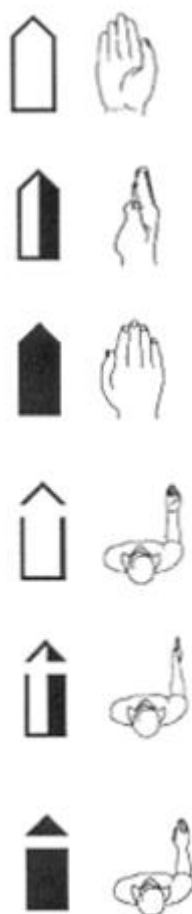


FIGURA 30 – Ordenação pela orientação da palma da mão.

Considerando, neste momento, os três critérios de ordenação de repertório lexical, teremos a entrada dos verbetes-modelos já utilizados *mata*, *Minas Gerais*, *substituir*, acrescidos de *ilha* e *português* na seguinte ordem: *substituir* > *Minas Gerais* > *mata* > *português* > *ilha*.

As setas vermelhas e azuis, em cada figura, destacam, respectivamente, as configurações de mão de cada lexia e a orientação da palma da mão para sua formação.

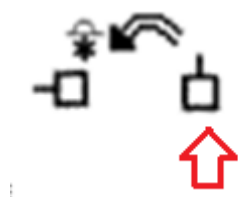


FIGURA 31 – Lexia *substituir* em escrita de sinais.



FIGURA 32 – Lexia *Minas Gerais* em escrita de sinais.

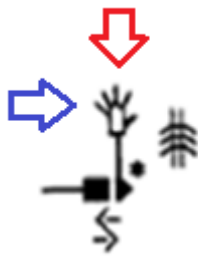


FIGURA 33 – Lexia *mata* em escrita de sinais.

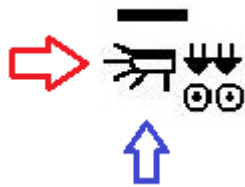


FIGURA 34 – Lexia *português* em escrita de sinais.



FIGURA 35 – Lexia *ilha* em escrita de sinais.

3.7.1.2 Direções

As direções também serão levadas em conta ao estabelecer critérios de entrada do repertório lexical. Neste caso, a ordem considera o sentido horário das direções conforme imagem abaixo.

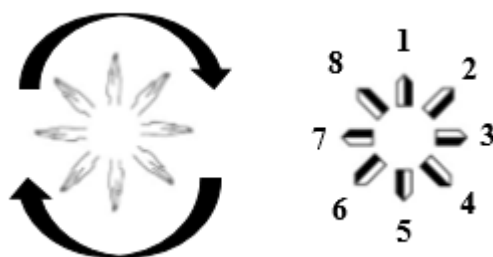


FIGURA 36 – Ordenação das direções.

Tomemos como exemplo as lexias *Brasil* e *saber*. Ao considerar apenas o critério de direcionalidade para introduzi-las no dicionário, estarão na seguinte disposição: *Brasil* > *saber*, pois, a direção de sinalização delas representam, respectivamente, os numerais 1 e 8 da FIG. 36.

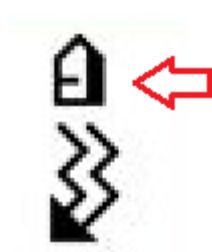


FIGURA 37 – Lexia *Brasil* em escrita de sinais.



FIGURA 38 – Lexia *saber* em escrita de sinais.

3.7.1.3 Movimento

O quinto critério para ordenação dos verbetes será dado a partir do movimento dos sinais. Souza (2005) apresenta os movimentos de mãos e dedos a serem descritos na escrita de sinais e, ainda, esclarece que movimentos no plano horizontal são representados por uma linha enquanto que os do plano vertical são indicados com duas linhas.


























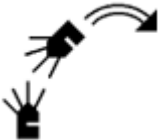




Tipo de movimento	Símbolo	Exemplo	SignWriting
Fechar a articulação do meio do dedo 	●	 atirar	
Abrir a articulação do meio do dedo 	○	 rasgar	
Fechar a articulação do nó dos dedos 	∨	 presente	
Abrir a articulação do nó dos dedos 	^	 acordar	
Abrir e fechar a articulação do nó dos dedos 	∩	 prefeitura	
Abrir e fechar a articulação do nó dos dedos alternadamente 	∩∩	 queimar-se	
Mão direita para frente (na horizontal) 	↑	 andar	
Mão direita para cima (na vertical) 	↑	 convencido	

FIGURA 39 – Tipos de movimento para dedos e mão.
 Fonte: SOUZA, 2005, p. 32.

A proposta lexicográfica aqui estabelecida para produção do e-Dic Libras/Português utilizará dos movimentos descritos por Souza (2005) e incluirá ainda outros. Os movimentos não especificados por Souza (2005) que, no entanto, servirão de critério definatório nesta proposta são três:

TABELA 1

Mais tipos de movimentos para dedos e mãos.

Tipo de movimento	Símbolo	Exemplo	<i>SignWriting</i>
Movimento curvo que não faz um círculo completo.		Arco-íris	
Movimento no sentido marcado pela seta que se afasta ou se aproxima do corpo.		Próximo	
A haste da flecha é mais grossa quando se aproxima do corpo e mais fina quando se afasta do corpo.		Parabéns; aplausos.	

A seguir estabelecemos a disposição para a organização:



FIGURA 40 – Ordenação dos movimentos.

Levando em consideração o critério de ordenação Movimento, tomamos como exemplo as lexias *ilha*, *mata*, *Minas Gerais* e *substituir*. Nesse caso, a disposição dos verbetes seria: *ilha* > *Minas Gerais* > *substituir* > *mata* >.



FIGURA 41 – Lexia *ilha* em escrita de sinais.



FIGURA 42 – Lexia *Minas Gerais* em escrita de sinais.

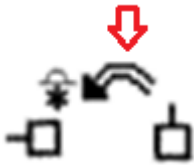


FIGURA 43 – Lexia *substituir* em escrita de sinais.

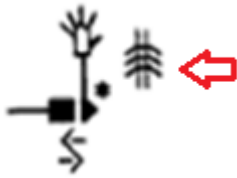


FIGURA 44 – Lexia *mata* em escrita de sinais.

Ponderamos, nos casos acima, apenas o critério Movimento a título de exemplo. Levando em conta todos os outros critérios já especificados até aqui, a ordenação no e-Dic Libras/Português seria: *substituir* > *Minas Gerais* > *mata* > *ilha*; já que outros critérios estão prioritariamente à frente do Movimento.

3.7.1.4 Contato

O quinto critério para organização dos verbetes desta proposta lexicográfica será o contato. Conforme Souza (2005, p. 32), “existem seis formas de representar o contato dos elementos que compõem o sinal, seja mão com mão, mão com corpo ou mão com cabeça”.













Tipo de contato	Símbolo	Exemplo	SignWriting
Tocar em outra parte do corpo	*	 surdo	
Pegar em alguma parte do corpo ou roupa	+	 camiseta	
Tocar entre duas partes do corpo, geralmente entre dois dedos	x	 plantar	
Bater em alguma parte do corpo	#	 bater	
Raspar em alguma parte do corpo saindo da superfície	⊖	 mês	
Esfregar em alguma parte do corpo	⊕	 conversar	

FIGURA 45 – Símbolos para contato.
Fonte: SOUZA, 2005, p. 33.

Utilizaremos dos mesmos sinais descritos por Souza na seguinte disposição:



FIGURA 46 - Ordenação dos Contatos.

Considerando as lexias *Índia*, *pessoa* e *sonhar*, segundo a proposta aqui estabelecida, no que diz respeito ao item Contato, teremos as entradas, coincidentemente, na mesma disposição que se dá a ordem alfabética na Língua Portuguesa: *Índia* > *pessoa* > *sonhar*.



FIGURA 47 – Lexia *Índia* em escrita de sinais.



FIGURA 48 – Lexia *pessoa* em escrita de sinais.



FIGURA 49 – Lexia *sonhar* em escrita de sinais.

3.7.1.5 Ponto de Articulação

O capítulo 2 deste trabalho trouxe a descrição dos principais parâmetros de formação das lexias em línguas de sinais. Um deles é o Ponto de Articulação que, grosso modo, é o espaço de articulação definido pelo corpo, perto do qual o sinal é articulado. Determinamos este como sendo o último critério para ordenação dos verbetes pois, algumas lexias o têm como único diferencial de construção do sinal. É o caso por exemplo das palavras *aprender* e *sábado*.



FIGURA 50 – Lexia *aprender* em escrita de sinais.



FIGURA 51 – Lexia *sábado* em escrita de sinais.

A seguir, adaptamos a tabela construída por Nascimento (2009, p.195) e estabelecemos a própria ordem dos Pontos de Articulação conforme disposição para entradas dos verbetes desta proposta.

(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) nuca > (4) cabeça (atrás) > (5) cabeça (topo) > (6) testa > (7) sobrancelha > (8) olhos > (9) orelha > (10) nariz > (11) lábios/boca > (12) dentes > (13) língua > (14) bochecha > (15) queixo > (16) pescoço > (17) braço (externo) > (18) cotovelo > (19) antebraço (externo) > (20) pulso (externo) > (21) mão (dorso) > (22) dedos (externo) > (23) dedos (interno) > (24) mão (palma) > (25) pulso (interno) > (26) peito > (27) seios > (28) abdômen > (29) cintura > (30) região pélvica > (31) quadril > (32) coxa > (33) nádegas > (34) costas (parte baixa)

FIGURA 52 – Ordenação dos Pontos de Articulação.

Logo, de acordo com a ordenação acima estabelecida, as lexias exemplificadas *aprender* e *sábado* entrariam no dicionário na seguinte colocação: *aprender* > *sábado*, já que o ponto de articulação testa está à frente do ponto de articulação boca.

3.8 A macroestrutura do e-Dic Libras/Português

Conforme nos lembra Miranda (2007), a proposta do conceito de macroestrutura e microestrutura dos dicionários surge com Rey-Debove (1971). Nesse cenário, a autora define a macroestrutura como sendo o conjunto de lemas ou entradas dado de acordo com uma leitura

vertical. A partir de tal concepção, maiores aprofundamentos foram sendo descritos e estabelecidos no que diz respeito à constituição de obras lexicográficas. Um deles é a ampliação do que se entende compor a macroestrutura.

Haensch (1982) trata dessa ampliação da macroestrutura ao determinar a parte introdutória, o corpo do dicionário e os anexos como partes de um dicionário. Consideramos ser ampliação do conceito de macroestrutura, pois, o autor estabelece tais partes nos subtítulos relacionados à macroestrutura, logo, nesse âmbito. Além disso, o que ele chama de corpo do dicionário se refere exatamente àquilo que determina o conceito tradicional de macroestrutura: “O corpo do dicionário é a parte que contém _ seguindo o princípio de ordenação que seja _ o conjunto de material léxico registrado, também chamado de 'catálogo', 'inventário' ou 'repertório. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 459. Tradução nossa)³⁶. Ao relacionar diretamente o corpo do dicionário com a parte introdutória e os anexos, podemos deferir serem todos componentes da denominada macroestrutura.

Assim, consideramos, para esta proposta lexicográfica, a macroestrutura sendo composta por:
a) parte introdutória; b) corpo do dicionário e c) anexos.

Cada uma dessas partes compreenderá a descrição estabelecida por Haensch *et al* (1982).

Quanto à parte introdutória:

Esta geralmente inclui as páginas principais: um prólogo ou prefácio, no qual se expõem a finalidade do dicionário, o possível grupo alvo, as fontes usadas, etc., e se mencionam o autor ou autores, o diretor de equipe, os assessores e os responsáveis. [...] A introdução propriamente dita oferece ao usuário uma série de explicações e instruções sobre o uso do dicionário. Na introdução geralmente expõe-se: a) A estrutura das entradas b) Todos os símbolos e

³⁶ “El cuerpo del diccionario es la parte que contiene _ siguiendo el principio de ordenación que sea _ el conjunto del material léxico registrado, llamado también ‘catálogo’, ‘inventario’ o ‘repertorio.’” (HAENSCH *et al*, 1982, p. 459)

abreviaturas utilizados para a explicação e caracterização dos vocábulos registrados. (HAENSCH et al, 1982, p. 458. Tradução nossa)³⁷

O corpo do dicionário é acima descrito como sendo o conjunto de material léxico da obra, ou, seu repertório. E, por último, há os anexos, ou seja, os textos que se juntarão como complemento: “Muitos dicionários [...] costumam trazer, depois do corpo do dicionário, um ou vários anexos, especialmente: um glossário bilíngue de nomes geográficos, às vezes com inclusão dos gentílicos; um glossário bilíngue de primeiros nomes; um glossário de abreviaturas.”. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 59. Tradução nossa)³⁸

3.8.1 Parte introdutória

Segundo esta proposta lexicográfica, o e-Dic Libras/Português contemplará, em sua parte introdutória, a folha de rosto da obra. Em seguida, haverá um pequeno texto direcionado aos consulentes. Esse texto reforçará a legitimidade da Libras e a relevância da obra, especialmente para a comunidade surda, pelo critério inovador de um trabalho lexicográfico com entradas e

³⁷ Ésta comprende, por lo general las páginas titulares: un prólogo o prefacio, en el que se exponen la finalidad del diccionario, el posible grupo de destino, las fuentes utilizadas, etc., y se mencionan el autor o los autores, el director de equipo, los asesores y los corresponsales. [...] La introducción propiamente dicha ofrece al usuario una serie de explicaciones e instrucciones sobre el uso del diccionario. En la introducción suelen exponerse: a) La estructura de las entradas b) Todos los símbolos y abreviaturas utilizados para la explicación y caracterización de los vocablos registrados. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 458)

³⁸ Muchos diccionarios [...] suelen traer, después del cuerpo del diccionario, uno o varios anexos, especialmente: un glosario bilingüe de nombres geográficos, a veces con inclusión de los gentilicios; un glosario bilingüe de nombres de pila; un glosario de abreviaturas.”. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 59)

textos em Língua Brasileira de Sinais. O texto estará disponibilizado em Português e em Língua Brasileira de Sinais. A razão disso é esta ser uma proposta para uma obra bilíngue; isto é, tem as duas línguas como registro, portanto, todos os textos que compõem a sua macroestrutura estarão nas duas línguas.

A seguir, haverá um texto introdutório para apresentar o dicionário. Isso inclui especificar não apenas o que é e para que foi feito o e-Dic Libras/Português, como também indicar sua classificação pelas ciências do léxico e o processo de sua construção: escolha do *corpus*, critérios de entrada das lexias que o compõe, etc. São informações que deixarão claro para todos os consulentes o objetivo e público alvo da obra, já que essas são referências primárias na elaboração dos dicionários:

Em primeiro lugar, deve-se ter em conta a finalidade do dicionário que se pretende elaborar, uma vez que não é o mesmo coletar um léxico especializado, um de uso ou um escolar. Desta forma, o objetivo primordial deve ser registrar o número máximo de unidades lexicais que atendam aos objetivos que se querem conseguir, evitando, em todos os momentos, incorporar vozes que não estejam nos critérios de seleção estabelecidos. Da mesma forma, devemos também determinar a quem o dicionário se dirige, ou seja, qual será seu usuário habitual. (CARBALLO, 2003, p. 87. Tradução nossa)³⁹

Ainda, apresentaremos um guia de orientação do e-Dic Libras/Português. Nesse texto forneceremos informações sobre o uso do dicionário, como por exemplo, como localizar as lexias a partir da organização alfabética em Língua Portuguesa e da organização por *SignWriting* em Língua Brasileira de Sinais; como localizar os homônimos, as lexias

³⁹ En primer lugar, se debe tener en cuenta la finalidad del diccionario que se pretende elaborar, puesto que no es lo mismo tratar de recoger un léxico especializado que uno de uso o uno escolar. De este modo, el objetivo primordial deberá ser el de registrar el máximo número de unidades léxicas que se ajusten a los fines que se quieren conseguir, evitando, en todo momento, incorporar voces ajenas al criterio de selección establecido. Así mismo, hay que determinar también a quién se dirige el diccionario, es decir, cuál va a ser su usuario habitual. (CARBALLO, 2003, p. 87).

complexas, etc; indicações sobre as informações da microestrutura; explicações sobre a apresentação de classes gramaticais e divisões silábicas; explicações sobre exemplos e abonações, etc.; indicações sobre as definições; descrição das seções da obra; etc.

Por fim, incluiremos a lista de abreviações e siglas que fazem parte do texto do dicionário.

3.8.2 Corpo do dicionário

Equivale ao material léxico registrado. Nesse caso, a proposta lexicográfica do e-Dic Libras/Português será composta do *corpus* estabelecido no item 4.1 deste trabalho. Consideraremos as entradas no sentido lato conforme estabelecido por Porto Dapena mencionado por Carballo:

A entrada pode ser associada [...] em sentido amplo, como 'qualquer unidade lexical em que o dicionário, [...] oferece informação. De acordo com isto, podem distinguir-se dois tipos de **entradas**: as entradas propriamente ditas, que são às submetidas à lematização, isto é, constituem um título ou cabeçalho de artigo, e as **subentradas** [...]. (CARBALLO, 2003, p. 81. Tradução nossa)⁴⁰

⁴⁰ Entrada puede asociar-se así [...] en sentido lato, como 'cualquier unidad léxica sobre la que el diccionario, [...] ofrece información. De acuerdo con esto, pueden distinguirse dos tipos de **entradas**: las entradas propiamente dichas, que son las que están sometidas a lematización, esto es, constituyen enunciado o cabecera de artículo, y las **subentradas** [...]. (CARBALLO, 2003, p. 81)

O corpo do dicionário, portanto, incluirá os verbetes a partir das lexias selecionadas para compor a obra. Sua disposição será a partir das considerações para o denominado dicionário semasiológico.

[Para] a ordenação semasiológica, [...] o ponto de partida são as palavras para chegar às idéias. Sua utilidade centra-se, deste modo, na decodificação da mensagem. E será a ordem alfabética o que caracteriza os dicionários confeccionados do ponto de vista semasiológico. As possibilidades oferecidas por essa sistematização do léxico são muito variadas. A mais habitual, e também a mais utilizada na maior parte das obras lexicográficas, é a ordem alfabética direta, segundo a qual a alfabetização é feita da esquerda para a direita na palavra que serve como entrada para o artigo lexicográfico. (CARBALLO, 2003, p. 85. Tradução nossa)⁴¹

A forma como os verbetes em Língua Portuguesa serão estabelecidos obedecerá, portanto, àquela utilizada na maior parte das obras lexicográficas: a ordenação alfabética e, no caso das entradas em Língua Brasileira de Sinais, a catalogação se dará a partir da ordenação dos elementos da escrita de sinais, o *SignWriting*.

No que diz respeito às lexias especiais, como as unidades polilexicais, fraseologismos, expressões idiomáticas, provérbios, acrônimos e siglas, numerais, homônimos, etc., os critérios de sua seleção e entrada na proposta lexicográfica aqui apresentada foram estabelecidos na seção 3.4 deste trabalho.

Considerando a produção do e-Dic Libras/Português a partir da proposta aqui instituída, a quantidade de verbetes será adequada ao que define o PNLD Dicionários (2012). Como

⁴¹ [Para] la ordenación semasiológica [...] el punto de partida son las palabras para llegar a las ideas. Su utilidad se centra, de este modo, en la descodificación del mensaje. Y será el orden alfabético el que caracterice los diccionarios confeccionados desde un punto de vista semasiológico. Las posibilidades que ofrece esta sistematización del léxico son muy variadas. La más habitual, y también la más utilizada en la mayor parte de las obras lexicográficas, es el orden alfabético directo, según el cual la alfabetización se efectúa de izquierda a derecha en la palabra que sirve de entrada al artículo lexicográfico. (CARBALLO, 2003, p. 85)

definido na seção 3.2.1, propomos uma extensão de mínimo de 19 mil e máximo de 35 mil verbetes, segundo estabelecido pelo Ministério da Educação.

A lematização das classes gramaticais estará conforme estabelecida por Porto da Pena *apud* CARBALLO (2003):

a) Os substantivos, segundo o gênero que possuem, aparecerão representados pela forma do masculino singular ou feminino singular (**dente** m./**escola** f.), e, se apresentam variabilidade genérica, pela forma do sexo masculino e feminino singular (**lixo** , -ra). No caso dos plurais, obviamente será a forma plural (**núpcias**).

b) Os adjetivos são lematizados por sua forma singular. Nos adjetivos de duas terminações, se registrará o masculino [primeiramente] acompanhado do feminino, e nos adjetivos de uma terminação, a sua forma original – conforme sejam masculino e feminino - (**amigável**, **hábil**); embora também, sendo invariável, existam alguns que são usados apenas como adjetivos masculinos (**pitorro** ‘se diz do carneiro com chifres fortes e largos’) ou como femininos (**grávidas**).

c) Os pronomes geralmente são representados de maneira semelhante aos adjetivos (**este**, **-ta**, **alguns**, **-mas**); no entanto, dos pronomes pessoais e das formas átonas dos possessivos, todas as suas variantes são registradas em verbetes independentes.

d) O artigo apresenta no dicionário uma entrada diferente para cada uma de suas formas.

e) Os verbos são catalogados pela forma do infinitivo. Às vezes, o particípio correspondente é incluído em um verbete à parte, quando pode ter uma função adjetiva [...]. (CARBALLO, 2003, p.83,84. Tradução nossa)⁴²

⁴² a) Los sustantivos, según el género que posean, aparecerán representados por la forma del masculino singular o del femenino singular (**diente** m./**escuela** f.), y, si presentan variabilidad genérica, por la forma del masculino y femenino singular (**basurero**, -ra). En el caso de los pluralia tantum la forma canónica será, obviamente, la forma de plural (**nupcias**).

b) Los adjetivos se lematizan mediante su forma singular. En los de dos terminaciones, se registrará el masculino acompañado del femenino, y en los de una terminación, su única forma – masculina y femenina – (**amable**, **hábil**); aunque también, siendo invariables, existen algunos que se usan solo como adjetivos masculinos (**pitorro**) o como femeninos (**encinta**).

c) Los pronombres, habitualmente, se representan de forma similar a los adjetivos (**este**, **-ta**, **-to**; **alguno**, **-na**); sin embargo, de los pronombres personales y las formas átonas de los posesivos, se registran todas sus variantes en artículos independientes.

d) El artículo presenta en el diccionario una entrada distinta para cada una de sus formas.

e) Los verbos se catalogan por la forma del infinitivo. A veces, se incluye en artículo aparte el participio correspondiente, cuando puede tener función adjetiva. [...]. (CARBALLO, 2003, p.83,84)

3.8.3 Anexos

Os textos em anexo virão logo após o corpo do dicionário. Por tratar-se de um dicionário geral de língua bilíngue, e, ainda, por estarmos sugerindo uma proposta lexicográfica que retrata uma comunidade linguística, até então, com defasagem de obras lexicográficas específicas à sua língua, estabeleceremos nos anexos listas conforme algumas sugestões por ROSA (2018, p.237): a) nomes de países e gentílicos; b) mapas; c) siglas e abreviaturas importantes;⁴³ d) uma seção para i) as horas, ii) as formas geométricas, iii) pesos e medidas; e) uma seção para termos aritméticos e uso dos números; etc.

O anexo também contará com um texto cujo objetivo é facilitar a compreensão da escrita de sinais, o *SignWriting*. Esse é o meio de ordenação dos lemas em Língua Brasileira de Sinais. No entanto, cogitamos a possibilidade de alguns consulentes desconhecerem o método e, por isso, propomos um texto com introdução e lições a respeito do *SignWriting*. Assim, todos os consulentes do e-Dic Libras/Português terão facilidade em encontrar as lexias quaisquer que sejam as que procurem. O documento em questão está baseado no texto de Severina Batista de Faria Klimsa; Maria Janaína Alencar Sampaio e Bernardo Luís Torres Klimsa denominado Escrita de Sinais I.

3.9 A microestrutura do e-Dic Libras/Português

⁴³ Conforme especificado, na Parte Introdutória será incluída uma lista de siglas e abreviaturas. Esta, trazida nos anexos, portanto, é diferente, pois trata-se de siglas e abreviaturas recorrentes no léxico geral da língua, provenientes do *corpus* para esta obra.

De acordo com Haensch *et al* (1982) define-se microestrutura:

Um dicionário ou glossário é um extrato padronizado do conjunto do léxico existente ou de um subconjunto léxico. É apresentado, geralmente, em forma de uma lista (catálogo, repertório) segundo um dos diferentes critérios de ordenação possíveis. Ao realizar uma seleção do léxico total de um conjunto (ou de um subconjunto), o lexicógrafo transforma um inventário aberto em outro inventário fechado, que é o que aparece no dicionário, etc., que é feito. Este inventário, que constitui o corpo de todo dicionário, glossário, etc., é dividido em "artigos", também chamados "entradas" ou, quando têm certa extensão, "monografias" (HAENSCH *et al*, 1982, p. 462. Tradução nossa) ⁴⁴

Podemos concluir, portanto, ser a microestrutura o conjunto de informações dadas sobre o lema.

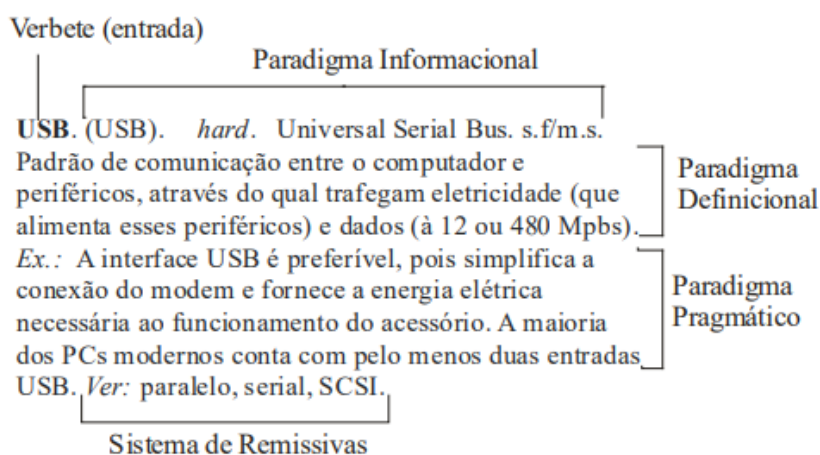
Welker (2004) destaca outros autores que tratam da definição de microestrutura e suas características, como, por exemplo, a padronização: “A padronização é imprescindível tanto para o usuário (senão a leitura dos verbetes seria muito mais complicada do que já é) quanto para os redatores, que, sem ela, apresentariam as informações de maneiras divergentes.”. (p.108).

Reconhecemos ser irrealista a ideia de uma padronização absoluta no sentido de que haja exatamente as mesmas considerações para todas as lexias retratadas no e-Dic Libras/Português. Essa afirmação justifica-se simplesmente por um dicionário tratar de lexias de distintas classificações. Por exemplo, o verbete de um afixo necessariamente não seguirá o padrão de classificações do verbete de um nome ou verbo. Não significa isso que não haverá padronização na microestrutura da proposta e, conseqüentemente, do dicionário. O que definimos é haver

⁴⁴ Un diccionario o un glosario es un extracto estandarizado del conjunto del léxico existente o de un subconjunto léxico. Se presenta, por lo general, en forma de lista (catálogo, repertorio) según uno de los diferentes criterios de ordenación posibles. Al realizar una selección del léxico total de un conjunto (o de un subconjunto), el lexicógrafo transforma un inventario abierto en otro inventario cerrado, que es el que figura en el diccionario, etc, que se elabora. Este inventario, que constituye el cuerpo de todo diccionario, glosario, etc, se divide en ‘artículos’, llamados también ‘entradas’ o, cuando tienen cierta extensión, ‘monografías’. (HAENSCH *et al*, 1982, p. 462)

uma padronização na obra em geral e, não propriamente a cada palavra-entrada. Assim, a microestrutura será composta de três paradigmas conforme descrito em FROMM (2003, p. 4,5):

- Paradigma Informacional (PI): constituído de abreviaturas, categoria gramatical, gênero, número, pronúncia, conjugação, homônimos, etc. Ainda segundo HAENSCH (1982, pp. 480-501), teríamos aqui também as diferenças ortográficas, cronológicas e geográficas, a etimologia, níveis de estilo e conotações, atribuição a uma matéria ou especialidade, marcas registradas, denominações oficiais;
- Paradigma Definicional (PD): descrevem-se os semas ou unidades de significação; e a definição do verbete em si;
- Paradigma Pragmático (PP): contém informações contextuais como exemplos e abonações. HAENSCH (1982, p. 470) subdivide esse conceito entre parte sintagmática (colocações e fraseologia) e/ou parte paradigmática (sinônimos, antônimos, parônimos e hipônimos). [...] Exemplificamos, a seguir, a estruturação de um verbete (ou entrada) proposto por FROMM [...]:



A partir do estabelecimento da organização desses paradigmas, determinamos os elementos importantes a serem definidos em cada lema em concordância com Hausmann & Wiegand (1989) que estabelecem como informações mais importantes a serem incluídas no verbete: informação que identifica o lema na sincronia (grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão); informação que identifica o lema na diacronia (etimologia); marcas de uso; informação explicativa (definição); informação paradigmática (sinônimos, antônimos, etc.); informação

semântica (metáforas, etc.); observações; ilustrações; elementos de ordenamento (por exemplo, símbolos); remissões; símbolos substitutivos (como o til (~) para evitar repetições).

Para a proposta aqui estabelecida, tratando-se de um dicionário geral de língua, incluiremos as informações diacrônica, paradigmática, semântica; observações específicas e sistema de remissivas quando for o caso, já que, mesmo previstos no programa de informações determinadas para a microestrutura, alguns paradigmas podem ser omitidos da representação concreta, em razão das peculiaridades de cada signo-lema. As ilustrações não farão parte do e-Dic Libras/Português.

3.9.1 O verbete do e-Dic Libras/Português

A palavra entrada do verbete no e-Dic Libras/Português virá, tanto na disposição em Língua Portuguesa, como em Língua Brasileira de Sinais, em destaque. A palavra correspondente e as informações sobre ela na língua adicional serão ofertadas quando o consulente dispor o cursor sobre a palavra entrada em negrito. De modo que, nas páginas correspondentes à Língua Portuguesa, tenhamos informações aparentes exclusivas em Língua Portuguesa e, nas referentes à Língua Brasileira de Sinais, todo o conteúdo esteja em língua de sinais. Ao posicionar o cursor ou clicar sobre a palavra entrada, as informações na língua distinta aparecem.

Welker (2004) lista informações que recorrentemente estão na cabeça do verbete. Dentre elas selecionamos as seguintes para compor o verbete da proposta lexicográfica deste trabalho: a) variantes ortográficas; b) classe gramatical e informações gramaticais; c) marcas de uso; d) definição; e) exemplos e/ou abonações; f) sistema de remissivas.

3.9.1.1 Variantes ortográficas

Welker (2004, p.92) destaca: “Há casos em que são indicadas, como entrada, duas ou mais formas do lema (ou, mais exatamente, do signo lemativo), seja que se trate de variantes gráficas ou de diversas formas de um lexema.”.

No caso das variantes ortográficas, optamos por indicar uma entrada para cada uma delas. Justificamos essa decisão por estarmos sugerindo a obra para um público alvo de estudantes do ensino fundamental, a saber, usuários da língua cujo desenvolvimento da competência lexical está em formação. Portanto, levamos em conta que ainda podem não ter o domínio do conhecimento das distintas variantes léxicas e, assim, os cercamos de modo que, independente do que busquem, encontrem tais palavras. Além disso, parte desse público, os surdos, têm a Língua Portuguesa como língua estrangeira, sendo oportuno, portanto, manter as variantes ortográficas como entradas distintas.

Ao incluir lexias com duas ou mais variantes ortográficas, faz-se necessário, após a entrada, dispor a informação da(s) possível(is) variação(ões). “Por exemplo, no Aurélio, encontra-se, após o lema contactar, a informação: ‘[Var. de contactar]’”. (WELKER, 2004, p.111)

3.9.1.2 Classe gramatical e informações gramaticais

A classe gramatical a qual pertence o lema e a regência dos verbos incluídos como verbete aparecerão por extenso, em detrimento das abreviaturas. Essa é uma opção que visa tornar a leitura e decodificação do texto do verbete mais simples e clara para os consulentes que, como justificado no item anterior, tratam-se de aprendizes da língua e, inclusive, de um grupo cujo contato com o Português é mediado por uma língua de modalidade distinta.

No caso das palavras polissêmicas/homônimas, mantemos as colocações determinadas por Haensch *et al* (1982) e especificadas no item 3.4 desta pesquisa: “Determinamos, portanto, que as distintas acepções de palavras homônimas ou polissêmicas estarão enumeradas na microestrutura do verbete. Haverá duas ou mais entradas no caso de palavras homógrafas que tenham pronúncias diferentes ou quando um mesmo significante faz parte de classes de palavras diferentes.”. Ainda, as lexias polissêmicas/homônimas registradas em um mesmo lema devem ser enumeradas, a fim de que as informações gramaticais sobre cada uma fiquem bem diferenciadas:

Juntando-se esses homógrafos no mesmo verbete, as indicações da classe gramatical não pertencem à cabeça do verbete, já que não se referem a todas as acepções arroladas. Mesmo que se possa defender o agrupamento de homógrafos pertencentes a diversas classes, seria, no mínimo, recomendável que fosse usado um sistema numérico que as distinguisse; assim, se houver três acepções do lema enquanto verbo, e quatro, enquanto substantivo, empregar-se-iam os números 1 a 3 e 1 a 4 (por exemplo, verbo: 1; primeira acepção: 1.1, etc.; substantivo: 2; primeira acepção: 2.1, etc.). Nos G4, ao contrário, a contagem é contínua, sem distinção das classes. (WELKER, 2004, p.115)

As unidades polilexicais serão incluídas como entrada a partir da primeira palavra plena da expressão, facilitando e pontuando a busca.

Informações gramaticais necessárias (por exemplo, conforme *Houaiss* p. XXXVI: “plural irregular, mais de um plural, plural de palavras compostas por hífen, de palavras estrangeiras [...]; feminino irregular ou incomum; aumentativos e diminutivos irregulares; superlativo absoluto sintético; dados sobre regências verbais e defectividade [...]”) também estarão estabelecidas dentro do verbete, logo após a classe gramatical.

3.9.1.3 Marcas de uso

As denominadas marcas de uso estão mencionadas em Borba (2003) quando trata dos chamados dicionários de uso:

Num dicionário de usos uma informação importante relaciona-se com a variação tanto espacial, de uma região para outra, como social, no mesmo espaço mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam dar este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários. (BORBA, 2003, p.315)

Welker (2004, p.131) propõe a seguinte divisão de marcas (já sugerida por Hausmann 1977: 112-143):

- diacrônicas (por exemplo, antiquado, envelhecido, neologismo)
- diatópicas (aplicadas a aceções restritas a certas regiões ou países)
- diaintegrativas (usadas para assinalar estrangeirismos)
- diamediais (diferenciam entre as linguagens oral e escrita)

- diastráticas (por exemplo, chulo, familiar, coloquial, elevado)
- diafásicas (diferenciam entre as linguagens formal e informal)
- diatextuais (assinalam que o lexema – ou acepção – é restrito a determinado gênero textual; por exemplo, poético, literário, jornalístico)
- diatécnicas (informam que a acepção pertence a uma linguagem técnica, a um tecnoleto)
- diafrequentés (em geral: raro, muito raro)
- diaevaluativas (mostram que o falante, ao usar o lexema, revela certa atitude; por exemplo, pejorativo, eufemismo)
- dianormativas (indicam que o uso de certa acepção – ou lexema – é errado pelas normas da língua padrão)

Assim como as classes gramaticais, as marcas de uso serão escritas por extenso. Além disso, por não desmerecermos a dificuldade encontrada pelos lexicógrafos em determinar tais marcas e aplicá-las, haverá explicação de cada uma delas nos textos extensivos da obra, na parte introdutória, com exemplos de como podem ser empregadas, a fim de evitar quaisquer divergências em suas colocações.

3.9.1.4 Definição

Welker traduz Rey-Debove (1966) ao detalhar as definições:

Cabe esclarecer que o *definiendum* é aquilo que deve ser definido, e *definiens* é aquilo que define.

Começa-se pelo *definiendum* [...]. Esse *definiendum* ou esse signo se refere a um conceito. Esse conceito é dividido em conceitos menos complexos, que

são expressos por vários signos (*definiencia*). [...] Para um *definiendum* D com um semema Sd têm que ser expressas pelo menos duas – ou mais – palavras cujos sememas juntos resultem no semema Sd. [...] [Usa-se] a velha fórmula: “o *definiendum* inteiro e nada que o *definiendum*”. A expressão “o *definiendum* inteiro” não significa o conjunto dos conceitos que o signo evoca; primeiro, têm que ser diferenciados os conceitos, que, em palavras polissêmicas, são percebidos como sendo distintos. (p. 72s.) (WELKER, 2004, p.120)

Compreendemos a definição assim como registrado por Rey-Debove. Apresentaremos nesta proposta a definição das lexias através de conceitos menos complexos, analíticos, até que sejam absolutamente compreensíveis. Concordamos ainda com Haensch *et al* (1982, p. 502) quando indicam que as definições por paráfrases, em geral, são preferíveis às definições sinonímicas. No entanto, cumprir com o objetivo de obras lexicográficas, especialmente dos dicionários, de possibilitar por parte dos consulentes a plena apropriação do léxico da língua registrada nos permitirá agir conforme postulado:

Independentemente do tipo de definição, pode-se afirmar que a melhor é a mais facilmente inteligível e a que dá mais instruções ao usuário. Em um dicionário geral, e mais ainda em um dicionário escolar, será preferível evitar nas definições termos técnicos muito específicos (que obrigam ao usuário fazer consultas suplementares). Desta forma, definições mais simples, porém mais claras, são alcançadas. [...] À definição propriamente dita podem acompanhar exemplos de aplicação ou um desenho. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 503. Tradução nossa)⁴⁵

Trabalhamos nesta proposta, portanto, primariamente, com a definição analítica. A partir do momento, porém, que outros processos tornam a explicação do significado mais propensa à compreensão não nos limitaremos a ela. Obviamente, as possibilidades de processos

⁴⁵ Independientemente del tipo de definición, se puede afirmar que la mejor definición es la más fácilmente inteligible y la que da más instrucciones al usuario. En un diccionario general, y más aún en un diccionario escolar, será preferible evitar en las definiciones términos técnicos muy específicos (que obligan al usuario a consultas suplementarias). De este modo se logran definiciones más simples, pero más claras. [...] A la definición propiamente dicha la pueden acompañar ejemplos de aplicación o un dibujo. (HAENSCH *et al.*, 1982, p. 503)

definitórios estarão determinadas e explicadas na introdução da obra, visando, sempre, a máxima na utilidade desta lexia registrada.

3.9.1.5 Exemplos e/ou abonações

Consideramos para esta proposta a definição de exemplos semelhante àquela estabelecida por Rey-Debove (1989, p.638) a qual determina-os como sendo o sintagma no qual aparece o lema. As abonações são os enunciados encontrados em um texto autêntico.

Para a proposta lexicográfica em questão, sabendo que as lexias serão coletadas do *corpus* já determinado e descrito, utilizaremos abonações nas características mencionadas por Biderman:

[O lexicógrafo] deverá extrair da sua concordância os melhores exemplos, de forma que o contexto citado explicita bem o significado, uso ou construção em epígrafe e também registre o nível de linguagem descrito quando for necessário. Muitas vezes uma passagem muito poética e excepcional literariamente não é adequada como abonação. Pelo contrário, um contexto pouco original mas que ilustre bem a norma linguística pode ser o mais indicado. (BIDERMAN, 1984, p. 41)

O objetivo de estabelecê-las serão alguns dos postulados por Welker:

É preciso distinguir, pelo menos, cinco finalidades gerais das abonações [...]:

a) comprovar que o lexema ocorre, de fato, na respectiva acepção; b) mostrar que os bons autores usaram o lexema; c) mostrar o lexema num contexto “estilisticamente belo” ou incomum; d) mostrar como o lexema é usado no discurso real e ajudar, desse modo, na produção de textos; e) auxiliar na compreensão do lexema consultado. (WELKER, 2004, p. 151)

Das mencionadas por Welker, desprendemo-nos daquelas definidas nas opções b e c; a saber, indicar que os lexemas foram utilizados por autores reconhecidamente competentes e identificar o lexema em um contexto estilisticamente belo, especialmente encontrado nos textos poéticos e metafóricos. Essa decisão justifica-se por estarmos interessados em apresentar aos consulentes um lexema passível aos seus discursos orais e escritos mais recorrentes.

3.9.1.6 Sistema de Remissivas

As obras lexicográficas se compõem de verbetes que nada mais são do que a representação da língua de uma comunidade. Assim, é fato que coletar, analisar e copilar essas lexias são trabalhos sistemáticos na tentativa de descrever algo vivo e em constante mudança. Fato também é que, tal sistematização demandará, naturalmente, uma relação entre esses verbetes que não são isolados e independentes. Toda palavra está em uso em relação a outras e a contextos de discursos preponderantes para a efetiva comunicação. De modo que o sistema de remissivas é o que, em uma obra lexicográfica, identificará essa relação entre palavras e contextos. As remissivas são as relações determinadas entre os lemas. Consegue-se, com elas, uma coerência semântica entre as palavras ali registradas, bem como ampliar as suas conceituações e denominações.

Para a proposta aqui estabelecida, as remissivas serão explicitadas por meio da marca gráfica *ver::*; permitindo coerência em todos os verbetes ou textos externos da obra nos quais houver a

necessidade de indicar ao consulente uma outra referência. Os tipos de remissivas; quais sejam, as informativas e as prescritivas, definidas conforme Cabré (1993, p. 314), serão postulados na parte introdutória do dicionário de modo a esclarecer ao usuário não apenas sua importância no desenvolvimento da competência lexical, mas também como utilizá-las corretamente.

Nesta proposta, as remissivas estarão presentes tanto nos textos externos componentes da macroestrutura da obra, como nos verbetes em si. Como nos lembra Welker (2004, p. 178): “Nos textos externos – por exemplo, na introdução ou numa breve gramática – há frequentemente remissões para exemplificações, usando-se formas como *ver, veja, cf.*” Nos verbetes as remissivas mais comuns serão aquelas:

[que remetem] diretamente de um lema para um outro; [cujo] lexema representado pelo lema não é definido; [quando] não há nenhuma ou quase nenhuma informação sobre o lema, Wiegand (1983) chamou tal tipo de *lema remissivo* (*Verweislemma*); trata-se de uma remissão *obrigatória* (Wiegand 1996a: 35), pois o usuário recebe a informação desejada apenas se seguir essa remissão; ela ocorre em várias situações:

- 1) de um lexema mais raro remete-se a um sinônimo ou uma variante ortográfica mais freqüente; a causa da baixa freqüência geralmente é devida ao fato de que o lexema não pertence ao registro neutro da língua;
- 2) o lema é uma forma flexionada; remete-se ao lema da forma canônica;
- 3) o lema não constitui um lexema, mas apenas faz parte de um lexema complexo; remete-se ao verbete onde este está registrado;

Dentro do verbete, notam-se os seguintes tipos de remissões (que Wiegand classifica como *facultativas*, pois o consulente somente as segue se quiser, isto é, se desejar mais informações):

- 1) para lexemas relacionados semanticamente (sinônimos, antônimos, hiperônimos etc.);
- 2) para lexemas relacionados etimologicamente;
- 3) para variantes ortográficas;
- 4) de lexemas compostos ou complexos para lexemas simples;
- 5) para informações contidas em alguma parte do próprio verbete (onde constam, por exemplo, formas flexionadas);

- 6) para informações nos textos externos (por exemplo, para um resumo da gramática ou uma tabela de conjugações);
- 7) para ilustrações gráficas. (WELKER, 2004, p.178)

Dentro dos critérios estabelecidos pelas ciências do léxico para o sistema de remissivas, identificaremos as lexias que utilizarão desse processo e elas serão demarcadas imediatamente após a sua menção quando vierem nos textos externos da obra e, se aparecerem no próprio verbete, a marcação virá logo ao fim do período em que há menção à palavra a receber remissiva.

3.9.2. As lexias não dicionarizadas em Língua Brasileira de Sinais

Convictos de que a Língua Brasileira de Sinais recebe características suficientes para determinar seu status como língua legítima, reconhecemos, no entanto, a defasagem em registros dessa língua em obras lexicográficas produzidas a partir das contribuições das ciências do léxico. Essa realidade permite, infelizmente, um cenário de oficialização lexical diminuído em comparativo com as línguas orais; no nosso caso, a Língua Portuguesa. No que diz respeito aos termos, a situação se torna mais grave, já que o conhecimento no campo da Terminologia em línguas de sinais, em especial da Língua Brasileira de Sinais, é restrito e ainda não completamente sistematizado:

Sabe-se que a terminologia é essencial ao processo de aquisição do conhecimento científico por qualquer aprendiz. Assim, o conhecimento científico, arraigado de terminologia, pede abrigo à LSB, língua materna e língua de instrução de grande parte da comunidade surda, em franco processo de construção. O discurso científico bate à porta da LSB com significados carentes de denominação. Todo o aparato terminológico pronto para atender essa demanda terminológica parte da Terminologia já sistematizada na Língua Portuguesa, segunda língua da maioria dos surdos e língua de interação deles com a sociedade ouvinte.

Apesar de muitas lacunas terminológicas já estarem preenchidas na língua de sinais, não estão sistematizadas. Modestamente, a expansão terminológica nas diferentes áreas do conhecimento científico desponta, na LSB, com alguns termos bem construídos ao lado de outros provisórios e inconsistentes, e outros, ainda, sem nenhuma perspectiva de “terminologização”. (NASCIMENTO, 2009, p.3)

Para tanto e, considerando que o *corpus* determinado para formulação desta proposta lexicográfica constará de verbos de comando e termos específicos dos conteúdos registrados nos livros didáticos já especificados em seção relativa ao tema, será, sem dúvida, necessário que critérios sejam estabelecidos a fim de criar os termos não dicionarizados à base de parâmetros da Lexicografia.

Basearemos a construção de termos ainda inexistentes e/ou não dicionarizados nos cinco parâmetros de formação dos sinais já definidos no capítulo 2 deste trabalho. Para sua organização e sistematização, usufruiremos dos estudos de Lima (2014) à base da construção de fichas lexicográficas que especificam e determinam os novos sinais.

Inicialmente, para cada um dos termos, construímos uma ficha lexicográfica, nos moldes desta que apresentaremos a seguir [...]. Essa ficha mostra informações específicas sobre o termo analisado e atende às especificidades do registro em Libras ou das línguas de sinais, em geral. Depois de preenchidas as fichas, teremos registros para a confecção e a organização dos verbetes. Pressupomos que a descrição dos sinais, valendo-se dos recursos desta ficha, poderá se constituir como a descrição fonética da língua de sinais. (LIMA, 2014, p.113)

Abaixo, reproduzimos a ficha lexicográfica elaborada pela pesquisadora e sua descrição.

QUADRO 15

Modelo de Ficha

(1) Ficha Léxico-terminográfica – Glossário do Desenho Arquitetônico		Número:	
(2) Termo:		(3) Categoria:	
(4) Classe gramatical:			
(5) Definição em português:			
(6) Utilização do termo em uma frase			
(7) Formação da palavra ou sinal na Libras (Morfologia):			
(8) Fotos do sinal:			
(9) Escrita de sinais (<i>SignWriting</i>):			
(10) Quantidade de mãos:			
(11) Parâmetros do sinal (início do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	
(12) Parâmetros do sinal (término do sinal)			
(a) Configuração de mão (direita):	(a.1) Grupo:	(a.2) Número:	
(b) Configuração de mão (esquerda):	(a.2) Grupo:	(b.2) Número:	
(c) Tipo de ação da mão (direita):			
(d) Tipo de ação da mão (esquerda):			
(e) Orientação da palma (direita)			
(f) Orientação da palma (esquerda)			
(g) Ponto de articulação:		(h) Movimento:	
(i) Expressão facial:		(j) Expressão corporal:	

Fonte: LIMA, 2014, p. 113

A seguir, especificaremos cada campo desta ficha.

1) **Título da ficha:** indica o nome do projeto em questão.

a) **Número:** indica o número de registro da ficha.

2) **Termo:** esse campo indica o nome do termo em Português que será analisado na ficha em questão. O vocábulo aparece na forma encontrada nos dicionários de Língua Portuguesa. Sugerimos, também, como se trata de um campo terminológico que o termo venha traduzido para o Inglês.

3) **Categoria:** indica a categoria à qual o termo pertence dentro das categorias estabelecidas para a obra terminográfica em questão.

4) **Classe gramatical:** indica a classe gramatical do termo em Português.

5) **Definição em Português:** significado do termo em Português como é encontrado em dicionários. As definições oferecem a identificação do termo somente com referência ao sistema conceitual do desenho arquitetônico.

6) **Utilização do termo em uma frase.**

7) **Formação da palavra ou sinal na Libras. (Morfologia):** indica a categoria morfológica de cada sinal.

8) **Fotos do sinal:** mostra as fotos que indicam a progressão dos movimentos que constituem o sinal.

9) **Escrita de sinais (*Sign Writing*):** mostra a representação do sinal em escrita de sinais.

10) **Quantidade de mãos:** indica quantas mãos estão envolvidas na expressão do sinal.

11) **Parâmetros do sinal (início do sinal):** essa seção indica as características do sinal no momento em que ele começa a ser executado.

a) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão conforme Barreto e Barreto (2012).

i) Indica o grupo específico do sinal.

ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.

b) **Configuração de mão esquerda:** indica a configuração da mão esquerda do sinal, em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).

- i) Indica o grupo específico do sinal.
- ii) Indica o número específico da configuração de mão, dentro do grupo em questão.
- c) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal, em questão.
- d) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
- e) **Orientação da palma direita:** indica a orientação da palma da mão direita podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
- f) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
- g) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado em relação ao corpo do falante.
- h) **Movimento:** indica se o sinal apresenta ou não movimento.
- i) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.
- j) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.

12) **Parâmetros do sinal (final do sinal):** esta seção indica as características do sinal no momento em que ele termina de ser executado.

- i) **Configuração de mão direita:** indica a configuração da mão direita do sinal em questão, conforme Barreto e Barreto (2012).
- ii) Indica o grupo específico do sinal.

- iii) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.
- iv) Configuração de mão esquerda: indica a configuração da mão esquerda do sinal em questão conforme Barreto e Barreto (2012).
- v) Indica o grupo específico do sinal.
- vi) Indica o número específico da configuração de mão dentro do grupo em questão.
- b) **Tipo de ação da mão direita:** indica se a mão direita tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
- c) **Tipo de ação da mão esquerda:** indica se a mão esquerda tem papel ativo ou passivo no sinal em questão.
- d) **Orientação da palma direita:** indica a orientação da palma da mão direita podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
- e) **Orientação da palma esquerda:** indica a orientação da palma da mão esquerda podendo ser: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.
- f) **Ponto de articulação:** indica a região espacial em que o sinal é executado, em relação ao corpo do falante.
- g) **Movimento:** indica se o sinal apresenta ou não movimento.
- h) **Expressão facial:** indica se o sinal apresenta ou não expressão facial.
- i) **Expressão corporal:** indica se o sinal apresenta ou não expressão corporal.

De posse dos elementos estabelecidos pela autora, será possível beneficiar os estudos terminológicos no campo da Língua Brasileira de Sinais, especialmente, em primeira instância, para aqueles retirados dos materiais didáticos das grandes áreas do ensino fundamental.

3.9.3 A forma do verbete

A proposta para o e-Dic Libras/Português trará o verbete nas duas línguas em estrutura semelhante. A forma do verbete em Língua Portuguesa será embasada nesta língua e está abaixo determinada:

QUADRO 16

A forma do verbete em Língua Portuguesa

<p>LEXIA - (Variante Ortográfica) (Classe Gramatical/Informações Gramaticais) (Marcas de Uso) (Definição) (Exemplo/Abonação) (Sistema de Remissivas).</p>
--

Todos os elementos estão descritos embora, nos casos de algumas lexias, certos elementos não estarão presentes no verbete, como pode ser o caso das variantes ortográficas, marcas de uso e sistema de remissivas.

A forma do verbete em Língua Brasileira de Sinais seguirá essa mesma ordem dos elementos, sendo dada, porém, a entrada dos lemas em *SignWriting*, seguida da transcrição para a Língua Portuguesa. Todos os elementos seguintes também serão descritos em Português. Ainda, ao colocar o cursor do *mouse* do computador sobre as palavras ali registradas em Português, o consulente verá as mesmas informações em Libras, em forma de avatar e/ou vídeo.

QUADRO 17

A forma do verbete em Língua Brasileira de Sinais

<p>LEXIA - (LEXIA em Português) (Variante Ortográfica) (Classe Gramatical/Informações Gramaticais) (Marcas de Uso) (Definição) (Exemplo/Abonação) (Sistema de Remissivas).</p>

De posse da estruturação para a forma dos verbetes nas duas línguas em que a proposta se embasa, a forma do verbete no formato eletrônico seguirá tais especificações e está no domínio abaixo:

<http://e-dic.touchti.com/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa visa estabelecer uma proposta lexicográfica para um dicionário geral bilíngue Libras/Português. Indubitavelmente, o produto de tal proposta pode solucionar barreiras linguísticas graves com as quais a comunidade surda brasileira tem lidado há tempo suficiente para polarizar a sua educação. Souza e Lima (2014, p.257) já indica a grandiosidade dos trabalhos lexicográficos. “A palavra, o sinal, o ato de nomear promove a existência e é o que mais caracteriza o ser humano”. É inconcebível idealizar plenitude de compreensão linguística por parte de usuários carentes de materiais que catalogam sua língua. E é exatamente essa a situação da Língua Brasileira de Sinais.

Bases teóricas das ciências do léxico, especialmente da Lexicografia, foram aqui apresentadas, bem como procedimentos metodológicos para a construção de um dicionário que atenda plenamente aos usuários surdos, haja vista que os dicionários denominados de Libras em circulação no país restringem-se a aplicações de metodologias que priorizam a língua portuguesa. Destacamos fortemente não apenas o direito, mas, principalmente, a necessidade de termos um dicionário de Libras com toda a sua macroestrutura e microestrutura acessíveis ao surdo, ou seja, inteiramente produzidas na Língua Brasileira de Sinais.

Para tanto, iniciamos o processo de produção da proposta pelos estudos lexicográficos, dando especial destaque à lexicografia pedagógica. Em seguida, determinamos o *corpus* no qual se baseia tal proposta; para, então, aplicarmos as especificidades da Lexicografia nas entradas que nos serviram de amostra. No que diz respeito às entradas em Libras, aplicou-se as concepções aqui estabelecidas especialmente no critério da sua ordenação. Foi essencial percebermos como o dicionário, embora bilíngue, tem especificidades para cada língua que representa. Por

exemplo, como a ordenação alfabética não funciona eficazmente para as entradas em Libras, pois subjuga a língua de sinais à língua oral e como o estudo da Morfologia, especialmente dos processos de formação de palavras contribuem para a depreensão dos conceitos das lexias em ambas as línguas.

Esperamos, em estudos futuros, a partir da proposta lexicográfica aqui estabelecida e amostrada, finalizar o e-Dic Libras/Português de modo que ganhe circulação e beneficie tanto a comunidade surda brasileira como ouvintes estudiosos da língua. Desejamos, ainda, que o trabalho de intérpretes educacionais seja facilitado com tal dicionário e que a educação inclusiva tenha um reforço efetivo nas suas intenções de ensino/aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAS, M.; ADAS, S. *Expedições geográficas. 6º ano*. São Paulo: Moderna, 2015.
- ALMEIDA, M. J. F. O desenvolvimento da literacia na criança surda: Uma abordagem centrada na família para uma intervenção precoce. *Mediações Revista on-line*, v. 1, n. 1, p. 142-155, 2009.
- ALMEIDA, W. G. *Introdução à Língua Brasileira de Sinais*. Ilhéus: UAB/UESC, 2013. 153p.
- ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p. 119-126, 1984.
- AMBRÓSIO, R.; LOPES, M.C.R. Latim-Linguística-Português: Por uma dinâmica interdisciplinar. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 32, 2003. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci155.htm>>. Acesso em: 02 agosto 2019.
- ANDRADE, M. M. Conceituação/definição em dicionários da língua geral e em dicionários de linguagens de especialidades. In: SILVA, J. P. da (Org.) *Semântica e Lexicografia*. IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2000.
- ANTUNES, I. *O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.
- BABINI, M. Do conceito à palavra: os dicionários onomasiológicos. *Revista Ciência e Cultura*, São Paulo, v.58, n. 2, p.38-42, abr/jun. 2006.
- BARDINGER, K. Semasiologia e Onomasiologia. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v.9, p. 7-36, 1966.
- BASILIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004. 410 p.
- BERNARDINO, E. L. A. *et al.* O ensino de Libras na UFMG: uma experiência mais que virtual. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 2-29, set. 2014.
- BIDERMAN, M.T.C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O. M.; Silva, F. (orgs.). *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. 1ª ed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. II, p. 747-757, 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4603.pdf>
- BIDERMAN, M. T. C. A Ciência da Lexicografia. *Alfa* 28 (supl.), 1984.
- BIDERMAN, M.T.C. Análise de dois dicionários gerais do Português Brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. *Filologia e Linguística Portuguesa*. n. 5, p. 85-116, 2002.
- BIDERMAN, M.T.C. *Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade*. São Paulo: Alfa. 2003.
- BIDERMAN, M. T. C. O Dicionário Padrão da Língua. *Alfa* 28 (supl.), 1984.

BISOL, C., SPERB, T. M. Discursos sobre a surdez: Deficiência, Diferença, Singularidade e Construção de sentido. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.*, v. 26 n. 1, 2010.

BLONDEL, M.; TULLER, L. La recherche sur la LSF: Un compte rendu critique. *Recherches linguistiques de Vincennes*, v. 29, p. 29-54, 2000.

BORBA, F. S. *Organização de dicionários. Uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORGATTO, A.M.T; BERTIN, T.C.H.; MARCHEZI, V.L.de C. *Projeto Teláris – Língua Portuguesa – 6º ano*. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2015. 312p.

BORGATTO, A.M.T; BERTIN, T.C.H.; MARCHEZI, V.L.de C. *Projeto Teláris – Língua Portuguesa – 9º ano*. 1 ed. São Paulo: Editora Ática, 2013. 352p.

BRASIL. *Decreto no 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 2005.

BRASIL, Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopse Estatística da Educação Básica: Censo Escolar 2004*. Brasília, 2004. 334 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula [elaboração Egon Rangel]*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências.

BRITO, M. S. F. *Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural*. Orientador: Rogério Roque Amaro. 2013. 122f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades locais e Desafios Mundiais) – Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2013.

CABRÉ, M. T. *La terminología*. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CALDAS AULETE Dicionário online. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/onomasiologia#ixzz2Zz6ttm9a>>.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 2ª ed. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, v.1.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. (Ed). *Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira*. 2ª ed. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, v.2.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D; MACEDO, E. C. *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos*. São Paulo: Edipusp, 1998.

CAPOVILLA, F.C; RAPHAEL, W.D; MAURICIO, A.C. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2009, v.1.

CAPOVILLA, F.C; RAPHAEL, W.D; MAURICIO, A.C. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. São Paulo: USP/Imprensa Oficial do Estado, 2009, v.2.

CARBALLO, M. A. C. La macroestructura del diccionario. In: GUERRA, A. M. M. (coord.) *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003.

CATANI, A.; AGUILAR, J. B.; ROSELINO, F. T. *Ciências da natureza. 6º ano*. São Paulo: Edições SM Ltda. 2015.

CEFET-MG WEBSITE. *História e Tradição*. Disponível em: <https://www.cefetmg.br/textoGeral/historia.html>. 2019. Acesso em: 01 nov. 2019.

CHARAUDEAU, P. Dis-moi quel est ton *corpus*, je te dirai quelle est ta problématique. *Revue Corpus*, Nice, v.8, p. 37-66, 2009.

COELHO, L.P; MESQUITA, D. P.C. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. *Entreletras*, n. 1, v. 4. Araguaína. 2013.

CORREIA, M. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, M. A. (coord.). *Lexicon – Dicionário de Grego-Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos. FLUL. 2008.

CORREIA, M. *Os dicionários portugueses*. Lisboa: ILTEC/Editorial Caminho, 2009.

CORREIA, M. Produtividade lexical e ensino da língua. In: VALENTE, A.C.; PEREIRA, M.T.G (Orgs.) *Língua Portuguesa: descrição e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p.223-237.

CUKIERKORN, M. M. O. B. *Os processos de escolarização de alunos surdos das camadas populares: um estudo em escola especial do município de São Paulo*. Orientador: José Geraldo Silveira Bueno. 2005. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

CROMACK, E. M. P. C. Identidade, Cultura Surda e Produção de Subjetividades e Educação: Atravessamentos e Implicações Sociais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 24, n. 4, 2004.

DAPENA, J. A. P. *Manual de Técnica Lexicográfica*. Madrid: Arco-Libros, S.A., 2002.

DINIZ, H. G. *A história da Língua de Sinais Brasileira (Libras): Um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais*. Orientador: Tarcísio de Arantes Leite. 2010. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

FAULSTICH, E. Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica. *Organon*, n. 50, v. 25. Porto Alegre: Instituto de Letras, 2011.

FERRAZ, A. P. Neologismos na publicidade impressa: processos mais frequentes no português do Brasil. In: Aparecida Negri Isquerdo; Ieda Maria Alves (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande, 2007, v. 3.

FERRAZ, A. P. *Produtividade lexical em línguas românicas: os processos deformacionais de neologia formal*. In: 27e. Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes. 2013. Disponível em:

<http://www.atilf.fr/cilpr2013/programme/resumes/16ad6f486f66d0729d9c15d2de43659c.pdf>
Acesso em: 16 out. 2018.

FERRAZ, A.P. Um dicionário de expressões idiomáticas com objetivos pedagógicos. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, vol. VII, Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

FERREIRA, A.B.de H. *Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FERREIRA, E. Uma reconsideração radical da noção de identidade ou a promessa de uma língua. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 40. Campinas: UNICAMP, 2002.

FREDERICO, A. *Parâmetros para o projeto gráfico de dicionários infantis ilustrados*. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Senac. São Paulo. 2008.

FROMM, G. Dicionários em sala de aula: como aproveitá-los bem. In: Guilherme Fromm; Maria Célia Lima Hernandes. (Org.). *Domínios de Linguagem III: Práticas Pedagógicas 2*. 1 ed. São Paulo, 2003, v. 1.

GIOVANNINI, A. *et al. Profesor en Acción*. Madrid: Edelsa Grupo Didascalía, 1996, Tomo 2.

GUARINELLO, A. C., & LACERDA, C. B. F. de. O grupo de familiares de surdos como espaço de reflexão e de possibilidades de mudança. In A. P. Santana, A. P. Berberian, A. C. Guarinello & G. Massi (Orgs.), *Abordagens Grupais em Fonoaudiologia contextos e aplicações* (pp. 105-120). São Paulo: Plexus, 2007.

GROSS, M. Les limites de la phrase figée. *Langages*, Paris, n° 90, p. 7-22, 1988.

GROSS, M. Une classification des phrases figées du français. *Revue québécoise de linguistique*, v. 11, n. 2, p. 151-185, 1982.

HAENSCH, G; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.

HERNANDÉZ, H. *Los diccionarios de orientación escolar*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Ed. Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. *Diretrizes para elaboração de tesouros monolíngues*. Brasília, 1984.

ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. III. Campo Grande: UFMS, 2007.

JESUS, S. C. de; DOMINGUES, T. da C. A. Surdez, cultura e educação. In: *Congresso de Letras*. Caratinga: UNEC, 2005.

KARNOPP, L. B. Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais: estudo longitudinal de uma criança surda. *Tese de Doutorado*. Instituto de Letras e Artes. PUCRS. Porto Alegre. 1999.

KARNOPP, L. B. Aquisição Fonológica nas Línguas de Sinais. *Letras de Hoje*, v. 32, p. 147-162, 1997.

KELMAN, C. A.; SILVA D. N. H.; AMORIM, A. C. F.; MONTEIRO, R. M. G.; AZEVEDO, D. C. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 17, n. 33, p.341-365, maio/agosto 2011.

KLIMSA, S. B. de F.; SAMPAIO, M. J. A.; KLIMSA, B. L. T. *Escrita de Sinais I*. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/sistema/app/webroot/docs/letraslibras/Escrita_de_Sinais_I.pdf>
> Acesso em: 10 nov. 2019.

KRIEGER, M. da G. Dicionário de língua como potencial instrumento didático. In: ISQUERSON, A.; ALVES, I. *As ciências do léxico*, v. 3. Campo Grande: UFMS, 2007.

KRIEGER, M. da G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. *Revista Língua e Literatura*, vol. 6 e 7. 2004, p. 101-112.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registro de léxico, princípios e tecnologia. *Caleidoscópio*. v. 4, n. 3. 2006.

LAFACE, A. O dicionário e o contexto escolar. *Revista brasileira de linguística*. v. 9, n.1, ano 9. Plêiade. 1997, p. 165-179.

LARA, F. Méthode en lexicographie: valeur et modalité du dictionnaire de machine. *Cahiers de Lexicologie*. 29 (2): 103-128, 1976.

LARA, L. F. El discurso del dicionário. In: WOTJAK, G. (ed.) *Estudios de Lexicología y Metalexigrafía del Español Actual*. Tübingen, Max Niemeyer Verlag. 1992.

LARA, L.F. *Teoria del diccionario monolingüe*. Mexico, El Colegio de México; Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios, 1996.

LIMA, V. L. de S. *Língua de Sinais: proposta terminológica para a área de Desenho Arquitetônico*. Orientadora: Maria Cândida Trindade Costa de Seabra. 2014. 278 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LIMA, V. L. de S.; LEITE, R. *Programa Inclusivo de Representação Gráfica e Imagética em Arquitetura e Engenharia*. III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <<http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/p-w/programa-inclusivo.pdf>>
Acesso em: 03 nov. 2019

LIRA, G. A; SOUZA, T. A. F. *Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2005.

MARENTETTE, P. F. *It's in her hands: a case study of the emergency of phonology in American Sign Language*. PHD. Dissertation, Montreal: McGill University, Department of Psychology, 1995.

MARINHO, R. S. *Neologismos em Libras: um estudo sobre a criação de termos na área de química*. Orientador: Frantomé Bezerra Pacheco. 2016. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016.

MARTINS, A. C. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Rio Grande do Sul*. Orientador: Fernando César Capovilla. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

- MARTINS, I. Analisando livros didáticos na perspectiva dos Estudos do Discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa. *Pro-Posições*, Campinas, v.17, n.1, p. 117-136, jan/abr. 2006.
- MOREIRA, D. A. Um estudo introdutório sobre o desenvolvimento dos repertórios léxicos da língua de sinais brasileira a partir da elaboração da definição lexicográfica. Orientador: Rodrigo Rosso Marques. 2015. 221 f. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- MORGAN, J. RINVOLUCRI, M. *Vocabulary*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- NASCIMENTO, M. F. B. Dicionário de Combinatórias do Português (variedade europeia). *Revista Alfa*, São Paulo: Edunesp, p. 183-203, 1998.
- NASCIMENTO, S. P. F. do. *Representações lexicais da língua de sinais brasileira*. Uma proposta lexicográfica. Orientadora: Enilde Faulstich. 2009. 290 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- NEGRELLI, M. E. D; MARCON, S. S. Família e criança surda. *Ciência, Cuidado e Saúde*, Maringá, v.5, n.1, p. 98-107, jan/abr. 2006.
- NERY, A. L. P.; KILLNER, G. I. *Ciências da natureza. 9º ano*. São Paulo: Edições SM Ltda. 2015.
- OATES, E. *Linguagem das mãos*. Aparecida do Norte: Santuário, 1989.
- OLIVEIRA, R. G. et al. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 26, n. 1, p. 183-191, 2004.
- ORSI, V.; SILVA, D. C. da. Libras, Lexicografia e Moda: reflexões e proposta de vocabulário ilustrado trilingue. (*Con*) *Textos Linguísticos*, Vitória, v. 10, n.16, p. 103-117, 2016.
- PACHECO, M. A. *A percepção dos alunos do curso de Pedagogia presencial sobre a oferta da disciplina de Libras na modalidade de educação a distância*. Orientadora: Gláucia Maria dos Santos Jorge. 2019. 288f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- PAULA, M. M.; RAMA, A. *Jornadas.geo*. São Paulo: Saraiva, 2012.
- PÉLISSIER, P. *L'enseignement primaire des sourdes-muets mis à la portée de tout ele monde avec une iconographie des signes*. Paris: Dupont, 1856.
- PEDROSO, C. C. A. *Aspectos gramaticais da Língua Brasileira de Sinais*. Texto produzido como apoio para as aulas teóricas de curso e/ou disciplina de Libras. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/2794844/aspectos-gramaticais-da-lingua-brasileira-de-sinais>> Acesso em: 28 agosto 2018.
- PERCY, C. E. et al (Orgs.). *Synchronic Corpus Linguistics – Papers from the sixteenth International Conference on English Language and Research on Computerized Corpora*. Amsterdam/Atlanta: Rodipi, 1996.
- PETERSON, J. E. *Comunicação Total*. Campinas: sem editora, 1981.
- PETERSON, J. E.; ENSMINGER, J. *Comunicando com as mãos*. Fortaleza: sem editora, 1987.

- POLLAK, M. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- PONTES, A. L.; SANTIAGO, M. S. Crenças de professores sobre o papel do dicionário no ensino de língua portuguesa. In: COSTA DOS SANTOS, F. J. (Org). *Letras plurais: crenças e metodologias do ensino de línguas*. Rio de Janeiro: CBJE, 2009. p. 105-123
- POTTIER, B. *Sémantique générale*. Paris: PUF, 1992.
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: Estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- QUADROS, R. M; PIZZIO, A. L; REZENDE, P. L. F. *Língua brasileira de sinais II*. Texto produzido como apoio para as aulas teóricas de curso e/ou disciplina de Libras. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
- RAJAGOPALAN, K. The concept of identity in Linguistics in the time ripe for radical rethinking. In: SIGNORINI, I. *Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.
- RESENDE, A. A. C. de; LACERDA, C. B. F. de. Mapeamento de alunos surdos matriculados na rede de ensino pública de um município de médio porte do Estado de São Paulo: dissonâncias. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 19, n. 3, p. 411-424, jul/set. 2013.
- REY-DEBOVE, J. *Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains*. Mouton: The Hague, 1971.
- REY-DEBOVE, J. *Léxico e dicionário*. Tradução de Clovis B. de Moraes. São Paulo: Alfa, 1984.
- ROSA, M.C.G. *Proposta de dicionário pedagógico bilíngue infantil espanhol-português*. Orientador: Aderlande Pereira Ferraz. 2018. 281 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- SEABRA, M.C.T.C. Avaliação de dicionários. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. 2012. Notas de aula. Não publicado.
- SILVA, G. M. da. *Parâmetros da Libras*. Texto produzido como apoio para as aulas teóricas de curso e/ou disciplina de Libras. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/citations?user=fHzgeLMAAAAJ&hl=pt-BR>>. Acesso em: 28 agosto 2018.
- SILVA, T. T. da. A Produção Social da Identidade e da Diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL S.; WOODWART K. *Identidade e Diferença: a Perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVEIRA, E. *Matemática Compreensão e Prática*. 6º ano. São Paulo: Moderna, 2015.
- SILVEIRA, E. *Matemática Compreensão e Prática*. 9º ano. São Paulo: Moderna, 2015.
- SKLIAR, C. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças. In: *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

- SOFIATO, C. G. *O desafio da representação pictórica brasileira*. 2005. 124 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- SOFIATO, C. G. REILY, L. Justaposições: o Primeiro Dicionário Brasileiro de Língua de Sinais e a Obra Francesa que Serviu de Matriz. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v. 18, n. 4, p. 569-586, out/dez. 2012.
- SOUTO, M. C. y PASCUAL, J. I. P. El diccionario y otros productos lexicográficos. In: GUERRA, A. M. M. (coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Ariel, 2003.
- SOUZA, V. C. de. SWSservice: uma biblioteca para a escrita da Língua Brasileira de Sinais baseada em Web Services. 2005. 129 f. Dissertação (Mestrado em Computação Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.
- SOUZA, F. B. de; MALDANER, O. A. A significação conceitual no início da escolarização das crianças. Unijuí. RS. 2012.
- STERKENBURG, P. van (Ed.). *A Practical Guide to Lexicography*. 2003, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- STOKOE, W. *Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language*. Listok Press, Silver Spring, MD, 1960.
- SUTTON, V. *Lessons in SignWriting – Textbook and Workbook*, 3 ed. La Jolla, Deaf Action Committee for SignWriting, 2003.
- SUTTON, V. *Lições sobre o SignWriting: Um sistema de escrita para língua de sinais*. Tradução de Marianne Rossi Stumpf. Projeto SignNet. Disponível em: <<http://www.signwriting.org/archive/docs5/sw0472-BR-Licoes-SignWriting.pdf>> Acesso em: 04 jul 2018.
- TEMOTEO, J. G. *Lexicografia da Língua de Sinais Brasileira do Nordeste*. Orientador: Fernando Cesar Capovilla. 2012. 252 f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2012.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Projeto Inovar +. *Dicionário on-line de Libras-Português*. Disponível em: <<https://sistemas.cead.ufv.br/capes/dicionario/#>> Acesso em: 10 nov. 2019.
- SANTOS, P. T. dos. *A Terminologia na Língua de Sinais Brasileira: Proposta de organização e de registro de termos técnicos e administrativos do meio acadêmico em glossário bilíngue*. Orientador: Enilde Faulstich. 2017. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, 2017.
- VILLALVA, A. *Morfologia do Português*. Universidade Aberta. 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Alina_Villalva/publication/324824196_Morfologia_do_Portugues/links/5ae9f8e10f7e9b837d3c2be0/Morfologia-do-Portugues.pdf> Acesso em: 20 set. 2018.
- WELKER, H. A. *Dicionários*. Uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WRIGLEY, O. *The politics of deafness*. Washington: Gallaudet University Press, 1996.

ANEXO 1

Lista das unidades léxicas retiradas do *corpus* desta pesquisa.

As tabelas são referentes às palavras específicas/termos dos conteúdos disciplinares bem como às palavras de comando encontradas nos livros didáticos selecionados. A primeira coluna refere-se às palavras específicas/termos e a segunda coluna às palavras de comando.

Língua Portuguesa 6º ano

a olho nu	acentue
abreviação	agrupe
abreviado	aguarde
acento	ajude
acento agudo	amplie
adjetivo	analise
advérbio	anote
alfabeto	aponte
antônimo	apresente
anúncio publicitário	atente
argumentativo	avalie
artigo	busque
aspas	cole
augmentativo	coloque
autor	combine
bibliografia	comece
braço de ferro	compare
braço direito	complete
braço forte	confira
cardinal	conheça
carta	considere
carta aberta	consulte
causo	continue
circunflexo	converse
classe de palavras	copie
classe gramatical	crie
coerência	date
coloquial	dê

concordância	decida
conjugação	decifre
conteúdo	deduza
contexto	descreva
conto	descubra
cordel	desenhe
crase	discuta
crônica	distribua
cruzar os braços	dividam-se
dar o braço a torcer	elabore
debate	encontre
dedicatória	ensaie
diálogo	entregue
dicionário	escolha
diminutivo	escreva
discursivo	evite
discurso	explique
discurso direto	faça
discurso indireto	fale
ditado popular	formule
dito popular	identifique
ditongo	ilustre
dois pontos	imagine
enredo	indique
enunciado	junte
escrita	justifique
escrito	leia
estar de braço dado	liste
estar de braços abertos	localize
estrofe	marque
exclamativa	observe
fala	organize
falante	ouça
fenômenos da natureza	participe
figurado	passe a limpo
flexão	peça
fonema	pense
fracionário	pergunte
frase	pesquise
futuro	preencha
gênero	prepare
grafia	procure
gramática	recorte
gramática normativa	reescreva
hiato	registre

história	relacione
idioma	releia
idioma oficial	responda
ilustração	retire
imperativo	selecione
indicativo	siga
infinitivo	substitua
interlocutor	traga
interpretação de texto	transcreva
interrogativa	transforme
introdução	treine
jogral	use
legenda	veja
leitor	verifique
leitura	
lembre	
letra	
letra maiúscula	
letra minúscula	
léxico	
língua	
língua materna	
língua oficial	
língua padrão	
linguagem	
linguagem formal	
linguagem informal	
literatura de cordel	
locução adjetiva	
locução adverbial	
locução verbal	
multiplicativo	
narrador	
narrador observador	
narrar	
narrativa	
nominal	
numeral	
número (singular/plural)	
olho de peixe morto	
olho de seca pimenteira	
olho do furacão	
olho gordo	
olhómetro	
oral	

oralidade
ordinal
ortografia
oxítona
palavra
parágrafo
parênteses
paroxítona
passado
personagem
pessoa (1a 2a 3a)
plural
poema
poético
polissemia
ponto de exclamação
ponto de interrogação
ponto final
pontuação
presente
pretérito
pronome
pronúncia
propaganda
proparoxítona
prosa
provérbio
público alvo
quadrinho
rascunho
redação
referência bibliográfica
relato
resumo
reticências
rima
sílabas
sílabas tônicas
silabada
singular
sinônimo
sonoridade
subjuntivo
substantivo
sumário

termo
texto
tira
tira
tirinha
título
tonicidade
travessão
trecho
tritongo
variedade padrão
verbal
verbo
verso
vírgula
vocabulário
vocábulo
vogal

Língua Portuguesa 9º ano

adjetivo	análise
adjuntos	anote
ambiguidade	apresentem
antítese	avaliem
antônimo	classifique
aplicativo	combinem
aposto	compare
argumentativo	complete
argumento	confira
artigo	considere
aspas	construa
autor	consulte
blog	conte
bloggers	converse
blogueiro	copie
capítulo	criem
cartum	dê um exemplo

charge	debata
chavão	definam
cinema	desenvolva
citação	discutam
classe de palavras	dividam
clichê	documente
coerência	elabore
coerente	encaminhem
coesão	enriqueçam
concordância	escolha
conectivo	explique
conjunção	façam
conto	fique atento
contos de fadas	formem grupos
coordenação	indique
crase	informe
crônica	junte
cronista	justifique
cultura	leia
descritivo	lembrem-se
discurso	localize
editorial	note
em voz alta	observe
ênclise	organize
enredo	ouça
entonação	participe
estrangeirismo	pensem
estrofe	perguntem
eu lírico	pesquise
eufonia	planejem
exclamação	preencha
fábula	prepare
figura de linguagem	procurem
figurado	produza
gênero literário	programe
gênero textual	providenciem
gerúndio	redija
gíria	reescreva
globalização	reflita
home page	registre
homônimo	relacione
imprensa	releia
infinitivo	relembre
interlocutor	reproduza
internauta	responda

internet	selecionem
internetês	substitua
interrogação	teatralizem
intertextualidade	traga
introdução	transcreva
ironia	transforme
justaposição	treine
legenda	utilize
letra	veja
leve em conta	verifiquem
léxico	
língua	
linguagem	
literatura	
locuções	
logotipo	
madrigal	
manchetes	
manifesto	
mesóclise	
metáfora	
metonímia	
microconto	
miniconto	
modo verbal	
música	
musicalidade	
narrador	
narrativo	
neologismo	
numeral	
objeto (direto e indireto)	
on-line	
onomatopeia	
oração principal	
orações	
palavra	
paradoxo	
parágrafo	
parônimo	
particípio	
perfis	
período	
personagem	
personificação	

pintura
podcast
poema
polissemia
polissíndeto
pontuação
postar
predicado
prefixação
prefixos
preposição
próclise
pronome
prosopopeia/personificação
quadrinho
rádio
redes sociais
regência
reticências
rima
semântica
silepse
sinestesia
sinônimo
sinopse
sintática
sintaxe
slogan
sonoridade
subordinação
substantivo
sufixação
sufixos
sujeito
teatro
telefone
telégrafo
televisão
tema
termo
tese/proposição
texto
tira
tirinha
título

trecho
tweets
verbete
verbo
verso
web

Geografia 6º ano

aeroporto	acrescente
afluentes	anote
agrícola	aponte
agricultura	apresente
agrotóxico	argumente
água	calcule
altitude	caracterize
altura	cite
anfíbio	clique
ano	colete
antípoda	coloque
aquecimento global	compare
aquífero	considere
astro	construa
astrolábio	consulte
atlas	contextualize
atmosfera	converse
atmosférico	dê exemplo
austral	descreva
ave	descubra
baía	desenhe
barcana	discuta
barragem	divida
basalto	elabore
biodiversidade	encontre
bioma	escolha
biosfera	escreva
boreal	examine
bússola	explique

calendário	faça
campo	identifique
candomblé	imagine
capitalismo	imprima
cartografia	indique
cartógrafo	informe-se
caule	interprete
Cenozoica	investigue
centímetro	justifique
chapada	leia
chuva	lembre
clima	ligue
climático	liste
colina	marque
cometa	não esqueça
comprimento	não gaste tempo
continentalidade	note
continente	observe
coordenada geográfica	pense
cordilheira	pesquise
corrasão	posicione
crosta	prepare-se
crosta terrestre	preste atenção
Cruzeiro do Sul	proponha
curso	recorte
década	reflita
decâmetro	relacione
decímetro	repare
deflação	represente
delta	responda
depressão	reveja
deserto	selecione
desfiladeiro	suponha
desmatamento	tente
detrito	trace
dia	visite
dique	
dobramento	
domo	
duna	
ecossistema	
efeito estufa	
elemento humano	
elemento natural	
encosta	

engenheiro
enseada
enxurrada
epicentro
equinócio
erosão
erupção
escala
espaço
espaço geográfico
espaço natural
estiagem
estuário
extinção
extrativismo
falésia
fauna
fenômeno natural
fiorde
floresta
fluvial
folha
fonte
fóssil
foz
fruto
furacão
garganta
geada
geleira
geografia
geógrafo
geologia
geólogo
globo terrestre
GPS
gráfico
hectômetro
hemisfério
hidrelétrica
hidrografia
hidrosfera
hipocentro
hora
horizontal

indígena
indústria
inseto
intemperismo
inverno
iorubá
irrigação
jazida
lacólito
lago
largura
latifúndio
latitude
lava
legenda
leito
leste
litoral
litosfera
longitude
lugar
magma
mamífero
manto
manufatura
mapa
mapa-múndi
maritimidade
massa de ar
mata
meandro
meio ambiente
meridiano
meridional
mês
Mesozoica
metro
milênio
milímetro
minério
minifúndio
minuto
montanha
multinacional
município

nascente
natureza
neck
nível do mar
nordeste
noroeste
norte
núcleo
oásis
ocidente
oeste
ONG
oriente
outono
oxigênio
país
paisagem
paleontologia
Paleozoica
Pangeia
paralelo
pastagem
pecuária
perspectiva
placa tectônica
plana
planalto
planície
planisfério
plano urbano
planta
poente
poluição
ponte
ponto cardeal
ponto colateral
ponto subcolateral
praia
precipitação
prédio
primavera
queimada
quilômetro
raio
raiz

recurso natural
reg
relevo
represa
réptil
restinga
rio
rocha
rodovia
rosa dos ventos
rotação
satélite
século
sedimento
segundo
ser humano
serra
setentrional
símbolo
sismógrafo
sistema solar
solidificar
solo
solstício
subsistência
sudeste
sudoeste
sul
superfície terrestre
temperatura
tempo
Terra
terraço
terremoto
título
tômbolo
topográfico
topógrafo
torrente
translação
transnacional
tsunami
umidade
unicelular
usina

usina hidrelétrica
vale
vegetação
vento
verão
vertical
viaduto
voçorocamento
vulcão

Geografia 9º ano

absolutista	apresente
Aerovia	caracterize
África	cite
Agricultura	comente
Agropecuária	compare
Alfandegária	complete
Altitude	consulte
América	converse
Analfabetismo	copie
anamorfose	dê
aquecimento global	defina
arquipélago	desenhe
Ásia	diferencie
bloco econômico	discuta
capital	escolha
Capitalismo	escreva
Cartel	exponha
Cartografia	faça
Chuva	identifique
chuva ácida	ilustre
Clima	imagine
colônia	indique
Comércio	informe
comunista	justifique
Constitucional	leia

Continentalidade	monte
Continental	observe
Continente	pergunte
Cordilheira	pesquise
Cultura	preencha
Democracia	procure
densidade demográfica	providencie
depressão	recorte
desastre natural	relacione
Desemprego	resolva
desemprego estrutural	responda
Deserto	reúna
desigualdade social	selecione
Desmatamento	
Dialeto	
direitos humanos	
ditadura	
economia	
Emergente	
Emigrante	
emirado	
Epidemia	
estação do ano	
estatuto	
Estreito	
Etnia	
Étnico	
Euro	
Europa	
êxodo rural	
Extrativismo	
Fábrica	
Favela	
Federação	
Ferrovia	
Feudalismo	
Fluvial	
FMI	
Fronteira	
gás natural	
Genocídio	
Geopolítica	
Globalização	
Golfo	
Hegemonia	

Hemisfério
Hidrografia
Hidrovia
HIV
Holding
IBGE
IDH
Idioma
Ilha
Imigrante
imperialismo
Imposto
Indústria
Inflação
Infraestrutura
Internet
Inverno
Jazida
Lago
Latitude
Megalópole
mão de obra
Mapa
Mar
Maritimidade
Marketing
matéria-prima
meio ambiente
Metrópole
Migração
minério
Monarquia
Monopólio
monoteísta
Montanha
mortalidade infantil
Multinacional
Nômade
Oceania
Oceano
Oligopólio
OMS
ONG
Outono
País

parque industrial
PEA
Pecuária
Península
Petróleo
PIB
placa tectônica
Planalto
Planície
Planisfério
Plebiscito
Politeísta
Poluição
potência mundial
Povo
pré-sal
previdência social
Primavera
Propaganda
Protestante
Racismo
recurso natural
rede social
Refugiado
Relevo
Religião
Renda
renda per capita
republicano
Revolução Industrial
Rio
Rodovia
salinidade
Saneamento
setor primário
setor secundário
setor terciário
socialismo
socialista
Socioeconômico
Software
Subemprego
sustentável/sustentabilidade
taxa de natalidade
Tecnologia

Terremoto
Território
Terrorismo
transnacional
Tratado
Truste
Tsunami
Turismo
UNESCO
União Europeia
Unicef
urbanização
Vegetação
Verão
Voto
Vulcão
Web
Xenofobia

Matemática 6º ano

Adição	acompanhe
algarismo	adicione
Altura	analise
ângulo	anote
Antecessor	aplique
Área	calcule
Aresta	certifique
balança	classifique
base	compare
Calculadora	confira
Centena	considere
Centésimo	construa
Centímetro	contar
Cilindro	converta
Círculo	copie
Circunferência	decifre
classe	decomponha

Compasso	descubra
Comprimento	desenhe
Cone	determine
consecutivo	diga
Cubo	digite
Decâmetro	discuta
Decímetro	disponha
décimo	efetue
Denominador	elabore
Dezena	escreva
dividendo	explique
Divisão	expresse
Divisor	faça
Dúzia	forme dupla
esfera	identifique
Esquadro	imagine
estatística	indique
Expoente	invente
exponencial	junte
Face	justifique
fator	justifique
fatoração	leia
fração	liste
Geometria	marque
Gráfico	meça
Grau	multiplique
hectare	observe
Hectômetro	ordene
hora	pense
ímpar	reduza
Litro	reescreva
Losango	registre
massa	relacione
metro	releia
Milésimo	represente
Milhar	reproduza
Milímetro	resolva
Minuendo	responda
Minuto	reúna
Multiplicação	simplifique
múltiplo	substitua
Numerador	suponha
número/numeral	tecle
Operação	trace
ordem	troque

Par	troque ideias
Paralelogramo	use
Parcela	veja
perímetro	verifique
Pirâmide	
plano	
polígono	
por extenso	
porcentagem/percentagem	
Potência	
potenciação	
Prisma	
Problema	
Produto	
Quadrado	
quadrilátero	
quilograma	
Quilômetro	
Quociente	
Radiciação	
Raio	
raiz quadrada	
régua	
Resto	
Reta	
Retângulo	
Segundo	
Semirreta	
Símbolo	
sistema de numeração	
Soma	
Subtração	
subtraendo	
sucessor	
superfície	
tabela	
Temperatura	
Tempo	
transferidor	
Trapézio	
triângulo	
tridimensional	
Unidade	
Vértice	
Volume	

Matemática 9º ano

Abscissa	acompanhe
adição	aplique
Algarismo	Associe
Amostra	Calcule
Amplitude	classifique
ângulo	componha
área	considere
base	Construa
bissetriz	copie
calculadora	Dê
cartograma	decomponha
categoria	demonstre
cateto	Descubra
círculo	determine
circunferência	efetue
coeficiente	Enuncie
compasso	Escreva
congruente	Expresse
cosseno	Fatore
dados	generalize
denominador	identifique
diâmetro	introduza
divisão	leia
dobro	localize
eixo	mostre
equação	nomeie
expoente	Observe
fatoração	Obtenha
fórmula	Organize
frequência	Pesquise
função	preste atenção
gráfico	prove
hipotenusa	racionalize
histograma	Reduza
homotetia	reescreva
IBGE	resolva
IDH	retire
ímpar	simplifique
incógnita	suponha

índice	transforme
infográfico	verifique
juro	
largura	
losango	
média	
mediana	
metade	
metro quadrado	
moda	
multiplicação	
notação científica	
nulo	
numerador	
número	
ordenada	
par	
parábola	
paralela	
paralelogramo	
perímetro	
pictograma	
plano	
plano cartesiano	
polígono	
potência	
potenciação	
probabilidade	
problema	
produto	
proporção	
quadrado	
quociente	
radical	
radicando	
radiciação	
raio	
raiz	
régua	
reta	
retângulo	
secante	
segmento	
seno	
soma	

subtração
tangente
transversal
trapézio
triângulo
trinômio
variável
vértice

Ciências 6º ano

ácaro	Agite
açúcar	Aguarde
adubação	Amarre
aeração	Anote
agrícola	Apoie
agricultura	associe
agrotóxico	Calcule
água	cite
alagamento	Cole
alergia	Colete
alga	Coloque
altitude	Compare
alumínio	compartilhe
ameba	considere
ancinho	Consulte
anfíbio	Conte
aquecimento global	Copie
aquífero	Corte
ar	Cubra
aração	Defina
arável	Despeje
arbusto	Descreva
areia	Desenhe
arenito	Despeje
argila	Dilua
asma	Discuta
aspersão	Elabore

assoreamento	Encaixe
astro	encha
astronomia	entreviste
aterro sanitário	Enumere
atmosfera	esparrame
ave	Espere
bacia sedimentar	Explique
bacilo	Faça
bactéria	Fixe
basalto	forme
bauxita	identifique
béquer	imagine
biodiesel	indique
biodiversidade	Instale
biologia	Interprete
bioma	Inverta
biosfera	investigue
boca	junte-se
bosque	Justifique
brânquia	Leia
brisa	Liste
bruto	localize
caatinga	mantenha
cactos	Marque
caiçara	Meça
calagem	mencione
calcário	Misture
calcita	Monte
calor	mostre
câncer	Observe
cânion	peça
cano	pense
carvão	Pergunte
cascalho	pesquise
catalisador	Plante
catástrofe	Posicione
caule	Prenda
celulose	Prepare
cerrado	procure
chorume	proponha
chuva	recorte
chuva ácida	Registre
ciência	Relacione
cientista	Releia
cinza	Repita

circunferência
clima
cloração
clorofila
cobre
cólera
combustão
compostagem
compressibilidade
condensação
continente
cordilheira
córrego
costa
cratera
cromo
crosta terrestre
crustáceo
decantação
declive
decompositor
densidade
depressão
descontaminada
desertificação
desidratação
desmatamento
despoluída
detritívoro
doença
dossel
drenagem
dúctil
ecossistema
efeito estufa
elasticidade
elipsoide
energia
enxada
Equador
erosão
erupção
esfera
esgoto
esôfago

represente
Reserve
Responda
Retire
separe
Siga
Solte
suponha
Tape
troque ideias
Umedeça
Use
Utilize
Veja
Verifique

estanho
estiagem
estômato
estrato
estufa
etanol
eutrofização
excreção
extinção
faringe
fauna
feldspato
fenômeno
ferro
fertilidade
fertilizante
fezes
filtração
física
floculação
flora
floresta
flúor
folha
fóssil
fotossíntese
foz
fragmento
fratura
fronteira
furacão
fusão
gado
galho
garganta
garimpo
gás metano
gasoso
geada
geleira
gelo
Geologia
geólogos
glicose
gnaisse

gotejamento
gotícula
granito
granizo
gravidade
gripe
halita
hematita
hemisfério
herbicida
hidrelétrica
hidrológico
hidrosfera
higiene
hospedeiro
humífero
húmus
IBGE
ilha
impureza
incineração
incolor
indígena
industrial
íngreme
inodora
inseticida
insípida
intemperismo
inverno
iodo
irrigação
jangada
lago
laringe
lava
lazer
leguminosa
leito
leptospirose
liquens
líquido
litosfera
lixão
lixo

luz
magma
magnitudo
mamífero
manancial
manganês
manguezal
manto
mapa-múndi
mar
maré
mármore
massa
massa corporal
mata ciliar
matéria
mercúrio
metal
meteorito
meteoroides
meteorologia
mica
microrganismo
microscópio
mineral
minério
miragem
molusco
monocultura
montanha
nariz
nascente
neblina
necrófago
neve
névoa
nicotina
nióbio
níquel
nitrogênio
nômade
núcleo
nutriente
nuvem
oceano

orelha
orgânica
organismo
orvalho
ouro
outono
oxigênio
pá
paisagem
paleontólogo
pâncreas
Pangeia
paralelepípedo
parasita
pau-brasil
peixe
pele
permeabilidade
pesca
pesticida
pico
placa tectônica
planalto
planeta
planície
planta
plantação
plástico
plataforma
poço
polo
poluente
poro
porosidade
potássio
potável
praga
praia
precipitação
pressão
petróleo
primavera
profundidade
pulmão
quartzito

quartzo
queimada
quilombola
química
radiação
raiz
rarefeito
reflorestamento
relevo
represa
réptil
reservatório
ressublimação
restinga
rinite
rins
rio
rocha
sais minerais
salinidade
saneamento
saneamento básico
satélite
seca
sedimento
serra
sertão
silte
sismo
Sistema Solar
socioeconômico
soja
solidificação
sólido
solo
soluto
solvente
sublimação
subsolo
substância
subterrânea
suor
superfície
tabaco
temperatura

tempo
terremoto
terreno
tosse
tóxico
transpiração
trator
tronco
tsunami
tuberculose
tufão
turismo
umidade
universo
urbanização
urina
UV (ultra violeta)
vacina
vale
vaporização
várzea
veia
vento
verão
vereda
vida
vidro
volume
vulcão
zinco
zona rural

Ciências 9º ano

absorção	Adicione
aceleração	Agite
ácido	aguarde
alavanca	analise

alcalino	Anote
alcalinoterroso	apresente
alogênio	associe
amálgama	Avalie
ametais	certifique
ampère	classifique
amplitude	Cole
ânion	Coloque
aquecimento global	Combine
astigmatismo	comente
astro	Compare
astronomia	complete
atmosfera	considere
átomo	Construa
balanceamento	consulte
bússola	converse
calcário	convide
cálcio	Copie
calcogênio	Corte
calefação	Dê
calor	descreva
caloria	destaque
camada eletrônica	determine
carbono	discuta
carga elétrica	Elabore
carvão	Encaixe
catação	Encha
catalisador	Encontre
catálise	enrole
cátion	escreva
caverna	esvazie
celsius	execute
célula	explique
centrifugação	faça
centrípeto	fixe
chuva ácida	imagine
combustão	indique
combustível	insira
compressibilidade	introduza
côncavo	investigue
condensação	justifique
condutibilidade	leve
condutor	ligue
convecção	meça
convergente	monte

convexo	nomeie
córnea	observe
corrente elétrica	perfure
crista	pergunte
cubo	pesquisem
decantação	planeje
decibel	posicione
decomposição	prenda
densidade	prepare
densímetro	proceda
desfibrilador	raspe
deslocamento	recorte
destilação	redija
diesel	reescreva
dilatação	refaça
direção	registre
dispersão	relacione
dissolução	relate
divergente	remova
ebulição	repita
eclipse	represente
eco	reproduza
ecossistema	responda
efeito estufa	retire
eletricidade	retorne
eletrólise	reúna-se
eletromagnética	reveja
elétron	siga
eletrosfera	sugira
empuxo	suponha
energia	tampe
engrenagem	traga
eólica	transcreva
espelho	transfira
estrela	use
etanol	utilize
evaporação	veja
experimento	verifique
extração	
família	
ferro	
fertilidade	
filtração	
floculação	
fluorescência	

foco
fórmula
fosforescência
fotossíntese
frutose
fusão
galáxia
gás carbônico
gases
gases nobres
gasolina
gasoso
geocêntrico
glicose
GNV
gravidade
grupo
heliocêntrico
hidrelétrica
hidrogênio
hipermetropia
imantação
inércia
infrassom
infravermelho
insaturado
intervalo
íon
iônica
íris
isótopo
joule
lente
levigação
ligação covalente
líquido
luminescência
luneta
luz
magnetismo
massa
massa atômica
matéria
mecânica
metal

minerais
minério
miopia
mistura
mitologia
molécula
motor
movimento uniforme
não metal
nêutron
nitrogênio
núcleo
número atômico
onda
opaco
ouro
óxido
oxigênio
paisagem
partícula
penumbra
período
peso
plano
polo
potássio
potência
pressão atmosférica
produto
propagação
próton
proveta
pupila
química
radiação
radioatividade
razão
reação
reagente
referencial
refração
relevo
ressublimação
retina
roda

roldana
sacarose
salinidade
satélite
sensação térmica
sentido
sistema solar
sódio
solidificação
sólido
solo
solubilidade
soluto
solvente
som
sombra
sublimação
substância
tabela periódica
telescópio
temperatura
temperatura
temperatura ambiente
termelétrica
termômetro
termorreceptores
timbre
trabalho
trajetória
translúcido
transparente
tubo de ensaio
ultrassom
ultravioleta
Universo
urânio
vale
vaporização
vegetação
velocidade
velocidade média
vetor
volume
watt

ANEXO 2

Parte do material denominado **Escrita de Sinais I** e elaborado por Severina Batista de Farias Klimsa, Maria Janaína Alencar Sampaio e Bernardo Luís Torres Klimsa.

A ESCRITA DA LÍNGUA DE SINAIS

O *SignWriting* foi criado em 1974 por Valerie Sutton. O *SignWriting* é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Essa escrita expressa as configurações de mãos, os movimentos, as expressões faciais e os pontos de articulação das línguas de sinais. Já são mais de 35 países que utilizam esse sistema de *SignWriting* em escolas, universidades, associações e áreas ligadas à comunidade surda.

O *SignWriting* pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia.

Através do computador, o *SignWriting* começou a se tornar muito mais popular nos Estados Unidos. Hoje em dia, o sistema de escrita de sinais não tem mais a mesma forma que o sistema criado em 1974. O sistema evoluiu muito ao longo dos anos.

Aqui no Brasil, o uso da escrita de sinais através deste sistema teve início em 1996. A PUC do RS em Porto Alegre através do Dr. Antonio Carlos da Rocha Costa descobriu o *SignWriting* enquanto sistema escrito de sinais usado através do computador. A partir disso, o *SignWriting* começou a tomar forma no Brasil. O Dr. Rocha formou um grupo de trabalho envolvendo especialmente a Prof.^a Marianne Stumpf e a Prof.^a Márcia Borba.

SW-Edit é um software de editor de textos da língua de sinais, baseado no sistema de escrita de sinais, *SignWriting*. Foi desenvolvido por Rafael Piccin Torchelsen e Antônio Carlos da Rocha Costa.

Veja abaixo, o alfabeto do *SignWriting* da Língua Brasileira de Sinais que foi desenvolvido a partir das configurações de mãos.



Fonte: www.signwriting.org







ESTRUTURA BÁSICA DA ESCRITA DE SINAIS: AS CONFIGURAÇÕES DE MÃOS

Quando conversamos em língua de sinais fazemos uso do Espaço de Sinalização. Ele refere-se a área na qual você se move enquanto sinaliza, ou seja, a distância que seu braço alcança à frente, acima e abaixo.

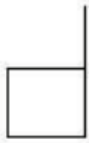





No espaço que sinalizamos existem dois planos: A) PAREDE - que fica paralelo às paredes de frente e de trás. B) CHÃO – que fica paralelo ao chão e ao teto. Estes dois planos podem ser usados tanto na vertical (plano parede) quanto na horizontal (plano chão).

Do mesmo modo, os movimentos que são incorporados aos símbolos encontram-se também nestes dois planos.

A escrita das línguas de sinais é composta por 3 configurações de mãos básicas quando o punho da mão predominante encontra-se fechado.


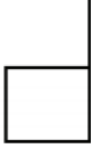

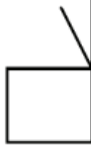
		Punho Fechado
		Punho Aberto
		Mão Plana

Quando a palma da mão encontra-se aberta, os punhos fechados com um dedo estendido podemos formar mais 3 configurações básicas de mãos:

		Mão Indicadora
		MÃO -D
		Mão Aberta

Quando o punho encontra-se fechado, os dedos devem encostar um no outro. Quando há um dedo estendido, uma linha também é estendida a partir do círculo. O mesmo acontece se dois

dedos forem estendidos, mas neste caso duas linhas são estendidas a partir de um quadrado. Veja no exemplo abaixo:

		Um dedo para cima com o punho fechado
		Dois dedos para cima com o Punho Fechado

Plano Parede

O plano parede é um plano imaginário a parede, ou seja, vertical. A visão é de frente quando a mão dominante fica paralela à parede, isto é o que chamamos de visão de frente. Quando as mãos ficam paralelas a parede elas não possuem espaço para articulações de dedos.



Mão no plano parede

Plano de Chão: visão de cima

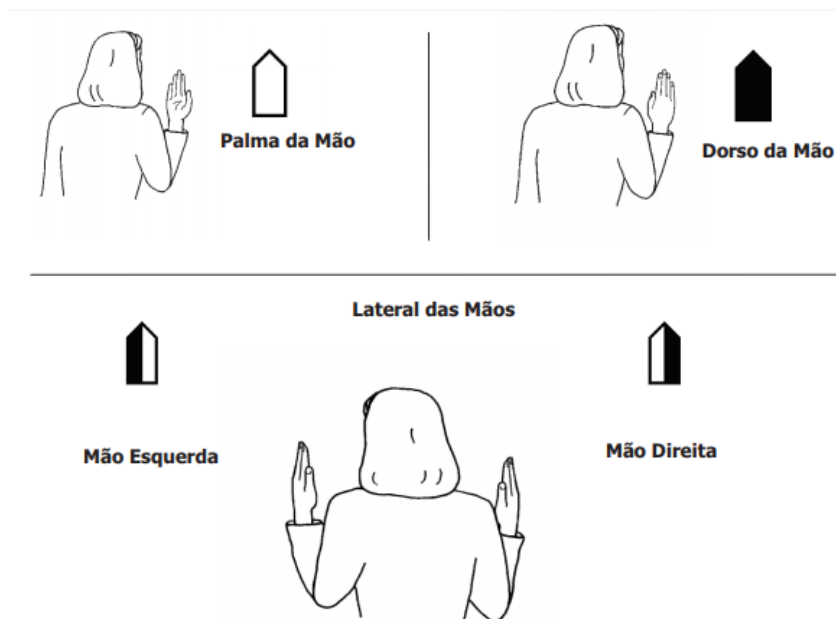
O plano do chão é um plano imaginário paralelo ao chão. Quando a mão fica paralela ao chão ela é vista de cima. Isso é chamado de Visão de Cima. Quando as mãos que ficam paralelas ao chão elas possuem um espaço na articulação dos dedos.



A orientação

Mãos - dorso, palma e lateral – direita e esquerda.

A orientação das mãos na escrita dos sinais encontra-se assim organizada: visão da palma da mão, visão do dorso da mão, mãos na lateral direita e esquerda.



Orientação da palma: plano parede.

Quando o punho encontra-se fechado e a visão é da palma, o quadrado fica branco.



O punho visto da lateral fica nas cores branco e preto. Branco para o lado esquerdo e preto para o lado direito do punho fechado.

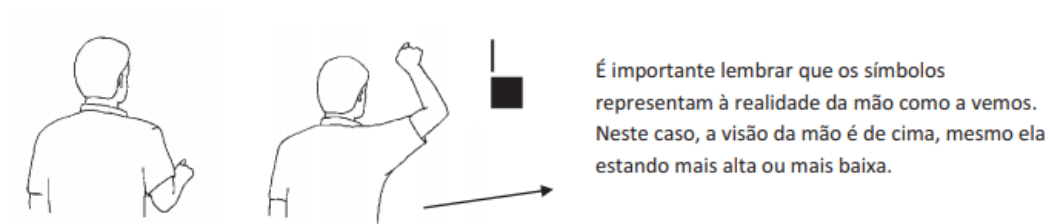
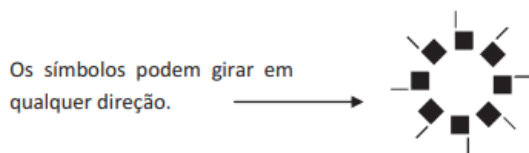
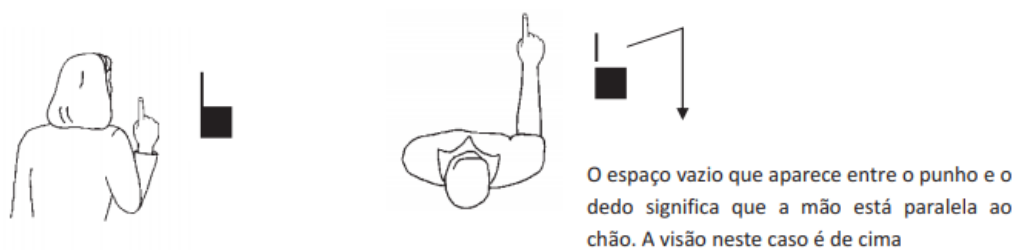
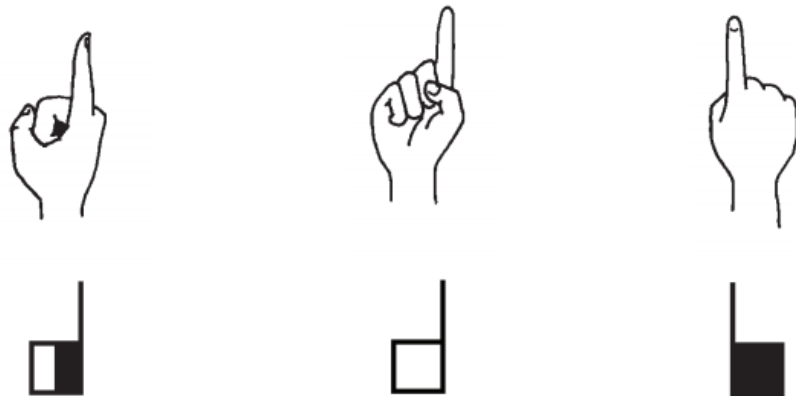


Na visão do dorso da mão direita fechada a cor predominante do quadrado é o preto.



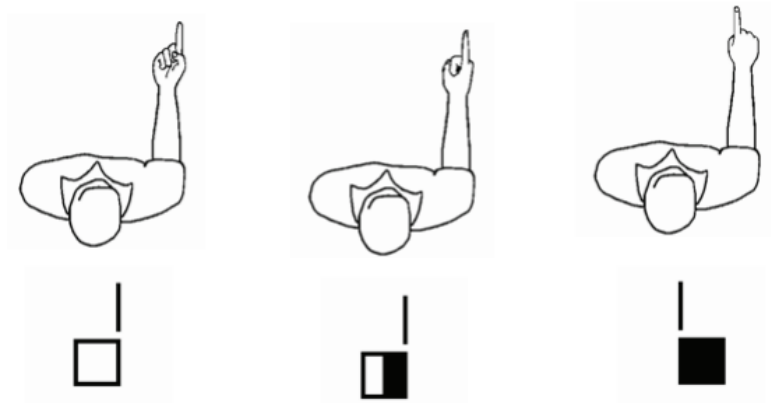
Orientação da palma: plano parede com adição de dedos.

A orientação segue os mesmos princípios quando o punho encontra-se fechado e sem adição de dedos.



Orientação da palma: plano chão – visão de cima

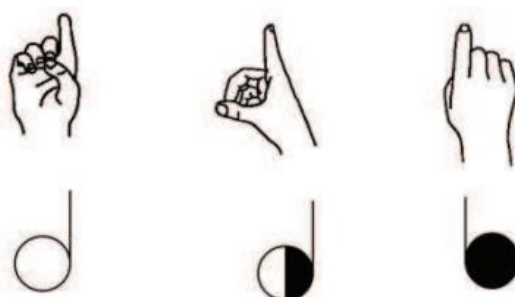
O espaço que se vê entre o punho e o dedo significa que a mão fica paralela ao chão. No caso abaixo o punho encontra-se fechado com adição de dedos.



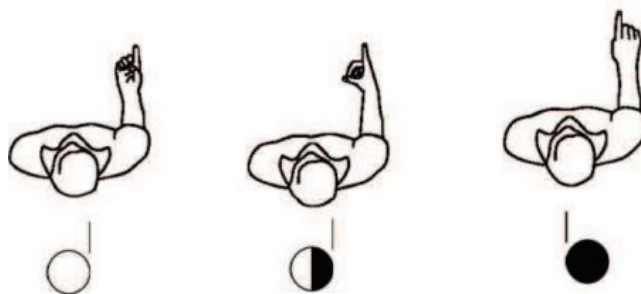
Nos exemplos abaixo os punhos estão fechados, também possuem um espaço aberto, isto significa que a visão é paralela ao chão.



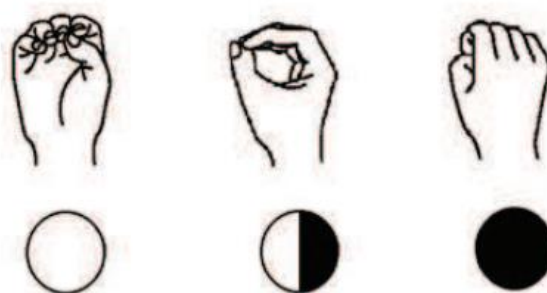
Orientação da palma: visão de frente – mão paralela a parede



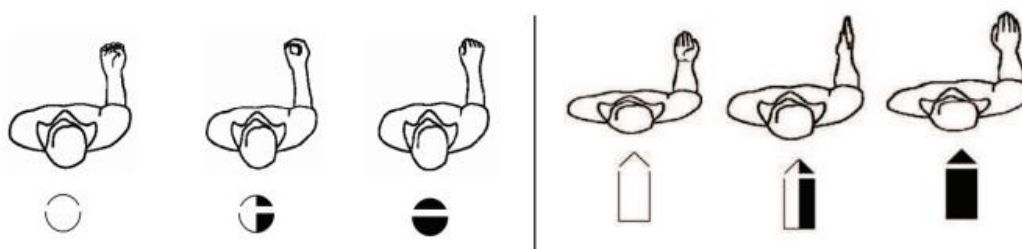
Orientação da palma: visão de cima – mão paralela ao chão



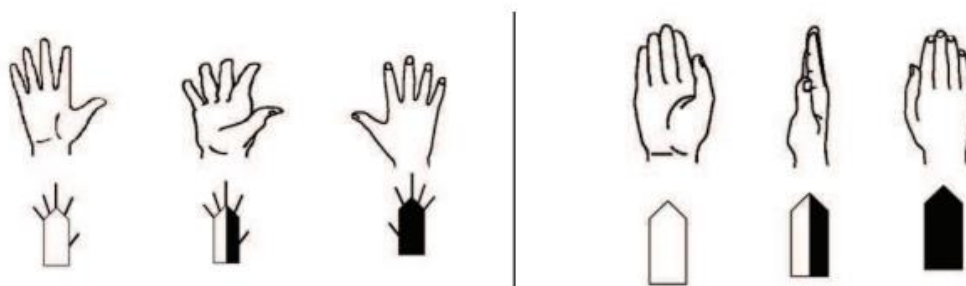
Orientação da palma: visão de frente – mão paralela a parede com punho fechado



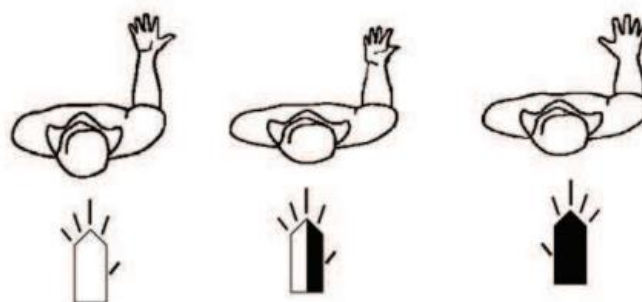
Orientação da palma: visão de cima – mão paralela ao chão



Orientação da palma: visão de frente – mão paralela a parede

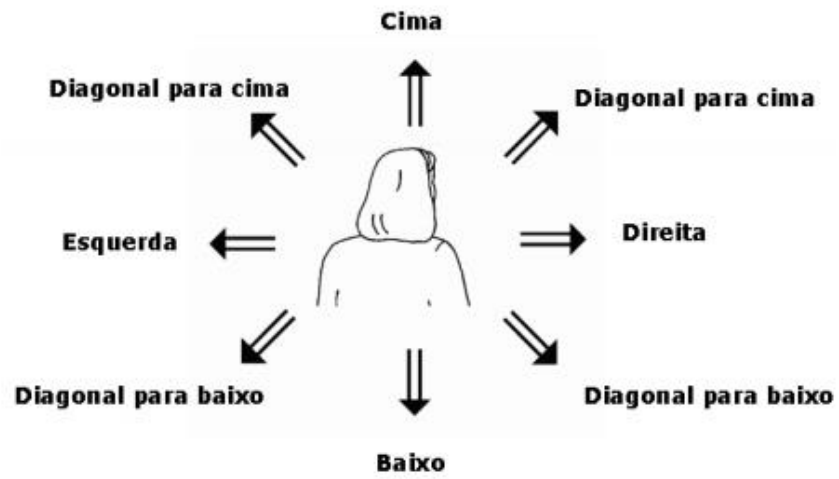


Orientação da palma: visão de cima – mão paralela ao chão com palma aberta



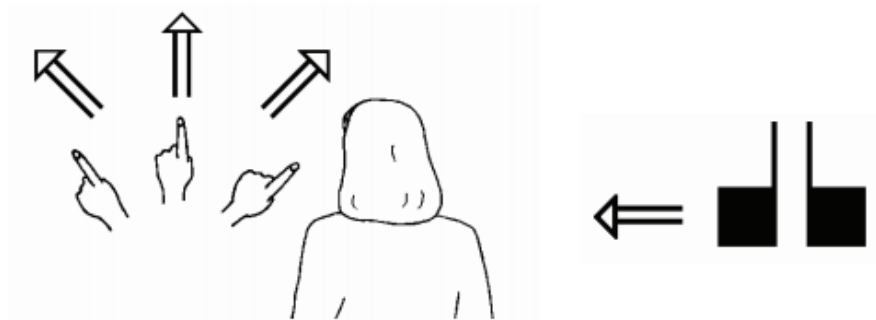
Movimentos

Quando o movimento é para cima ou para baixo e paralelo à parede são escritos com setas duplas.



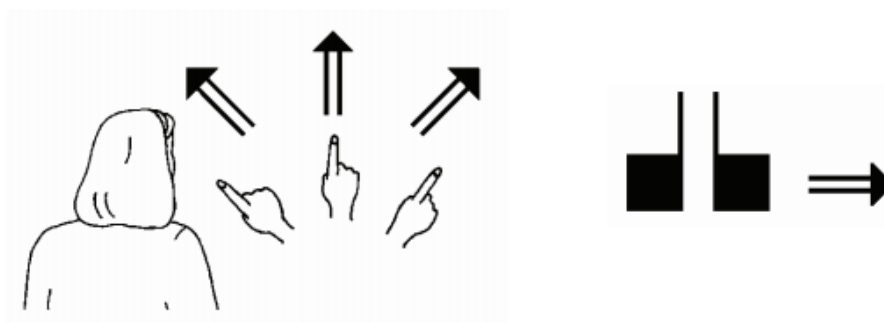
Movimento da mão esquerda

As setas para movimento com a mão esquerda não são preenchidas, são brancas.



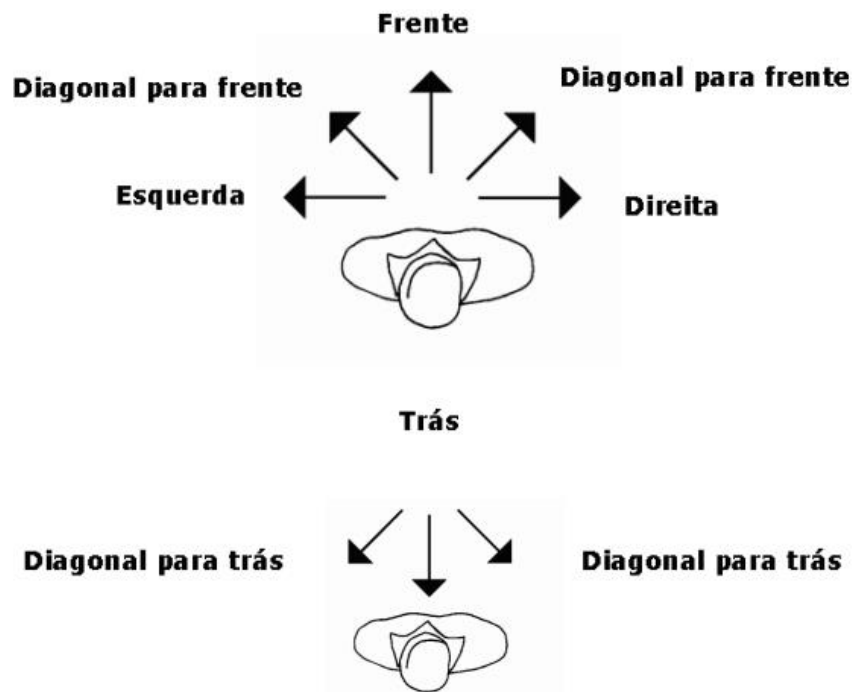
Movimento da mão direita

As setas para movimento com a mão direita são preenchidas, são pretas.

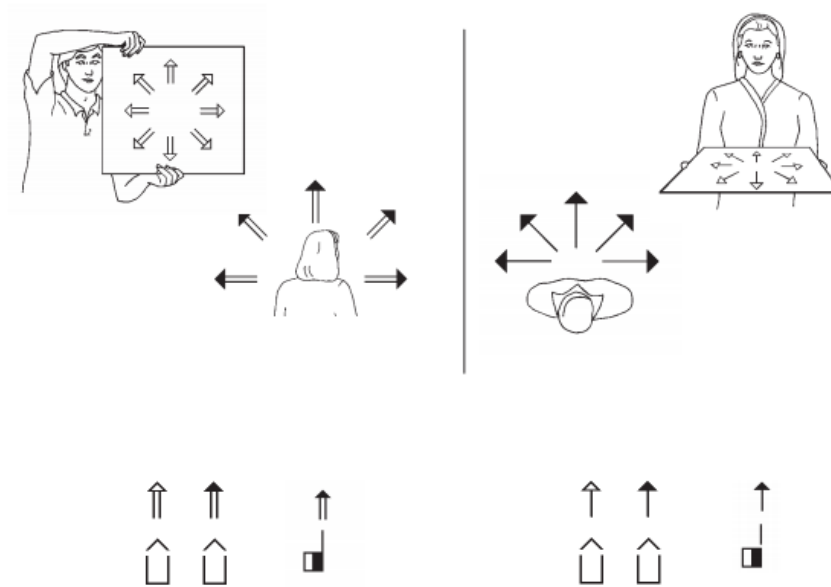


Movimento para frente para trás

Os movimentos para frente e para trás são planos paralelos ao plano chão e são escritos com setas de hastes simples.



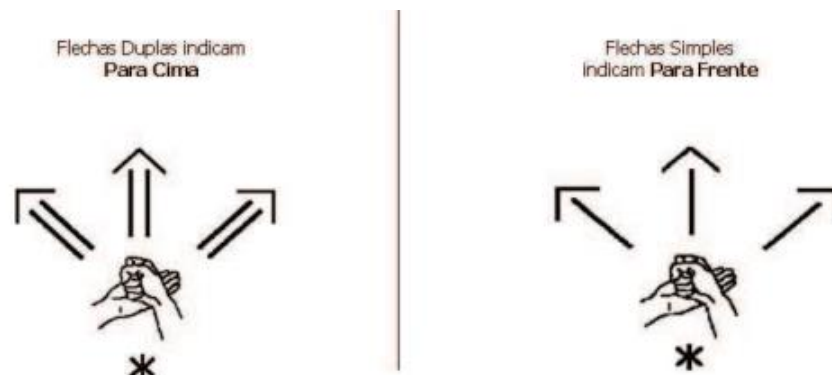
Veja a diferença na orientação dos movimentos com suas respectivas setas:



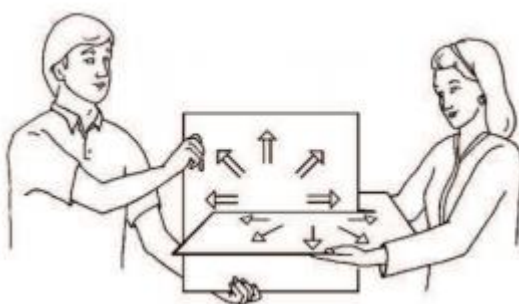
Movimento das duas mãos como uma unidade

Movimentos de mãos em contato se movem na mesma direção como se fosse uma única mão, ou uma unidade. O movimento da mão direita e da mão esquerda unidas é escrito com uma seta neutra que não é nem preta e nem branca.

Não confundir as setas destes movimentos:











Observe abaixo os exemplos:



Estes movimentos são paralelos à parede e escritos com setas duplas.

	Reto Para cima - Para baixo		Pode
	Diagonal e Para baixo		Acostumar
	Para o lado e Para baixo		Funcionário
	Para o lado e Diagonal para baixo		Mais
	Para o lado e Para baixo e para o lado		Quadro
	Para o lado e Diagonal e Para o lado		Z
	Diagonal Para cima e Para baixo		Brasil

São movimentos paralelos ao chão e escritos com setas simples.

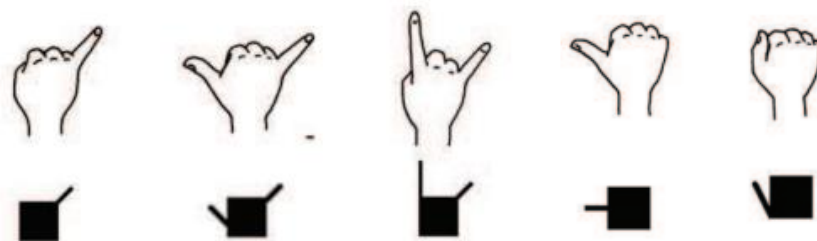
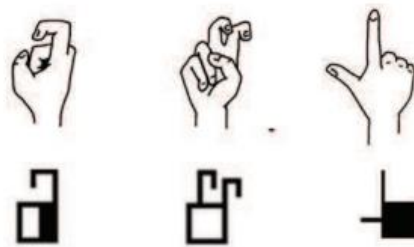
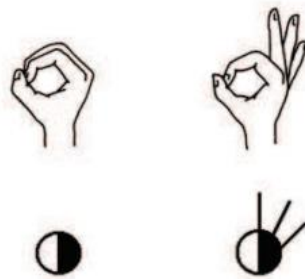
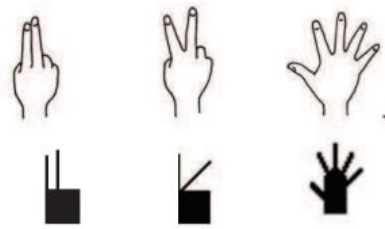
	Reto para frente ou para trás	
	Para o lado e para frente	
	Para o lado e para frente e para o lado	
	Para o lado e diagonal e para o lado	
	Diagonal para frente e para trás	

Os símbolos de contato

Na escrita dos sinais existem seis símbolos de contato que são utilizados quando a mão predominante toca o corpo.

 Papai		Tocar	 Pagar		Bater
 Entrar		Escovar	 Voltar		Entre
 Brabo		Esfregar	 Maravilha		Pegar

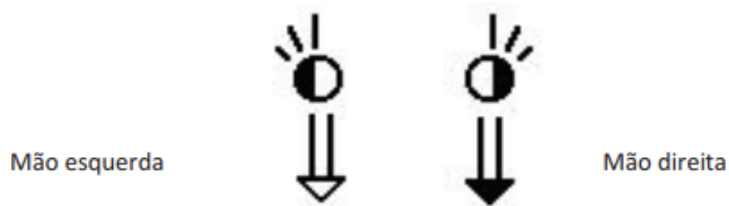
Novas configurações de mãos



Sentido

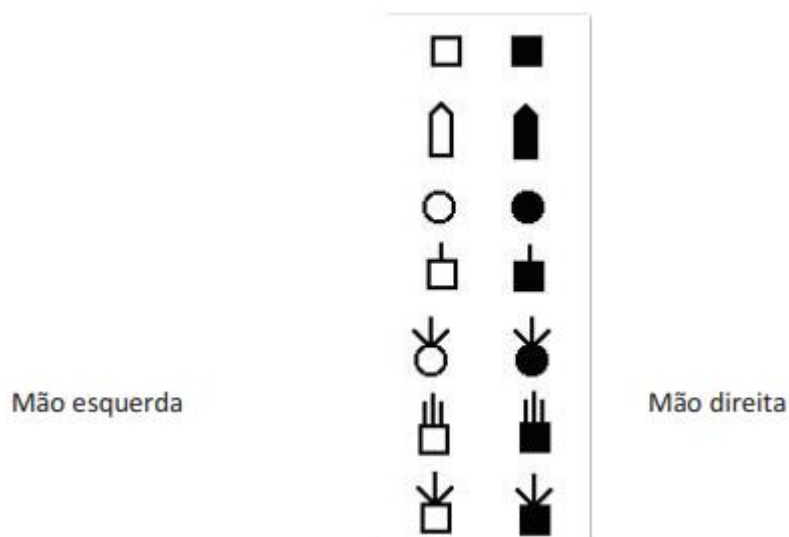
Indica o sentido da mão em relação ao plano. Há sinais que, embora fonologicamente possam ser executados indiferentemente com qualquer uma das mãos, a representação será escrita, necessariamente, com a mão direita ou com a mão esquerda devido à posição dos dedos. O

sinal certo, por exemplo, pode ser escrito com a esquerda ou com a direita, mas mostrará os dedos posicionados conforme a mão que foi usada no enunciado.



Palma da Mão

Indicativo da posição da mão referente à palma. A parte branca do desenho indica o lado da palma da mão, a parte preta, as costas da mão. O sistema *SignWriting* tem sete símbolos que podem representar a mão sem especificar se essa mão é a direita ou a esquerda.



Os olhos

Quando se tem um signo perto dos olhos, escrevemos dois pequenos semicírculos para representar os olhos. O símbolo de contato se coloca perto do lado respectivo.



O nariz

Quando o sinal se toca no nariz, escrevemos uma linha vertical para representar. O símbolo de contato se coloca sobre a linha, o mais perto possível do mesmo lado da cara, o que fica mais fácil de ler.

